

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

WALTER GÜNTHER RODRIGUES LIPPOLD

**FRANTZ FANON E A REDE INTELLECTUAL ARGELINA:
circulação de ideias revolucionárias e
sujeito coletivo no jornal El Moudjahid (1956-1962)**

PORTO ALEGRE
2019

WALTER GÜNTHER RODRIGUES LIPPOLD

**FRANTZ FANON E A REDE INTELLECTUAL ARGELINA:
circulação de ideias revolucionárias e
sujeito coletivo no jornal El Moudjahid (1956-1962)**

Tese de Doutorado em História apresentada
como requisito parcial para obtenção do grau de
Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul.

Orientador: Prof. Dr. José Rivair Macedo

PORTO ALEGRE
2019

CIP - Catalogação na Publicação

Lippold, Walter Günther Rodrigues

Frantz Fanon e a Rede Intelectual Argelina:
circulação de ideias revolucionárias e sujeito
coletivo no jornal El Moudjahid (1956-1962) / Walter
Günther Rodrigues Lippold. -- 2019.

221 f.

Orientador: José Rivair Macedo.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2019.

1. Frantz Fanon. 2. Argélia. 3. rede intelectual.
4. circulação de ideias. 5. História da África. I.
Macedo, José Rivair, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

WALTER GÜNTHER RODRIGUES LIPPOLD

**FRANTZ FANON E A REDE INTELLECTUAL ARGELINA:
circulação de ideias revolucionárias e
sujeito coletivo no jornal El Moudjahid (1956-1962)**

Tese de Doutorado em História apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 31 de outubro de 2019.

Resultado: Aprovada. Conceito A.

Prof. Dr. José Rivair Macedo – PPGH/UFRGS
Orientador

Prof. Dr. Deivison Mendes Faustino -UNIFESP

Profa. Dra. Carla Beatriz Meinerz - PPGEDU/UFRGS

Prof. Dr. José Carlos Gomes dos Anjos – PPGS/UFRGS

Prof. Dr. Enrique Serra Padrós - PPGH/UFRGS

AGRADECIMENTOS

Para minha filha amada, Anahy Goulart Lippold... que com sua presença e sua sede de conhecimento, me enche de alegria e vontade de continuar na profissão de professor/pesquisador. Ao meu orientador, Professor José Rivair Macedo por todo apoio, ensinamentos, debates e apontamentos sobre o trabalho. Para minha mãe Silvana Escarrone Rodrigues Rato, por toda influência que teve na minha formação, por todo o amor e por todo esforço que fez, para que eu pudesse realizar essa caminhada. Ao meu pai, Ricardo Jobim Lippold, muito obrigado por tudo. Gisele Goulart, mãe da minha filha, agradeço muito pelo incentivo, principalmente quando, em 2014, decidi seguir meu sonho de efetivar a presente pesquisa.

Aos colegas, amigos e amigas: Prof. Orson Soares do Coletivo Fanon, Prof. Adriano Viaro, Profa. Fernanda Oliveira, Prof. Arilson Santos Gomes, Profa. Renata Dariva, Profa. Maria de Fátima Oliveira, Profa. Débora Kreuz e Prof. Rogério Grilho, pelo incentivo que me deram. Professora Andressa Machado, agradeço pelo apoio fundamental e pelo companheirismo, pois em alguns momentos difíceis da produção da tese, você estava do meu lado.

Ao Arthur Poerner por sua obra que tanto me influenciou e por ter me recebido para uma longa conversa sobre sua estadia na Argélia, junto com sua companheira Volga.

Aos meus orientadores da especialização e do mestrado: Prof. André Luiz Reis da Silva, que me incentivou na pesquisa sobre Argélia e Fanon, nos idos de 2004; e Prof. Augusto Nivaldo Silva Triviños (*In Memoriam*), que me ensinou o valor de ser professor/pesquisador.

Agradeço à Profa. Paula Glenadel, Profa. Natália Famil e Prof. Adilson Skalski Zabiela pela revisão gramatical e a revisão das traduções.

Para a equipe da Biblioteca Municipal de Vila Real de Santo António, no Algarve, e da Biblioteca Central de Estudos Africanos do ICSTE-IUL, em Lisboa, que me receberam tão bem e me apoiaram na busca de obras sobre a Argélia. Ainda em Portugal, agradeço ao meu padrasto, Jorge Rato, que muito me apoiou nessa pesquisa.

A todas minhas professoras e professores da FAPA e da UFRGS, pois sou fruto da formação que me proporcionaram. A tod@s alun@s que passaram por mim e hoje lutam pela descolonização da História.

Aos amigos e amigas, são tantos, principalmente ao Gil Ambrósio Facchini (*In Memoriam*), que iria dirigir o nosso documentário sobre Fanon... vocês sabem que estão no meu coração.

Finalmente, agradeço a tod@s @s hackers militantes do conhecimento livre, como Alexandra Elbakyan do Sci-Hub e Aaron Swartz (*In Memoriam*), que proporcionaram o livre acesso a artigos científicos caríssimos. Ao pessoal do BaixaCultura e todas editoras livres, clubes hackers, rádios comunitárias, e [zineir@s](#). Não posso esquecer do Henrique Ramos e seu facilitador de acesso ao conhecimento e ao povo da Wikimedia lusófona.

RESUMO

Na presente pesquisa analisei a circulação de ideias fanonianas em uma rede intelectual, através dos artigos do jornal *El Moudjahid* atribuídos a Frantz Fanon, buscando as conexões dessa escrita jornalística, mais cotidiana, com suas obras teóricas, publicadas durante a Guerra da Argélia: *L'An V de la Révolution Algérienne* e *Os Condenados da Terra*. Pesquisei a circulação de ideias sobre a revolução, na rede intelectual argelina formada pelo *El Moudjahid*, e sua redação, dentro de uma concepção de sujeito coletivo, ou seja, a imersão do indivíduo e sua autoria intelectual na coletividade de uma organização revolucionária. O texto imediato, jornalístico, com a ambiguidade de não ter sido assinado, é uma das bases onde Fanon desenvolve e reelabora sua teoria, nas obras posteriores. A Guerra da Argélia ocorreu entre 1954 e 1962 e desde o ano de 1956, o jornal *El Moudjahid* foi o órgão oficial da Frente de Libertação Nacional (FLN), tendo um caráter de criação coletiva em sua redação, que era uma estrutura de sociabilidade de uma rede que conectou diversos intelectuais argelinos e estrangeiros solidários com a causa argelina. Com a sua presença na Argélia, primeiro como psiquiatra do Estado francês, depois na Tunísia como médico, militante e intelectual da FLN, Fanon produziu, reelaborou e circulou ideias, sendo colaborador do jornal *El Moudjahid* e embaixador do Governo Provisório da República Argelina (GPRA) na África. O mergulho intelectual do pensador martinicano na Revolução Argelina, sua escrita cotidiana e participação em um sujeito coletivo influenciou os rumos da revolução africana, posteriormente alcançando movimentos na América, como os Panteras Negras e revolucionários que resistiam às ditaduras do cone sul. O *El Moudjahid* tornou-se o nó principal de uma rede intelectual, onde circularam ideias fundamentadas na africanidade do pensamento, através de sujeito coletivo que recebia, reelaborava e emitia conteúdos revolucionários, perpassados pelas contradições entre nacionalismo, islamismo, socialismo e africanidade, entre cultura árabe e magrebina. Desde *Pele Negra Máscaras Brancas*, Fanon mantém o núcleo de sua teoria e método, desenvolvendo-os através de seu contato com a revolução na Argélia. Fanon é o intelectual mais importante da Revolução Africana, pois traduz a guinada teórica dos pensadores colonizados, para uma libertação perante a colonialidade do saber e introduz reflexões profundas sobre a consciência nacional, sobre a violência e sobre as contradições do pós-independência.

Palavras-chave: Frantz Fanon, Argélia, rede intelectual, circulação de ideias, História da África.

RÉSUMÉ

Dans cette recherche, j'ai analysé la circulation des idées fanoniennes dans un réseau intellectuel, à travers les articles du journal *El Moudjahid*, attribués à Frantz Fanon, en cherchant les liens entre cette écriture journalistique quotidienne et ses travaux théoriques, publiés pendant la Guerre d'Algérie: *L'An V de la Révolution Algérienne* et *Les Damnés de la Terre*. J'ai étudié la circulation des idées sur la révolution dans le réseau intellectuel algérien formé par *El Moudjahid* et sa formulation en tant que structure de sociabilité, dans une conception du sujet collectif, c'est-à-dire l'immersion de l'individu et son statut d'auteur intellectuel dans le collectif d'une organisation révolutionnaire. Le texte journalistique immédiat, avec l'ambiguïté de ne pas avoir été signé, est l'un des fondements sur lesquels Fanon développe et réorganise sa théorie dans des travaux ultérieurs. La guerre d'Algérie a eu lieu entre 1954 et 1962 et depuis 1956, le journal *El Moudjahid* est l'organe officiel du Front de Libération Nationale (FLN), ayant un caractère de création collective dans son écriture, qui était une structure de sociabilité d'un réseau qui relie plusieurs intellectuels algériens et étrangers solidaires à la cause algérienne. Avec sa présence en Algérie, d'abord en tant que psychiatre français au service de l'Etat, puis en Tunisie en tant que médecin, activiste et intellectuel du FLN, Fanon a produit, retravaillé et diffusé des idées, en collaborateur du journal *El Moudjahid* et en ambassadeur du Gouvernement provisoire de la République algérienne (GPRA) en Afrique. La plongée intellectuelle du penseur martiniquais dans la Révolution Algérienne, son écriture quotidienne et sa participation à un sujet collectif ont influencé le cours de la révolution africaine, atteignant plus tard des mouvements en Amérique tels que les Black Panthers et les révolutionnaires qui ont résisté aux dictatures du cône sud. *El Moudjahid* est devenu le nœud principal d'un réseau intellectuel où des idées fondées sur l'africanité de la pensée ont circulé à travers un sujet collectif qui recevait, retravaillait et publiait un contenu révolutionnaire, imprégné des contradictions entre nationalisme, Islam, socialisme et africanité, entre culture arabe et maghrébine. Depuis *Peau noire, masques blancs*, Fanon maintient le cœur de sa théorie et de sa méthode et les développe grâce à son contact avec la révolution en Algérie. Fanon est l'intellectuel le plus important de la révolution africaine, car il traduit le virage théorique des penseurs colonisés vers une libération de la colonialité du savoir et introduit de profondes réflexions sur les contradictions de la conscience nationale, de la violence et de l'après-indépendance.

Mots-clés: Frantz Fanon, Algérie, réseau intellectuel, circulation des idées, histoire de l'Afrique.

ABSTRACT

In this research I analyzed the circulation of fanonian ideas in an intellectual network, through the articles of the newspaper *El Moudjahid*, attributed to Frantz Fanon, seeking the connections of this more daily journalistic writing with his theoretical works, published during the Algerian War: *L ' An V de la Révolution Algérienne* and *The Wretched of the Earth*. I researched the circulation of ideas about the revolution in the Algerian intellectual network formed by *El Moudjahid* and its editors as a structure of sociability, within a conception of collective subject, that is, the immersion of the individual and his intellectual authorship in the collectivity of a revolutionary organization. The immediate journalistic text, with the ambiguity of not having been signed, is one of the bases on which Fanon develops and reorganizes his theory in later works. The Algerian War took place between 1954 and 1962 and since 1956, the newspaper *El Moudjahid* has been the official organ of the National Liberation Front (FLN), having a character of collective creation in its writing, which was a sociability structure of a network that connected several Algerian and foreign intellectuals in solidarity with the Algerian cause. With his presence in Algeria, first as a French state psychiatrist, then in Tunisia as a FLN doctor, activist and intellectual, Fanon produced, reworked and circulated ideas, collaborating with the *El Moudjahid* newspaper and ambassador of the Gouvernement Provisoire de la République algérienne (GPRA) in Africa. The Martinican thinker's intellectual plunge into the Algerian Revolution, his daily writing and participation in a collective subject influenced the course of the African revolution, later reaching movements in America such as the Black Panthers and revolutionaries who resisted the dictatorships of the southern cone. *El Moudjahid* became the main node of an intellectual network where ideas based on the Africanity of thought circulated through a collective subject that received, reworked and issued revolutionary content, permeated by the contradictions between nationalism, Islam, socialism and Africanity, between Arab culture and Maghrebine. From *Black Skin White Masks*, Fanon maintains the core of his theory and method, developing them through his contact with the revolution in Algeria. Fanon is the most important intellectual of the African Revolution, as it translates the theoretical shift of colonized thinkers to a liberation from the colonality of knowledge and introduces profound reflections on national consciousness, violence and post-independence contradictions.

Keywords: Frantz Fanon, Algeria, intellectual network, circulation of ideas, History of Africa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Ahmed Ben Bella e Houari Boumédiène</i>	36
Figura 2 - Mapa das seis willayas.....	42
Figura 3 – Sequestro dos líderes da FLN.....	43
Figura 4 - Ouzana, Wilaya IV em maio de 1956.....	44
Figura 5 – Capa do El Moudjahid N.4 – Reedição.....	46
Figura 6 - Divisão de Paraquedistas desfilando em Argel – 1957.....	53
Figura 7 – Protagonistas da FLN na Batalha de Argel – 1957.....	54
Figura 8 – Capa da Reedição Iugoslava do El Moudjahid – V.1 – 1962.....	70
Figura 9 – Capa da Reedição Iugoslava do El Moudjahid – V.2 – 1962.....	71
Figura 10 – Capa da Reedição Iugoslava do El Moudjahid – V.3 – 1962.....	72
Figura 11 – Capa do El Moudjahid no.1 – Reedição.....	73
Figura 12 – Capa do El Moudjahid no.2 – Reedição.....	74
Figura 13 – Capa do El Moudjahid no.3 – Reedição.....	75
Figura 14 – Capa do El Moudjahid no.8 – Reedição.....	76
Figura 15 – Fanon na redação do El Moudjahid.....	82

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Divisão dos 1292 artigos publicados no El Moudjahid.....	63
--	----

LISTA DE SIGLAS

CCE – Comitê de Coordenação e de Execução
CIA - Central Intelligence Agency
CNRA - Conselho Nacional da Revolução Argelina
CRUA - Comitê Revolucionário de Unidade e Ação
ELN - Exército de Libertação Nacional
ENA – Estrela Norte-Africana
FAPA – Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras
FIS - Frente Islâmica de Salvação
FLN - Frente de Libertação Nacional
FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique
GIA - Grupo Islâmico Armado
GPRA - Governo Provisório da República Argelina
MNA - Movimento Nacional Argelino
MPLA - Movimento Popular de Libertação de Angola
MTLD - Movimento pelo Triunfo das Liberdades Democráticas
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros
ONU - Organização das Nações Unidas
OAS - Organisation Armée Secrète
OS - Organisation de Sécurité
OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte
PAIGC - Partido Africano pela Independência de Guiné e Cabo Verde
PCA - Partido Comunista Argelino
PCF - Partido Comunista Francês
PPA - Partido do Povo Argelino
PPGEdu – Programa de Pós-Graduação em Educação
UDMA - União Democrática do Manifesto Argelino
UFBA - Universidade Federal da Bahia
UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UPA – União das Populações de Angola

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 FRANTZ FANON E A GUERRA DA ARGÉLIA.....	25
2.1 Debates historiográficos sobre a Guerra da Argélia.....	28
2.2 As condições impostas pela colonização a francesa.....	37
2.3 A falência das vias legais e a gênese da FLN.....	39
2.4 A Conferência de Soummam em 1956.....	41
2.5 A Batalha de Argel.....	47
2.6 Fanon, um argelino.....	54
2.7 A Independência e o pós-Independência.....	56
3 A PRESENÇA E INFLUÊNCIA DE FANON NA REDE INTELLECTUAL DO EL MOUDJAHID.....	59
3.1 As pesquisas sobre o <i>El Moudjahid</i>	59
3.2 A materialidade do jornal.....	69
3.3 Rede intelectual e circulação de ideias.....	78
3.4 Sujeito coletivo, anonimato e autoria.....	83
3.5 A presença de Fanon no <i>El Moudjahid</i>	90
4 OS ARTIGOS DO EL MOUDJAHID ATRIBUÍDOS A FANON	94
4.1 Guia de leitura do capítulo.....	94
4.2 Análise dos artigos de Fanon no <i>El Moudjahid</i>	96
5 OS ARTIGOS DO EL MOUDJAHID E AS OBRAS DE FANON.....	152
5.1 Os conceitos como sínteses das forças motrizes.....	152
5.2 O período da escrita de <i>L'An V de la Révolution Algérienne</i>	159
5.3 Estudo sobre <i>L'an V de la Révolution Algérienne</i>	165
5.4 O período da escrita de <i>Os Condenados da Terra</i>	177
5.5 Estudo sobre <i>Os condenados da Terra</i>	179
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	195

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	201
APÊNDICE A.....	208
ANEXO A.....	214
ANEXO B.....	215
ANEXO C.....	216
ANEXO D.....	217
ANEXO E.....	218
ANEXO F.....	219
ANEXO G.....	220
ANEXO H.....	221

1 INTRODUÇÃO

Desde a promulgação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 - que tornaram obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira - os estudos africanos desenvolveram-se em termos de pesquisa, principalmente com o fomento decisivo, exercido pelos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs) nas universidades, faculdades e institutos federais de nosso País. Isso só foi possível dentro de um processo maior de ações afirmativas, que possibilitou o ingresso de um crescente número de estudantes negros no ensino superior. A presença negra na universidade colocou em pauta questionamentos sobre o caráter eurocêntrico dos conteúdos, das formas como são ministrados nas Ciências Humanas e das teorias e métodos utilizados nas pesquisas. Há um crescente interesse em estudar o pensamento africano e afro-diaspórico e Frantz Fanon é um dos mais importantes intelectuais do século XX: o seu pensamento influenciou, serviu de base e foi reelaborado por uma grande rede, onde suas ideias circularam entre militantes de movimentos sociais, pesquisadores e teóricos das periferias do mundo.

A escolha do tema desse estudo, é resultado de um caminho que percorri desde a graduação, onde tive grande influência de professoras e professores que ensinavam sobre História da África. O currículo do Curso de Licenciatura Plena em História, da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras (FAPA), tinha as disciplinas obrigatórias de História Afro-Asiática I e II. Após a graduação, iniciei em 2004 uma pesquisa sobre a Guerra da Argélia (1954-1962), partindo dos conceitos de alienação colonial e violência, presentes nas duas obras mais famosas de Frantz Fanon: *Pele Negra Máscaras Brancas* (2008) e *Os Condenados da Terra* (2010). Mas, na leitura que fiz, outros elementos se destacaram, principalmente o itinerário do pensamento fanoniano, exposto em seus artigos mais cotidianos, como os publicados no jornal clandestino chamado *El Moudjahid*, que apareceram na obra póstuma, *Em Defesa da Revolução Africana* (FANON, 1980). O livro não foi utilizado na pesquisa, pois encontrei a obra enquanto finalizava minha monografia, na especialização em História do Mundo Afro-Asiático, do Curso de Pós-graduação da FAPA. Ao estudar a obra, surgiu a ideia de usar os artigos de Fanon como fonte, para uma nova pesquisa, sobre a guerra da Argélia e o pensamento fanoniano.

Em 2008, defendi a dissertação de mestrado - no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

(UFRGS) - onde estudei o ensino de História da África na formação de professores, partindo das leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Os fundamentos teóricos da dissertação tinham dialogavam com o pensamento fanoniano. Onze anos depois, no doutorado, retomei a ideia de estudar os artigos do *El Moudjahid*, presentes na obra *Em defesa da Revolução Africana* (FANON, 1980).

Concomitante com as pesquisas, eu ministrava cursos e palestras, junto com o Professor Orson Soares, desde 2001, conhecendo a experiência de ser professor na periferia e fazendo formações em escolas, universidades, sindicatos, quadras de samba e quilombos urbanos. Através dessa experiência, foi criado o Coletivo Fanon, com objetivo de divulgar a obra de pensadores africanos e da diáspora, produzindo formações para professores e oficinas para alunos em escolas. Essa praxis criou um diálogo permanente entre pesquisa e sala de aula, levando-nos a compreensão de que era preciso produzir conhecimento na área de História da África: além de divulgar as obras, muitas vezes esgotadas e inacessíveis, nós entendemos que teríamos que produzir estudos acadêmicos, materiais didáticos e paradidáticos. Lembro bem do primeiro contato que tive com o pensamento fanoniano, em uma palestra sobre a História dos Panteras Negras, ministrada pelo Professor Orson Soares em 2001, quando ele afirmou que uma das influências no *Black Panther Party* era o pensamento de Frantz Fanon. Logo após a palestra, perguntei quem era Fanon e então soube da importância desse intelectual revolucionário, deflagrando a busca pelo motivo do meu próprio desconhecimento sobre sua obra .

Fanon publicou três livros: *Pele Negra Máscaras Brancas*, em 1952; *L'An V de la Révolution Algérienne*, em 1959¹; *Os Condenados da Terra*, em 1961. Após sua morte prematura em 1961, surge o livro *Em Defesa da Revolução Africana*, publicado em 1964, que continha artigos de Fanon do jornal *El Moudjahid*, da revista *Esprit* e também discursos do pensador. Em 2015, foi lançada a obra *Écrits sur l'aliénation et la liberté* (FANON, 2015), onde aparecem dezenas de artigos de Fanon sobre psiquiatria, sobre teatro, além de outros artigos do *El Moudjahid* – o órgão oficial da Frente de Libertação Nacional (FLN) argelina – atribuídos a Fanon e que não estavam na obra *Em Defesa da Revolução Africana* (1980). Ao estudar a nova obra, descobri a existência de duas listas de artigos, que foram considerados de autoria de Fanon no *El Moudjahid*: além da lista de Josie Fanon, há a lista de

¹ Reimpresso em 1966 com um novo título: *Sociologie d'une révolution (L'An V de la Révolution Algérienne)* (MACEY, 2012, p. 585).

Redha Malek, redator-chefe do jornal e a de Giovanni Pirelli, editor italiano da obra de Fanon. Foram publicadas em *Écrits sur l'aliénation et la liberté* (FANON, 2015) cartas redigidas por Fanon, além de informações sobre a sua biblioteca pessoal, algumas de suas anotações nos livros, configurando-se em uma importante publicação que cria novos caminhos aos estudos fanonianos.

No Brasil, a obra de Fanon, outrora esgotada, foi publicada em novas versões de *Pele Negra Máscaras Brancas* (2008), pela editora da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e *Os Condenados da Terra* pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 2005, com uma reimpressão em 2010. As pesquisas de Guimarães (2008), Queiroz (2013) e Faustino (2015) fortaleceram a base dos estudos fanonianos no Brasil. Esses estudos buscaram compreender a recepção da obra de Fanon no Brasil, a questão da descolonização tecnológica, e a atualidade e as leituras do pensamento fanoniano. Dentro de uma perspectiva de estudos fanonianos brasileiros, o que desejo com a presente pesquisa é estudar o pensamento de Fanon, levando em conta a sua africanidade, ou seja, a sua conexão com as lutas de libertação nacional em África. Sobre a História da Argélia, houve a produção de estudos sobre a influência da doutrina militar francesa, desenvolvida em Argel (DUARTE-PLON, 2016), nas práticas do terrorismo de estado das ditaduras militares na América do Sul. A circulação de ideias revolucionárias entre a Argélia e o Brasil, também foi analisada no artigo de Araujo (2017), vendo Argel e o jornal *El Moudjahid* como elementos de uma *rede de circulação de ideias*.

As duas obras de Fanon (1976; 2010), publicadas durante o seu período de militante da FLN e como membro do Governo Provisório da República Argelina (GPRA), foram, respectivamente, *L'An V de la Révolution Algérienne* e *Les Damnés de la terre*, publicadas em plena Revolução Argelina, durante e após a colaboração de Fanon no jornal *El Moudjahid*. O estudo mais profundo sobre as modificações sócio-culturais efetuados dentro de um processo de libertação africano foi, certamente, *L'An V de La Révolution Algérienne*, de Frantz Fanon, traduzido como *Sociologia de una Revolución* (1976) em espanhol e *A Dying Colonialism* em inglês. Algumas das questões abordadas por Fanon em seu livro se referem às transformações sócio-culturais, ocorridas dentro do processo revolucionário de libertação na época das independências africanas, especificamente na Argélia, no norte magrebino da África. Esse livro de Fanon – a sua *sociologia da revolução*,

talvez seja o mais desconhecido, o menos lido e estudado, é a obra do autor onde sua escrita está mais madura e seu método revolucionário de pesquisa-ação mostra todas as suas possibilidades. *Pele Negra Máscaras Brancas* é a obra inaugural de Fanon (2008), onde ele analisa as questões psicológicas do racismo, da construção do negro e do branco, dos estranhamentos e alienações, lançando seu método da sociogenia (GORDON, 2015; FAUSTINO, 2018) e alguns de seus conceitos fundamentais. Na sua última obra, *Os Condenados da Terra* (FANON, 2010), escrita em 1961, quando Fanon estava a beira da morte, devido a uma leucemia, o intelectual produziu um texto com momentos profundos de análise sobre a questão do pós-independência e da luta terceiro-mundista dos povos por autodeterminação, mesclando com o tom denunciante de um manifesto final.

O presente trabalho analisa as conexões do texto jornalístico fanoniano com as obras produzidas por Fanon, dentro de uma rede de intelectuais, em pleno processo revolucionário na Argélia. O texto imediato, jornalístico, com a ambiguidade de não ter sido assinado, trazendo-nos a problemática da autoria individual e da imersão no sentido coletivo de produção, parece ser a base analítica em que Fanon desenvolve e reorganiza em suas obras. Assim até que ponto a autoria é individual, marcada pela experiência subjetiva do intelectual, ou coletiva, o autor com catalisador e nó de rede intelectual? A Guerra da Argélia ocorreu entre 1954 e 1962 e desde o ano de 1956, o jornal *El Moudjahid* foi o órgão oficial da Frente de Libertação Nacional (FLN), tendo um caráter de criação coletiva em sua redação, que era uma estrutura de sociabilidade de uma rede que conectou diversos intelectuais argelinos e estrangeiros solidários com a causa argelina.

O objetivo principal da pesquisa é analisar a circulação de ideias fanonianas em uma rede intelectual, através dos artigos do jornal *El Moudjahid*, atribuídos a Frantz Fanon, buscando as conexões dessa escrita jornalística, mais cotidiana, com suas obras publicadas durante a Guerra da Argélia: *L'An V de la Révolution Algérienne* (FANON, 1976) e *Os Condenados da Terra* (FANON, 2010). Os objetivos secundários são: descrever as capilaridades da circulação de ideias sobre a revolução, na rede intelectual argelina formada pelo *El Moudjahid* e sua redação como estrutura de sociabilidade dentro de uma concepção de sujeito coletivo, ou seja, da imersão do indivíduo e sua autoria intelectual na coletividade da organização revolucionária; designar a influência interna e externa das ideias de

Fanon publicadas no *El Moudjahid*, na produção do sentido da Revolução Argelina, e do alcance das ideias propagadas pelo jornal.

Como se desenvolveu a circulação de ideias fanonianas, dentro de uma rede intelectual, através da presença e da influência de Frantz Fanon na redação do jornal *El Moudjahid* e das conexões entre os seus textos jornalísticos e suas obras escritas durante a Revolução Argelina?

Com a sua presença na Argélia, primeiro como psiquiatra do Estado francês, depois na Tunísia como médico, militante e intelectual da FLN, Fanon produziu, reelaborou e circulou ideias, sendo colaborador do jornal *El Moudjahid* e embaixador do GPRA na África. O mergulho intelectual do pensador martinicano na Revolução Argelina, sua escrita cotidiana e participação em um sujeito coletivo - os artigos do *El Moudjahid*, em geral, eram anônimos - influenciou os rumos da revolução africana, também alcançando movimentos na América, como os Panteras Negras e revolucionários que resistiam às ditaduras do cone sul. O *El Moudjahid* tornou-se o nó principal de uma rede intelectual onde circularam ideias fundamentadas na africanidade do pensamento, através de sujeito coletivo que recebia, reelaborava e emitia conteúdos revolucionários, perpassados pelas contradições entre nacionalismo, islamismo, socialismo e africanidade, entre cultura árabe e magrebina.

O intelectual revolucionário nascido nas Antilhas, partiu de sua experiência em África, para escrever *Sociologia de uma Revolução* (FANON, 1976) e *Os Condenados da Terra* (FANON, 2010), sua obra mais conhecida. Das bases desenvolvidas em *Pele Negra Máscaras Brancas* (FANON, 2008), mantém o núcleo de sua teoria e método, desenvolvendo-os através de seu contato com a revolução na Argélia. Foi a escrita como participante do sujeito coletivo, na redação do *El Moudjahid*, que, em parte, serviu como base para Fanon elaborar suas obras derradeiras. Fanon é o intelectual mais importante da Revolução Africana, pois traduz a guinada teórica dos pensadores colonizados para uma libertação perante a colonialidade do saber e introduz reflexões profundas sobre a consciência nacional, sobre a violência e sobre as contradições do pós-independência.

Para apoiar a análise dos artigos do jornal, o trabalho de Andrea Stanton (2011), intitulado *The Changing Face of El Moudjahid during the Algerian War of Independence*, foi o primeiro que chegou em minhas mãos e tornou-se um guia para compreender a materialidade do jornal, “o conteúdo da forma”, pois a autora utilizou

a teoria de Hayden White para o seu intento. Uma das notas de rodapé de seu artigo, foi o ponto de partida para esboçar aspectos da rede intelectual que se formou a partir da redação do jornal. Fitte (1973) proporcionou um estudo sobre o *El Moudjahid*, partindo do processo onde a FLN, convencida que uma vitória militar era impossível, busca vencer a luta no campo político: em 30 de novembro de 1955 a questão argelina é inscrita para discussão na Organização das Nações unidas (ONU), fortalecendo a tentativa de internacionalização do conflito. A partir da Conferência de Soumman, em 1956, esse princípio é reforçado e o jornal *El Moudjahid* surge como um dos elementos que visam concretizar esse objetivo político. Os livros de Fitte (1973) e Gadant (1988), foram os únicos que se debruçaram diretamente sobre a História do *El Moudjahid*: o primeiro, um estudo militar que visa provar as teses de Guerra Moderna francesa, possuindo um guia fundamental para pesquisar os artigos do jornal; o segundo trazendo a tensa relação entre nacionalismo e islamismo na produção do sentido da revolução argelina, à partir da leitura dos artigos. Nos dias 27 e 28 de novembro de 2006, ocorreu em Argel um evento de grande importância para os estudos desse tema: o *Colloque international sur le cinquantième anniversaire de la création du journal El Moudjahid historique (1956-1962)*. Um dos pontos mais destacados desse colóquio, foi a participação dos protagonistas que eram da redação do jornal, como a do editor chefe Redha Malek e a exposição dos exemplares originais do jornal (MAKEDHI, 2006).

São raros os estudos sobre a Guerra da Argélia no Brasil, o mais destacado é o livro de Poerner² (1966), pois o jornalista esteve na Argélia logo após a crise que culminou na queda de Ben Bella. No livro está o relato de um jornalista que testemunhou os rumos do pós-independência na Argélia, entrevistando combatentes do Exército de Libertação Nacional (ELN) que lutaram na guerra, dando a oportunidade de conhecer documentos oficiais da organização, fotos, descrições e interpretações sobre o que viu e ouviu em solo argelino.

Poerner era jornalista do Correio de Manhã e foi acompanhar o exílio de Miguel Arraes³. Para compreender os rumos e o sentido da Revolução, busca o passado

2 Estive no Rio de Janeiro, em julho de 2016, para conversar com Poerner, que me recebeu no tradicional Café Lamas. Poerner e sua companheira Volga, conversaram comigo durante duas horas e pude, pelos relatos deles, retomar vários pontos que ele escreveu em seu livro.

3 "Após o golpe civil e militar de 1964, a intensificação tanto da repressão como da luta armada no Brasil levou ao exílio um número cada vez maior de cidadãos. Em 24 de maio de 1965, Miguel Arraes,

colonial da Argélia, os crimes do colonialismo francês, as resistências dos argelinos, suas sucessivas tentativas de se libertar por vias democráticas, a história das organizações argelinas, culminando com a fundação da Frente de Libertação Nacional. O jornalista tentava entender qual era o significado da queda de Ahmed Ben Bella, com a tomada de poder pelos militares, representados por Houari Boumédiène. Quando se falou em golpe militar na Argélia, a esquerda brasileira digeriu mal tal evento, traumatizada por 1964. O discurso oficial da FLN foi de que Ben Bella teria sido corrompido pela arrogância, criando culto a personalidade e desviando o sentido da revolução.

Em termos de aquisições bibliográficas para a construção da tese, o achado da revista argelina *إنسانيات* (Insaniyat) modificou os rumos da pesquisa no que se referia à História da Independência da Argélia. A análise dos numerosos artigos da revista, a maioria em francês, mas muitos em árabe, permitiu a construção de uma concepção crítica da revolução, dos rumos que o processo de independência tomou, das contradições da FLN, inclusive com perspectivas de análise dos discursos oficiais da organização e ideologias políticas plasmadas em discursos historiográficos.

Os artigos de Jean Paul Sartre (1968) na revista *Les Temps Modernes*, editados em formato de livro no Brasil, proporcionaram uma visão daqueles intelectuais franceses que vivenciaram a época da Guerra da Argélia, e se engajaram na causa argelina, além de trazer dados importantes. Nos momentos finais da escrita da tese, tive a indicação de uma obra, escrita por um argelino, chamado Said Bouamama, intitulada *Figures de la révolution africaine: De Kenyatta à Sankara* (BOUAMAMA, 2017), onde o autor expõe as conexões históricas sobre a *Négritude* e o Pan-africanismo, analisando a obra e a biografia de intelectuais como Jomo Kenyatta, Aimé Césaire, Ruben Um Nyobè, Frantz Fanon, Patrice Lumumba, Kwame Nkrumah, Malcolm X, Mehdi Ben Barka, Amílcar Cabral e Thomas Sankara.

ex-governador do estado do Pernambuco, asilou-se na embaixada da Argélia, seguindo no dia 16 de junho para Argel. Levou consigo o jovem Arthur Poerner, que iria escrever um dos importantes testemunhos sobre a revolução argelina. Além de Arraes, João Costa Doria, Márcio Moreira Alves, Almerly Bezerra e Everaldo Norões encontrariam Arraes em Argel, fundando a Frente Brasileira de Informações (FBI). A mensagem de luta e liberdade passou a ter repercussões internacionais ao mobilizar rede de militantes que desde as guerras coloniais já lutavam pelos direitos humanos. Retomavam o modelo de luta argelino em que a atuação internacional ocupava o eixo central da estratégia de luta. A articulação da rede de exilados em torno da FBI permitiu, até certo ponto, a união dos opositores no exterior.” (ARAUJO, 2017, p. 419)

O livro é fundamental para a pesquisa sobre os pensamentos africanos no século XX, pois demonstra a diversidade desses pensadores em termos teórico-políticos. O autor aborda as conexões do pensamento fanoniano com a africanidade e o pan-africanismo, colocando Fanon como o autor mais importante da virada intelectual durante a luta anticolonial. Além disso, Bouamama (2017) possui um capítulo sobre a importância cabal de três pontos fundamentais em termos de contexto histórico: a derrota francesa em Diên Biên Phù em 1954, a Conferência de Bandung em 1955 e a Crise de Suez em 1956; sendo cada um destes momentos históricos, um marco divisor que o autor designa como saltos-rupturas históricas.

O embasamento teórico-metodológico utilizado na produção da pesquisa está calcado em três elementos, ferramentas teóricas que traduzem: a questão histórica do processo de Independência da Argélia, a história dos intelectuais engajados na luta e um método de análise de fonte jornalística. A questão histórica teve seu lastro teórico perpassado pelos debates historiográficos proporcionados pelos artigos da Revista *Insaniyat*. Em relação à História dos intelectuais, engajados na luta anticolonial argelina contra o colonialismo francês, a minha escolha foi de criar um diálogo entre Eduardo Devés-Valdés (2004; 2008) com Jean-François Sirinelli (1996), à partir de noções de rede intelectual, circulação de ideias e estruturas de sociabilidade. Além disso, foi necessário definir a noção de intelectual adotada ao longo do trabalho, levando em conta as definições de Sartre (1994) e Sirinelli (1996). Sirinelli (1996) observa que os intelectuais são um grupo de contornos vagos e pouco significativo em número por muito tempo, é um meio “polimorfo e polifônico” (SIRINELLI, 1996, P. 242). Ele afirma que existem duas noções de intelectual, a primeira ampla e sócio-cultural, que engloba os criadores e os mediadores culturais, a segunda é estreita, se baseia no engajamento. Mas para Sartre (1994), a definição do intelectual passa pelo engajamento nas lutas de seu tempo.

Segundo Devés-Valdés (2004, p.338-339)

[...]Se entiende por “redes intelectuales” la existencia de contactos profesionales durante un período de años entre un conjunto de personas que se reconocen como pares y que de manera consciente utilizan estos contactos para promover algún tipo de actividad profesional que puede ser: circulación de la información, difusión de su trabajo, organización de equipos, creación de revistas o instituciones y hasta defensa de intereses corporativos.

Por “circulación de ideas” se entiende el proceso de emisión y recepción de las ideas desde unas regiones hacia otras, asumiendo que en este transcurso se van produciendo mutaciones o hibridaciones y que en esta circulación hay diferentes “estaciones”, por una parte, así como diferentes

“especies”, por otra.

Para compreender o fenômeno de circulação de ideias dentro de uma rede intelectual, Devés-Valdés (2003; 2008) propõe alguns conceitos que foram adotados na presente pesquisa: forças motrizes, motivos, presença, influência e reelaboração. Ao cartografar o pensamento sul-saariano, Devés-Valdés (2008, p.12) afirma que

[...]trata-se de descobrir aqueles “elementos motrizes” que geram seu movimento, assim como de apreender os mais importantes “motivos” que se reiteram dentro do citado pensamento, estabelecendo parentesco com os de outras intelectualidades que pensam periféricamente, buscando aí, sim, as formas específicas de como se modulam essas expressões da região. (DEVÉS-VALDÉS, 2008, p.12)

O conhecimento das forças motrizes e dos motivos de uma rede intelectual possibilitam a construção de conceitos: eles são uma síntese das ideias, dos temas que se movem nos circuitos da rede, daqueles tópicos que se repetem mesmo em diferentes regiões periféricas, onde circulam e são relaborados. No caso do pensamento fanoniano, expressado no *El Moudjahid*, trabalhei com os conceitos de africanidade, colonialismo, violência, revolução, independência e novo humanismo⁴. A construção dos conceitos deu-se através de um estudo dos artigos atribuídos a Fanon, levando em conta os temas, termos e conceitos presentes nos textos.

A noção de presença

[...]es importante pues permite un primer nivel de constatación: hubo presencia de personas que llevaron ideas o obras, aunque no sabemos si ejercieron influencias ni tampoco si las ideas gozaron de reelaboraciones. La noción ‘presencia’ se utiliza para designar la existencia en una región de personas portando ideas, de obras em bibliotecas e incluso de referencias por parte de autores locales, aunque sin aludir a su internalización o utilización. (DEVÉS-VALDÉS, 2003)

A noção de presença deve ser dividida em dois elementos: a presença por chegada e a presença de conhecimento. A chegada leva em conta a presença física

4 “Elaborar o esquema de um pensamento supõe também alguns desafios de ordem teórica. Nesse caso, três foram muito importantes: tematizar as forças motrizes, formular os motivos mais importantes e avançar na elaboração de conceitos que permitam denominar cada espécie dentro da ampla diversidade eidética. Tematizar as forças motrizes significa descobrir e formular conceitualmente aquelas intenções ou objetivos ou desígnios ou tópicos que fazem o pensamento africano se movimentar e que permitem entender o sentido do seu movimento. Os motivos são aqueles elementos recorrentes que se vão modulando com matizes em lugares ou épocas por pessoas diferentes e que se fazem reconhecí-veis como reiteradas preocupações no espaço sul-saariano, já que compartilha-das com outros pensamentos, especialmente os vindos de outras intelectualidades que pensam periféricamente. A elaboração de conceitos para designar as diferentes espécies eidéticas se depara com o tema único de alguns estudiosos que associaram pensamento africano com “nacionalismo”, mostrando uma falta de imaginação e um desconhecimento da variedade semântica que existe para denominar as escolas de pensamento.” (DEVÉS-VALDÉS, 2008, p. 15)

de intelectuais e suas ideias ou de suas obras em um lugar, ainda que não tenham sido conhecidos pelo autores nativos. “[...]Es el caso de viajeros o exiliados que permanecieron totalmente aislados del medio o de obras que llegaron a bibliotecas y jamás fueron consultadas[...]” (DEVÉS-VALDÉS, 2003). A presença por conhecimento, indica que as ideias e obras destes intelectuais foram conhecidas pelos intelectuais nativos, mesmo que não tenham sido assimiladas ou reelaboradas. No entanto, quando ocorre uma reelaboração, certamente manifesta-se o fenômeno da influência (DEVÉS-VALDÉS, 2003).

Sirinelli (1996, p.232) afirma que a História dos intelectuais é um campo histórico autônomo e aberto, “[...]situado no cruzamento das histórias política, social e cultural.” Seria um “cruzamento da biografia e do político” (SIRINELLI, 1996, p. 234), configurando-se em “[...]uma História do passado próximo e além disso de forte teor ideológico, na qual o pesquisador, mal ou bem um intelectual ele próprio, está imerso.” (SIRINELLI, 1996, p. 234). Para Sirinelli (1996, p.248-249), as redes intelectuais encontram em uma redação, revistas ou editoras, verdadeiras estruturas de sociabilidade, que é o caso da redação do jornal *El Moudjahid*.

Outro apontamento importante é sobre a volta da década como

[...] uma baliza valiosa. E, nessa perspectiva, estudar os intelectuais na guerra da Argélia, ou tentar esclarecer as gerações intelectuais que se sucederam na França do século XX surge como um objeto de história indiscutível e que ninguém pensaria seriamente em contestar. (SIRINELLI, 1996, p.239).

Para analisar os artigos de Frantz Fanon no jornal *El Moudjahid*, utilizo os apontamentos metodológicos desenvolvidos por Tania Regina de Luca (2005), onde é proposta uma atenção especial ao processo de estabelecimento dos colaboradores mais ativos, à escolha do título, à materialidade dos jornais, seu lugar de impressão, tecnologias, censura, disposição dos artigos⁵ e imagens,

5 “O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas. Estas, por sua vez, também são atravessadas por hierarquias: trata-se, por exemplo, da seção “política nacional” ou da “policia”? (Já se mostrou como greves e movimentos sociais são sistematicamente alocados na última.) O assunto retorna à baila ou foi abandonado logo no dia seguinte? Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir.” (LUCA, 2005, p. 140).

financiamento e publicidade, entre outros aspectos relevantes. *El Moudjahid* era o órgão oficial de uma organização revolucionária que lutava contra o colonialismo, o que dá à publicação contornos intrínsecos a esse tipo de impresso. Posso citar como exemplo, a inexistência da questão da publicidade, os caminhos da clandestinidade e da conseqüente perseguição pelas forças colonialistas francesas, tendo uma periodicidade muitas vezes travada por golpes do inimigo, como na destruição das prensas do *El Moudjahid* na ocasião da Batalha de Argel, em 1957⁶.

Luca (2005) chama a atenção sobre a historicidade da técnica, sobre como são os mecanismos de produção e distribuição do jornal. Sua aparência “[...](formato, tipo de papel, qualidade da impressão, capa, presença/ausência de ilustrações)[...]” (LUCA, 2005, p.138), diagramação. Sobre as possibilidades do jornal para pesquisas: ele pode ser fonte e/ou objeto de pesquisa. No entanto, cabe ressaltar que o foco aqui são os artigos atribuídos a Fanon e não o jornal em si, afirmo isso para deixar explícito que o método de análise de jornal apoiou a pesquisa mas não foi objetivo principal. Isso porque a fonte que tive acesso foram as reedições do jornal, que reproduzem fielmente apenas as capas, os artigos foram transcritos e reeditados, dificultando a aplicação do método de análise de fonte jornalística proposto por Lucca.

A fonte histórica fundamental da pesquisa, é a publicação, em três volumes, impressa na Iugoslávia em 1962, que reproduz as edições do jornal *El Moudjahid*⁷, pois o acesso aos originais é muito difícil⁸ (MACEY, 2012). Algumas questões devem ser levadas em conta na análise das fontes: em primeiro lugar a fidelidade das

6 No prefácio do volume I da reedição do jornal, intitulada “*El Moudjahid*”, *un instrument de lutte du peuple algerien*, há o relato sobre a destruição das prensas na Batalha de Argel: “No entanto, no território nacional, os arquivos e prensas do *El Moudjahid* foram descobertos ou destruídos durante a ‘Batalha de Argel’. O número 7, em preparação, nunca verá a luz do dia ... a equipe de redação foi dispersada, alguns de seus membros foram torturados, assassinados pelos colonialistas, outros se juntaram aos maquis. Este é o fim da ‘fase argelina do El Moudjahid. “Cependant, sur le territoire national les archives et les machines d’El Moudjahid sont decouvertes ou sont détruites au cours de la ‘Bataille D’Alger’. Le numero 7, em preparation, ne verra jamais le jour... le comite de redaction est disperse, certains de ses membres, sont tortures, assassines par les colonialistes, d’autres rejoignent les maquis. C’est la fin de la ‘phase algeroise’ de’El Moudjahid.” (EM, 1962, V. I, p.3, negrito do autor)

7 Essa fonte rara, só foi adquirida após dois anos de busca incessante na internet. Primeiro busquei cópias digitalizadas, mas somente algumas capas estão disponíveis, depois em bibliotecas de universidade francesas e estadunidenses e por fim, achei os três volumes para venda, em uma livraria virtual francesa, chamada *Livre-rare*.

8 Fiz muitas tentativas para acessar as versões originais, entrei em contato diversas vezes com a *Bibliothèque Nationale de France* e com a Biblioteca do *Institut du Monde Arabe* e obtive como resposta que só estavam disponíveis para consulta os volumes da reedição: os originais estavam na situação de inacessíveis devido à restauração. Tentei obter contatos na Argélia que não retornaram e por fim, não foi possível viajar até Argel para tentar acessar os originais.

cópias que tive acesso, que em si, mesmo sendo um reedição dos números do jornal, são muito raras e de difícil acesso. Na reedição estão cópias das capas de cada edição do *El Moudjahid*, mas os artigos foram transcritos da página original para a publicação, ou seja, não há como saber se houve alguma manipulação política, algum “retoque”, buscando aproximar as concepções políticas da FLN em 1962, com as expressas no jornal. Fitte (1973) e Macey (2012) advertem sobre esse sério problema ao utilizar tal fonte. Os artigos que seriam de autoria de Fanon, estão publicados na obra *Em defesa da Revolução Africana* (1980) e em *Écrits sur l'aliénation et la liberté* (2015) o que possibilitou compará-los com a versão da reedição. Assim, somente os artigos de capa podem ser analisados em sua forma e conteúdo original. Uma segunda questão problemática que se manifesta é a seguinte: as fotos que compunham os artigos e que dentro da análise de fonte jornalística são extremamente importantes para o pesquisador, não aparecem, apenas uma nota de rodapé avisando que o artigo possuía uma imagem que é descrita em forma de texto. A terceira questão, consiste no debate sobre a autoria dos artigos, a maioria não foi assinada, por questões de segurança e por buscar reproduzir o sentido coletivo da revolução.

Abaixo do título *El Moudjahid* estava

[...]o slogan “Revolução pelo povo e para o povo”. A revolução argelina foi uma revolução sem nome, combatida por “pessoas” anônimas e liderada coletivamente, e não por uma figura carismática. A decisão de não revelar o nome de jornalistas individuais foi, em parte, uma medida de segurança, mas também reflete a convicção da FLN de que os indivíduos eram subordinados à coletividade. Isso também significa que é difícil ser específico sobre a extensão do envolvimento de Fanon com o jornal. Em 1964, Josie Fanon identificou vinte e um artigos como tendo sido escritos pelo marido, e estão incluídos no *Pour la Révolution africaine*. Embora eles fossem certamente “de” Fanon em certo sentido - ninguém em Tunis estava qualificado para escrever as duas peças sobre as Índias Ocidentais - esses artigos estavam sujeitos à edição coletiva e, portanto, não expressavam posições ou visões individuais. [...] (MACEY, 2012, p.331, tradução livre)⁹

9 “[...] the slogan “Revolution by the people and for the people” . The algerian revolution was a revolution without a name, fought by anonymous ‘people’ and led collectively rather than by any one charismatic figure. The decision not to reveal the name of individual journalists was in part a security measure, bu its also reflects the FLN’s conviction that individuals were subordinate to the collectivity. It also means that it is difficult to be specific about the nature ou extent of Fanon’s involvement with the paper. In 1964, Josie Fanon identified twenty-one articles as having benn written by her husband, and they are included in *Pour la Révolution africaine*. Whilst they were certainly ‘by’ Fanon in a sense – no one eles in Tunis was qualified to write the two pieces on the West Indies – these articles were subject to collective editing, and are therefore not expressive of individual positions or views. [...]” (MACEY, 2012, p.331)

O que das ideias defendidas nos artigos do *El Moudjahid* aparecem nas obras autorais de Frantz Fanon, produzidas em sua imersão na luta pela independência argelina? Como ocorria esta tensão interna do intelectual militante entre ser porta-voz de uma organização política e suas próprias concepções individuais?

A tese possui quatro capítulos, sendo o primeiro uma apresentação dos aspectos que traduzem o contexto histórico da rede intelectual conectada através da redação do *El Moudjahid: a Guerra de Libertação Nacional da Argélia*. Ainda no primeiro capítulo, proponho um debate sobre historiografia argelina e francesa, acerca da Guerra da Argélia, e faço alguns apontamentos iniciais, sobre os aspectos biográficos de Fanon e acerca do pós-independência na Argélia. No segundo capítulo, o foco está no jornal *El Moudjahid* como estrutura de sociabilidade de uma rede de intelectuais revolucionários, em sua redação e colaboradores, sua materialidade, trazendo um esboço dessa rede e um estudo sobre autoria, anonimato e sujeito coletivo, além de aspectos biográficos da participação de Fanon no jornal. No capítulo terceiro são analisados os artigos atribuídos a Fanon, escritos dentro de uma concepção de autoria coletiva. O estudo dos quarenta e dois artigos, metade deles ainda não traduzidos para o português, trazem uma compreensão das principais ideias fanonianas e suas conexões entre a autoria coletiva e a autoria individual nas obras de Fanon, produzidas quando ele era militante da FLN. No quarto e último capítulo, ocorre um retorno às obras de Fanon, *L'An V de la Révolution Algérienne* e *Les Damnés de la terre*, buscando essas conexões entre a escrita jornalística expressa no *El Moudjahid* com os livros teóricos. Devido ao grande número de citações da reedição do jornal, utilizo nas referências, a abreviação EM, para *El Moudjahid*.

2 FRANTZ FANON E A GUERRA DA ARGÉLIA

A experiência de Fanon na Argélia marcou sua obra, assim como a busca de ligações entre a África do Norte - o Magreb arabizado - e a África Negra sul-saariana, dentro de uma concepção pan-africanista, tendo como base concreta para produzir teoria, a sua experiência clínica no Magreb, sua participação na redação do jornal *El Moudjahid* e sua atuação como embaixador do GPRA. Para compreender o sentido da africanidade do pensamento fanoniano, cabe traduzir os principais aspectos do contexto histórico onde ele viveu, escreveu e lutou, tornando-se o mais importante intelectual da luta anticolonial africana. As crônicas de Fanon sobre a Guerra da Argélia são as raízes do trabalho mais famoso de Fanon, *Os Condenados da terra* (BECKET, 1973). Estudando os textos de Fanon acerca do pan-africanismo, é possível compreender suas aproximações e distanciamentos com pensamento de Kwame Nkrumah e com Patrice Lumumba, mas principalmente a sua participação ativa como delegado da FLN em congressos como o *All-African People's Conference*, ocorrido em Accra, no ano de 1958. (BOUAMAMA, 2017).

A experiência clínica de Fanon, a alienação colonial e a violência que permeava os casos patológicos que tratava, provocou a sua ruptura com o Estado francês: por um lado atendendo colonizados torturados, despersonalizados e estranhados em sua própria terra, por outro tratando torturadores franceses da metrópole e da Argélia, os chamados *pied-noirs*. Desde sua primeira obra, Fanon reflete sobre a questão da alienação, do estranhamento do negro em uma sociedade racista, o caminho que trilha é um crescendo que vai da produção teórica ao engajamento revolucionário, voltando à teoria. O psiquiatra compreendia que muitas doenças dos pacientes argelinos, originavam-se da sociopatologia oriunda de uma sociedade colonizada, que é perpassada pelo fenômeno da alienação e da violência colonial.

A década de 1950 inicia com a agudização dos antagonismos ensaiados no período pós II Guerra Mundial. A Guerra da Coreia (1950-1953) marca este momento de um mundo bipolarizado. É uma década em que os colonizados, impulsionados pela luta na II Guerra, e pela reconfiguração geopolítica deflagrada nesse processo, buscam a sua independência, a sua autodeterminação. Em 1949, a Revolução Chinesa causou um enorme impacto mundial e demonstrou o poder da

guerra revolucionária deflagrada pela libertação nacional. Logo os escritos militares de Mao Tsé Tung tornam-se fontes de estudos tanto para a esquerda revolucionária e/ou para movimentos de libertação nacional, como para as forças colonialistas e imperialistas que buscavam, através dessas obras, criar um “antídoto”, uma guerra contrarrevolucionária, que se apoiasse na contrainsurgência e pudesse adaptar-se a métodos não-convencionais. Ao longo da primeira metade da década de 1950, o poderio colonial francês na Indochina é atacado pelo Viet Minh, o movimento de libertação nacional liderado por Ho Chi Minh e pelo General Nguyen Von Giap, culminando com a sua vitória na Batalha de Dien Bien Phú em 1954. A derrota francesa foi um campo fértil para a reformulação das doutrinas militares tradicionais em guerras coloniais que envolviam guerrilhas, insurgência e dificuldade de definir o inimigo, que usa o povo como linha oscilante de defesa e ataque. No mesmo ano de 1954, explode a Guerra de Independência Argelina, com os ataques da FLN aos franceses, que perdem no Magreb, em 1956, o controle colonial sobre Marrocos e Tunísia.

Em 1955, ocorre a Conferência de Bandung, com a participação de 29 países afro-asiáticos e o fortalecimento dos terceiro-mundistas. Sukarno na Indonésia, Nasser no Egito, Nehru na Índia, projetaram-se mundialmente como líderes das nações que seriam conhecidas como “países não-alinhados”, junto com nomes como Tito da Iugoslávia, desafiando o poder bipolarizado entre a OTAN e o Pacto de Varsóvia. Em 30 de julho de 1956, o presidente Gamal Abdel Nasser nacionalizou o Canal de Suez, atraindo para o Egito uma retaliação por parte de Israel apoiada pelas potências capitalistas ocidentais. No ano de 1959, triunfa a Revolução Cubana, evento que dará origem a uma onda anticomunista em escala continental nas Américas. O macartismo estadunidense e a influência da doutrina francesa de “guerra moderna”, junto às ideologias autoritárias dos militares sul-americanos - que buscavam um sentido, uma missão, pois estavam imbuídos de um sentimento anticivil, que os colocava como agentes redentores da sociedade - formam a amálgama básica do que será a Doutrina de Segurança Nacional. Em 1962 ocorre a Crise dos Mísseis, com a instalação de armas nucleares soviéticas em solo Cubano, colocando os Estados Unidos a mercê de uma ataque fulminante e devastador. No cenário do Sudeste Asiático, os Estados Unidos engaja-se em uma nova guerra, agora no Vietnã, dentro da concepção da Teoria do Dominó de Eisenhower.

A derrota francesa em Dien Bien Phú, no ano de 1954, fortaleceu a necessidade de repensar a estratégia e as táticas militares convencionais, alguns oficiais, como o Col. Lacheroy, irão deter-se no estudo de obras sobre a guerra revolucionária, principalmente o Livro Vermelho de Mao e Problemas Estratégicos da Guerra Revolucionária na China (MAO, 1975) produzido em dezembro de 1936.

Com a vitória do Viet Minh, os militares franceses, impactados pela amarga derrota de seu aparato militar tecnologicamente e numericamente superior, logo compreenderam que estavam diante de uma guerra não-convencional, onde não haviam fronteiras delimitadas, uma guerra total, onde um sistema de informação eficiente se configuraria no núcleo da resposta militar. Assim, lapidaram as bases de uma nova concepção, uma nova doutrina de guerra: a chamada guerra contrarrevolucionária. Mas ainda era necessário testá-la na realidade e a insurreição anticolonialista na Argélia parecia o momento propício: depois de perder a Indochina, a França queria manter o território argelino, pois era um departamento francês, “a Argélia é França.” Por outro lado, a derrota francesa foi de grande impacto na desmistificação do absoluto poderio militar colonialista, proporcionando esperança de luta e vitória para os povos colonizados da Ásia e da África, unidos um ano depois, sob o espírito de Bandung.

Para além de uma narrativa linear-cronológica, supostamente descompromissada da História da Argélia, busco aqui contextualizar os pontos nodais da rede de sociabilidade dos intelectuais engajados na empresa do *El Moudjahid*, antes de tudo, quero dar início a um debate aparentemente inexistente no Brasil: uma reflexão acerca da historiografia argelina e francesa sobre a Guerra de Libertação Nacional. Após esse debate, vou abordar quatro eixos históricos fundamentais para compreendermos o contexto da rede intelectual argelina a partir do microcosmo da redação do jornal: as especificidades do colonialismo francês e da violência colonial na Argélia; a gênese da Frente de Libertação Nacional argelina e a falência da luta dentro dos quadros da “legalidade”; a Conferência de Soummam em 1956, trazendo uma virada estratégica na visão da FLN; a Batalha de Argel como vitória de Pirro dos franceses. Os dois últimos eixos são diretamente ligados ao jornal *El Moudjahid*. Por fim, trago aspectos da biografia de Fanon quanto ao seu engajamento na redação do jornal, aliás a análise histórica presente neste capítulo usa a todo momento a teoria da alienação e violência colonial desenvolvida

por ele, e alguns apontamentos sobre o pós-Independência, como a queda de Ben Bella e Argel como centro revolucionário mundial.

2.1 Debates Historiográficos sobre a Guerra da Argélia

A História da Guerra da Argélia esteve por décadas, pelo menos até os anos de 1990, enclausurada por dois aspectos que impediam o desenvolvimento de uma historiografia crítica: por um lado, o controle ideológico do Estado argelino, que buscava construir uma identidade de povo através da narrativa histórica; por outro, uma produção que fazia apologia do colonialismo, por parte dos franceses. Em ambos os casos, a falta de acesso aos arquivos foi o elemento fundamental que impedia a produção historiográfica crítica e profissional. No caso da Argélia, sob o controle de um regime com partido único, as tensões e conflitos internos, entre líderes que atuavam no exterior e os que atuavam no interior, entre o viés militarista e o político, a luta entre a FLN e os messalistas¹⁰ do Movimento Nacional Argelino (MNA), foram pouco exploradas por motivos ideológicos de produção de uma História oficial, onde o elemento militar da guerra se sobrepôs ao elemento político da luta anticolonial. No caso da França, tanto a visão da história colonialista, como a da esquerda mergulhada no mito da Argélia francesa, foram fortes impeditivos para uma abordagem crítica, calcada em documentação e método, tudo isso fruto da grande ferida, ainda não cicatrizada, causada pelas atrocidades cometidas pela França na Argélia: a França dos direitos humanos, do iluminismo, da liberdade, igualdade, fraternidade, encontrou na Guerra da Argélia a experiência basilar que negava toda esta ideologia pseudouniversal, propagada sob a ótica da cínica ideologia de *mission civilisatrice*. Mas esses elementos não impediram uma gigantesca produção em solo francês e um desenvolvimento crescente em solo argelino.

Desde a crise sócio-econômica e política que assolou a Argélia na década de 1990, pode-se observar um crescimento importante na produção historiográfica argelina sobre o período de 1954 a 1962. Nesse sentido, pude acompanhar, através

10 Seguidores de Messali Hadj, figura histórica e pioneiro da luta pela independência da Argélia. Fundador da Étoile nord-africaine, do Parti du peuple algérien (PPA) em 1937 e do Mouvement pour le triomphe des libertés démocratiques (MTLD) em 1945. Após sucessivas crises e divergências políticas, que culminou com a fundação da FLN, se tornou o inimigo interno número 1 desta nova organização.

de artigos, resenhas e notas bibliográficas da Revista إنسانيات Insaniyat, *Revue algérienne d'anthropologie et de science sociales*, publicada na Argélia, o rico debate historiográfico nacional argelino: finalmente os argelinos escrevem sobre a sua guerra (TENGOUR; SOUFI, 2004). Esses debates, incidem inclusive sobre o nome correto a ser enunciado sobre esse período aqui abordado: revolução, luta armada de libertação nacional, guerra de libertação nacional, guerra de independência, guerra da Argélia. Na maioria das vezes, o termo revolução é usado; quando se destaca a questão militar em oposição a luta política ocorre o uso de luta armada de libertação nacional; raramente observa-se o uso de guerra de independência, apesar de ser um dos mais próximos da realidade histórica; na França, em 1999, a Assembleia Nacional aceitou oficialmente o nome guerra da Argélia, tendo em vista que antes era nomeada de “acontecimentos da Argélia”. (TENGOUR; SOUFI, 2004). Qualquer tentativa de nomear o período de 1954-1962 implica escolhas políticas e ideológicas.

Em solo argelino, grande parte da produção sobre a guerra, estava circunscrita a autobiografias, biografias, memórias de protagonistas e depoimentos, material de grande riqueza, desde que seja interpretado sob a ótica crítica dos métodos de análise histórica, que buscam compreender as interconexões entre memória e História. Além disso, o monopólio do estado controlado pela FLN, dificultava publicações críticas, o que pôde florescer no final da década de 1980, com o surgimento de editoras privadas que não estavam sobre o controle direto do Estado (TENGOUR; SOUFI, 2004). Concluindo seu artigo chamado *Les Algériens écrivent, enfin, leur guerre*, Tengour e Soufi (2004, tradução livre¹¹) afirmam:

Esse breve resumo está longe de explicar a riqueza particular de muitos textos (Messali Hadj, Mohammed Harbi, Mostefa Lacheraf, Abderrazaq Bouhara ...). Eles representam uma fonte valiosa para a pesquisa histórica, além dos materiais anexados como apêndices (documentos de arquivo e fotografias). Essas memórias, autobiografias, biografias e simples testemunhos abriram novas perspectivas para a escrita da história da guerra de libertação nacional. É possível o momento de abordar essa história por dentro.

11 “Ce bref résumé est loin de rendre compte de la richesse particulière de nombreux textes (Messali Hadj, Mohammed Harbi, Mostefa Lacheraf, Abderrazaq Bouhara...). Ils représentent une source appréciable pour la recherche historique, en plus des matériaux joints en annexes (pièces d'archives et photographies). Ces mémoires, autobiographies, biographies et simples témoignages ont ouvert des perspectives nouvelles à l'écriture de l'histoire de la guerre de libération nationale. Le moment est possible d'aborder cette histoire de l'intérieur.”

Um dos autores que mais publicou na Revista *Insaniyat*, foi Hassan Remaoun (2004a; 2004b; 2004c) historiador e sociólogo argelino, professor da *Université d'Oran Es-Senia*. Ele escreve a apresentação (REMAOUN, 2004a) das edições que se mostraram mais importantes para esta pesquisa - os números 25-26 que saíram como publicação dupla da Revista, em comemoração ao cinquentenário da Guerra de Libertação Nacional, intitulada *L'Algérie avant et après 1954: société coloniale, mouvement national, guerre de libération et indépendance. Approches historiographiques et représentations*. Em uma nota bibliográfica sobre trabalhos recentes sobre a Guerra de Libertação, Remaoun (2004b) destaca as produções de Mohhamed Harbi e Benjamin Stora, *La Guerre d'Algérie 1954-1962. La fin des amnésies*, de 2004; de Gilbert Meynier, *Histoire intérieure du FLN 1954-1962*, publicada em 2003; e de Mahfoud Kaddache, *Et l'Algérie se libéra 1954-1962*, lançada em 1999 (REMAOUN, 2004b). Analisarei os comentários acerca destas três publicações recentes na época do lançamento da Revista *Insaniyat*. Remaoun destaca muitas outras, mas escolhemos essas devido à influência que tiveram no debate historiográfico sobre a Guerra de Libertação Nacional.

Segundo Remaoun (2004b), Harbi e Stora em sua publicação com dois volumes, tratam da guerra da Argélia abordando quatro temáticas: "[...]as instituições, os atores, as violências e as representações [...]" (REMAOUN, 2004b, tradução livre). A obra possui uma rica e imensa bibliografia que foi cuidadosamente classificada segundo o conteúdo das publicações:

[...] obras gerais; memórias e representações em torno da guerra; trabalhos sobre os grupos envolvidos; sobre a oposição francesa à guerra; a FLN e os argelinos; a OAS; os *pieds-noirs* e os judeus da Argélia; os harkis; os imigrantes argelinos e o 17 de outubro de 1961; as mulheres na guerra; biografias, autobiografias, memórias dos principais atores franceses e argelinos e, finalmente, as fotos da guerra. (REMAOUN, 2004b, tradução livre¹²)

Sobre a obra de Gilbert Meyner¹³, *Histoire intérieure du FLN, 1954-1962*,

12 "[...]ouvrages généraux; mémoires et représentations autour de la guerre; ouvrages sur les groupes engagés; sur l'opposition française à la guerre; le FLN et les Algériens; l'OAS; les *pieds-noirs* et les juifs d'Algérie; les harkis; les immigrés algériens et le 17 octobre 1961; les femmes dans la guerre; biographies, autobiographies, Mémoires des principaux acteurs français puis algériens, et enfin les photos de la guerre."

13 Outro trabalho importante, segundo Remaoun (2004b, tradução livre) é o de Meynier que também é "[...]coautor com Mohammed Harbi de um trabalho que reúne o essencial dos arquivos de que eles dispõem, intitulado *le FLN. Documents et histoire. 1954-1962*. Ele completa de maneira útil os *Archives de la Révolution algérienne*, já publicados por Mohammed Harbi, ou ainda outras coleções de documentos, como os publicados por Mabrouk Belhocine, *le Courrier Alger-le Caire 1954-1956* e

Remaoun (2004b) afirma ser um volumoso livro de 800 páginas, com um guia bibliográfico de fundamental importância para os pesquisadores do tema, com mais de mil referências. Apesar da crítica e análise por vezes “dura” do autor, é muito bem documentado. A publicação de autoria de Mahfoud Kaddache, *Et l’Algérie se libéra 1954-1962*, o autor apresenta em 20 capítulos um panorama do período da guerra, além de ser apoiada por muitos documentos. (REMAOUN, 2004b).

Em outro texto publicado na Revista *Insaniyat*, chamado *Note bibliographique sur la production éditoriale en France relative à la Guerre de libération nationale*, Remaoun (2004c) alerta que é difícil fazer uma revisão exaustiva das publicações sobre a guerra devido ao grande e impressionante volume de obras: dentre mais de mil publicações, sendo que cerca de 253 obras foram publicadas antes de 1962.

Segundo Remaoun (2004c), citando a *Bibliographie de la guerre d’Algérie*, publicada por Guy Pervillé em 1976, pode-se classificar os 148 trabalhos lançados entre 1962 e 1976 em três categorias essenciais: defesa da Argélia francesa (maioria das obras), apoio à causa da FLN e defesa da política gaullista. No final da década de 1960 e na década de 1970, Remaoun (2004c) afirma que surgem os primeiros trabalhos de síntese, mas com um viés mais jornalístico do que historiográfico, como o de Yves Courrière, *Les Fils de la Toussaint*, em 1968. Na década de 1970, aparecem teses na área da História, produzidas na França, mas com apoio de argelinos que participaram da Guerra (REMAOUN, 2004c).

Nos anos de 1980-1990 ocorrem colóquios que articulam muitos historiadores e demais pesquisadores: o *Institut d’Histoire du Temps Présent* (IHTP-CNRS) organiza os eventos *Les Chemins de la décolonisation de l’Empire français*, em outubro de 1984; *La Guerre d’Algérie et les intellectuels*, em abril de 1988; *La guerre*

le Congrès de la Soummam dans la Révolution, ou aquele que trata do período anterior, por Claude Collot e Jean Robert Henry, *le Mouvement national algérien. Textes 1912-1954*, infelizmente esgotado e que sem dúvida precisa de uma reedição. A essas contribuições disponíveis na Argélia, se acrescentam também outros trabalhos importantes como a série organizada por Jean-Charles Jauffret, *la Guerre d’Algérie par les documents*, a partir dos arquivos do Serviço histórico do exército francês (SHAT). No original: “[...]coauteur avec Mohammed Harbi d’un ouvrage regroupant l’essentiel des archives dont ils disposent intitulé *le FLN. Documents et histoire. 1954-1962*. Il complète utilement *les Archives de la Révolution algérienne*, déjà publiées par Mohammed Harbi, ou même d’autres recueils de documents, tels ceux publiés par Mabrouk Belhocine, *le Courrier Alger-le Caire 1954-1956* et *le Congrès de la Soummam dans la Révolution*, ou celui traitant de la période antérieure, par Claude Collot et Jean Robert Henry, *le Mouvement national algérien. Textes 1912-1954*, malheureusement épuisé et nécessitant sans doute une réédition. A ces contributions disponibles en Algérie, on ajoutera aussi d’autres travaux importants comme la série dirigée par Jean-Charles Jauffret, *la Guerre d’Algérie par les documents*, à partir des archives du Service historique de l’armée de terre française (SHAT).”

d'Algérie et les Français, em dezembro de 1988; *La Guerre d'Algérie et les Algériens*, em março de 1996. Na Sorbonne, a *Ligue de l'enseignement* e o *Institut du Monde Arabe* organizam, em março de 1992, o colóquio *Mémoire et Enseignement de la guerre d'Algérie*. No mesmo período, ocorreu um evento sobre os Acordos de Evian, organizado pelo *Institut Maghreb-Europe* (Université Paris-VIII). Em novembro de 2000, na Sorbonne, a *Société française d'histoire d'Outre-mer* organizou o colóquio *La guerre d'Algérie au miroir des décolonisations françaises*. Também ocorreu uma exposição temática, intitulada *France et guerre d'Algérie*, organizada pelo *Musée d'histoire contemporaine* e pela *Bibliothèque de documentation internationale contemporaine* (BDIC, Paris) (REMAOUN, 2004c).

O crescimento da produção sobre a guerra na década de 1990, em grande parte, estava relacionado com a análise do ensino de História na Argélia e na França. Um dos pontos fundamentais da consolidação da historiografia da Guerra da Argélia nos anos 90 do século XX, foi a abertura dos arquivos militares acerca do conflito¹⁴. Quanto à produção argelina, houve um desenvolvimento da pesquisa sobre a guerra também, com uma visão diferente da produção francesa, mas o potencial de editoras e autoras era menor que em França. Os esforços argelinos para produzir pesquisas históricas, em termos de seminários e testemunhos, eram supervisionados pelo governo através da Organização dos Moudjahidines através de instituições como o *Centre National des Études Historiques* (CNEH), depois *Centre*

14 "De fato, o número de livros e artigos de jornais que trataram, de um modo ou de outro, da questão de 1954 até nossos dias é impressionante – sem dúvida, milhares –, principalmente se acrescentamos a eles os trabalhos universitários e outros que abordam a sociedade colonial e o movimento nacional desde suas origens sob todos os aspectos (político, militar, diplomático, econômico, social, cultural,...) e dos quais alguns continuam sendo obras de referência no assunto (numerosos demais para serem citados nesta breve nota). Principalmente porque a produção editorial na França relativa à Argélia durante o período colonial e a guerra de libertação nacional parece longe de se esgotar, sobretudo com a abertura, a partir de 1992, dos arquivos militares que começam a colocar à disposição dos historiadores uma massa inesgotável de documentos, assim como as revelações que periodicamente mobilizam a opinião pública, como as relativas ao assassinato de Ben Mhidi, aos casos de estupro, de tortura e outros crimes de guerra." (REMAOUN, 2004c, tradução livre). No original lê-se: "En fait, le nombre d'ouvrages et articles de périodiques ayant traité, d'une manière ou d'une autre, de la question de 1954 à nos jours est impressionnant – sans doute, plusieurs milliers –, surtout si on y ajoute les travaux universitaires et autres qui abordent la société coloniale et le mouvement national depuis leurs origines sous tous les aspects (politique, militaire, diplomatique, économique, social, culturel...), et dont certains continuent à constituer des ouvrages de référence en la matière (trop nombreux pour être cités dans cette brève notice). Cela d'autant plus que la production éditoriale en France concernant l'Algérie durant la période coloniale et la guerre de libération nationale semble loin de se tarir, surtout avec l'ouverture, à partir de 1992, des archives militaires qui commencent à mettre à la disposition des historiens une masse inépuisable de documents, ainsi que les révélations qui périodiquement mobilisent l'opinion telles celles concernant l'assassinat de Ben Mhidi, les affaires de viol, de torture et autres crimes de guerre." (REMAOUN, 2004c).

National des études sur le Mouvement national et la Révolution de novembre 1954 (CNERMNER 54).

É esse também o caso, certamente, na Argélia, mesmo que o potencial de autores e editoras tenha sido por muito tempo relativamente reduzido, e que a relação aqui da sociedade e das instituições estatais com a guerra de independência e suas visões só possam ser diferentes das que podem prevalecer naquela que foi a metrópole. De fato, na própria Argélia e desde a proclamação da independência, esforços foram tentados nesse sentido, embora fortemente enquadrados no contexto de seminários e testemunhos organizados pelo ministério e a organização dos Moudjahidines, antes que instituições como o Centro nacional de estudos históricos (CNEH), em seguida o Centro nacional de estudos sobre o Movimento nacional e a revolução de novembro de 1954 (CNERMNR 54) e, mais tardiamente, a Universidade, a imprensa, os atores, a sociedade e a edição tenham assumido a vez, só após as mudanças sociopolíticas ocorridas no país em consequência dos acontecimentos de outubro de 1988. (REMAOUN, 2004c, tradução livre¹⁵)

Somente após 1988, a sociedade civil, a universidade, a imprensa, entre outros atores, assumem a produção de eventos e publicações sobre a guerra (REMAOUN, 2004c).

O artigo de Benjamin Stora (2004), chamado *L'Histoire de l'Algérie, sources, problèmes, écritures*, publicado também na Revista *Insaniyat* números 25-26, aborda a questão da herança colonial na historiografia francesa e os silêncios na historiografia argelina, refletindo sobre o problema dos arquivos argelinos e franceses. O autor, um dos mais conhecidos historiadores que se dedicaram à História da Guerra da Argélia, faz uma classificação das tendências historiográficas quanto a este tema: a historiografia colonialista, a do período entre-guerras, a “descolonização” da História e a historiografia do pós-Independência. Stora (2004) por fim, reflete sobre as possibilidades que surgem com a abertura dos arquivos¹⁶

15 “C’est le cas, bien entendu, aussi en Algérie, même si le potentiel d’auteurs et de maisons d’édition a longtemps été relativement réduit, et que le rapport ici de la société et des institutions étatiques à la guerre d’indépendance et leurs visions ne pouvaient qu’être différents de ceux qui peuvent prévaloir dans ce qui fut la métropole. En fait, en Algérie même et depuis la proclamation de l’indépendance, des efforts avaient bien été tentés en ce sens, quoique fort encadrés dans le cadre des séminaires et témoignages organisés par le ministère et l’organisation des Moudjahidines avant que des institutions telles le Centre national des études historiques (CNEH), puis le Centre national des études sur le Mouvement national et la Révolution de novembre 1954 (CNERMNR 54) et, plus tardivement, l’Université, la presse, les acteurs, la société et l’édition ne prennent la relève qu’après les changements socio-politiques intervenus dans le pays à la suite des événements d’octobre 1988.” (REMAOUN, 2004c).

16 Segundo Stora (2004, tradução livre), há um quadro positivo de produção histórica “[...] graças à abertura de arquivos, especialmente na França. A partir de 1992, os arquivos foram abertos: os arquivos militares em Vincennes, mas também os arquivos da ECPA [Établissement de communication et de production audiovisuelle], arquivos fotográficos do exército francês e que constituem um gigantesco fundo de 300.000 documentos”. No original: “[...] grâce à l’ouverture d’archives, en particulier en France. À partir de 1992, les archives ont été ouvertes: les archives

franceses referentes a Guerra da Argélia.

A historiografia colonialista buscava legitimar o poder colonial francês, tentando provar uma suposta conexão histórica entre França e Argélia, entre o Europa do Sul e África do Norte, anterior a 1830, ano da conquista, que teria sido solapada pela expansão islâmica. Voltando ao Império Romano e à presença do cristianismo na África do Norte, esse tipo de narrativa visava justificar a colonização. No período entre-guerras, duas obras se destacam: a de Moubarek el-Mili, publicada em 1928, desconhecida pelos historiadores franceses; e de Charles André Julien, no final dos anos de 1930, que buscou desmistificar as narrativas colonialistas almejando uma História da Argélia que emanasse dentro de sua própria realidade histórica (STORA, 2004).

Quanto à tendência “descolonizadora”, ela se manifesta em termos historiográficos após a II Guerra Mundial:

Após a Segunda Guerra Mundial, a Argélia foi marcada pelos eventos de maio de 1945, que afetaram principalmente Setif e o leste do país. Foi um imenso trauma coletivo para toda sociedade, traduzido em diferentes planos e modulado em diferentes registros, particularmente na literatura. Para Kateb Yacine, por exemplo, podemos falar de uma fratura fundadora (STORA, 2004, tradução livre¹⁷).

A fratura fundadora é o momento irreversível, explícita com extrema violência que a assimilação do colonizado não passa de uma ilusão e que o colonizador age violentamente, pois não percebe na alteridade a sua própria humanidade mas sim, uma brutal animalidade. No entanto, os ventos da libertação nacional sopram na África e na Ásia, transformando o discurso histórico em prol de uma historiografia conectada com os novos tempos (STORA, 2004).

No período pós-Independência da Argélia, ocorre um desinteresse e abandono em termos de pesquisa histórica francesa sobre a guerra. Stora (2004, tradução livre¹⁸) faz um importante questionamento sobre este período pós-1962, em termos

militaires à Vincennes, mais aussi les archives de l'ECPA, archives photographiques de l'armée française et qui constituent un fonds gigantesque de 300000 documents.”.

17“Après la seconde guerre mondiale, l'Algérie est marquée par les événements de mai 1945, qui ont touché principalement Sétif et l'Est du pays. Ce fut pour toute la société un traumatisme collectif immense, se traduisant sur différents plans et se déclinant sur différents registres, en particulier dans la littérature. Pour Kateb Yacine, par exemple, on peut parler de fracture fondatrice.[...]”

18 “En Algérie, après l'indépendance, le rapport à l'histoire se complexifie, marqué par des événements fondateurs et des fractures essentielles, comme celle du rapport à la guerre: comment l'inscrire dans une histoire de longue durée, dans l'histoire immédiate, alors que les acteurs du champ politique sont également les acteurs de l'histoire? D'autre part, concernant l'histoire de la guerre d'indépendance, les autorités algériennes, après la crise de juillet 1962, ont fait un certain nombre de

de produção historiográfica argelina:

Na Argélia, após a independência, a relação com a história se torna mais complexa, marcada por eventos fundadores e fraturas essenciais, como a relação com a guerra: como colocá-la em uma história de longa duração, na história imediata, enquanto os atores do campo político também são os atores da história? Por outro lado, em relação à história da guerra de independência, as autoridades argelinas, após a crise de julho de 1962, fizeram várias escolhas. Em particular, a criação de um imaginário bélico como referência última. Isso permitiu ocultar a dimensão política do combate, dos atores e dos eventos. A referente guerreiro dominou o campo intelectual e o campo político, produzindo um esquecimento impossível. A existência de uma amnésia impossível particulariza, acima de tudo, a sociedade argelina em suas relações com esta guerra. Essa ocultação, que visava a legitimar os poderes estabelecidos na Argélia, a partir de agora atingiu historicamente seus limites. Há algum tempo, mesmo dentro das instituições, nas universidades argelinas, as obras dos historiadores rompem esse cerceamento do campo histórico.

A questão levantada no trecho supracitado, sobre o ocultamento da dimensão política da luta em prol do elemento militar pode ser explicada pela ascensão dos chefes do ELN, representados, principalmente pela figura de Houari Boumédiène, que derrubou Ben Bella, em 1965, através de um golpe.

choix. En particulier, celui de la mise en place d'un imaginaire guerrier comme ultime référence. Cela a permis l'occultation de la dimension politique du combat, des acteurs et des événements. Le référent guerrier a dominé le champ intellectuel et le champ politique, produisant un impossible oubli. L'existence d'une amnésia impossible particularise, par-dessus tout, la société algérienne dans ses rapports à cette guerre. Cette occultation, qui visait à légitimer les pouvoirs établis en Algérie, a désormais historiquement atteint ses limites. Depuis quelque temps déjà, à l'intérieur même des institutions, dans les universités algériennes, les travaux d'historiens ont brisé cet encerclement du champ historique."



Figura 1 - Ahmed Ben Bella e Houari Boumédiène e antes da crise que derrubou o primeiro e elevou o segundo ao poder. Fonte: Wikimedia Commons.

Com a crise argelina e o fim do sistema de partido único em 1988, uma importante mudança ocorreu na produção historiográfica. Protagonistas que estavam às sombras, devido a seus conflitos com a FLN, tanto ex-militantes da própria organização, como representantes de outras organizações, como os messalistas, puderam confrontar seus depoimentos, testemunhos e visões históricas, enriquecendo o debate entre memória e história da Guerra de Libertação Nacional. Além disso, os conflitos disseminados na Argélia dos anos de 1990, obrigou a uma análise histórica, uma genealogia da violência (STORA, 2004).

No final de seu artigo, Stora (2004, tradução livre¹⁹) reflete sobre o ofício do historiador, defendendo que: "O trabalho histórico se abre, sobre a possibilidade da passagem de uma memória comunitarizada para uma memória comum, na França, e entre historiadores argelinos e historiadores franceses". A crítica de uma história mutilada e muitas vezes falsificada em prol de objetivos políticos, a dialética entre o mito e o contramito, a narrativa e a contranarrativa, só podem ser supra-sumidos

¹⁹"Le travail historique ouvre sur la possibilité du passage d'une mémoire communautarisée à une mémoire commune, en France, et entre historiens algériens et historiens français."

através do acesso aos arquivos, interpretados a luz de metodologias adequadas pois "A história não tem nacionalidade, é obra de historiadores que possuem ferramentas, referências que podem ser arquivos escritos, testemunhos" (STORA, 2004, tradução livre²⁰).

2.2 As condições impostas pela colonização a francesa

O território argelino antes da invasão e ocupação francesa, em 1830, pertencia ao Império Turco, e logo após a conquista, organizam-se grupos rebeldes que resistiam aos invasores europeus. O que se designou como território argelino, é um processo de disputa pelo passado que se desdobra em realidades políticas e territoriais. Tudo isso denota as contradições do que se traduz como a invenção de um povo, tanto para a narrativa colonialista francesa quanto para a contra-narrativa da FLN em luta.

O projeto de nação ainda estava pouco claro. Parte da população não tinha o árabe por língua materna, a exemplo dos habitantes da Cabília que participavam ativamente na guerra. Além disso, a Argélia nunca tinha tido existência territorial, o que tornava a unidade cultural o único fundamento possível da nova nação. A cultura era encarada também como instrumento para provar que o país possuía história e civilização próprias, reunindo os principais atributos de uma nação, segundo a própria definição francesa. A transformação da revolta em revolução se fundamentava na exaltação de diferença linguística, religiosa, cultural." (ARAUJO, 2017, p. 413)

O emir Abd El Kader, que despertava o espírito de luta nas tribos e organizava a resistência no interior: só foi capturado em 1847. A resistência causou um aumento efetivo no envio de tropas francesas – dos 37 mil iniciais chegou-se ao número de 108 mil soldados (POERNER, 1966). Dois anos antes, em 1845, numa onda de enorme repressão, os franceses, liderados pelo general Pélissier, utilizavam-se da tática de "terra arrasada", queimando plantações e aldeias; nas grutas de Dahra eles mataram mil árabes asfixiados pela fumaça (FERRO, 1996), o genocídio como método de conquista será uma das armas do colonialismo francês.

No ano de 1865, ocorre a anexação oficial da Argélia pela França. A Argélia sob o jugo do colonialismo francês, tornou-se uma colônia de (des)povoamento onde o processo de desapropriação das terras atacou as bases agrícolas dos argelinos,

²⁰"L'histoire n'a pas de nationalité, elle est l'œuvre des historiens qui disposent d'outils, de références pouvant être des archives écrites, des témoignages."

processo esse instituído pela *Lei Warnier* de 1873 (LIPPOLD, 2005). Segundo Sartre (1968, p.27), no ano de “[...] 1850, o domínio dos colonos era de 11 500 [0]²¹ hectares. Em 1900, de 1 600 000; em 1950, de 2 703 000”. A desapropriação pela violência, criação de um estado de exceção e inferiorização pelo racismo, são pilares de suma importância para reprodução sócio-metabólica do colonialismo. Sartre (1968, p.25) ressalta que, em 1884 houve “[...]o estabelecimento da União Aduaneira. Esta União permanece [1954]: ela assegura o monopólio do mercado argelino a uma indústria francesa em situação desvantajosa no mercado internacional por seus preços muito elevados.” No período entre-guerras continuava o processo de expropriação das terras dos nativos argelinos em prol dos colonos, iniciado no século XIX e legalizado pela *Lei Warnier* de 1873.

Entre 1927 e 1932, a viticultura ganhou 173 000 hectares, dos quais, mais da metade foi tomada dos Muçulmanos. Ora, os Muçulmanos não bebem vinho. Nessas terras que lhes roubaram, eles cultivavam cereais para o mercado argelino (SARTRE, 1968, p.27).

Após fundar a Estrela Norte Africana (ENA), Messali Hadj ajuda na criação do Partido do Povo Argelino (PPA). O PPA gerou a

[...]O.S. (Organization de Sécurité), um tipo de entidade paramilitar, organizada em células, que teria atuação importantíssima no desencadeamento da luta armada, quando já escasseavam os liames que a uniam ao P.P.A. (POERNER, 1966, p.29).

No dia 8 de maio de 1945, enquanto os aliados comemoravam a vitória sobre o Eixo na II Guerra Mundial, ocorriam na Argélia os conflitos nas cidades de Sétif e em Ghelma, gerados pela demanda do povo argelino por independência, “as forças francesas massacraram aldeias inteiras, o que ajudou em grande parte o caminho para a luta armada” (LIPPOLD, 2005, p.4). O grande esforço dos argelinos em apoiar a luta contra o nazismo na França e na África do Norte, tendo baixas de 65 mil argelinos, não efetivou a tão sonhada e prometida independência.

Então, os argelianos saíram às ruas para comemorar o Dia da Vitória, a 8 de maio de 1945. A demonstração a princípio pacífica foi interrompida pela intervenção inesperada do exército francês, auxiliado pelos soldados senegaleses. A permissão de abater muçulmanos nas ruas foi estendida aos colonos, que se emularam com a Legião Estrangeira no saque e no assassinato. O ódio, misto de medo, dos colonos tornou incontável a sublevação armada em Sétif e Ghelma, onde o povo revidou o massacre, atacando alguns centros de colonização. (POERNER, 1966, p.24)

21 Inserir um [0] pois na tradução brasileira (SARTRE, 1968) há um erro: não são 11.500 hectares mas sim **115 000**, segundo a edição espanhola.

Ainda é presente a lembrança desses acontecimentos, principalmente a recordação dos fornos de cal, onde aos franceses colocavam os cadáveres dos argelinos abatidos. O escritor argelino, Kateb Tacine (apud POERNER, 1966, p.25), deixou-nos um relato sobre sua experiência em Sétif:

Foi em 1945, em Sétif, que meu humanitarismo defrontou, pela primeira vez, o mais atroz dos espetáculos. Eu tinha 16 anos. O choque que senti ante a implacável carnificina que provocou a morte de milhares de muçulmanos, eu jamais esqueci. Lá se cimentou meu nacionalismo. Houve, certamente, outros fatores: a alienação econômica e política, por exemplo. Mas, foi, sobretudo, esse desmentido a tudo que se nos ensinou que me abriu bem os olhos...

Essa fratura fundadora marcará profundamente o povo argelino, que ainda assim acreditava nas vias legais como meio possível de alcançar a independência ou como, pelo menos, como meio de apaziguar as agruras da violência colonial na Argélia.

2.3 A Falência das vias legais e a gênese da FLN

“Não há mais outra solução, afora as metralhadoras.”
Ferhat Abbas

Um ano após os conflitos em Sétif, foi criada por Ferhat Abbas a UDMA (União Democrática do Manifesto Argelino), buscando concorrer nas eleições em 1946 (LIPPOLD, 2005). Seu objetivo era uma República Argelina ligada à União Francesa, onde a Argélia não teria autonomia quanto à política e defesa externas (POERNER, 1966). Os argelinos ainda acreditavam em uma mudança democrática e apostavam sua força política nos pleitos eleitorais.

É bem verdade que, também do P.P.A., brotou o M.T.L.D. que, no início, estendia o manto da legalidade sobre as atividades clandestinas da O.S.[...] o M.T.L.D. (Movimento pelo Triunfo das Liberdades Democráticas), última encarnação pré-novembro de 1954 das diversas associações e partidos nacionalistas dirigidos por Messali Hadj, se via, também, impossibilitado de definir seus objetivos e de elaborar uma linha de ação que conduzisse à independência.[...] O surgimento do M.T.L.D. não implicou no desaparecimento do P.P.A.[...]” (POERNER, 1966, p.27-29)

Nas eleições de 1948, os franceses utilizam-se da violência para impedir que candidatos pró-independência chegassem ao poder. Por trás do discurso democrático, escondia-se a face real da opressão colonial; sem hesitar, no momento

da emergência dos candidatos do MTLD, os franceses prenderam a maioria destes²². Além disso:

[...]confiscaram jornais, proibiram reuniões públicas, incumbiram a polícia de presidir as eleições em algumas localidades, não fizeram a distribuição de títulos eleitorais em muitas regiões e, em outras ainda, violaram as urnas antecipadamente. Tudo isso sob os auspícios da Força Aérea que efetuava vôos rasantes sobre as aldeias, para assustar e advertir a população, e do Exército, que se valeu das metralhadoras como instrumentos de propaganda eleitoral, inclusive fazendo vítimas entre o eleitorado.” (POERNER, 1966, p. 31)

O nacionalismo argelino estava cada vez mais convencido que a via legal de emancipação estava esgotada, ou melhor, nunca teve espaço para se desenvolver por causa da violenta repressão francesa. A França, tão propalada por sua defesa dos ideais de 1789, mostrou que quando se trata de colonialismo, a democracia é somente um discurso vago, um encobrimento dos mecanismos reais das relações entre colonizados e colonizadores. A Argélia pertencia à França, mas não podia partilhar do sistema democrático-liberal francês.

Com o amadurecimento do movimento anticolonial argelino, surgem antagonismos e divisões nas fileiras nacionalistas. O MTLD acaba por rachar em dois grupos: os messalistas e os anti-messalistas, enfraquecendo a organização da luta pela independência. Durante a guerra de independência, as particularidades dentro do movimento anticolonial

[...]leva os veteranos da O.S. “Ben Boulaïd, Didouche Mourad, Ben M’hidi Larbi, Boudiaf, Bitat e Belkacem, na Argélia, Mohamed Khider, Aït Ahmed e Ben Bella, no Cairo – conhecidos na História da Argélia como os *nove chefes históricos*[...]” a firmar um acordo onde se renunciava às rivalidades anteriores. (POERNER, 1966, p.35)

Estes chefes históricos criam, em 1954, o Comitê Revolucionário de Unidade e Ação (CRUA) que será a base para a criação da FLN e o seu braço armado, o ELN.

22 “No pleito legislativo de 1948, por exemplo, 32 dos 59 candidatos apresentados pelo M.T.L.D. foram presos e condenados a seis meses de reclusão e ao pagamento de 700 mil francos de multa, o que levaria Mohamed Yazid em 13 de novembro de 1958, na qualidade de delegado da F.L.N., nos Estados Unidos, a escrever ao *New York Times*, respondendo ao editorial em que o órgão mais representativo da imprensa liberal norte-americana afirmava que os revolucionários haviam perdido uma oportunidade de encerrar o conflito na Argélia: *Levar em consideração a oferta do general De Gaulle significa que abandonamos a luta e que aceitamos que a questão argeliana seja pautada pelo quadro de um sistema legal francês. Em 1948, nós éramos 59 candidatos nacionalistas à Assembléia. Esperávamos atingir nosso alvo pela via dos meios constitucionais franceses. O resultado? Mais de 30, entre nós, foram detidos durante a campanha eleitoral e mantidos encarcerados durante anos. A relação desses candidatos presos se aproxima daquela dos dirigentes atuais da revolução argeliana*”(POERNER, 1966, p. 30).

A proclamação de 1º de novembro de 1954 (apud POERNER, 1966, p.47) lançava os ideais da FLN:

FINALIDADE: Independência nacional:

1. Pela restauração do Estado argeliano soberano, democrático e social dentro do quadro dos princípios islâmicos.
2. Pelo respeito de todas as liberdades fundamentais sem distinção de raças ou credos.

OBJETIVOS INTERIORES:

1. SANEAMENTO POLÍTICO, pela recolocação do movimento nacional revolucionário no seu verdadeiro rumo e pela extinção de todos os vestígios de corrupção e de reformismo, causa de nossa regressão atual.
2. CONGREGAÇÃO E ORGANIZAÇÃO de todas as energias sãs do povo argeliano pela liquidação do sistema colonial.

OBJETIVOS EXTERIORES:

1. Internacionalização do problema argeliano.
2. Concretização da unidade norte-africana dentro de seu quadro natural arábico-muçulmano.
No plano da Carta das Nações Unidas, fortalecimento de nossa simpatia ativa no que diz respeito a todas as nações que apoiarem nossa ação libertadora.

A Finalidade seria alcançada pela articulação dos Objetivos Interiores e Exteriores, que serão a espinha dorsal da atuação política e militar da FLN, expressada constantemente através dos editoriais e artigos do órgão oficial da organização: o jornal *El Moudjahid*.

2.4 A Conferência de Soummam

A Conferência de Soummam, ocorrida em 1956, foi considerada um divisor de águas na mudança de uma visão centrada na ação militar para outra calcada na ação política, buscando apoio internacional; é nesse momento que se fortalece a importância do jornal *El Moudjahid*. Na primeira metade do ano de 1956, muitos problemas se manifestam no interior da FLN: divisões internas entre os líderes, quanto ao papel do elemento militar e do político; tensões pessoais e ideológicas causam desacordos entre lideranças dispersas no interior da Argélia e os situados no exterior, no Cairo; problemas de comunicação entre as seis *willayas*, os departamentos militares do ELN na Argélia, e suas autônomas experiências de combate (STANTON, 2011).

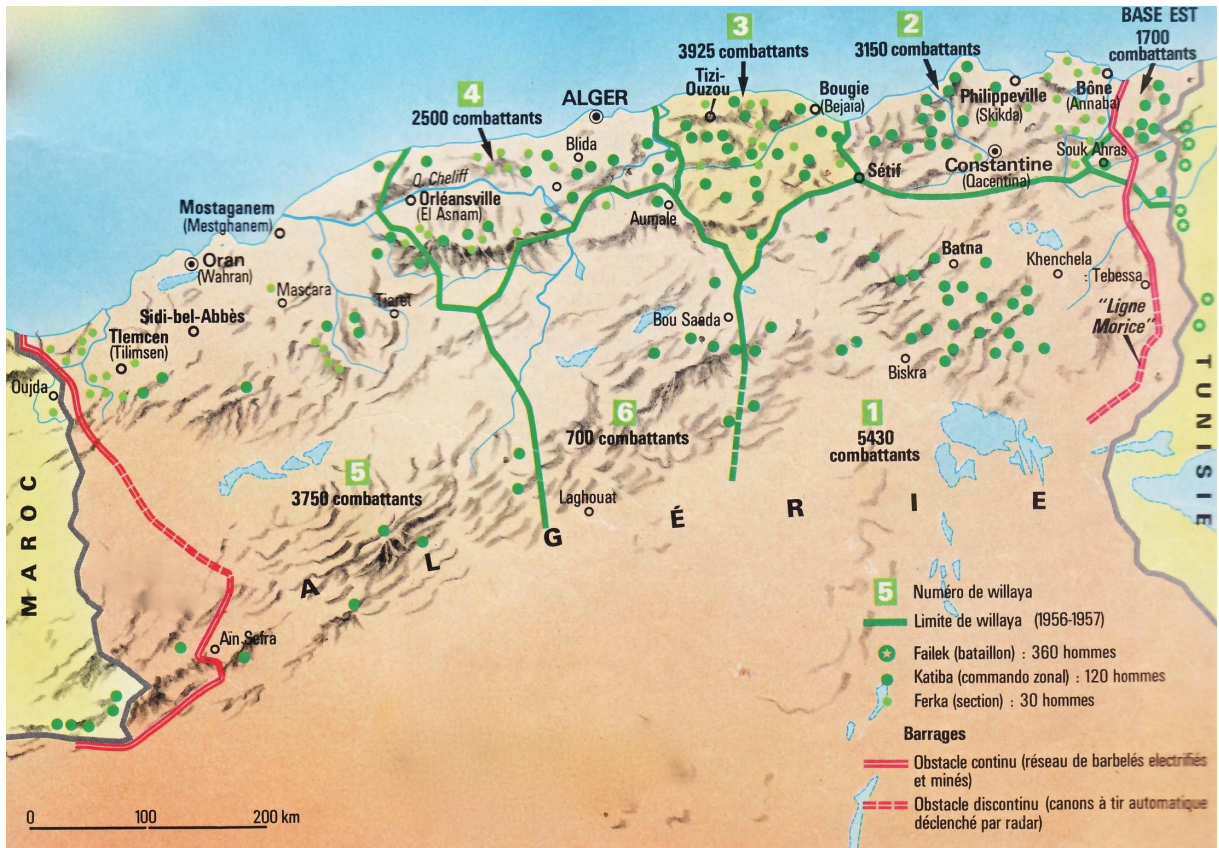


Figura 2 - Mapa das seis willayas consolidadas na Conferência de Soummam, em 1956. Fonte: Wikimedia Commons.

O mapa acima é muito rico em informações, vê-se, por exemplo, os nomes das divisões militares. O failek, batalhão de 360 soldados; o katiba, comando zonal de 120 homens; *ferka*, com 30 soldados. O ELN tinha seis departamentos (willayas) e cada willaya foi dividido em zonas, que por sua vez eram divididas em regiões e setores (EM, 1962, p. 61). Conforme o mapa, vê-se a eletrificada Linha Morice, na fronteira com a Tunísia e as chamadas Willayas históricas (1954-1962): Willaya I – Aurès; Willaya II – Nord Constantinois; Willaya III – Kabylie; Willaya IV – Algérois; Willaya V – Oranie; Willaya VI – Sahara. A consolidação das seis Willayas históricas e o fortalecimento de sua comunicação, ocorreu na Conferência de Soummam.

Ficou explícito para alguns líderes da FLN, articulados por Abbane Ramdane, que somente com a luta militar, não seria possível alcançar a vitória contra o colonialismo francês. Também havia, um forte sentimento de falta de hierarquia e desorganização em termos de concatenação dos comandos do ELN, o que gerava um grande perigo não só para a libertação nacional, como para um eventual pós-independência. Para despistar a atenção dos franceses, o ELN lança vários *raids* ao

mesmo tempo, enquanto os representantes da FLN se concentram no Vale de Soummam (STANTON, 2011).

A não participação de Ben Bella e dos outros líderes do exterior, criou cisões no interior da liderança da FLN, tendo consequências importantes, inclusive no futuro afastamento de Ramdane e seu assassinato por ordem de coronéis do ELN, morte que segundo o discurso oficial da organização, teria ocorrido em combate contra os franceses.

Alguns meses após a vitória política de Ramdane sobre Ben Bella em Soumman, esse último é capturado pelos franceses, no dia 22 de outubro de 1956, após decolar de Rabat, junto com Boudiaf, Khider, Aït Ahmed e o historiador Mostefa Lacheraf. O sequestro do avião que transportava três chefes do exterior, Ben Bella, Boudiaf Khider e Aït Ahmed, efetivado pela inteligência francesa, ocorre em um momento de grande tensão no interior da FLN, que estava longe de ser um bloco monolítico (MACEY, 2012).



Figura 3 - Sequestro dos líderes do FLN (da esquerda para a direita: Mohamed Khider, Mostefa Lacheraf, Hocine Aït Ahmed, Mohamed Boudiaf e Ahmed Ben Bella). Foto tirada após a sua prisão em 22 de outubro de 1956. Fonte: Wikimedia commons.

A plataforma estabelecida em Soummam foi um momento de mudança na estratégia da FLN e um novo estágio no seu desenvolvimento como organização, criticando a autoridade hiperdimensionada dos militares do ELN, produzindo bases para a ação política e diplomática como meio de alcançar a independência, através

da internacionalização do conflito, utilizando órgãos internacionais como a ONU e a Liga Árabe. A tese defendida por Ramdane é que a FLN precisa construir-se como movimento nacional apoiado pelo povo argelino, nesse sentido a propaganda política será alçada como prioridade fundamental: urgia melhorar os veículos de comunicação, o uso do rádio e da mídia impressa, inclusive aumentar o alcance do jornal *El Moudjahid* (STANTON, 2011).



Figura 4 - Foto em Ouzana, Wilaya IV em maio de 1956. Da esquerda para a direita: Abane Ramdane, Bazi Safia, Mesli Fadhila, Belmihoub Meriem e Amara Rachid, a caminho da Conferência de Soumman. Fonte: Wikimedia Commons.

Logo após a Conferência de Soummam, datada de 20 de agosto de 1956, foi lançada uma edição especial, número 4 do jornal *El Moudjahid*, onde as decisões da nova plataforma política foram expostas. Extratos da Plataforma de Soumman foram publicados na edição especial número 4 do *El Moudjahid* (1962, v.1, p.57-81). Na versão reeditada na Iugoslávia, há uma introdução da primeira edição e outra da segunda edição e posteriormente uma *Proclamation au peuple algerien – aux Militants de la Cause Nationale*, com os objetivos exteriores e interiores da FLN,

seus meios de luta e algumas contra-partidas que prometem a segurança e a possibilidade de escolha pela nacionalidade argelina, pelos franceses que ficarem na Argélia pós-independência. No editorial dessa edição, aparecem comentários sobre o sequestro do avião que transportava Ben Bella, Ait Ahmed, Khider, Lacheraf e Boudiaf, exaltando que, mesmo prendendo líderes, o Conselho Nacional da Revolução Argelina (CNRA) continuava a sua ação, pois a Revolução não estaria atrelada a lideranças individuais, mas sim a um sujeito coletivo. Comenta a inscrição da questão argelina na Assembleia Geral das Nações Unidas em 1955 e a importância de internacionalizar as denúncias dos crimes de guerra da França em solo argelino (EM, v. 1, 1962, p. 58). A Plataforma de Soummam ficou dividida em três partes: a situação política atual, as perspectivas gerais e os meios de ação e propaganda (EM, v. 1, 1962, p.61). Fazendo uma análise de conjuntura, incluindo questões internacionais, exaltando a eficácia da ação da FLN e do ELN, também ocorre um ataque aos messalistas do MNA e aos comunistas do Partido Comunista Argelino (PCA) que não aderiram a causa da independência, devido a sua ligação com o Partido Comunista Francês (PCF), que esperava uma eventual revolução proletária na França para pensar na libertação da Argélia, condenando inclusive os meios utilizados pela FLN e ELN, principalmente o terrorismo como arma de luta. Segundo a FLN, os comunistas estavam ainda mergulhados no mito da “Argélia francesa” (EM, v. 1, 1962, p.64).

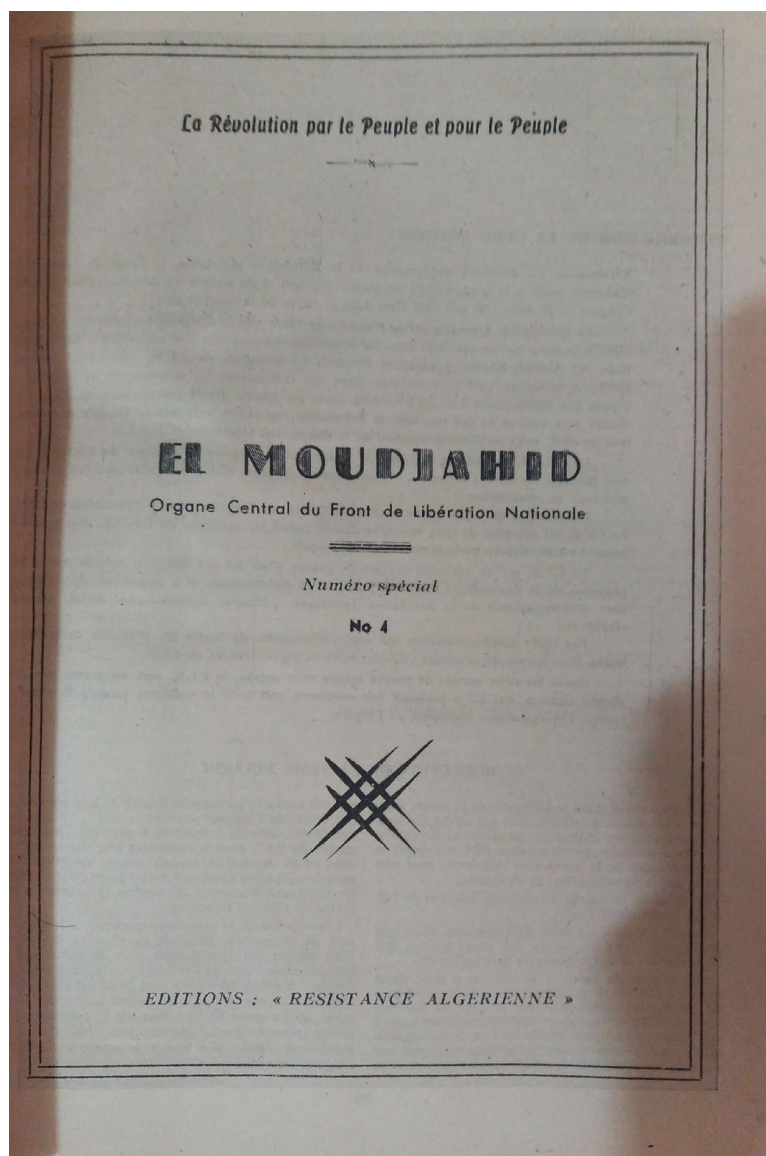


Figura 5 - Capa do El Moudjahid n.4 – Reedição.

O terceiro item, *Moyens D'Action et de Propagande* (EM, 1962, v.1, p.67), foca na importância de publicar brochuras e documentos da FLN, para formar e desenvolver os quadros revolucionários, penetrando em cada cidade, bairro, escola, universidade, etc. Nesse sentido, o que cabe é criar a materialidade para produzir a propaganda, ou seja, centros de impressão e produção da FLN (EM, 1962, v.1, p.67). Logo adiante, vê-se análises das classes sociais, o papel crucial do campesinato e os limites do movimento operário em solo argelino, o movimento dos jovens e o papel dos intelectuais e dos profissionais liberais, dos comerciantes e artesãos e a questão da luta feminina nos quadros da FLN e do ELN. (EM, v. 1,

1962, p.68-70). Quanto ao papel dos intelectuais, eles devem formar comitês de ação em prol da produção e difusão de propaganda pela Independência da Argélia, inclusive buscar o contato com intelectuais franceses, potencialmente aliados da Revolução (EM, v. 1, 1962, p.69).

Além da decisão de tornar públicos os nomes dos órgãos de direção da F.L.N., o Congresso de Soummam estabeleceu, ainda, a criação de uma assembléia, o C.N.R.A. (Conselho Nacional da Revolução Argeliana), e de uma executiva, o C.C.E. (Comite de Coordenação e de Execução), novos organismos dirigentes da Revolução, em que se observava o princípio da direção colegiada, agora novamente consagrado com a derrubada de Ben Bella[...] Dotando o aparelho F.L.N. - A.L.N. de estruturas, de uma plataforma e de uma direção, o Congresso de Soummam constituiu a primeira tentativa de uma concepção ideológica coerente da Revolução, apesar de não terem participado dele os representantes do Aurès, do oeste da Argélia e da delegação da F.L.N. no exterior. Essa não participação seria invocada, mais tarde, como causa das divergências surgidas no interior do C.C.E. e da crise interna que acometeu a F.L.N. em 1957. (POERNER, 1966, p.77-78)

A partir da Conferência de Soummam, em 1956, a importância da comunicação e da propaganda cresce e torna-se uma prioridade política, assim o jornal *El Moudjahid* recebe um novo investimento e expressa esta virada crucial da ênfase no elemento militar para o elemento político, tantas vezes ocultado, inclusive na historiografia oficial argelina do pós-1962.

2.5 A Batalha de Argel

A importância histórica da Guerra da Argélia, em termos de circulação de ideias, possui dois pólos antagônicos: por um lado laboratório de experiências para revolucionários e por outro, para a contrainsurgência colonialista francesa. Após a derrota francesa e a divisão do Vietnã, os Estados Unidos, observando a debilidade do Vietnã do Sul em resistir ao crescimento da simpatia pelos ideais do Norte, resolveu intervir diretamente, contra o avanço das células vietcongues no sul: a potência imperialista resolveu impedir a queda da Ásia diante do inimigo comunista, segundo a “Teoria do Dominó” proferida por Eisenhower. As conexões entre o *know-how* militar francês e o estadunidense no Vietnã fortaleceram-se com a intervenção dos Estados Unidos: logo instrutores militares franceses iriam atuar em Fort Benning, e Paul Aussaresses, em Fort Bragg a partir de 1961 e inclusive na famosa Escola das Américas no Panamá (ROBIN, 2004).

A originalidade da doutrina francesa, fruto de uma profunda reflexão sobre

sua derrota, seria a de conjugar diversas culturas estratégicas e oferecer um sistema de reflexão heterogêneo. Esse sistema, baseado numa teoria sólida de enquadramento e organização da sociedade, encontraria um grande sucesso e se consolidaria como um dos principais elementos de exportação do Exército francês. Conscientes desse interesse, os responsáveis militares franceses traçaram um projeto de expansão comercial baseado na difusão dessa doutrina. Mas seu sucesso foi relativo e cada país adotou pontos específicos da ideologia francesa. De forma que o Quai d'Orsay e a divisão de serviço de inteligência e relações internacionais do Exército francês desenvolveu uma nova estratégia, baseada na venda de equipamentos adaptados à nova doutrina de guerra. Assim à política mercantil foi conjugada a expansão da doutrina. (ARAÚJO; MARIN, 2008, p.3).

Coube ao Tenente Coronel Roger Trinquier (1976), sistematizar a nova concepção em seu livro *A Guerra Moderna*, que se tornou um dos clássicos da chamada “era da contrainsurgência”, junto com: *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice* de David Galula (1964). A experiência da derrota na Indochina, em Dien Bien Phú, no ano de 1954, fez o exército francês refletir sobre os motivos do seu fracasso na guerra colonial, empreendida contra o povo vietnamita. O momento de experimentar suas novas estratégias e táticas foi a Guerra da Argélia, mais precisamente na Batalha de Argel, em 1957, quando as tropas francesas aplicaram a chamada “guerra moderna” que seria o título do livro de Trinquier (PADRÓS, 2005, p.628-635).

Segundo Benedetti (2012)

La primera experiencia relevante contrainsurgente se debe situar en Argelia durante el proceso de descolonización llevado a cabo por el Frente de Liberación Nacional. Con la experiencia de haberse retirado derrotados de Indochina, Francia se encarnizó en conservar su “Provincia” del magreb. Tal vez el manual que mejor ha expresado el pensamiento contrainsurgente de dicho periodo es el elaborado por Roger Trinquier.

Foi usado como material de estudo por militares dos Estados Unidos, Argentina e Brasil, juntamente com o filme *A Batalha de Argel*, que se tornou obrigatório nas aulas sobre guerra contrarevolucionária, guerra não-convencional. O filme também foi usado no século XXI como material didático para treinar oficiais para as Guerras do Iraque e Afeganistão, em suma para a “Guerra ao terror” ou “Guerra de Quarta geração”. O mundo nascido após o atentado ao World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, parece levar os militares e intelectuais do *think tank* ligado ao complexo militar-industrial estadunidense, visitar e repensar os clássicos da contra-insurgência, como os livros de Galula (2005; 1964) para as operações militares no Iraque e no Afeganistão e o conceito de Guerra ao Terror. Não é à toa que a exibição do filme *A Batalha de Argel* (1966), era (é?) obrigatória em West

Point, pois ensina aos militares estadunidenses lições sobre o funcionamento de organizações que se utilizam do terrorismo e sobre métodos pertinentes de combate a elas. *A Batalha de Argel (1966)*, filme político e crítico ao colonialismo francês, tornou-se, contraditoriamente, material didático de formação para militares nas Américas, que buscavam nas imagens de Pontecorvo, no roteiro de Solinas, os aspectos da organização da Frente de Libertação Nacional argelina, oriundas do texto original de Yacef Saadi.

Há uma cópia nova, exibida nos cinemas americanos no começo do ano e à venda em DVD.[...] o Escritório de Operações Especiais e Conflitos de Baixa Intensidade do Pentágono (é preciso traduzir o jargão?) vê outras razões para promover o clássico de *agitprop* de 1965 do diretor italiano Gillo Pontecorvo, que deu uma mão naquela trilha sonora eletrizante de Ennio Morricone. No e-mail convocando a tropa de analistas para a exibição privada, o Pentágono explicou que o filme pode ensinar “como ganhar a batalha contra o terrorismo e perder a guerra de idéias (BLINDER, 2004).

A atuação policial, com barreiras, invasões domiciliares e interrogatórios, que foram utilizadas pelos franceses e são mostradas no filme, parece se repetir no contexto iraquiano, principalmente após o escândalo dos torturados iraquianos, no entanto, em “[...] entrevistas que deram agora em 2004 [...] tanto o Yacef Saadi como Pontecorvo advertem contra as associações mecânicas com o Iraque. O filme vale por si, enraizado no seu tempo e no seu lugar” (BLINDER, 2004).

Tendo a Argélia como laboratório para suas novas teorias militates, Trinquier compara o efetivo francês em território argelino, em torno de 300 mil soldados, com a projeção do número de militantes da FLN, em torno de 30 mil, afirmando que se houvesse uma batalha convencional e aberta, em poucas horas o exército francês esmagaria os rebeldes, mas a guerra revolucionária coloca a população como elemento fundamental, através da clandestinidade.

Sabemos que una condición *sine qua non* de la victoria em la guerra moderna es el apoyo incondicional de la población. Según Mao Tse-Tung eso es tan esencial al combatiente como el agua al pez.[...]E la guerra moderna no nos enfrentamos a un ejército organizado de acuerdo com las líneas tradicionales, sino con un ejército algunas veces muy pequeño, pero consistente y efectivo, que trabaja en la clandestinidad dentro de la misma población, manipulado por determinada organización. A ése es al que hay que temer, y ése es el que hay que derrotar. (TRINQUIER, 1976, p. 34-35)

Então, o coronel francês introduz uma questão central para o contexto da guerra na Argélia: “El terrorismo, pues, es *un arma de guerra* que no puede ser por más tiempo ignorada, y mucho menos menospreciada. Para nosotros, es un arma

que merece ser estudiada detenidamente.” (TRINQUIER, 1976, p.44-45). De acordo com o Coronel Trinquier, o terrorismo é a principal arma de controle da população, por parte dos insurgentes.

Trinquier (1976) explica que o terrorismo é uma arma que não foi usada sistematicamente pelo Viet Mihn, pois a organização vietnamita obteve sucesso em implementar a guerra de guerrilhas. Cria-se o argumento central: o terrorista não é um criminoso comum, ele luta por uma causa ou ideal que acredita ser nobre. Apesar da semelhança com os soldados da guerra convencional, Trinquier (1976, p.51) diferencia o terrorista dos últimos, pois seu ataque seria covarde, mata mulheres e crianças e não dá o direito de defesa²³. O que diferencia o terrorista do aviador e do artilheiro, em suma, do soldado comum, é que os ataques empreendidos têm a possibilidade de defesa, o bombardeiro pode ser abatido pela artilharia antiaérea, o artilheiro pode ser morto pelas tropas defensoras, já o terrorista ataca de um modo que não permite a defesa. Assim, está montando o argumento que levará diretamente a justificativa do uso de tortura e de ações clandestinas pela doutrina francesa de guerra moderna: o terrorista não respeita as “leis” da guerra, portanto nós também não devemos respeitá-las, se quisermos vencer.

Uma das dificuldades da guerra moderna é a identificação do inimigo pois esse tipo de guerra é travada contra um inimigo difuso na população, escondido e clandestino. O que separa os dois lados não é uma linha convencional, uma fronteira, mas sim uma linha ideológica que deve ser descoberta através de métodos eficazes, onde o setor de inteligência e informação são a espinhal dorsal da guerra contrarrevolucionária. Trinquier (1976) expõe o que é uma organização clandestina e usa o esquema piramidal em células da FLN argelina como estudo de caso, e a Batalha de Argel é o grande exemplo de guerra moderna. O grande problema é que o inimigo interno, que nada como um peixe dentro das massas populares, beneficia-se do estado democrático de direito, da legalidade e mesmo antes de se declarar um estado de guerra, ele já está se preparando para o combate. Assim, apesar de

23 “Esto parece criticable. Pero, en una época de la historia em que el bombardeo de las ciudades abiertas es permitido y cuando dos ciudades japonesas fueron eliminadas de la faz de la tierra por la bomba atómica, cuando hubi apuro em terminar rápidamente la guerra em el Pacífico, no es possible reprochar al terrorismo que actúe em la forma que lo hace. Yassef Saadi, jefe de la Zona Autónoma de Argel, declaró de su arresto: “ Puse mais bombas em la ciudad porque no tenía aeroplano para tirarlas. Pero causé menos víctimas que la artillería o el bombardeo aéreo de nuestras pequeñas localidades. Yo estoy em guerra. Nadie puede criticarme por lo que hago”. (TRINQUIER, 1976, p.51).

defender a civilização ocidental e cristã, seus valores de liberdade, se quer ganhar, o militar deve pensar se não seria importante uma intervenção que molde a sociedade, tornando-a adequada à guerra moderna (TRINQUIER, 1976).

Devido aos métodos do inimigo, que agora é interno, está difuso na multidão, no povo, o coronel Roger Trinquier defende o uso de técnicas também não-convencionais. Em sua obra, *A Guerra Moderna*, evoca o exemplo da Batalha de Argel e os métodos usados por ele e seus paraquedistas franceses. Esses métodos estão calcados em um sistema de informação: a ação militar se confunde com uma ação policial, o interrogatório se torna o ponto nevrálgico no combate aos militantes da FLN, pois o grande ensinamento que os franceses aprenderam em Argel, em 1957 é de que a informação é a base da guerra contrarrevolucionária. Um sistema de informação sólido que esquadrinhe a sociedade e que identifique o inimigo. O interrogatório deve ser efetivo, em outras palavras, o uso da tortura é necessário, é uma arma de guerra (DUARTE-PLON, 2016). A justificativa da tortura é feita com um discurso unânime dos militares envolvidos: ela é usada para salvar vidas, pois os terroristas colocavam bombas e matavam inocentes, logo se eles não respeitam a Convenção de Genebra, nós também não podíamos respeitá-los como soldados comuns de guerra. Este argumento é constantemente evocado por Trinquier (1976) e Aussaresses (2001; 2008), entre outros oficiais que divulgaram e executaram o uso da tortura.

O estopim para o uso do terrorismo pela FLN, foi uma ação de ultracolonialistas: uma bomba é colocada por radicais anti-independência na Rua Thebes na Casbah, matando e ferindo dezenas de argelinos. Os grupos “contra-terroristas” serão as bases do ultracolonialismo e da OAS (*Organisation Armée Secrète*). A FLN decide se vingar e coloca três bombas, uma em um café francês, outra no aeroporto e outra ainda num bar. Devido a isso, ao descontrole da situação, são enviados os paraquedistas, que vinham derrotados da Indochina. Mesmo sendo comandados por homens que lutaram na Resistência Francesa, que foram torturados pela Gestapo, a tortura tornou-se o método por excelência dos franceses, pois a rede da FLN era do tipo piramidal, onde praticamente ninguém se conhecia, somente os chefes de setores. O chefe número 1 indicava dois militantes, cada um destes indicava mais dois, assim por diante, os subsetores não se conheciam entre si.

A França sempre considerou um tabú, os “acontecimentos na Argélia”, principalmente no que concernia aos métodos aplicados pelos militares franceses em solo argelino. O livro de Henri Alleg, *La Question*, denunciou, em 1958, ainda em plena guerra da Argélia, as torturas que haviam sido aplicadas em seu próprio corpo por torcionários franceses. Outro militante do Partido Comunista, Maurice Audin, teve o mesmo destino de milhares de desaparecidos que simplesmente sumiram, foram cinicamente apagados através das versões oficiais. Duarte-Plon (2016) compara o desaparecimento de Audin com o de Rubens Paiva, a morte de Larbi Ben M'Hidi com a de Vladimir Herzog. A base de seu livro, *A Tortura como Arma de Guerra: da Argélia ao Brasil*, foram suas entrevistas com Maria-Monique Robin, que lançou um livro e um documentário chamados *Escadrons de la mort: L'école française* de 2004. A autora do livro e documentário, a jornalista Marie Monique Robin tem em seu histórico muitos documentários premiados e polêmicos, *Voleurs d'yeux* de 1994, onde denunciava o tráfico de órgãos, dirigiu em 2008 o documentário *O Mundo de acordo com a Monsanto* e em 2009 *Tortura Made in USA*.

Segundo o documentário de Robin, o general argentino López Aufranc, fez um curso em 1957, na Argélia, sobre doutrina francesa. Alguns anos depois ocorreu o I Curso Interamericano de Guerra Contrarrevolucionária, em 1961, com participação de 14 países. O livro de Trinquier (1976) é traduzido e estudado por muitos oficiais instrutores. Alunos dos Estados Unidos participaram do curso, segundo Aufranc, os estadunidenses pouco sabiam de guerra contrarrevolucionária. Ao mesmo tempo, havia a tensão entre Estados Unidos e França, na disputa pelo mercado de armas e de ideias militares, na Argentina a presença francesa foi mais densa, mas ela se difundiu indiretamente por toda a América. As entrevistas com protagonistas dos regimes de segurança nacional estão recheadas de certezas fulgurantes, mas há os silêncios que dizem muito, assim como os silêncios e olhares perdidos de uma das figuras mais sinistras da história recente, que foi o General Paul Aussaresses, professor em Forte Bragg (sede das forças especiais) e talvez um dos mentores teóricos que embasaram ações como a Operação Phoenix no Vietnã do Sul, onde 20 mil civis foram mortos por esquadrões da morte, comandados pelo agente da CIA Robert Komer, assassinado posteriormente (ROBIN, 2004).



*Figura 6 - Divisão de Paraquedistas do General Massu desfilando em Argel - 1957.
Fonte: Wikimedia Commons*

Na Batalha de Argel, a rede de *fidaynes* de Yacef Saadi, Ali La Pointe e Djamil Bouried, atacava com bombas, granadas e rajadas de metralhadora, policiais e pontos civis na áreas dos *pied-noirs*. (MACEY, 2012). Respondendo aos ataques da FLN, a população enfurecida de *pied-noirs* linchava crianças árabes numa onda de ódio que levou à chegada da 10ª Divisão de Paraquedistas, comandadas pelo General Massu e entregue nas mãos de homens como o coronel Bigeard, o sombrio Ausserrasses e Trinquier. A derrota em Dien Bien Phú estava fresca na mente destes militares colonialistas, mas uma nova concepção de guerra surgia e a Batalha de Argel será o laboratório onde os carrascos franceses de Massu irão experimentar a contra-insurgência que seria conhecida como Doutrina Francesa ou Guerra Moderna, desenvolvida por militares como Trinquier e Lacheroy.



Figura 7 - Protagonistas da FLN na Batalha de Argel, 1957. Da esquerda para a direita, em pé: Djamila Bouhired, Yacef Saadi, Hassiba Bent-Bouali. Agachados: Samia Lakhdari, Omar, o sobrinho de Yacef Saadi, Ali la Pointe e Zohra Drif. Fonte: Wikimedia Commons

A atuação das forças militares francesas em um sentido policial, utilizando a tortura para extrair informações, visava reconstruir a organização piramidal de células em trios da FLN em Argel, onde nem mesmo os militantes pouco se conheciam, apenas o seu recrutador e os seus dois recrutados. Vê-se que o anonimato e a noção de sujeito coletivo eram elementos fundamentais na organização da FLN e dos moudjahidines, moussebilines e fidayines do ELN. A participação das mulheres argelinas nas ações da Batalha de Argel é outro ponto fundamental, inclusive analisado por Fanon em seu ensaio *Argelia se quita el velo* (FANON, 1976).

2.6 Fanon, um argelino

Em 1955, Frantz Fanon trabalhava como médico-chefe da Clínica de Blida-Joinville²⁴, onde desenvolvia uma socioterapia embasada em seus métodos

²⁴ Ortiz (2014, p. 443-445) estudou o itinerário político e intelectual de Frantz Fanon que “[...] Após trabalhar durante alguns anos na clínica de Saint Alban La Losère, em 1953 parte para Blida (Argélia), onde dirige o hospital psiquiátrico local. A mudança irá transformar-lhe a vida. Na Argélia ele entra em

revolucionários no tratamento psiquiátrico, muito influenciados por François Tosquelles. Engajado na luta anticolonial, costura seus primeiros contatos com os militantes nacionalistas argelinos, principalmente com Abbane Ramdane. Atuando perigosamente dentro de uma vida dupla, Fanon sofre a dicotomia de ser um médico empregado pelo Estado francês que, ao mesmo tempo, tratava de militares e torturadores franceses, como também – de modo clandestino - de militantes argelinos. Além do tratamento, ensinava técnicas de primeiros socorros a moudjahidines e desviava medicamentos necessários ao ELN (FAUSTINO, 2018).

A decisão de romper com o Estado francês, através do pedido de demissão²⁵ em 1956, significava para Fanon o fim de sua carreira em França ou nos departamentos ultramar; a saída seria clinicar em outros países africanos de língua francesa ou a mais lógica, trabalhar para a FLN. Ainda no mesmo ano, Fanon é “[...]convidado por Alioune Diop para falar no I Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros, organizado pela Revista *Présence Africaine*[...]” (FAUSTINO, 2018, p.83). O congresso, ocorrido em setembro de 1956, é um momento de intensa circulação de ideias de intelectuais com a presença de “[...]Leopold S. Senghor, J.A. Davis, Richard Wright, Alioune Diop, Jean Price-Mars, Aimé Césaire, Édouard Glissant, Louis T. Achille, entre outros.[...]” (FAUSTINO, 2018, p.84).

Em sua volta para a Argélia, Fanon recebeu uma carta de expulsão em janeiro de 1957 e então rumou para a França, fazendo uma breve visita à família de sua esposa Josie, em Lyon. Naquele momento, estar na metrópole era um alto risco para a sua segurança e de sua família (MACEY, 2012).

Ao receber a carta de expulsão, Fanon e Josie empacotaram rapidamente alguns livros, ajeitaram o pequeno Oliver, filho do casal, e rumaram para a casa da família de Josie, em Lyon, onde se encontraram com distintos

contato com o movimento de libertação, engajando-se na luta revolucionária. Devido a sua posição política, é expulso de Blida em 1957. Fanon parte então para a Tunísia, juntando-se aos militantes argelinos da Frente de Libertação Nacional. Ao lado do trabalho médico, desenvolvido no hospital psiquiátrico de Tunis, torna-se membro da equipe editorial de *El Moudjahid*, jornal que difunde as diretrizes políticas da FLN. O processo de politização tem implicações substantivas para seu pensamento. Os escritos desse período refletem o clima da guerra anticolonialista e em parte, mas não inteiramente, afastam-se das premissas fenomenológicas anteriores. Fanon aproxima-se do marxismo, e uma nova problemática emerge em seus textos: a questão nacional. O tema integra o “espírito da época”, pois os anos 1950 caracterizam-se sobretudo pela descolonização dos povos africanos e asiáticos. Dien-Bienphu e Bandung são datas-símbolo do declínio do colonialismo tradicional. A guerra da Argélia insere-se dentro deste movimento mais amplo. O nacionalismo árabe não se circunscreve ao mundo argelino; outros países, como a Síria, a Tunísia, o Egito de Nasser, firmam-se como nações independentes diante das antigas metrópoles. Dentro deste quadro, a questão nacional adquire toda sua relevância.”

25 A demissão foi solicitada por meio de uma carta ao ministro residente, que ficou muito conhecida após ser publicada no *Em Defesa da Revolução Africana* (FANON, 1980, p. 57-60).

Em Paris atuava o braço da FLN, a clandestina *Fédération de France*, que possuía a função de levantar fundos para a revolução, capitaneada por Salah Louanchi sob comando direto de Abane Ramdane. A organização em solo francês também travava combate contra os messalistas do MNA (MACEY, 2012). Assassinos políticos, degolas e centenas de ataques eram reportados nos jornais metropolitanos.

Ao partir, com documentos falsos providenciados por Francis Jaenson (FAUSTINO, 2018), Fanon nunca mais colocaria seus pés na França, seu destino agora estava ligado com a Argélia e o continente africano, não se sentia mais um francês e sim um argelino, um quadro engajado na luta anticolonial. Ele nunca mais publicaria artigos médicos em revistas francesas, mas sim em publicações tunisianas e marroquinas (MACEY, 2012).

Fanon sabendo do perigo de ser capturado, faz um caminho via Suíça e Itália, chegando em Túnis no dia 28 de janeiro de 1957, onde irá desempenhar funções de segurança interna da FLN, posteriormente atuando na clínica psiquiátrica e na redação do jornal *El Moudjahid*, que havia alçado sua importância após a Conferência de Soummam, em 1956, substituindo a publicação *Résistance Algérienne*. No mesmo momento em que Fanon chegava em Túnis, deflagrava-se a Batalha de Argel, tendo esse contexto impactado diretamente na produção do *El Moudjahid*, que teve suas prensas destruídas pelos franceses.

2.7 A Independência e o pós-Independência

Um dos temas desenvolvidos por Fanon em *Os Condenados da Terra* (2010), foi o problema do pós-independência, onde havia a possibilidade de ruptura entre os antigos aliados e o perigo da criação de uma burguesia parasitária e autoritária no cenário africano pós-independência. Fanon morreu em 1961, antes da efetiva Independência da Argélia, onde esteve engajado na luta anticolonial, engrossando as fileiras da FLN.

No ano de 1958 a FLN proclama o GPRA, efetuando um grande salto em termos diplomáticos. Em 1960, deflagram-se numerosas manifestações populares

nas ruas das grandes cidades argelinas, e em janeiro de 1961, De Gaulle anuncia um referendo que teve como resultado 75% do eleitorado francês concordava com a Independência da Argélia: no dia 18 de março de 1962 são assinados os Acordos de Evian. Com a Independência, em 2 de julho de 1962, ocorre a fuga de mais de 900 mil franceses e os argelinos tem uma tarefa gigantesca a sua frente: reconstruir um País devastado pela guerra (LIPPOLD, 2005).

As particularidades que estavam latentes durante o momento em que existia um inimigo comum, começam a potencializar-se. O GPRA entra em conflito com a liderança de Ben Bella, por pouco não deflagrando uma guerra civil. Ben Bella acaba sendo eleito presidente pela Assembleia Constituinte e a FLN torna-se o partido único da Argélia. Apesar dos avanços do governo Ben Bella, a sua hesitação em ampliar a reforma agrária e a industrialização e o seu personalismo, levaram-o à derrocada, com a ascensão e consolidação do poder dos militares representados por Boumédiène e a consolidação do que se chamou *socialismo argelino*.

Os governos Boumedienne (1965-1978) e Chadli Bendjedid (1979-1992) dão continuidade à centralização política de Ben Bella (todavia em torno de outros segmentos políticos) e a seu projeto de reforma agrária que procurava, sobretudo, diversificar a produção agrícola e diminuir a importação de alimentos. Paralelamente as jazidas de petróleo e gás natural foram viabilizadas através da exploração estatal a ponto de nos anos 70 serem responsáveis por 90% das exportações argelinas.[...] Em síntese, consolidava-se um sistema político modernizante que conjuga uma versão estatal e militarista do socialismo com base numa identidade terceiro-mundista. (SVARTMAN, 1998, p. 231).

Argel torna-se a capital mundial da luta revolucionária terceiro-mundista, onde revolucionários e revolucionárias, representantes dos povos em luta, encontravam abrigo e formavam redes de apoio e de circulação de ideias.

Naqueles idos de 1970, Argélia era a terra de refúgio de exilados políticos, sobretudo africanos que lutavam pela independência nacional contra o colonialismo. Tivemos contatos com argelinos que lutaram em Frente de Libertação Nacional (FLN) contra os franceses, com angolanos do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), moçambicanos da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), militantes do Partido Africano pela Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC), liderados por Amílcar Cabral, que depois veio a ser assassinado na Guiné em circunstâncias misteriosas. Entre os refugiados, encontramos também alguns portugueses exilados do fascismo que ainda reinava em Portugal. “ (VIEIRA apud CRUZ, 2016, p.51)

Lutadores africanos e asiáticos, exilados das ditaduras sul-americanas, inclusive brasileiros, portugueses antifascistas, Panteras Negras, encontravam em Argel apoio e refúgio.

[...]naquela época, Alger [Argel] era a Meca de tudo quanto fosse refugiado político e Movimento de Libertação. Desde Dr. Arraes até Carl Michael (sic), líder dos Black Panthers; desde a FRELIMO até o Movimento de Libertação da Suíça. Lá chegavam aos magotes, tanto revolucionários brasileiros, como chilenos, sul-africanos, chadianos, angolanos, egípcios e companhia. (MELLO apud CRUZ, 2016, p.64)

Entretanto o modelo argelino apresentava falhas graves, pois a indústria desenvolvida geralmente não conseguiu sair dos limites da produção petrolífera. Com a baixa do barril de petróleo e a nova conjuntura mundial, baseada na Nova Guerra Fria da Era Reagan, com sua reação conservadora, com o neoliberalismo e com a chamada globalização, a Argélia sofre diretamente este duplo impacto e o crescimento anual do PIB que era 6,2% em 1980; em 1993 era de -1,8% (SVARTMAN, 1998)! O modelo de reforma agrária não deu conta de diminuir a importação de alimentos o que piorou a situação argelina, junto com o crescimento do desemprego. Tentam-se reformas econômicas, para “ajustar” os gastos públicos, e reprimem-se violentamente os protestos, como quando ocorreu o saque de Argel em 1988. Concomitante à crise crescem as correntes políticas ligadas ao fundamentalismo islâmico, como a Frente Islâmica de Salvação (FIS). Com a nova constituição de 1989, que acaba com o regime de partido único, em 1992 a FIS ganha as eleições no primeiro turno, mas o exército intervém e assim estoura uma guerra civil, que ainda ganha mais um participante o Grupo Islâmico Armado (GIA) que denuncia a “traição” da FIS quando essa negocia com o governo da FLN (SVARTMAN, 1998).

Tem-se assim um quadro complexo e violento, decorrido em grande parte dos erros e dos limites do modelo do chamado *socialismo árabe argelino*. No filme *A Batalha de Argel*, de Gillo Pontecorvo, há uma cena em que o protagonista Ali La Pointe conversa com o intelectual Larbi Ben M’Hidi, o diálogo gira em torno da afirmação que é mais fácil começar uma revolução do que mantê-la após a vitória (LIPPOLD, 2005).

3 A PRESENÇA E INFLUÊNCIA DE FANON NA REDE INTELECTUAL DO EL MOUDJAHID

3.1 As Pesquisas sobre o jornal *El Moudjahid*

O grande desafio para as pesquisas que utilizam o *El Moudjahid* como fonte ou objeto de estudo, além da difícil busca aos originais e a reedição, é a dificuldade de acesso às poucas obras e estudos existentes sobre o jornal argelino. Procurando por quatro anos, nos motores de busca da internet, tanto os usuais como especializados em pesquisa, frequentando bibliotecas - como a do Centro de Estudos Africanos do ICSTE-IUL, em Lisboa e a da Universidad de Sevilla - com o tempo foi possível reunir e analisar três das quatro obras produzidas sobre o *El Moudjahid* desde 1956²⁶ (FITTE, 1973; GADANT, 1988; STANTON, 2011).

Quanto aos artigos de Fanon no *El Moudjahid*, meu primeiro contato com eles foi em 2004, quando descobri o livro *Em Defesa da Revolução Africana*, a edição portuguesa de 1980, com tradução de Isabel Pascoal, onde estavam os textos que figuravam da lista de Josie Fanon. Em 2016, após dois anos de busca, pude encontrar e adquirir os três tomos do *El Moudjahid*, impressos em Belgrado, em 1962, trabalho comandado pelo redator-chefe do jornal, Redha Malek. Esses tomos são raríssimos, até pouco tempo eram o único modo de analisar os textos do jornal, ainda que haja uma ressalva dos problemas que esta reedição possui como fonte²⁷ (cópia das capas, artigos reeditados sem imagens). Por fim, destaco a importância

26 Em 1973 foi defendida uma tese em Paris IV, por Trima Mohamed Bachir, que não consegui encontrar: BACHIR, Trima Mohammed. **Le FLN algérien à travers son organe central "El Moudjahid", 1956-1962**, thèse 3 e cycle histoire, université Paris V, 1973. Na nota 3 do livro de Fitte (1973, p.4), há a indicação de Bachir Trima e de outra tese, na época em andamento:

“Deux thèses de 3° cycle:

- M.B. TRIMA, Le Front de Libération Nationale Algérien à travers son organe central "El Moudjahid" (1954-1962) – (M. le Professeur GANIAGE, Paris IV, thèse de 3° cycle achevée et soutenue, pendant le tirage du présent essai.

- L. CHERIET. "El Moudjahid", monographie de l'organe de la révolution algérienne de mars 1955 a juin 1965". (Thèse d'Université, Toulouse-Le Mirail, M. le Doyen GODECHOT), travail em cours.”

27 Fitte (1973, tradução livre) abre o debate sobre os possíveis retoques na reedição do *El Moudjahid*: "O problema da conformidade desta reedição com os números originais permanece parcialmente colocado. No entanto, os trabalhos em andamento tenderiam a concluir que há uma discrepância insignificante entre os dois textos. Essa discordância diz respeito essencialmente à primazia do "Interior" sobre o "Exterior", um princípio expresso na versão original, embaçado na reedição, devido à origem "externa" da equipe no poder." . No original: "Le problème de la conformité de cette réédition avec les numéros originaux reste partiellement posé. Cependant les travaux em cours tendraient à conclure à une discordance négligeable entre le deux textes. Cette discordance concerne essentiellement la primauté de l' "Intérieur" sur l' "Extérieur", principe exprimé dans la version originale, estompé dans la r'édition du fait de l'origine "extérieure" de l'équipe au pouvoir."

da obra *Écrits sur l'aliénation et la liberté* (2015), onde apareciam mais artigos elaborados por Fanon, ou pelo menos conduzidos por ele, dentro do espírito de criação coletiva e anônima, que embasava a praxis jornalística na redação do *El Moudjahid*.

Fitte (1973) escreve que, no início dos anos de 1970, os originais eram praticamente inacessíveis, assim como afirma a raridade da reedição, considerada um instrumento privilegiado de pesquisa para o “magrebólogo” contemporâneo. A reedição foi produzida pelo Secretariado da Informação do Conselho Executivo Iugoslavo, a partir dos documentos organizados pelos colaboradores de M’Hamed Yazid, Ministro da Informação do GPRA, os volumes foram impressos na *Beogradski Graficki Zavod*.

Em 2006, na cidade de Argel, Planche (2006) realizou uma importante comunicação no Colóquio *El Moudjahid Historique* intitulada *El Moudjahid em tempo de guerra, ponto cego da pesquisa histórica francesa*.

Cinquenta anos após o lançamento do *El Moudjahid*, o órgão central da F.L.N. em guerra, o estado das coleções conservadas na França, tanto em bibliotecas, quanto em centros de arquivos, é um indicador relevante do estado das pesquisas históricas, sobre o período chamado na França de Guerra da Argélia. Bibliotecas e centros de arquivos são efetivamente gerenciados de acordo com a demanda de leitores e pesquisadores. As bibliotecas de status nacional não escapam a essa regra e tentam completar suas coleções, quando não o estão, desde que a solicitação esteja minimamente ativa. (PLANCHE, 2006, tradução livre²⁸).

Planche (2006) critica a falta de acesso ao arquivos originais do *El Moudjahid*, relacionando o fenômeno ao pouco interesse, em termos de pesquisa sobre o jornal, dentro das contradições que a memória da guerra da Argélia suscita em França. Também faz um resumo crítico, das duas obras (FITTE, 1973; GADANT, 1988) produzidas sobre o tema, classificando-as como ciência política e não como pesquisa histórica, pois não usam arquivos e testemunhos. O primeiro (FITTE, 1973) é criticado com uma tentativa, *a priori*, de provar as teses da guerra contra-

28 “Cinquante ans après le lancement d’El Moudjahid, organe central du F.L.N. de guerre, l’état des collections conservées en France, tant dans les bibliothèques que dans les centres d’archives, est un indicateur pertinent de l’état de la recherche historique sur la période dite en France de la Guerre d’Algérie. Bibliothèques et centres d’archives sont en effet gérés en fonction de la demande des lecteurs et des chercheurs. Les bibliothèques de statut national n’échappent pas à cette règle et s’attachent à compléter leurs collections quand ce n’est pas le cas, pour peu que la demande soit active.”

revolucionária francesa, usando o *El Moudjahid* como objeto de estudo, vendo o jornal como pura propaganda revolucionária.

Um primeiro indício do estado da demanda é o fato de que apenas duas obras históricas tenham sido produzidas na França ao longo de cinquenta anos sobre El Moudjahid. Históricos pela ambição, são na verdade duas obras que não usam arquivos ou mesmo testemunhos, e devem ser classificadas entre as obras de ciência política. O primeiro foi publicado em 1973 em Montpellier por Albert Fitte e conclui, após um estudo realizado na edição de El Moudjahid impresso na Iugoslávia em 1962, que este é um jornal de pura propaganda revolucionária, que só poderia interessar ao historiador de idéias e, mais especificamente, ao pesquisador preocupado em verificar a eficácia do que os círculos pensantes do exército francês chamavam nos anos 50 de "guerra subversiva". (PLANCHE, 2006, tradução livre²⁹).

A crítica de Planche (2006) acerca da segunda obra, está calcada em uma das afirmações, feitas por Monique Gadant (1988) em *Islam et nationalisme en Algérie*, de que a matriz política do *El Moudjahid* não é nem socialista e nem revolucionária, mas um instrumento ideológico das futura classe dirigente da Argélia.

Após efetuar críticas que nos elucidam acerca do andamento da pesquisa histórica sobre a Guerra da Argélia, Planche (2006) adentra a questão da conservação e acesso às fontes fundamentais sobre o conflito, como o jornal *El Moudjahid*, ao efetivar uma verdadeira cartografia mundial das bibliotecas e arquivos onde poderíamos encontrar os originais do jornal argelino e as dificuldades de acessar estas fontes: o autor afirma que a pesquisa em França sobre o jornal está estagnada e fechada sobre si mesma, onde a falta de acesso aos arquivos resulta em um quadro angustiante. Para pesquisas futuras, sobre onde procurar os originais do *El Moudjahid*, a comunicação de Planche é imprescindível³⁰.

Fitte (1973) faz um estudo militar sobre propaganda revolucionária, usando o *El Moudjahid*, empreende uma espectroscopia do jornal, apoiado por muitos gráficos. O livro está separado em duas partes: a primeira é a obra em si, em

29 "Un premier indice sur l'état de la demande est le fait que seuls deux travaux historiques aient été en cinquante ans produits en France sur El Moudjahid. Historiques par l'ambition, ce sont en réalité deux ouvrages qui ne recourent ni aux archives, ni même aux témoignages, et sont à classer parmi les ouvrages de sciences politiques. Le premier a été publié en 1973 à Montpellier par Albert Fitte, et conclut, après une étude menée sur l'édition d'El Moudjahid imprimé en Yougoslavie en 1962, qu'il s'agit d'un journal de pure propagande révolutionnaire, qui ne saurait intéresser que l'historien des idées, et plus spécifiquement le chercheur préoccupé de vérifier l'efficacité de ce que les cercles pensant de l'armée française dénommaient dans les années 1950 "la guerre subversive".

30 A comunicação de Planche (2006) ovaciona a minha própria experiência, desde 2004, na busca das obras e fontes de Frantz Fanon, principalmente, sobre as dificuldades de acessar os originais do *El Moudjahid*, pois para obter a reedição (EM, 1962), ou até mesmo o livro *Em Defesa da Revolução Africana* (FANON, 1980), foram anos de procura.

páginas brancas; a segunda, em páginas amarelas, foi essencial para a presente pesquisa: um guia de consulta dos três volumes da reedição do *El Moudjahid* (*Repertoire Pour la Consultation des trois volumes de la reedition d'El Moudjahid*). Com o guia foi possível revisar várias vezes os títulos de todos os 1292 artigos do jornal contidos na reedição, além de facilitar o acesso rápido a artigos publicados nas duas mil e três páginas dos três volumes.

Fitte (1973) analisa o jornal como uma arma de guerra, influenciado pelos estudos da contra-insurgência francesa. Vê no jornal um arma de propaganda do esquema clássico da guerra revolucionária, onde o objetivo principal é a sensibilização internacional com a causa argelina, a *dermache intenacionalizante*. De acordo com os teóricos da Guerra Moderna ou de Contra-Insurgência, os três temas principais de uma propaganda revolucionária são: a popularização do exército revolucionário; o descrédito das forças inimigas; a internacionalização do conflito (FITTE, 1973, p.16).

Fitte (1973) propõe uma análise de conteúdo com pesquisa quantitativa; ironicamente, uma das bases do estudo militar advém do marxista Michel Pêcheux. A pesquisa é baseada em tabelas e gráficos, é qualitativa e quantitativa, buscando precisar os principais temas que aparecem nos artigos publicados em *El Moudjahid* dos tempos de guerra. Além disso, certamente, o grande destaque desta obra foi a produção de um guia de consulta aos três tomos da reedição do jornal feita na Iugoslávia. O limite do trabalho é sua concepção teleológica, ao querer provar *a priori* as teses militares sobre a subversão, através de uma análise de conteúdo, tentando classificar em categorias temáticas, todos os artigos do *El Moudjahid*, reeditados na versão iugoslava. A partir das categorias temáticas são produzidos gráficos e tabelas. Fitte (1973) tem como base os estudos sobre guerra psicológica e propaganda, além de utilizar obras sobre análise de conteúdo e discurso como *L'Analyse automatique du discours*, de Pecheux.

As categorias temáticas são (FITTE, 1973):

1. **A internacionalização do conflito:** debates na ONU, visitas do GPRA, torneios da equipe de futebol argelina, participação da FLN em encontros internacionais.
2. **O Exército de Libertação Nacional:** métodos de combate, sua organização e atuação.

3. **O Exército Francês e seus aliados:** ações do inimigo, operações militares francesas, mentalidade dos chefes, comportamento de unidades como os paraquedistas e sobre a Legião Estrangeira.
4. **O futuro político da Argélia:** discursos políticos da FLN, do GPRA e do governo francês.
5. **Os problemas humanos e morais da guerra:** tortura, campos de reagrupamento, refugiados, prisioneiros de guerra, tudo ligado, de certa forma, a categoria 1.
6. **História da Argélia:** um contraponto à História Oficial construída pelos franceses.
7. **Economia da Argélia:** posições da FLN quanto à vocação colonialista da França através da crítica aos planos econômicos na Argélia.

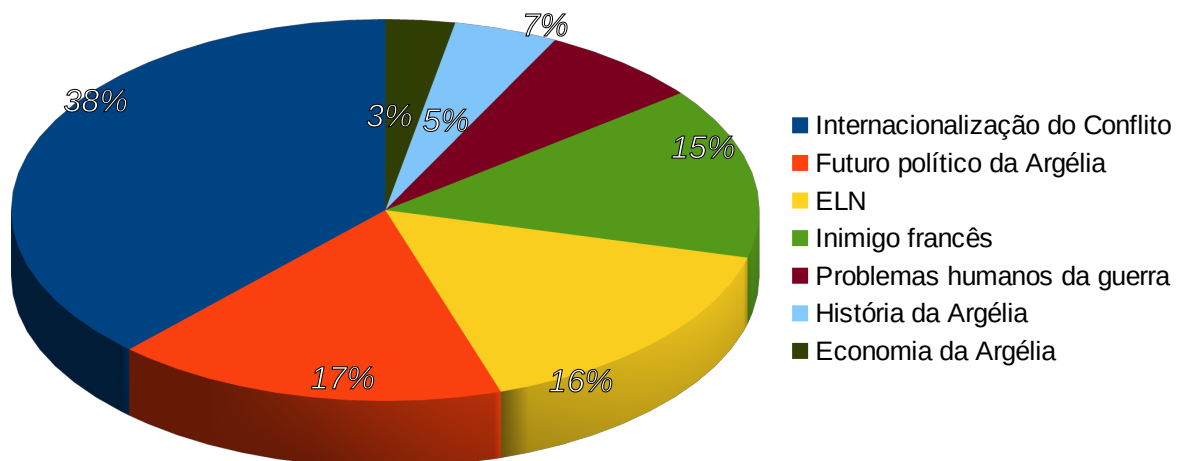


Gráfico 1: Divisão dos 1292 artigos publicados no *El Moudjahid*. (FITTE, 1973, p. 14).

A obra de Fitte (1973) é muito rica em gráficos que buscam embasar a tentativa de análise do discurso do jornal. Reconstruí o gráfico (FITTE, 1973, p. 13-14) quanto à distribuição temática dos 1292 artigos, presentes na reedição do *El Moudjahid*, trazendo um resultado que aponta a função do Órgão Central da FLN: a internacionalização do conflito. Dos 1292 artigos presentes na reedição do El

Moudjahid, 492 ou 38% são relativos ao tópico internacionalização do conflito. Isso está de acordo com a estratégia construída na Conferência de Soumman, com a hegemonia do político sobre o militar, a politização e internacionalização do conflito.

Quinze anos após a publicação do estudo militar de Fitte (1973), surgiu o livro de Monique Gadant (1988), intitulado *Islam et nationalisme en Algérie, d'après El Moudjahid, organe central du FLN, de 1956 à 1962*. Gadant (1988) ressalta que um dos temas principais da ideologia dos militantes argelinos é o da criação de uma unidade fictícia do povo, que exige uma coesão absoluta e nega a diversidade étnica-cultural argelina, calcando-se – fundamentalmente - numa identidade árabe-islâmica. Nos primeiros contatos com a obra, vê-se que um dos pólos contraditórios de produção de conteúdos políticos, é hiper-dimensionado: o *El Moudjahid* é um jornal que prevê a futura ideologia de uma classe dirigente, cimentada na FLN.

Gadant (1988) possui uma visão reducionista do órgão central da FLN, apenas observa suas fissuras e faz um anacronismo ao imputar ao jornal um veículo da ideologia justificante da “futura classe dominante” que será recrutada entre os políticos e militares que atuaram na revolução. Quanto ao marxismo-leninismo, há uma semelhança na organização através de um partido único com centralismo democrático. Ao amalgamar a identidade árabe-islâmica com o marxismo, a FLN teria o destituído de certos elementos essenciais, como a luta de classes, sendo esvaziado de sua filosofia da história, restando apenas a questão da modernização técnica baseada na estatização da economia. “Projeto socialista?” questiona a crítica de Gadant (p.11, 1988). Para Gadant (1988) ocorre a construção de um projeto unitarista, centralista e jacobino, onde a nação é representada de modo ahistórico. Outro tema comum na ideologia analisada por Gadant, é a criação de um homem novo, de uma moral revolucionária que seria a base para este intento. Como em outros estudos que analisei sobre o jornal argelino, aqui o *El Moudjahid* é, essencialmente, um veículo de propaganda política da FLN voltado a um público internacional. “El Moudjahid, o órgão central da FLN de 1956 a 1962, constitui para o estudo do nacionalismo argelino, um documento importante, tanto do ponto de vista da história, quanto do ponto de vista da ideologia”. (GADANT, 1988, p.15, tradução livre³¹).

31“El Moudjahid, organe central du FLN de 1956 à 1962, constitue pour l'étude du nationalisme algérien un document important, aussi bien du point de vue de l'histoire que du point de vue de l'idéologie.”

O artigo de Stanton (2011) certamente foi o texto que mais influenciou a produção do presente capítulo, através de seu argumento principal sobre o conteúdo da forma do *El Moudjahid*. Utilizando a teoria de Hayden White, Stanton (2011, tradução livre) afirma que “[...] a organização física de uma página não é inerte, mas influencia como os leitores entendem seu conteúdo.”³² Além disso, o artigo enfoca a questão do *national time* de Benedict Anderson³³, concluindo que o jornal apresenta o *national time* da Argélia concomitantemente na horizontal e na vertical, um tempo sacralizado, dentro de uma visão de linearidade³⁴. Mas há uma diferença entre o *national newspaper* abordado por Anderson e o *El Moudjahid*, pois este era o órgão oficial da FLN.

Stanton (2011) reforça a ideia de que o *El Moudjahid* tornou-se peça importante no pós-Conferência de Soumman, devido a vitória das teses de Abane Ramdane de politizar o conflito e internacionalizá-lo, pois uma vitória militar parecia impossível.

[...] algumas lideranças se convenceram de que seria a campanha política da FLN - e não suas ações de guerrilha - das quais dependia a chance de vitória. “[...] Os líderes do interior, guiados por Abane Ramdane, propuseram uma grande conferência envolvendo as lideranças atuais, bem como representantes de cada um dos comandos da wilaya. [...] [...] Ramdane acreditava que a FLN só poderia vencer mobilizando a opinião pública internacional. Conseqüentemente, a FLN reiterou a ênfase na “internacionalização” do conflito por meio de esforços diplomáticos para envolver as Nações Unidas, a Liga Árabe e a Organização da Unidade

32 “[...]the physical organisation of a page is not inert, but rather influences how readers understand its content.”

33 “O trabalho de Anderson sobre nacionalismo ajudou a desvendar questões de linguagem e tempo, no papel da mídia impressa na construção de comunidades nacionais, ajudando a situar os argumentos apresentados nas ideias acima. No entanto, foi o conceito de White do 'conteúdo da forma' que forneceu a ampla base teórica para levar *El Moudjahid* seriamente como um objeto físico incorporado, bem como uma coleção de artigos e editoriais. Embora os acadêmicos tenham citado extensivamente esse último, usando-o como um arquivo de fonte primária ao procurar evidências das contribuições de Frantz Fanon ao *El Moudjahid*, ou sinais da FLN pensando em pontos específicos da luta, eles colocaram pouca pressão analítica na capa e suas partes constituintes. No entanto, isso abre uma compreensão mais profunda e substantiva da revista, de suas operações e de seu impacto, de maneiras que só podem enriquecer seus usos mais arquivados em futuros estudos.” (STANTON, 2011, p.74, tradução livre). No original: “Anderson’s work on nationalism helped unpack issues of language and time in print media’s role in constructing national communities, helping situate the arguments made in the insights above. However, it was White’s concept of the ‘content of the form’ that provided the broad theoretical foundation for taking *El Moudjahid* seriously as an embodied physical object as well as a collection of articles and editorials. While scholars have quoted extensively from the latter, using it as a primary-source archive when searching for evidence of Frantz Fanon’s contributions to *El Moudjahid*, or signs of FLN thinking at particular points in the struggle, they have put little analytic pressure on the cover and its constituent parts. Yet doing so opens up a deeper and more substantive understanding of the journal, its operations and its impact, in ways that can only enrich its more archival uses in future scholarship.” (STANTON, 2011, p.74)

34 “[...] Ao fazê-lo, *El Moudjahid* contribuiu para um projeto mais amplo: a criação de um tempo nacional unidirecional.” (STANTON, 2011, p.71, tradução livre). No original: “[...]In doing so, *El Moudjahid* contributed to a broader project: the creation of a uni-directional national time.”

Africana. Ramdane também acreditava que o sucesso dependia da FLN se tornar um movimento nacional, desfrutando do apoio ativo do povo argelino. Os esforços anteriores de relações públicas da FLN haviam sido amplamente limitados à distribuição de folhetos e boletins. Após Soummam, a propaganda se tornou a mais alta prioridade. O veículo principal da FLN para isso foi uma pequena publicação que estreou dois meses antes: *El Moudjahid*. (STANTON, 2011, p.60-61, tradução livre³⁵).

El Moudjahid era publicado tanto em francês como em árabe, sua primeira edição foi reproduzida com um *roneograph*, um tipo de mimeógrafo. As primeiras sete edições foram rodadas em Argel onde as prensas foram destruídas na Batalha de Argel e a equipe do jornal presq, torturada e assassinada. A primeira fase do jornal durou de junho de 1956 até janeiro de 1957. Em Tetouan, Marrocos, ocorreu o retorno do *El Moudjahid*, onde três edições são impressas em agosto e setembro de 1957 (STANTON, 2011). Segundo Stora (2008), Fanon foi enviado a Tetouan para apoiar a reorganização do *El Moudjahid*. A partir de novembro de 1957 a redação e impressão do jornal ocorrerá em Túnis, até o fim da Guerra.

Para Stanton (2011), as transformações na forma de diagramação do *El Moudjahid* - pelo menos das capas copiadas que ela teve acesso, pois também usou a reimpressão que eu utilizei - são fruto das condições de guerra a qual estavam inserida a equipe do jornal.

[...] essas mudanças ilustram o que Hayden White (1987) define o importante "conteúdo da forma" das obras escritas. White argumenta que a forma - a organização física das colunas dos jornais ou da página de um livro - não é inerte, mas influencia no que o leitor apreende do conteúdo. Levar isso a sério significa voltar à análise do conteúdo e da retórica dos artigos de *El Moudjahid* e para sua estrutura física, dando maior significado à página de rosto e ao layout. O exame dos elementos da capa e a mudança de relacionamento entre a página e seu texto oferecem insights analíticos mais profundos sobre *El Moudjahid* como um projeto de propaganda, tanto no que diz respeito ao público principal da Argélia quanto a um público internacional. [...] (STANTON, 2011, p.63, tradução livre³⁶)

35“[...] some of the leadership had become convinced that it would be the FLN's political campaign – and not its guerrilla exploits – on which the chance of victory depended.” [...]Interior leaders, guided by Abane Ramdane, proposed a major conference involving current leadership as well as representatives from each of the wilaya commands. [...] [...]Ramdane believed that the FLN could only win by mobilising international public opinion. Consequently, the FLN put renewed stress on ‘internationalising’ the conflict via diplomatic efforts to engage the United Nations, the Arab League and the Organisation of African Unity. Ramdane similarly believed that success depended on the FLN becoming a national movement enjoying the active support of the Algerian people. The FLN's previous public relations efforts had been largely limited to distributing leaflets and bulletins. After Soummam, propagandising became a top priority. The FLN's primary vehicle for this was a small publication that had debuted two months earlier: *El Moudjahid*.”

36 “[...]these shifts illustrate what Hayden White (1987) terms the important ‘content of the form’ of written works. White argues that the form – the physical organisation of newspaper columns or a book's page – is not inert, but rather influences what the reader takes from the content. Taking this seriously means turning the analysis back from the content and rhetoric of *El Moudjahid*'s articles and towards their physical structure, giving the cover page and its layout greater significance. Examining

De uma das notas do artigo, onde é citada a biografia de Ramdane, escrita por Khalfa Mameri, que se tornou a primeira base de toda a construção dos integrantes da redação do *El Moudjahid* que levei dois anos para cartografar:

Em sua biografia de Ramdane, Khalfa Mameri identifica Allal Taalbi, Ahmed Boumendjel, Frantz Fanon e Malek como parte da 'pléiade de belles plumes' escrevendo a edição francesa, com Abdallah e Abderrahman Cheriet e Mohamed El Mili, envolvidos no árabe (ver Mameri 1988, p. 288). (STANTON, 2011, p.74, tradução livre³⁷).

No Brasil, após dois anos de buscas, encontrei três trabalhos que estudam o *El Moudjahid* (LIMA, 2015; DELMAS, 2016; ARAUJO, 2017). Lima (2015), dentro da antropologia social, analisa as trajetórias intelectuais de Frantz Fanon e Pierre Bourdieu na Argélia e trata de aprofundar³⁸ um diálogo possível entre os dois intelectuais que ocuparam posições antagônicas acerca da Independência argelina, inclusive com críticas diretas de Bourdieu a Fanon e Sartre, que foram alcunhados de irresponsáveis e megalomaníacos quanto à suas posições radicais relacionadas ao processo de libertação. O trabalho utiliza conceitos do próprio Bourdieu para classificar suas obras sobre a Argélia, dentro do campo da ciência e, as de Fanon, no campo da política. O estudo de Lima (2015) também expõe um histórico das organizações nacionalistas argelinas, da Estrela Norte-Africana (ENA) à FLN.

A dissertação de Lima foi defendida em 28 de setembro de 2015, por isso não teve acesso ao *Écrits sur l'aliénation et la liberté* (FANON, 2015), onde foram publicados – através de novas listas – outros artigos atribuídos a Fanon. Nesse sentido, Lima (2015, p. 66) afirma que:

A primeira publicação de Fanon para o *El Moudjahid* foi o texto: Sobre as "Decepciones e ilusiones del colonialismo francês" (*El Moudjahid* No 10 10/09/1957) – onde Fanon, buscava situar o campo político argelino e seus sucessivos movimentos em prol da emancipação.

No entanto, a luz do estudo de *Écrits sur l'aliénation et la liberté* (FANON, 2015)

cover page elements as well as the shifting relationship between the page and its text offers deeper analytic insights about *El Moudjahid* as a propaganda project, both with respect to its primary Algerian audience and a broader international one. [...]"

37 "In his biography of Ramdane, Khalfa Mameri identifies Allal Taalbi, Ahmed Boumendjel, Frantz Fanon and Malek as part of the 'pléiade de belles plumes' writing the French edition, with Abdallah and Abderrahman Cheriet and Mohamed El Mili involved in the Arabic (see Mameri 1988, p. 288)."

38 Segundo Lima (201, p. 15), sua pesquisa partiu de uma tentativa de aprofundar o diálogo entre Fanon e Bourdieu, iniciado na obra de Burawoy (2011), onde há o capítulo *Colonialismo e Revolução: Fanon encontra Bourdieu*.

e da reedição do *El Moudjahid* (1962), é possível afirmar que os primeiros artigos atribuídos³⁹ a Fanon foram publicados na edição número 8, do dia 5 de agosto de 1957 – e não na edição número 10 - e foram intitulados de: *La Légion étrangère démoralisée* (EM, 1962, v. 1, p. 93-95; FANON, 2015; FANON, 2018, p. 539-545) e *L'Indépendance de l'Algérie – realité de tous les jours* (EM, 1962, v. 1, p. 95-96; FANON, 2015; FANON, 2018, p. 547-549). Lima (2017, p.75) afirma que a análise de alguns artigos do *El Moudjahid* – publicados no *Em Defesa da Revolução Africana* (FANON, 1980), em conjunto com a obra *L'An V de la Révolution Algérienne*, denota, na produção de Fanon, um processo de imaginar a nação.

Delmas (2016) trabalhou por um curto período de tempo em cima do tema e produziu sua comunicação partindo da pesquisa de Araujo (2017), que retomou-a publicando o seu artigo, onde analisa Argel e o jornal *El Moudjahid*, como elementos de uma *rede de circulação de ideias*:

Rapidamente *El Moudjahid* se tornou um ponto de encontro de intelectuais e militantes anti-imperialistas e contou com a contribuição de europeus, africanos e latino-americanos. As questões mais importantes do momento eram ali tratadas: de um lado a democracia, a revolução, a contrarrevolução e o retorno ao antigo regime, de outro lado a exclusão social, o racismo e a opressão. A difusão de textos impressos, associada a estratégias de consolidação da cultura argelina, contribuiu para a difusão rápida e eficiente de novas ideias, que orientaram a construção da nação argelina. Autores e leitores que contribuíram para o jornal argelino escreviam também na imprensa brasileira, veiculando um ideal de luta pautado pela busca de independência nacional. Seguindo a análise do historiador Benedict Anderson, pode-se afirmar que em meados do século XX surgiu uma comunidade de pessoas que compartilhavam os mesmos ideais, falavam a mesma linguagem política e viviam momentos fundadores (Anderson, 2008). A guerra da Argélia e as discussões políticas e ideológicas que acompanharam seus desdobramentos contribuíram para reabilitar o ideal humanista da Revolução Francesa. (ARAUJO, 2017, p. 404).

O artigo de Araujo (2017, p.403) buscou “[...]analisar discursos e trajetórias militantes e deslocar a tradicional análise da relação com movimentos revolucionários europeus para buscar o lugar da África.” O que está em jogo com a Revolução Argelina é a tentativa de reabilitar o humanismo pregado na Revolução Francesa, mas desmoralizado com o ataque à Revolução Haitiana.

As discussões em torno da guerra da Argélia foram intensas e contribuíram para cristalizar a ideia de revolução africana. Por outro lado, a revolução argelina participou de um debate sobre as diversas vias para se chegar ao socialismo e, sobretudo, para alcançar a independência nacional. Muitos autores contribuíram para a divulgação dos ideais da revolução argelina.

39 Os dois artigos estão na lista de Josie Fanon (JF) e marcadas com interrogação (GP?) na lista do editor italiano Giovanni Pirelli.

Mais do que um pensamento sobre revolução e socialismo, consolidavam-se laços entre dois universos militantes, fortalecendo a rede de intelectuais e militantes que buscavam solucionar o problema da libertação do homem. A revolução perdia um sentido próprio nacional para tornar-se algo bem mais universal, pois abordava o humano. (ARAUJO, 2017, p. 419)

Esse novo humanismo que emana dos povos colonizados em luta, é uma das bases no projeto de Fanon, o “sair da grande noite”, a construção de um humanismo radical e fora das amarras do eurocentrismo e de qualquer pseudouniversalismo da burguesia branca europeia.

3.2 A Materialidade do *El Moudjahid*

Como não foi possível acessar o *El Moudjahid* original, vou me ater à bibliografia e a materialidade da reedição usada nessa pesquisa: do original vê-se as capas copiadas que aparecem na reedição iugoslava de 1962. A materialidade da reedição “[...] reflete uma economia de meios, de acordo com a austeridade revolucionária.” (FITTE, 1973, p.5, tradução livre⁴⁰). A arte dos desenhos está baseada em capas de edições do *El Moudjahid*. Na capa do volume 1, vê-se um grupo de moudjahidines com uma metralhadora, um deles aponta para o frente, para o futuro, eles estão enquadrados dentro do mapa da Argélia.

40 “[...]reflète une économie de moyens conforme à l'austérité révolutionnaire.”

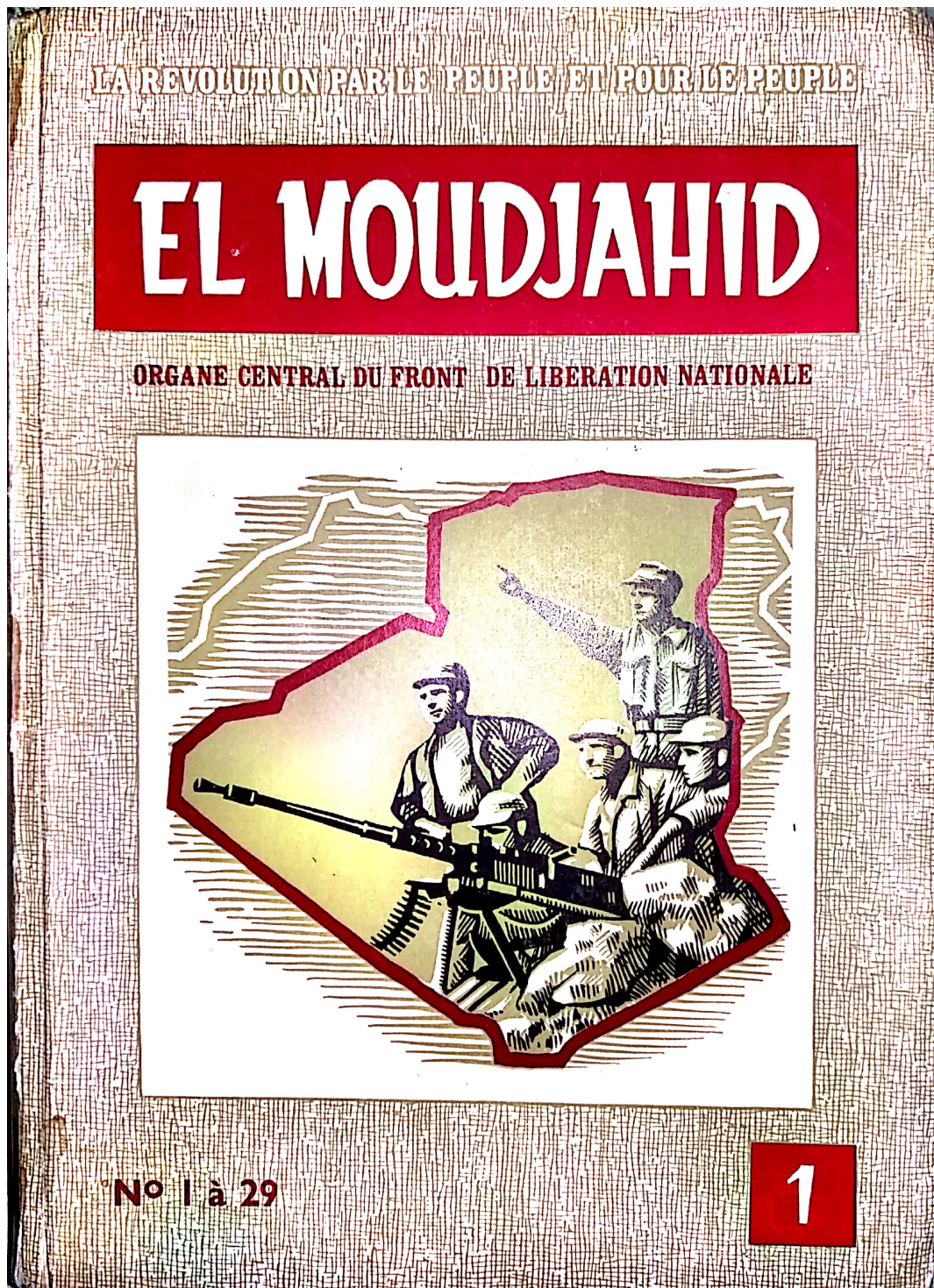


Figura 8 – Capa da Reedição Iugoslava do El Moudjahid – volume 1 – 1962

A arte da capa do volume 2, representa uma manifestação popular com uma mulher no centro do desenho, que ergue uma bandeira com a crescente e a estrela, vemos um homem carregando um cartaz escrito FLN ALN e outra figura ergue um cartaz escrito “Vive le G.P.R.A.”.

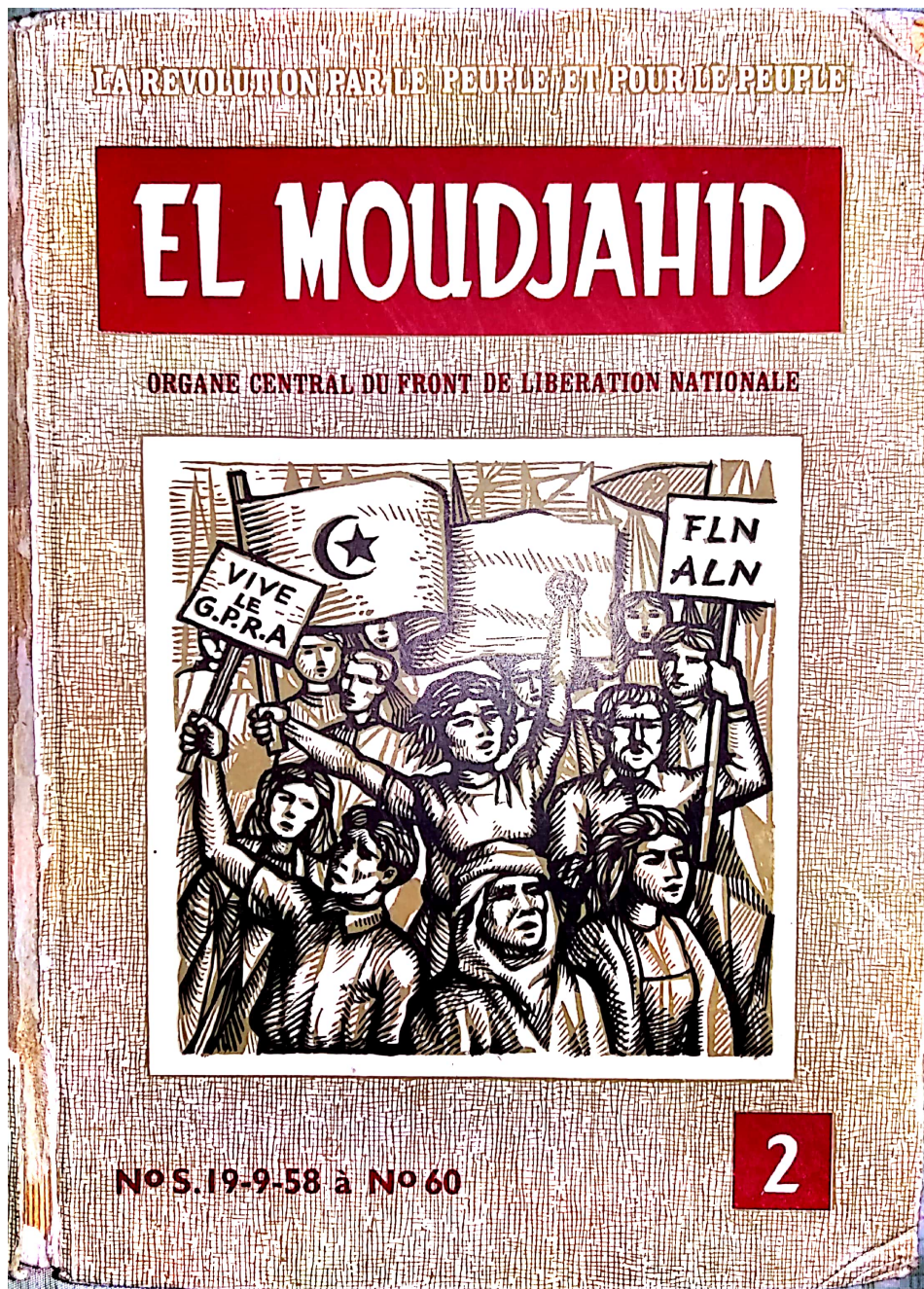


Figura 9 – Capa da Reedição Iugoslava do El Moudjahid – volume 2 – 1962

Na capa do volume 3, vê-se uma tropa de moudjahidines marchando, avante ao futuro, avante ao combate contra o inimigo colonialista, rumo ao futuro da Argélia.

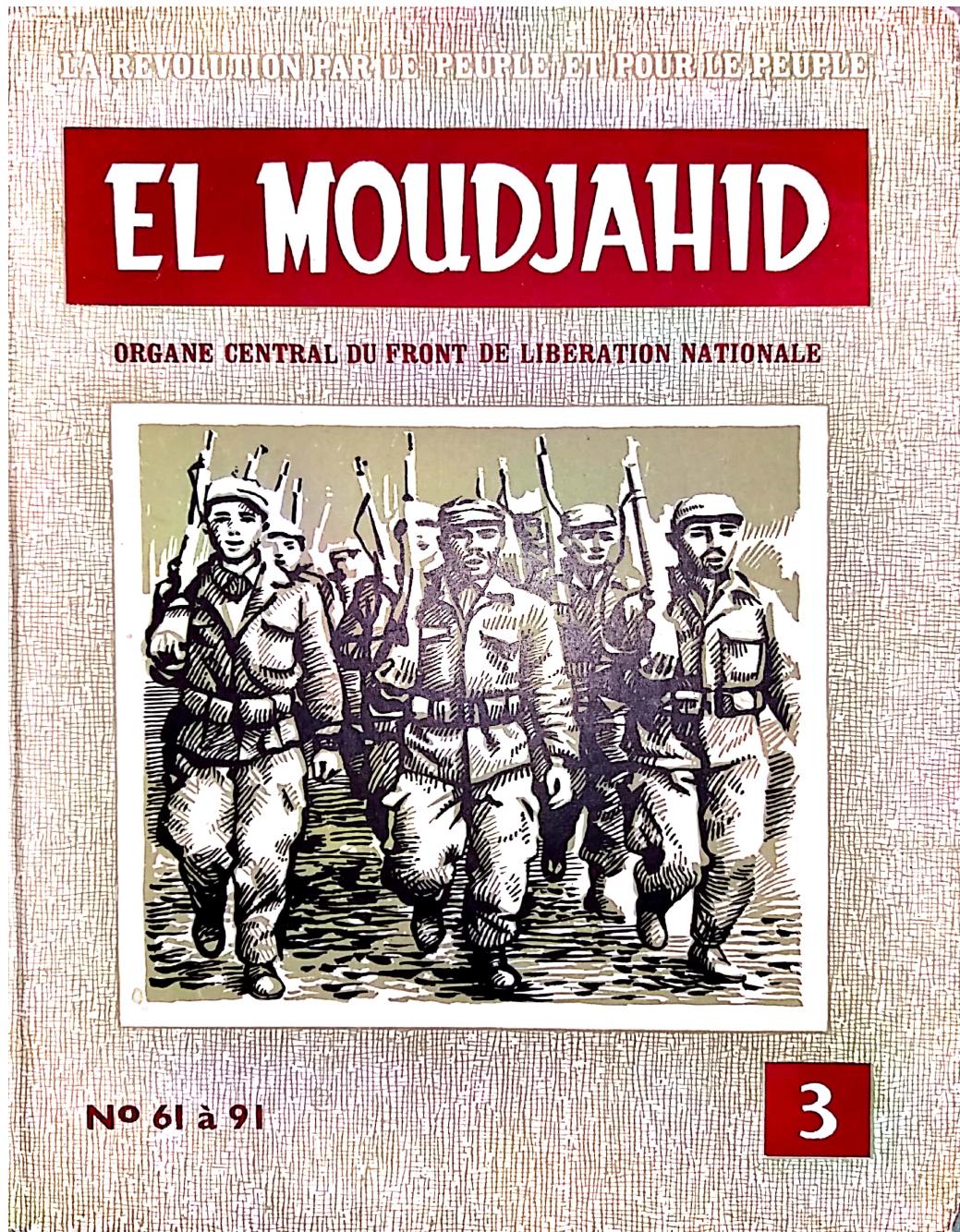


Figura 10 – Capa da Reedição Iugoslava do El Moudjahid – Volume 3– 1962

Do número 1 ao 4, há uma evolução constante das capas das edições do *El Moudjahid*: a capa da edição número 1, publicado em junho de 1956, lembra a forma de um zine, misturando datilografia e letreiros desenhados na capa. Do número 1 ao 2 vemos uma grande diferença nas capas em termos de tecnologia gráfica.

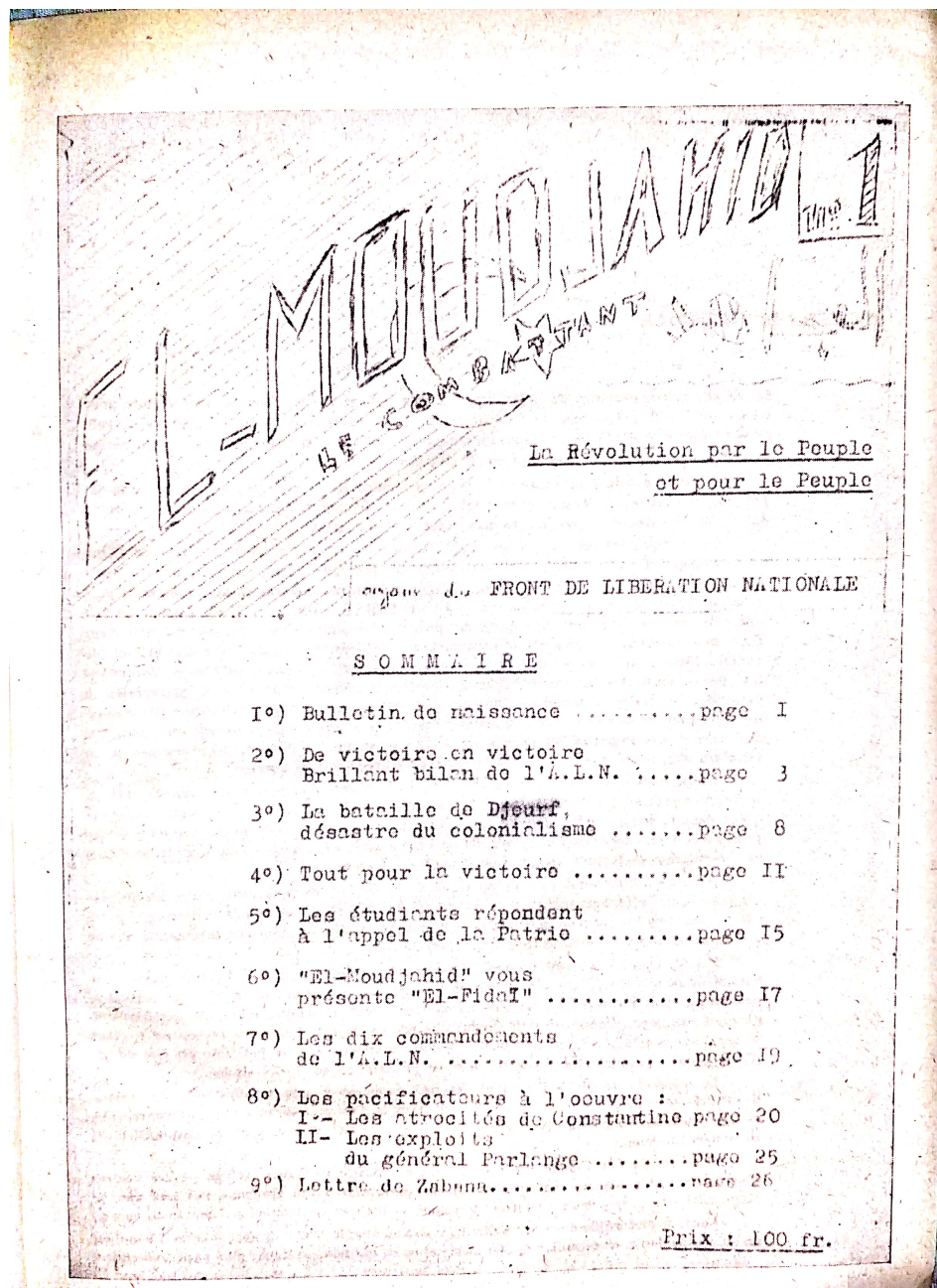


Figura 11 – Capa do El Moudjahid N.1 – Reedição

As capas do 2 e do 3 parecem muito uma com a outra, a bandeira argelina e o sumário abaixo.



Figura 12 – Capa do El Moudjahid N. 2 - Reedição

É importante notar a tradução feita do título como *Le Combattant*, que busca concretizar um afastamento do termo Guerreiro Sagrado, ligado à Jihad, à guerra santa.



Figura 13 – Capa do El Moudjahid N. 3 – Reedição

Os números 5 e 6 estão ausentes da reedição, o 7 nunca foi publicado, devido à Batalha de Argel, onde a redação foi atacada pelos franceses que destruíram tudo, prenderam e torturam membros da equipe. Essa foi a fase em terra argelina do jornal. O número 8 – de 5 de agosto de 1957 - foi produzido em Tetouan, Marrocos onde Fanon publica seu primeiro artigo, é a edição que definirá a diagramação e a

apresentação do jornal para os próximos números. Em um Comunicado no número 8, vê-se a oficialização do *El Moudjahid* como único órgão de imprensa da FLN, extinguindo o *Resistance Algérienne*.

Do número 8 ao 10, *El Moudjahid* foi editado em Tetoaun, Marrocos. Do número 11 ao 91 o jornal foi produzido em Túnis. (EM, 1962, Vol. I, p.3).

1010^{ème} JOUR
DE LA REVOLUTION
ALGERIENNE

★
NUMERO 8
★

5 AOUT 1957

LA REVOLUTION PAR LE PEUPLE ET POUR LE PEUPLE

EL MOUDJAHID

Organe Central du Front de Libération Nationale Algérienne

SOMMAIRE

Page 1
Aujourd'hui comme hier, un seul objectif: l'Indépendance Nationale. Par SAAD DAHLAB, membre du C. C. F.

Page 2
Le souvenir d'un jeune héros de la guerre libératrice.

Page 3
L'opinion elle-même devant la Révolution algérienne.

Page 4-5
La "Semaine de l'Algérie" en Egypte.

Page 6
Les Algériens devant les pouvoirs spéciaux.

Page 7
Il n'y aura pas de plan Mendès-France pour l'Algérie.

Page 8
L'Armée de Libération Nationale au combat.

Page 9
Comment la France torture en Algérie.

Page 10
La Légion Etrangère dévalorisée.

Page 11
La C.I.S.L. et l'anticolonialisme occidental.

Page 12
L'Indépendance de l'Algérie: Réalité de tous ces jours.

AUJOURD'HUI COMME HIER, UN SEUL OBJECTIF: L'INDEPENDANCE NATIONALE

par SAAD DAHLAB - membre du C. C. F.

Certains journaux, notamment en France, ont rendu compte des contacts qu'un fonctionnaire français du ministère des Affaires étrangères, M. Gosau Brissonnière, aurait eu avec des dirigeants du F.L.N. Ils semblaient si bien informés qu'ils ont même voulu l'opinioté de la conciliation du F.L.N. et les concessions qu'il était prêt à faire.

La vérité est que M. Brissonnière a demandé rendez-vous à des dirigeants du F.L.N. par l'intermédiaire du Secrétaire de l'U. G. T. A. à Tunis. Forts des expériences passées, nos responsables présents à Tunis ont refusé de le rencontrer et se sont bornés à lui indiquer les conditions d'une rencontre avec des représentants éventuels. Voilà en quoi a consisté la mission de M. Gosau Brissonnière. Au reste notre représentant à l'O.N.U., M. Hamid Yacid, a largement démontré les bruits plus ou moins fantaisistes et imaginaires qui ont entouré cette affaire.

Cette mise au point apportée afin que ne subsiste aucun équivoque, il importe cependant de lever la brume de l'affaire Brissonnière.

En effet la 2^{ème} session de l'O.N.U. avait exprimé dans sa résolution sur l'Algérie, l'espoir qu'une solution pacifique, démocratique et juste serait trouvée par des moyens appropriés conformément aux principes de la Charte des Nations Unies. La France avait dit oui, mais les dix, au contraire, mais le Président de la France pour trouver cette solution, propres déclarations de ses officiels du Conseil français se différenciant devant le Parlement d'avoir jamais essayé de contacter les Algériens en vue de négocier avec eux. Cela signifie que le Gouvernement français ne renonce en aucune manière à sa prétention de vouloir imposer par la force sa solution. Loin de prendre en considération la résolution de l'O.N.U., il continue en Algérie la guerre d'extermination. A la veille de la prochaine session de l'O.N.U., l'affaire Brissonnière, illustrant l'instabilité du Gouvernement français, a voulu manifester par le fer, le feu et le sang sa détermination en Algérie. L'opinion publique mondiale est internationale est ainsi devenue le peuple libératrice ayant déjà demandé l'inscription de la question Algérienne à l'ordre du jour de la 12^{ème} session de l'O.N.U., elle-ci ne manquera pas de tirer les conséquences de l'attitude française.

Quant à nous, la preuve est faite, encore une fois que nous avons raison de nous accorder avec crédit aux initiatives clandestines de nos agresseurs. Lorsque M. Monrozier a osé pas à affirmer qu'il se connaît mieux que nous en ce qui concerne les engagements officiels de nos dirigeants français, nous avons exigé des garanties sérieuses et des engagements officiels de nos dirigeants français. Peut-être M. Brissonnière ne compréhendait pas? Tant mieux pour nous, nous refusons de le rencontrer. Notre refus doit lui paraître aujourd'hui plus clair, comme elle par le passé plus compréhensible à tous ceux qui ne voient pas que l'indépendance est du côté français.

M. Bourgeois-Monrozier déclare toutefois qu'il y aura toujours des contacts avec les Algériens à cette fin de les souder. Libre aux Français d'apprécier comme ils l'entendent cette hostilité ouverte de leur chef de gouvernement. Nous leur déclarons à notre tour que nous n'avons rien à leur offrir. Ce que nous exigeons aujourd'hui est ce que nous avons proclamé le 1^{er} Novembre 1954, l'objectif de notre Révolution est la Libération de notre patrie. C'est la reconquête de notre souveraineté et de notre indépendance. Nous déposerons les armes le jour où cet objectif sera atteint, et seulement ce jour-là. La est notre détermination. La est notre volonté, quel que soit le temps et les sacrifices que cela impose. Trêve aux de guerre implacable devant ce aveil aveuglé aux atrocités. Puisse-t-ils fuir de l'oublier pour leur responsabilité.

Comme nous leur rappelons que toute tentative de négociation devra être sérieuse. La méthode à la Communauté et à la Belgique n'a jamais trompé le F.L.N. et sa troupe personne dans le monde. Il ne s'agit pas pour nous deux ministres d'essayer de prendre contact avec nous ou de nous séduire, pour se retirer ensuite. Le problème est à l'échelle gouvernementale. Le jour où le Gouvernement français voudra mettre un terme à la guerre il devra en manifester sincèrement le désir. La politique qu'il lan-

COMMUNIQUÉ DU COMITÉ DE COORDINATION ET D'EXÉCUTION DU FRONT DE LIBERATION NATIONALE

A PARTIR D'AUJOURD'HUI, LE SEUL ORGANE DE LA REVOLUTION ALGERIENNE SERA EL MOUDJAHID.

RESISTANCE ALGERIENNE (EDITONS A. B. CA, CESSÉ EN CONSEQUENCE DE PARAITRE).

POUR LE PAROLE DU FRONT DE LIBERATION NATIONALE, EL MOUDJAHID CENTRALISE LES INFORMATIONS RELATIVES A NOTRE LUTTE. APPORTANT AINSI UN SURCROIT D'EFFICACITE A NOTRE PROPAGANDE ECRITE.

LE N° 8 D'EL MOUDJAHID SE PLACE DONC DANS LA MEME TRADITION DES NUMEROS PRECEDENTS.

LES ALGERIENS ET LES ALGERIENNES Y LIRONT LA MARCHÉ TRIOMPHANTE DE NOTRE GLORIEUSE ARMEE DE LIBERATION NATIONALE.

ILS RETROUVERONT DANS EL MOUDJAHID LEUR VOLONTE ET LEUR DETERMINATION. ILS Y VERRONT LE PROGRAMME POLITIQUE, SOCIAL ET CULTUREL DÉFINI PAR LE F. L. N. SUR LE TERRITOIRE NATIONAL ET SERONT ECLAIRÉS SUR L'ACTUEL ENTHOUSIASME RÉSERVÉ A NOTRE LUTTE PAR L'OPINION INTERNATIONALE.

LA REVOLUTION ALGERIENNE, EXPRESSION DE 12 MILLIONS D'HOMMES ET DE FEMMES, SERA ENRIQUI ET COMMENTÉE PAR L'ORGANE CENTRAL DU F. L. N.

L'ENGAGE HEROÏQUEMENT DANS LE COMBAT LIBÉRATEUR, LE PEUPLE ALGERIEN VERRA SAVANCER CHAQUE SEMAINE DANS EL MOUDJAHID, L'OBJECTIF DE LA REVOLUTION ALGERIENNE: LA DEFAITE DE LENNEMI ET L'INSTAURATION D'UNE REPUBLIQUE ALGERIENNE, DEMOCRATIQUE ET SOCIALE.

ALGERIENS, ALGERIENNES, EL MOUDJAHID SERA LE MIROIR DE LA REVOLUTION ALGERIENNE.

VIVE L'ALGERIE LIBRE ET INDEPENDANTE!

Le souvenir d'un jeune héros de la guerre Libératrice

Depuis le 1^{er} Novembre 1954 notre jeunesse remporte de belles victoires dans la guerre de libération. Son courage tranquille, sa détermination et son abnégation ouvrent des perspectives glorieuses à notre Peuple et lui préparent des lendemains heureux.

Dés aujourd'hui, dans la tourmente et l'adversité, elle bâtit l'Algérie de demain. C'est grâce à elle que se poursuit la destruction des forces ennemies et se multiplient les magnifiques réalisations du F.L.N.

Les embuscades meurtrières ont infligé des pertes sanglantes aux occupants. Les Assemblées électorales donnent à notre Peuple la Démocratie à laquelle il est traditionnellement attaché. La lutte contre la maladie, l'analphabétisme et la famine est de tous les instants.

Les tâches exaltantes exigent de nombreux sacrifices et un dévouement total. Les jeunes qui ont déserté les usines, les champs, les universités et les lycées nous les félicitons. Dans la deuxième semaine opérationnelle nous avons perdu, il y a deux mois, deux combattants dont les noms passeront à la postérité.

Leur fin couronnée avec un service de la Patrie.

Aujourd'hui nous parlerons d'un jeune étudiant de Laghouat Abdelkader Bounadja tout d'abord commissaire politique sectorial.

Il avait 19 ans. Il ne s'accordait aucun moment de répit. Les rares instants pendant lesquels il voulait se reposer, il les consacrait à la lecture. Il se tenait à enrichir son esprit et à augmenter son rendement. Dans les réunions, il se distinguait par ses remarques judicieuses et ses analyses politiques claires et convaincantes.

Dans les villages, il préférait se rendre chez les plus pauvres pour connaître leur misère et le soulager. Il leur parlait du vol de nos terres et de no-

tre économie, tous entièrement dépendante de celle de l'ennemi. Il leur parlait aussi, car son regard était tourné vers l'avenir de la République Démocratique Sociale que notre Révolution installera.

Mais il désirait devenir soldat. La répression sauvage et toute française qui pesait sur le Peuple, le poussait à la vengeance. Il voulait avoir une arme entre les mains pour abattre un de ces êtres féroces et sadiques qui torturaient les femmes, brûlaient les maisons, accrochaient les récoltes, détruisaient les écoles. Son cœur fut comble et il fut affecté dans une compagnie régionale. Là aussi il se revêtit d'un excellent patriotisme par son intelligence tant par son intelligence que par ses vertus guerrières. Il combattit au cours de l'encerclement de Laghouat. A la tête d'un groupe et sous les ordres de l'adjutant Tahar, ancien étudiant lui aussi, il se lança sur une position stratégique. Malgré les rafales de F.M. il progressa et se rendit maître de la butte. De là, par un tir précis, il abattit de nombreux ennemis qui appartenaient au commando.

La victoire était au bout de dix minutes, entièrement entre nos mains. Les pertes françaises étaient nombreuses. Les pertes françaises étaient nombreuses. Les pertes françaises étaient nombreuses.



ABDELKADER BOUNADJA
mort au combat pour la Cause Nationale

Figura 14 – Capa do El Moudjahid N.8 – Rediçõo

Sobre a questão da forma, da diagramação das capas do jornal, Stanton (2011) afirma que de 1956 a 1962, as mudanças de estrutura e design da capa refletem, de certa forma, as mudanças em termos de localização física e a tecnologia de impressão em meio a uma guerra, além da inexperiência do grupo responsável pela edição e publicação, um sujeito coletivo que, através da experiência, evoluiu a forma do jornal⁴¹.

[...]De 1956 a 1962, o layout do *El Moudjahid* evoluiu dramaticamente em estrutura e design - uma evolução mais evidente em sua capa, que passou por várias iterações antes de estabelecer uma base de layout bastante estável no final de 1958. O estilo simples e gráfico e o panfleto - A forma semelhante às cinco primeiras edições foi substituída inicialmente por um layout de 'folha larga' denso em texto, no qual a capa parecia mais com a primeira página de um jornal, que durou até a edição 15. Da edição 16 à edição 31, esse layout gradualmente evoluiu para uma que combinava fotografias grandes com uma manchete em negrito. As fotos dominaram quase inteiramente a capa da edição 32 (20/11/58) até a edição 91 (19/3/62) e o fim da guerra. [...] (STANTON, 2011, p. 61, tradução livre⁴²)

Um problema que emerge na análise de Stanton (2011), é que ela – assim como todos os trabalhos que analisei - não teve acesso aos originais do jornal, portanto seu estudo ficou restrito à reprodução das capas do *El Moudjahid* que estão na reedição de 1962. Mesmo assim, o estudo de Stanton (2011) foi fundamental para essa tese, trazendo além das análises, bibliografias essenciais para a pesquisa sobre o *El Moudjahid*.

Um dos pontos mais controversos, acerca dos estudos sobre *El Moudjahid*, é

41 “[...] Mesmo quando o layout geral se estabilizou, os vários elementos de informação continuaram evoluindo. O que pode ser coletado desses elementos e de sua evolução? Essas mudanças podem ser atribuídas às exigências de publicação durante a guerra: As condições materiais de produção eram frequentemente incertas e inferiores ao ideal. Além disso, poucos líderes da FLN tinham experiência anterior na produção de propaganda: mudanças no layout podiam ser atribuídas à inconsistência e à experimentação de um grupo de amadores em mudança. [...]” (STANTON, 2011, p. 61-62, tradução livre). No original: “[...]Yet even when the overall layout stabilised, the various information elements continued to evolve. What can be gleaned from these elements and their evolution? These changes could be attributed to the exigencies of publishing during wartime: The material conditions of production were frequently uncertain and less than ideal. Moreover, few FLN leaders had previous experience in producing propaganda: Shifts in layout could be ascribed to the inconsistency and experimentation of a changing group of amateurs.[...]”.

42 “[...]From 1956 to 1962, the *El Moudjahid*'s layout evolved dramatically in structure and design – an evolution most evident on its cover page, which went through several iterations before settling on a fairly stable layout foundation by late 1958. The simple, graphic style and pamphlet-like shape of the first five issues was initially replaced by a text-dense 'broadsheet' layout in which the cover page appeared more like the front page of a newspaper, which lasted through Issue 15. From Issue 16 through Issue 31, this layout gradually evolved into one that combined large photographs with a bold headline. Photos almost entirely dominated the cover page from Issue 32 (11/20/58) through Issue 91 (3/19/62) and the end of the war.[...]”

acerca da contradição do seu título, traduzido como “Guerreiro da Fé”, evocando a Guerra Santa (dijihad), questão explicada no editorial da primeira edição que buscou afastar os ideais da revolução de uma representação pejorativa no Ocidente, de imagens ligadas ao fanatismo religioso e buscando uma interpenetração do nacionalismo com islamismo⁴³. Nas primeiras três edições, lê-se *Le Combattant* na capa, junto ao título *El Moudjahid*, provavelmente para dissipar qualquer analogia com fanatismo religioso.

3.3 Rede Intelectual e Circulação de Ideias

O jornal *El Moudjahid* configurou-se em nó difusor de uma rede intelectual de ideias revolucionárias, através da emissão dos pilares fundamentais da Revolução Argelina, concomitante com a recepção e reelaboração de ideias sobre a Revolução Africana ligada ao pan-africanismo: aqui reside a grande influência de Frantz Fanon como colaborador do jornal e intelectual orgânico. A recepção do jornal, para onde era endereçado, ou seja o seu alcance internacional, dentro da nova visão política da FLN pós-Soummam de internacionalização e politização da luta, também deve ser considerada como parte da rede intelectual do *El Moudjahid*. A redação do jornal em Tunis era uma estrutura de sociabilidade dessa rede intelectual.

A maioria das cópias de *El Moudjahid* chegou à França e a outros países através da cidade marroquina de Tetouan. Eles foram endereçados a uma lista selecionada de políticos, jornalistas e formadores de opinião em todo o mundo, e a qualquer pessoa que simpatizasse com a causa e que pudesse promovê-la publicando a posição do FLN. Cópias foram, por exemplo, enviadas sob capa comum para François Mauriac, em Paris, e grande parte do material publicado na *La Révolution algérienne par les textes de André Mandouze* apareceu pela primeira vez em *El Moudjahid*. Os eventos de fevereiro de 1956 e o envio do contingente para a Argélia sinalizaram que não haveria um fim rápido da guerra, e a forte derrota sofrida pela FLN durante a Batalha de Argel fez com que a propaganda assumisse agora uma nova importância. Ganhar apoio no exterior e na ONU era vital, e *El*

43 “O apelo à tradição islâmica deve ter significado pouco para Fanon, que estava, segundo ele, lutando por uma Argélia livre e secular e que parece ter subestimado o componente islâmico no nacionalismo argelino, mas as referências a um *dijihad* foram poderosamente sugestivas em um país onde, no uso popular, qualquer pessoa francesa poderia ser pejorativamente descrito como um *Roumi* ou 'cristão'. A maneira pela qual o *moudjahid* foi descrito era uma questão diferente e se conformava à visão da revolução de Fanon. [...]” (MACEY, 2012, p. 330, tradução livre). No original: “The appeal to Islamic tradition must have meant little to Fanon, who was, he thought, fighting for a free and secular Algeria and who does appear to have underestimated the Islamic component in Algerian Nationalism, but references to a *dijihad* were powerfully evocative in a country where, in popular usage, any French person could be pejoratively described as a *Roumi* or 'Christian'. The way in which the *moudjahid* was described was a different matter, and did conform to Fanon's vision of the revolution.[...]”.

Moudjahid foi projetado para receber esse apoio. Os artigos não foram assinados e nenhuma equipe editorial foi listada; portanto, é difícil determinar se o trabalho tinha uma equipe permanente. Sabe-se que Fanon, Mohammed Harbi, Pierre Chaulet e Abane Ramdane colaboraram em *El Moudjahid* em vários momentos, e outros colaboradores temporários foram sem dúvida recrutados de forma ad hoc. Embora seja impossível verificar esses números, a tiragem foi de 10.000 cópias por edição. Segundo seu editor, a função de *El Moudjahid* era dar 'um rosto' ao movimento FLN. Nem todo mundo ficou impressionado com os resultados. Mouloud Feraoun, por exemplo, achou seu estilo remanescente de um "semanal regional" e reclamou da combinação de "demagogia, pretensão e ingenuidade". O jornal - e a propaganda da FLN em geral - lembrou Edward Behr de "um filme soviético da era Stalin" e ele comentou profundamente "a imagem idealizada de revolucionários exilados". *El Moudjahid* foi um aprimoramento da *Résistance algérienne*, mas, como a maioria dos jornais revolucionários, pregava principalmente aos convertidos." (MACEY, 2012, p.327-328, tradução livre⁴⁴).

A redação do jornal, tornou-se uma estrutura de sociabilidade, que congregou muitos colaboradores argelinos e estrangeiros, engajados na luta pela independência da Argélia. A presença desses intelectuais, possibilitou uma grande influência mútua e a formação de um sujeito coletivo. A reelaboração de ideias, que tinham como principais motivos a crítica ao colonialismo, a africanidade e o pan-africanismo, o nacionalismo árabe e o islamismo, pan-arabismo e socialismo, terceiro-mundismo. Nesse momento antecipo, o que acredito ser, efetivamente, o grande papel exercido por Fanon na circulação de ideias revolucionárias: unir o mabreb à África negra tendo a Revolução Argelina como vanguarda deste pan-africanismo fanoniano, nisso está a essência e o fundamento da africanidade do pensamento de Fanon.

44 "Most copies of *El Moudjahid* found their way to France and other countries via the Moroccan city of Tetouan. They were addressed to a selected list of politicians, journalists and opinion-makers around the world, and to anyone else sympathetic to the cause and in a position to further it by publishing the FLN's position. Copies were, for instance, sent under plain cover to François Mauriac in Paris, and much of the material published in André Mandouze's *La Révolution algérienne par les textes* first appeared in *El Moudjahid*. The events of February 1956 and the dispatch of the contingent to Algeria had signalled that there would be no rapid end to the war, and the heavy defeat suffered by the FLN during the Battle of Algiers meant that propaganda now took on a new importance. Winning support abroad and at the UN was vital, and *El Moudjahid* was designed to ein that support. Articles were unsigned and no editorial team was ever listed and it is therefore difficult to determine whether the paper had a permanent staff. Fanon, Mohammed Harbi, Pierre Chaulet and Abane Ramdane are all know to have collaborated on *El Moudjahid* at various times, and other temporary contributors were no doubt recruited on an ad hoc basis. Although such figures are impossible to verify, the print run was 10,000 copies per issue. According to its editor, the function of *El Moudjahid* was give 'a face' to the FLN movement. Not everyone was impressed by the results. Mouloud Feraoun, for one, found its style reminiscent of a 'regional weekly' and complained about its combination of 'demagogy, pretentiousness and naivety'. The newspaper – and FLN propaganda in general – reminded Edward Behr of 'a Soviet-made filme of the Stalin era' and he commented sharply on 'the idealized image of exiled revolutionaries'. *El Moudjahid* was an improvement on *Résistance algérienne* but, like most revolutionary papers, it preached mainly to the converted."

A estratégia de independência que adotara a FLN, ao associar guerrilha interna e propaganda política internacional, teria fortes repercussões na maneira como determinados movimentos sociais de extrema esquerda desenvolveriam suas atividades, como foi o caso da Organização para Libertação da Palestina (OLP), do Partido dos Panteras Negras nos Estados Unidos, ou ainda dos movimentos dissidentes do partido comunista. As lutas de independência na Argélia foram importantes porque, além de fornecerem uma forte crítica ao colonialismo, possibilitaram pensar os sistemas de dominação de forma crítica e em uma perspectiva transnacional. (ARAUJO, 2017, p. 420)

Por quatro anos, de 2015 a 2019, garimpei os nomes dos colaboradores do *El Moudjahid* que trabalharam com Fanon, irei comentar sobre alguns deles, com breves notas biográficas. A idealização e criação do jornal foi trabalho de Abbane Ramdane (1920-1957), conhecido com arquiteto da revolução, organizador do Conferência de Soumman e amigo pessoal de Fanon. Ramdane foi morto pelos coronéis da FLN devido às disputas internas. No entanto, na capa⁴⁵ do *El Moudjahid* (1962, v. 1, p.460) número 24, publicado em 29 de maio de 1958, está a foto de Ramdane e a manchete de que foi abatido pelo inimigo francês: “Abbane Ramdane est mort au champ d’honneur”. Quem controlava esse tipo de informação, era o Comitê de Coordenação e Execução (CCE), que as repassava ao editor-chefe de *El Moudjahid*, Redha Malek.

O anônimo dos colaboradores do *El Moudjahid*, também servia como expressão de que não haviam fissuras, contradições internas na FLN. Em dois casos, no incidente de Melouza em maio de 1957 e no assassinato de Abbane Ramdane, em maio de 1958, a questão da verdade e da propaganda de guerra da FLN, colocou Fanon no centro de polêmicas. Fanon apareceu publicamente como membro da FLN, na conferência de imprensa cedida pela FLN, onde acusou-se a França pelo massacre de Melouza, com mais de 300 mortos. Em 1988, o coronel Mohammedi Saïd, que era responsável pela região de Melouza, admitiu que foi ele e suas tropas do ELN que empreenderam o massacre de Melouza, pois lá foi detectada a presença de messalistas comandados por Mohamed Bellounis, e eram apoiados pelos habitantes da vila. Estes fatos são exemplos dos dramas que assolam um militante de uma organização que se coloca como monolítica. O que se passa na consciência de um militante quando tem que esconder ou silenciar perante uma verdade que mancha a sua organização? Saberá Fanon da verdade sobre Melouza e Ramdane? Provavelmente sobre seu amigo sim, devia saber das intrigas

45 Ver Anexo F.

e expurgos internos da FLN. O silêncio de Fanon sobre o assassinato de Ramdane tinha haver com sua própria segurança, pois Mohammed Harbi afirmou, que o nome de Fanon estava na lista dos que seriam eliminados, no caso de uma reação pela morte de Ramdane (MACEY, 2012).

As fissuras da FLN entre os chefes do interior e do exterior, entre os militares e os favoráveis a politização da luta, como Abbane Ramdane, não podiam transparecer. A morte de Ramdane foi um dos casos mais famosos: o maior defensor da politização da luta na Argélia, organizou o Conferência de Soumman em 1956, e por isso duramente criticado por Ben Bella. Fanon disse para Simone de Beauvoir, que haviam duas mortes que ele não suportava: a de Lumumba e a de Ramdane, certamente porque sabia do que aconteceu e teve que calar, vendo o jornal onde ele escrevia, ocultando a verdade sobre a morte de seu camarada de luta (MACEY, 2012). São as ambiguidades das revoluções que muitas vezes tragam seus próprios protagonistas. Ramdane, considerado o “arquiteto da revolução”, foi vítima da guerra interna dentro da FLN.

O editor-geral de ambas as versões do *El Moudjahid* (em francês e em árabe) era Redha Malek, que respondia diretamente a Ahmed Boumendjel e ao ministro da informação M'Hamed Yazid. Junto com Fanon, Boumendjel e Yazid formariam o núcleo da equipe que representou o GPRA em congressos pan-africanos (MACEY, 2012).



Figura 15 - Fanon na redação do *El Moudjahid* - Fonte: *Fanon notre Frère* - documentário argelino, s.d.

Na reconstrução da rede intelectual e da estrutura de sociabilidade da redação do *El Moudjahid*, tendo como foco a produção intelectual fanoniana, as primeiras ligações devem necessariamente, levar em conta a este quarteto que coordenava e contribuía na produção textual do jornal: Fanon, Malek, Yazid e Boumendjel. Yazid estava a frente do escritório da FLN em *New York* entre 1955 e 1957 na *East 56th Street*. Casado com uma estadunidense chamada Olivia, esta relação deu a Yazid uma imagem aceitável da FLN, tornando-o um dos maiores defensores da causa argelina na ONU. (MACEY, 2012).

Boumendjel era um advogado parisiense treinado cuja história política remonta para a pré-guerra Etoile de l'Afrique du Nord. Certa vez, ele atuou como advogado de Messali, mas posteriormente se tornou próximo de Ferhat Abbas e agora era membro da CNRA. [...] (MACEY, 2012, p.325, tradução livre⁴⁶).

46 "Boumendjel was a Parisian-trained lawyer whose political history went back to the pre-war Etoile de l'Afrique du Nord. He once acted as a lawyer for Messali but subsequently became close to Ferhat Abbas and was now a member of the CNRA.[...]".

Seu irmão Ali, foi torturado e “suicidado” pelos paraquedistas franceses o que causou grande comoção em França, pois ele era uma figura muito conhecida em Paris. A questão da tortura aparecia com toda força e alguns franceses como o professor de direito e ministro René Capitant cancelou suas atividades em protesto a morte de Ali Boumendjel. O escritor Vercors, famoso por seu romance acerca da resistência francesa aos nazistas, *Le Silence de la mer* (1942), fez um gesto bem mais significativo, devolveu sua Légion d'honneur insignia ao presidente Coty, pois a França não estava mais coberta de glória e sim de vergonha (MACEY, 2012).

Outros nomes importantes da equipe da redação e colaboradores do jornal foram Ben Youcef Ben Khedda, que apoiou Ramdane na criação do *El Moudjahid*; Larbi Ben M'Hidi; Mohammed Harbi, Pierre Chaulet; a militante Nassima Hablal; Paulo de Castro; Allal Taalbi; Ramda; Assia Djébar; Temmam; Lamine Bechichi. Na edição árabe os principais colaboradores eram Abdallah Cheriet, Adderrahman Cheriet e Mohamed El Mili.

3.4 Sujeito coletivo, anonimato e autoria

Na redação do *El Moudjahid*, ocorreu uma experiência revolucionária em termos de produção, circulação e reelaboração de ideias, através da formação de um sujeito coletivo na comunicação. Segundo Stanton (2011, p.65, tradução livre⁴⁷):

A ausência de autores e editores identificados limitou a capacidade dos leitores de vincular artigos específicos à posição política ou estilo de escrita de um indivíduo. Esse anonimato autoral se encaixa no princípio de

47 “The absence of identified authors and editors limited readers’ ability to link particular articles with an individual’s political position or writing style. This authorial anonymity fit with the FLN’s principle of ‘collective leadership’; it also limited French authorities’ capacity to use *El Moudjahid* articles against any FLN member taken into French custody. However, the lack of attribution also raises the question of how closely top FLN leadership were involved in the journal, and to what extent the paper’s views mirrored, deviated from, or pushed those of the Provisional Government of the Republic of Algeria (GPRA). During the National Liberation Front (FLN)’s initial turn toward propaganda, top leadership seems to have been directly involved in the paper. Issue Three, published in September 1956 – one month after Soummam – was the only one to name the author of every article. Many were central FLN figures: Ramdane wrote the editorial, and Belkacem Krim and Mohammed Larbi Ben M'Hidi each contributed articles. As Mameri (1988) suggests, the FLN leadership seems clearly to have at this point been directly involved in boosting *El Moudjahid*’s profile, giving credence to its claim to be the ‘central organ of the FLN.’ While no other issue included so many authored pieces, the paper did attach names to certain kinds of articles, including letters of support sent by heads of various national governments, appeals from GPRA President Ferhat Abbas, and conference reports from Frantz Fanon. Authored articles also included numerous ‘day in the life’ pieces by ALN soldiers and officers, including ‘Notre armée et sa stratégie’, written by a Colonel Saadek of Wilaya IV (*El Moudjahid* 1962, Vol. I, p. 100). Similarly, reprints of letters sent from soldiers to family and friends included the senders’ first names.”

"liderança coletiva" do FLN; também limitou a capacidade das autoridades francesas de usar artigos do *El Moudjahid* contra qualquer membro do FLN preso sob custódia francesa. No entanto, a falta de atribuição também levanta a questão de quão estreitamente a liderança da FLN estava envolvida na revista e até que ponto as visões do artigo refletiram, se afastaram ou pressionaram as do Governo Provisório da República da Argélia (GPRA). Durante a virada inicial da Frente de Libertação Nacional (FLN) em direção à propaganda, a liderança de topo parece estar diretamente envolvida no jornal. A edição três, publicada em setembro de 1956 - um mês após Soummam - foi a única a nomear o autor de todos os artigos. Muitas eram figuras centrais da FLN: Ramdane escreveu o editorial, e Belkacem Krim e Mohammed Larbi Ben M'Hidi contribuíram com artigos. Como sugere Mameri (1988), a liderança da FLN parece claramente estar diretamente envolvida no aumento do perfil de *El Moudjahid*, dando credibilidade à sua pretensão de ser o "órgão central da FLN". Embora nenhuma outra questão incluísse tantas peças de autoria, o documento anexou nomes a certos tipos de artigos, incluindo cartas de apoio enviadas por chefes de vários governos nacionais, apelos do presidente da GPRA, Ferhat Abbas, e relatórios da conferência de Frantz Fanon. Os artigos de autoria também incluíam inúmeras peças do 'dia na vida' de soldados e oficiais do ALN, incluindo 'Notre armée et sa stratégie', escritas pelo coronel Saadek de Wilaya IV (*El Moudjahid* 1962, Vol. I, p. 100). Da mesma forma, reimpressões de cartas enviadas de soldados a familiares e amigos incluíam o primeiro nome dos remetentes.

Faz-se necessário pensar as conexões entre os textos cotidianos de Fanon, publicados no *El Moudjahid* e suas obras escritas durante a Revolução Argelina, *L'An V de la Révolution Algérienne* de 1959 e *Os Condenados da Terra*, publicado em 1961, considerando a rede intelectual que se formou na redação do *El Moudjahid*, e a consequente circulação de ideias através dessa rede. Ao integrar o quadro de intelectuais revolucionários que escreviam no jornal, Fanon empenhou-se na experiência da criação coletiva de textos, pois em geral, os artigos não eram assinados, mantendo uma das características da revolução, que seria levada a cabo por um personagem-coro, sem um rosto individualizado. O anonimato era também um elemento de segurança, ao esconder o nome dos indivíduos responsáveis pelos textos, também dava-se uma visão da FLN como bloco monolítico, sem fissuras, tendo em mente a questão de que o *El Moudjahid* tornou-se o órgão oficial de difusão das ideias da FLN, principalmente para o exterior, pois no interior da Argélia a propaganda mais importante era via ráiodifusão, como pode-se compreender ao estudarmos o ensaio de Fanon (1976) sobre a Voz da Argélia.

É preciso trazer a tona a ambiguidade que se expressa na redação do *El Moudjahid*: ser um veículo de propaganda exterior, propagar as ideias da FLN e

fazer jornalismo. O ambíguo nesse tipo de publicação, está na contradição entre a suposta busca da verdade, que deveria mover o jornalismo, e as demandas militantes da organização, que exigem a ocultação de certas informações. Mas estariam os jornais ditos imparciais tão longe dessa perspectiva? Para investigar um jornal ligado diretamente a uma organização política, como a FLN, o fenômeno da publicidade não influencia como nos jornais comerciais, não há a sutileza ideológica de uma busca pela imparcialidade abstrata, sabe-se de que lado e a quem serve a sua escrita. No entanto, não posso acreditar que os intelectuais do *El Moudjahid* não tinham o compromisso com a verdade, que em nome da revolução apagariam sua responsabilidade como intelectual revolucionário de contra-balancear de modo sincero a busca da verdade e as demandas militantes da revolução. Fanon não fez mera propaganda, foi muito além desta função nos textos que produziu para o *El Moudjahid*, nesse sentido é que aponto a ambiguidade, sem cair em um maniqueísmo que coloca de um lado um romantismo cego quanto aos intelectuais revolucionários, e de outro a visão estigmatizante, projetando-os como meros reprodutores dos discursos das suas organizações.

Nessa rede de intelectuais, os indivíduos transitavam e conectavam seus itinerários políticos ao aderir à proposta de criar textos de um modo coletivo. Surgia a experimentação revolucionária da criação de um sujeito coletivo, a enunciação dos discursos não nomeava um sujeito-individual como autor, o texto era produto de uma produção que transcendia o fetiche do autor. É nesse sentido que tornou-se imprescindível um aprofundamento sobre a questão da autoria e do anonimato, dentro dessa concepção de sujeito coletivo que quero defender para a redação do *El Moudjahid*, principalmente no que se relaciona à participação de Frantz Fanon nesse processo de criação.

Se os artigos era anônimos e produzidos de modo coletivo, como podemos ter a certeza que esse texto é de Fanon e aquele não? Provavelmente muitos artigos eram produzidos de modo individual e depois debatidos na redação, outros totalmente imersos na experiência de escrita coletiva. Os artigos atribuídos a Fanon lançados no *Em Defesa da Revolução Africana* (1980) e no *Écrits sur l'alienation et la liberté* (2015), tem como origem três listas, a de Josie Fanon, que datilografou muitos deles, a do editor italiano Giovanni Pirelli, e a do chefe da redação do *El Moudjahid*, Redha Malek (KHALFA, 2018).

Após a morte de Fanon, em dezembro de 1961, François Maspero, Giovanni Pirelli e Giulio Einaudi começaram a trabalhar em um projeto para compilar as obras completas de Fanon [...]. Dos três volumes previstos - 'Escritos políticos', 'Leituras políticas' e 'Escritos psicossociológicos' - apenas o primeiro foi publicado com o título *Pour la révolution africaine*, em 1964. (KHALFA, 2018, p. 533, tradução livre⁴⁸).

O editor François Maspero perguntou a Josie Fanon e Redha Malek se poderiam produzir listas com os textos que, de modo inquestionável, eram de Fanon. Posteriormente as duas listas foram comparadas. No entanto, em uma carta de 14 de setembro de 1963, Redha Malek (apud KHALFA, 2018, p. 534-535, tradução livre⁴⁹) afirmou a Maspero:

Como editor-chefe de *El Moudjahid*, de julho de 1957 a agosto de 1962, sou perfeitamente capaz de determinar exatamente a contribuição deste ou daquele escritor. *El Moudjahid* foi o trabalho de uma equipe que sempre trabalhou em conjunto e no anonimato. Os tópicos mais importantes tratados nele foram concebidos, e eu diria mesmo, pensado em conjunto. Isso explica um pouco o desconforto que sinto com seu projeto editorial, que naturalmente contraria esse anonimato, que tínhamos respeitado até o final ... Pedirei que você enfatize, no prefácio, por exemplo, que *El Moudjahid* é o trabalho de uma equipe anônima da qual Fanon era parte integrante e que a publicação desses artigos por ele, como tal, constitui um evento bastante excepcional, dada a regra à qual essa equipe permaneceu firme - pelo menos até o cessar-fogo. Então, na minha opinião, o que talvez deva ser destacado - e meu amigo Claude Lanzmann está bem posicionado para fazer isso - é a influência decisiva da revolução argelina no pensamento de Fanon. *Les Damnés de la terre* é basicamente um desenvolvimento e aprofundamento de tópicos tratados em *El Moudjahid*, que foram elaborados diariamente por nosso conselho editorial (especialmente tópicos relativos às relações dialéticas entre o caráter total da opressão e o caráter total e não menos importante de luta, entre a guerra de libertação e a transformação da consciência coletiva, etc.). Não há como reduzir a contribuição pessoal de Fanon, mas o objetivo é situá-lo no

48“After Fanon's death in December 1961, François Maspero, Giovanni Pirelli and Giulio Einaudi began work on a project to compile Fanon's complete works [...]. Of the three volumes envisaged—'Political writings', 'Political lectures' and 'Psychosociological writings'—only the first was to be published with the title *Pour la révolution africaine*, in 1964.”

49“As *El Moudjahid*'s chief editor from July 1957 to August 1962, I am quite capable of determining exactly the contribution of this or that writer. *El Moudjahid* was the work of a team that always worked together and in anonymity. The most important topics dealt with in it were conceived, and I would even say, thought through, jointly. This explains somewhat the discomfort I feel faced with your editorial project, which naturally runs counter to that anonymity, which we had respected until the end.... I will ask you to emphasize, in the preface for example, that *El Moudjahid* is the work of an anonymous team of which Fanon was an integral part and that the publication of these articles by him as such constitutes a rather exceptional event, given the rule to which this team had remained steadfast – at least until the cease fire. So, in my view, what ought perhaps to be highlighted – and my friend Claude Lanzmann is well placed to do so – is the decisive influence of the Algerian revolution on Fanon's thinking. *Les Damnés de la terre* is basically a development and deepening of topics that are treated in *El Moudjahid*, and that were elaborated from day to day by our editorial board (notably topics concerning the dialectical relations between the total character of oppression and the no less total character of struggle, between the war of liberation and the transformation of collective awareness, etc.). There can be no question of reducing Fanon's personal contribution in any way, the point is to situate him in the concrete context in which he so marvellously integrated himself.”

contexto concreto em que ele se integrou de maneira tão maravilhosa.

Josie Fanon, ao saber dessas posições quanto à publicação, em carta enviada a Maspero, com data de 16 de dezembro de 1963, respondeu que não estava surpresa com as restrições e afirmava: ou se publicava tudo ou nada.

Acontece que nenhuma dessas listas corresponde exatamente aos textos publicados em *Pour la révolution africaine*. Assim, publicamos aqui todos os artigos mencionados nessas várias listas que não foram incluídas na edição de 1964, bem como outros que pelo menos pareciam ser amplamente informados pelo pensamento de Fanon. Em muitas passagens, o leitor redescobrirá facilmente seu estilo, sua insistência nos processos vitais em ação em toda desalienação, seu interesse em uma consciência que se forja apenas libertando-se das identidades passadas; mas também sua preocupação em impedir a ossificação das estruturas revolucionárias e do neocolonialismo, e sua crença constantemente reiterada em uma dimensão verdadeiramente revolucionária do movimento nacional argelino. Ainda assim, *El Moudjahid* realmente era um trabalho coletivo, que provavelmente também era uma atração para Fanon, e seu pensamento sem dúvida prosperou nesse aspecto. De qualquer forma, a leitura desses textos nos permite reviver a atmosfera que presidiu à escrita de *Les Damnés de la terre*. (KHALFA, 2018, p. 534-535, tradução livre⁵⁰)

Como pensar a questão da autoria de Fanon, dentro de um sujeito coletivo produtor de textos que diluíram o indivíduo dentro do anonimato? Analisar a obra de Frantz Fanon através da sua biografia não seria uma *ilusão biográfica* (LIMA, 2017)? Quais as possibilidades de compreensão de sua obra, por meio de seu itinerário político e intelectual (ORTIZ, 2014)? O que de sua biografia, de sua luta, de sua práxis se explicita no seu texto? Os intelectuais são catalisadores de ideias que circulam, ou possuem o poder da criação? Esse é um dos pontos fundamentais da presente pesquisa: são questões essenciais para o entendimento das conexões entre as ideias que circulam nas obras de Fanon.

Minha experiência de vida ao ser transcrita, transposta, traduzida para o texto, inscreve-se como autoria, dentro de um jogo das estruturas de linguagem, dos “mil

⁵⁰“It so happens that none of these lists correspond exactly to the texts published in *Pour la révolution africaine*. We have thus published here all the articles mentioned in these various lists that were not included in the 1964 edition, as well as some others that at least seemed to be broadly informed by Fanon's thinking. In many passages the reader will easily rediscover his style, his insistence on the vital processes at work in all disalienation, his interest in a consciousness that forges itself only by liberating itself from past identities; but also his concern to prevent the ossification of revolutionary structures and neocolonialism, and his constantly reiterated belief in a truly revolutionary dimension of the Algerian national movement. Still, *El Moudjahid* truly was a collective work, which was probably also an attraction for Fanon, and his thinking no doubt thrived on this aspect. In any case, reading these texts enables us to relive the atmosphere that presided over the writing of *Les Damnés de la terre*.”

focos da cultura” de onde retiro informações, reconfiguro-as usando a fantasia de um eu unificado, como costureiro da narrativa que torno escrita. Há uma contradição entre o singular - as idiossincrasias do indivíduo - e o geral – o saber socialmente produzido - criando o desenvolvimento do texto, formando a sua particularidade. A própria noção de indivíduo transparece uma unidade particular, ou seja, a unidade e a oposição entre o singular e o geral que levam a uma superação, uma síntese. Essa unidade é um nó frouxo de rede intelectual, sempre em movimento, dentro de uma unidade fictícia do eu, do que se projeta como indivíduo, como autor.

Chesneaux (1995, p.17) compreende e explicita a contradição na criação intelectual, entre o indivíduo e o coletivo:

De uma forma mais ampla, a exposição de idéias, a reflexão, a análise, são apenas aparentemente tarefas individuais. Todo texto está principalmente enraizado numa sociedade, num meio social e num movimento político. Qualquer que seja a ilusão do redator sobre sua liberdade de “criador”... Seria então necessário assinar este livro? Assinar um livro parece óbvio. O leitor colocará uma etiqueta, o iniciante poderá “fazer um nome”, o editor se beneficiará da notoriedade do autor que já publicou e, de qualquer forma, na moral individualista-burguesa do Ocidente, cada um deve assumir a responsabilidade “privada” sobre o que escreve. “Honrar a assinatura”: essa regra elementar do comércio vale também para os intelectuais... Como se um texto, este por exemplo, devesse tudo a seu autor e a ninguém mais. Como se as informações aqui reunidas, as análises e as dúvidas tivessem nascido no esplêndido isolamento do cérebro de um indivíduo.[...]

A escrita é uma prática social e como tal está ligada à produção coletiva, o autor não pode se isolar do contexto e das estruturas, do saber e do saber fazer produzido ao longo da história.

O autor é apenas um catalisador, a escrita é apenas um *reflexo*. Um texto, e é a isso que o presente texto se propõe, pode ajudar a colocar os problemas, a amadurecê-los. Mas suas informações, suas análises e suas dúvidas só puderam ser formuladas e resgatadas pelo autor porque já circulavam em estado latente, porque já existiam na consciência coletivo de modo difuso, porque eram *produzidas por uma prática social* [...] (CHESNEAUX, 1995, p.17)

A autor como catalisador é uma noção importante para compreender a produção intelectual, principalmente em uma situação revolucionária como a da Argélia de Fanon. No entanto, é preciso ter cuidado com uma reflexologia reducionista, que anula a ação do sujeito, suas decisões que também fazem parte da sua trajetória intelectual. Por outro lado, colocar a ação do sujeito na escrita

como pura subjetividade, como ato livre de uma consciência centrada e desconectada das estruturas, induz ao erro do subjetivismo individualista.

Sobre autoria e anonimato Chesneaux (1995, p.18-19) cita algumas experiências que buscaram superar a contradição entre a produção coletiva e a exibição da assinatura individual do autor:

[...]Contra este exibicionismo, nem sempre franco e nem sempre assumido, o pseudônimo não é o remédio mais simples? Ou a assinatura coletiva, ou mesmo o anonimato? [...] Marx não assinou o *Manifesto Comunista*, que continua sendo seu “melhor texto” (como se diz entre os críticos cultos), porque ele acreditava ser apenas um catalisador e um reflexo, acreditava ajudar os operários revolucionários da Liga dos Justos a resgatar suas análises e suas perspectivas, e *nada mais*. Os jovens intelectuais radicais que fundaram o Partido Comunista Chinês, nos anos 20 e 30, usavam sistematicamente o pseudônimo – nem tanto por vigilância contra a polícia quanto como antídoto contra a valorização do indivíduo. Apuraram-se cinquenta e três pseudônimos diferentes para QU Qiu-bai, crítico literário que em determinado momento era secretário-geral do PCC e foi assassinado pelo Kuomintang em 1933. Os cientistas radicais da revista *Impascience* usam sistematicamente o anonimato: nenhum artigo é assinado.

Isso se refere às armadilhas da assinatura a montante, do lado do autor. Mas a jusante, do lado do leitor, as ambigüidades são as mesmas. O leitor acredita conhecer o autor, sua marca registrada, seu passado. Ele não lerá o texto por sua força intrínseca de interpelação mas pela relação com essa imagem que faz do autor, de seus projetos, de suas intenções[...]

Além disso, a assinatura é um elemento de valorização mundana e publicitária na sociedade do espetáculo. Ah! O último Glücksmann! Ah! O último Deleuze! Quando se dispõe desse ponto de referência, é fácil falar aleatoriamente sobre um livro que se leu apenas superficialmente ou não se leu. Mas um livro sem embalagem publicitária personalizada, não se terá julgamento sobre aquilo que ele diz, nem mesmo será mencionado, a menos que alguém o tenha efetivamente lido.

Para poupar o texto de todos esses excessos, de toda esta podridão, de todas essas projeções a montante e a jusante, para que ele desempenhe seu papel simultâneo de reflexo de uma prática social coletiva e de contribuição a tal prática, novamente, a solução não é o anonimato nem o pseudônimo...

Se finalmente decidi assinar este livro, após muitas hesitações, é porque um texto, cuja forma hoje permanece fatalmente individual, deve sempre muita à aventura pessoal, a tudo aquilo que o redator-transcritor viveu, apreciou, desprezou, julgou verdadeiro, sofreu, recusou. Assinar um livro é fazer o esforço de ali dizer “eu”, e nem sempre é fácil.[...]

A decisão de Chesneaux de assinar seu livro e não optar pelo pseudônimo ou anonimato, faz sentido para a sua obra, mas não cabe à produção intelectual do *EI Moudjahid*. É uma situação muito diferente do lugar de enunciação do historiador francês. Sua reflexão é interessante para pensar autoria, anonimato e sujeito coletivo dentro de um movimento contraditório entre sujeito e estrutura, entre o singular e o geral, mas sempre perpassado pelo ato de objetivação do indivíduo,

dentro de uma prática social. O debate sobre anonimato e autoria continua ainda hoje: posso citar a experiência pelo projeto Luther Blisset e Wu Ming, dentro de uma proposta de diluição do narcisismo pequeno-burguês na questão da produção política e intelectual.

3.5 A Presença de Fanon no El Moudjahid

Tendo a produção intelectual de Fanon como base, reconstruí os aspectos históricos da rede intelectual envolvida na produção do jornal *El Moudjahid* e como se deu a circulação de ideias em um movimento exterior-interior e interior-exterior ao núcleo da revolução argelina. Fanon tornou-se responsável por conectar e dialogar ideias relacionadas a conteúdos revolucionários, transitando-as entre América (Caribe onde nasceu), Europa e África. Ao romper com o Estado francês, Fanon assume oficialmente sua posição de intelectual da Revolução Argelina, e esta imersão no processo revolucionário, ao mesmo tempo que dá continuidade aos temas abordados em *Pele Negra Máscaras Brancas* (a alienação colonial, a invenção do colonizado, a questão da identidade, o tramado entre raça e gênero), elege novos temas advindos de sua participação orgânica como protagonista na libertação nacional da Argélia. Tudo isso perpassado pela *sociogenia* com fundamento metodológico (GORDON, 2015; FAUSTINO, 2018). Fanon, participa da rede intelectual conectada na produção dos textos anônimos do *El Moudjahid*, como um elo conectivo entre Magreb e África Negra, entre África e Europa, não deixando de lado as análises sobre sua terra natal, a Martinica e sempre dialogando com o pensamento anticolonial asiático, dentro do espírito de Bandung.

Os textos do *El Moudjahid*, devem ser pensados como propaganda internacional da FLN e não como objetivo de atingir as massas argelinas, pois 85% da população eram analfabeta (LACHERAF, 1974). O veículo por excelência para a comunicação com o interior da Argélia será o rádio, analisado por Fanon (1976, p. 50-76) em "*Aqui la Voz de Argelia*".

A rede intelectual do jornal El Moudjahid, é uma rede de pessoas e de enunciados, pois as ideias não circulam sozinhas, como ressalta Sirinelli (1996), onde o indivíduo torna-se um elo na produção coletiva de textos, formando, o que eu chamei de sujeito coletivo. Esse sujeito coletivo não é a soma mecânica dos

indivíduos envolvidos na redação do jornal. Além do mais, o sujeito coletivo da qual Fanon participou ativamente, não anula a importância do indivíduo Fanon. É notória a circulação de ideias do indivíduo Fanon para o núcleo intelectual da revolução argelina e posteriormente a retomada dos temas desenvolvidos por Fanon e seus camaradas nos artigos do *El Moudjahid*. Fanon ao fazer a imersão nesse sujeito coletivo, concomitantemente emerge como intelectual orgânico da revolução argelina, sendo um elo fundamental no diálogo com o pan-africanismo. É com esse movimento correlacionado que o pensamento de Fanon se enriquece e enriquece a Revolução Africana.

Fanon chega em Tunis, no dia 28 de janeiro de 1957 (MACEY, 2012), para atuar como psiquiatra - usando o pseudônimo de Dr. Farès (YOUNG, 2018) - e militando abertamente pela FLN. “ Em Tunis, Fanon conseguiu trabalhar abertamente com a FLN e não precisava mais levar a estressante vida dupla que vivia em Blida. [...]” (MACEY, 2012, p.306, tradução livre⁵¹). Fanon teve problemas na sua atuação médica no Hospital La Manouba em Tunís, logo de início criou-se uma indisposição com o diretor Dr. Ben Soltan, descrito como um homem racista, que atacava Fanon, principalmente por ser negro e não falar árabe, e consequentemente criticava a sua atuação médica (MACEY, 2012). Fanon sabia que no Magreb se manifestava um forte racismo anti-negro e isso era um dos grandes problemas de um proposta de unidade africana, afro-arábica. “[...] Tanto na Argélia quanto na Tunísia, os negros eram comumente referidos como *Al-âbid* (o singular é ' *Ab'd'*), significando 'escravos' [...] ” (MACEY, 2012, p.314, tradução livre⁵²). Acusado formalmente de “sionismo” -de ser agente de Israel - pelo Dr. Ben Soltan, a cada dia a posição de Fanon na Clínica Manouba ficava mais insuportável. Logo ele começa um novo trabalho no Hospital Charles-Nicolle, onde busca empreender suas reformas e escreve artigos junto com seu colega Charles Geronimi.

“Como em Blida, o objetivo de Fanon era criar uma 'neo-sociedade' terapêutica na qual os pacientes pudessem estabelecer uma multiplicidade de vínculos sociais, cumprir uma variedade de papéis [...]” (MACEY, 2012, p.320, tradução livre⁵³).

51“In Tunis, Fanon was able to work openly with the FLN and no longer needed to lead the stressful double life he had been living in Blida.[...]”

52“[...]In both Algeria and Tunisia, black people were commonly referred to as *Al-âbid* (the singular is ' *Ab'd'*), meaning 'slaves'[...]”.

53“As at Blida, Fanon's goal was to create a therapeutic 'neo-society' in which patients could establish a multiplicity of social bonds, fulfil a variety of roles[...].”

Concomitante com seu trabalho revolucionário na psiquiatria, em solo tunisiano Fanon tornou-se “[...] um militante político e um porta-voz intransigente da FLN. Ele também se tornou um polemista eficaz e colaborador de *El Moudjahid* [...]” (MACEY, 2012, p.324, tradução livre⁵⁴).

Sobre a questão jornalística no *El Moudjahid*, deve-se pensá-lo apenas como uma arma de guerra, pura propaganda? Isso negaria o sua produção em termos de jornalismo? A maioria dos jornais impressos por empresas privadas, também não seriam peças de propaganda que atuam dentro do que se conceitua como *framing* e *agenda setting*? A maioria dos autores e autoras que buscam analisar o *El Moudjahid* (FITTE, 1973; GADANT, 1988, MACEY, 2012), cristalizam apenas o seu aspecto como arma de propaganda ou como um jornal que pouco tinha de jornalismo.

Fanon não era um jornalista profissional e não tinha intenção de se tornar um, mas estava mais do que disposto a servir à causa da independência de qualquer maneira possível. Na verdade, ele era um jornalista improvável, pois ainda não havia aprendido a datilografar e tinha que ditar sua cópia a uma secretária, o que não é exatamente a norma na redação. Seus artigos mostram um pouco de talento ou interesse em coletar notícias difíceis e uma forte dependência de relatórios de agências e serviços de transmissão. Isso não era necessariamente uma desvantagem; *El Moudjahid* estava muito menos interessado em reunir notícias do que em interpretá-las. (MACEY, 2012, p.329, tradução livre⁵⁵).

Somente Stanton busca compreender o jornal, indo além de sua delimitação como arma de guerra, meramente propaganda ideológica. A própria ação do ministro Yazid é colocada de tal modo por Macey (2012, p.325-326, tradução livre⁵⁶):

54 “[...]a political militant and an intransigent spokesman for the FLN. He also became an effective polemicist and a contributor to *El Moudjahid*[...]”.

55 “Fanon was not a professional journalist and had no intention of becoming one, but he was more than willing to serve the cause of independence in any way possible. He was in fact an unlikely journalist in that he had still not learned to type and had to dictate his copy to a secretary which is not exactly the norm on the news desk. His articles show little talent for, or interest in, hard news-gathering and a heavy reliance on agency reports and wire services. This was not necessarily a disadvantage; *El Moudjahid* was much less interested in gathering news than in interpreting it.” (MACEY, 2012, p.329)

56 “A radio journalist who worked in Tunis between 1960 and 1962 has described how Yazid's Ministry of Information dealt with journalists. The Ministry provided journalists with their only real contacts with the Revolution. The FLN's senior leaders remained in the shadows, leaving Yazid and his colleagues to deal with the press. Half-truths, false trails and snippets of real information were imparted to journalists as though they were great secrets. Sometimes the information was accurate and sometimes was false, and Yazid and Boumendjel exploited it to entice journalists into their web. Yazid, who born in Blida in 1923, was a past master at this game. When he gave official press conferences, he adopted a relaxed “American” style, but he preferred to meet journalists on a one-to-one basis in his little office in the rue de Entrepreneurs. [...]”

Um jornalista de rádio que trabalhou em Tunis entre 1960 e 1962 descreveu como o Ministério da Informação de Yazid lidava com jornalistas. O Ministério forneceu aos jornalistas seus únicos contatos reais com a Revolução. Os líderes seniores do FLN permaneceram nas sombras, deixando Yazid e seus colegas para lidar com a imprensa. Meias verdades, rastros falsos e trechos de informações reais foram transmitidos aos jornalistas como se fossem grandes segredos. Às vezes, as informações eram precisas e, às vezes, falsas, e Yazid e Boumendjel as exploravam para atrair jornalistas para a sua "teia". Yazid, que nasceu em Blida em 1923, era um mestre no passado. Quando deu entrevistas coletivas oficiais, adotou um estilo "americano" descontraído, mas preferiu encontrar jornalistas individualmente em seu pequeno escritório na rue de Entrepreneurs. [...]

A informação é uma arma de guerra e isso os franceses usavam com todo o seu potencial, se tornando mestres na guerra de contrainformação, inclusive falsificando edições do *El Moudjahid*. Na guerra colonial o colonizado também utilizou esses meios típicos não só da ação militar francesa, mas dos jornais em geral. A circulação do jornal era clandestina na Argélia e na França, se alguém fosse flagrado com uma edição do *El Moudjahid*, teria sérios problemas com a polícia, pois era quase certo que o detentor do jornal tinha ligações e simpatias com a FLN.

4 OS ARTIGOS DO EL MOUDJAHID ATRIBUÍDOS A FANON

Até a publicação de *Écrits sur l'aliénation et la liberté* (2015), o acesso aos artigos considerados da autoria de Fanon, no *El Moudjahid*, estava restrito à obra *Em Defesa da Revolução Africana* (1980) e aos volumes da reedição do jornal. Em 2018 obtive a referida obra (FANON, 2015) que produziu um reviravolta na pesquisa: dos 21 selecionados para o *Em Defesa da Revolução Africana* (FANON, 1980), têm-se agora 42 artigos, segundo as listas⁵⁷ de Josie Fanon (JF), de Redha Malek (RM) e Giovanni Pirelli (GP; GP?), além das intervenções de Fanon em Accra e Conakry, sendo um desses artigos assinado como Dr. Fanon, além do artigo atribuído ao pensador por Alice Cherki.

Em um primeiro momento, criei uma tabela⁵⁸ que pudesse apoiar a análise sobre os artigos, e que pudesse servir de base para futuras pesquisas sobre Fanon. Essa tabela-guia, foi como um dispositivo que organizou e cartografou todos os artigos atribuídos a Fanon. Então resenhei todos os artigos, para poder estudá-los e logo, tentei classificá-los, segundo as categorias temáticas de Fitte (1973), que se mostraram engessadas demais, mesmo obtendo o mesmo resultado geral, sobre a preponderância dos textos sobre a internacionalização do conflito. Mas meu objetivo era muito diferente, não queria classificar os artigos, mas sim buscar as conexões entre eles e as referidas obras teóricas de Fanon. Assim, dentro da perspectiva teórico-metodológica que prôpus, o que procurei foram as forças motrizes e os principais motivos que aparecem nos artigos, para, à partir daí, produzir conceitos que são uma síntese da produção intelectual fanoniana no *El Moudjahid*: **africanidade, colonialismo, violência, revolução, independência, e novo humanismo.**

4.1 Guia de leitura do Capítulo

57 As listas foram retiradas da obra *Écrits sur l'aliénation et la liberté* (FANON, 2015), elas se referem a reedição iugoslava do *El Moudjahid* (1962), demonstrando a impossibilidade de acessar os originais do jornal e reforçando que mesmo a reedição é raríssima. As listas foram comparadas com as informações trazidas pelas primeiras biografias de Fanon, publicadas por Peter Geismar, Irène Gandzier e Renate Zahar (FANON, 2015; FANON, 2018, p.552).

58 Ver Apêndice A.

No presente capítulo, devido ao grande número de citações, comparações entre as versões publicadas dos artigos (FANON, 1980; FANON, 2015; FANON, 2018) e a reedição do *El Moudjahid* (1962), não foi possível inserir as traduções em português, pois haveria uma tradução da tradução, o que aniquilaria a forma, o corpo e o fluxo do texto com inúmeras notas de rodapé. A proposta é comparar as diversas versões analisadas. Dos 42 artigos atribuídos a Fanon, 21 estão traduzidos para o português e 21 para o inglês, assim coloquei todas as versões facilitando a leitura para quem não lê francês. As traduções das citações de editoriais foram feitas normalmente.

Uma questão importante: há diferença entre a disposição dos parágrafos nos artigos de Fanon e nas diversas versões, o que me instigou a analisar esse fenômeno. Como afirmei, na reedição iugoslava vê-se a cópia da capa original, assim é possível observar os artigos de capa de Fanon. No entanto, somente a capa foi copiada para a reedição, o interior foi reeditado, inclusive, limitando-se à descrição das imagens em nota de rodapé. Comparando os trechos dos artigos de capa com a sua versão reeditada no interior dos volumes, vê-se que o editor Redha Malek, aparentemente, manteve a disposição original de parágrafos. A fidelidade a esta disposição original dos parágrafos, também é observada na versão portuguesa de *Em Defesa da Revolução Africana* (FANON, 1980).

Na edição e-book de *Écrits sur l'aliénation et la liberté* (FANON, 2015) e na sua versão inglesa, *Alienation and Freedom* (FANON, 2018), ocorreu a modificação na forma em que os parágrafos estão dispostos, inclusive com a junção de frases em novos parágrafos. Essa observação parece, a princípio de pouco valor para a investigação, no entanto Stanton (2011), alerta sobre o conteúdo da forma, com base em seus estudos do *El Moudjahid*, partindo da teoria de Hayden White. Sobre as capas, inseri nos anexos as que continham artigos considerados de Fanon e aquelas que julguei fundamentais, entre elas as do assassinato de Ramdane e de Lumumba. A escolha de enviar as capas relacionadas ao presente capítulo para a parte de anexos, deveu-se ao tratamento que dei, com alta resolução, para que as leitoras e leitores possam analisar com zoom profundo os detalhes. No corpo do texto isso trancava em algumas máquinas, rodando melhor em computadores de alta performance.

4.2 Análise dos artigos atribuídos a Fanon

El Moudjahid Número 8 – 05/08/1957

Segundo a lista de Josie Fanon (JF) e a de Giovanni Pirelli (GP?), Frantz Fanon teve seus primeiros dois artigos publicados na edição número 8, do dia 05 de agosto de 1957. Esta edição revolucionou a forma do jornal, a sua diagramação mudou radicalmente, como é visível na capa⁵⁹. No editorial, assinado por Saad Dahlab, membro do CCE, tem-se a argumentação sobre a importância da internacionalização do conflito argelino e a questão da Argélia na ONU:

De fato, a 12ª sessão da ONU expressara em sua resolução sobre a Argélia, a esperança de que uma "solução pacífica, democrática e justa" fosse encontrada por meios apropriados, de acordo com os princípios da Carta das Nações Unidas! [...] Longe de levar em consideração a resolução da ONU, irá continuar na Argélia, a guerra de extermínio [...] (EM, 1962, v. 1, p.83, tradução livre⁶⁰)

Um comunicado essencial do CCE, foi publicado logo após o editorial. Nele vê-se oficializada a mudança em termos de comunicação na FLN: agora o *El Moudjahid* é o único órgão oficial da FLN e o *Resistance Algerienne* cessa de ser publicado.

COMUNICADO DO COMITÊ DE COORDENAÇÃO E DE EXECUÇÃO DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

A partir de hoje, o único órgão da Revolução Argélia será EL MOUDJAHID. RESISTANCE ALGÉRIENNE (edições A., B., C.) deixa, portanto, de ser publicado.

Porta-voz da Frente de Libertação Nacional, EL MOUDJAHID centraliza as informações sobre nossa luta, trazendo assim maior eficiência à nossa propaganda escrita.

O Nº 8 de EL MOUDJAHID está, portanto, na mesma tradição das edições anteriores.

Argelinos e argelinas lerão nele a marcha triunfante de nosso glorioso Exército de Libertação Nacional.

Eles encontrarão em EL MOUDJAHID sua vontade. Eles verão lá o programa político, social e cultural já realizado pela F.L.N. no território nacional e serão esclarecidos sobre a recepção entusiástica reservada à nossa luta pela opinião internacional.

A Revolução da Argélia, uma expressão de 12 milhões de homens e mulheres, será explicada e comentada pelo Órgão (sic) central da F.L.N.

Engajado heroicamente no Combate Libertadores, o povo argelino verá avançar a cada semana em EL MOUDJAHID, o objetivo da Revolução da Argélia: a derrota do inimigo e o estabelecimento de uma República Democrática e Social da Argélia.

59 Ver capítulo 2, figura 14, página 76.

60 "En effet la 12-ème session de l'O.N.U. avait exprimé dans sa résolution sur l'Algérie, l'espoir qu'une "solution pacifique, démocratique et juste" serait trouvée par des moyens appropriés conformément aux principes de la Charte des Nations Unies! [...] Loin de prendre en considération la résolution de l'O.N.U., il continue en Algérie la guerre d'extermination.[...]"

Argelinos, argelinas, EL MOUDJAHID, será o espelho da Revolução Argelina.

Viva a Argélia livre e independente!(EM, 1962, v. 1, p.84, tradução livre⁶¹)

Fanon estreia no *El Moudjahid* com um artigo intitulado *La Légion Etrangere Demoralisee* (EM, 1962, v. 1, p.93-95; FANON, 2015, FANON, 2018, p. 539-545), onde aborda a desmoralização da Legião Estrangeira através do crescimento de deserções de legionários para as tropas do ELN. O processo de lavagem cerebral dos legionários, seu isolamento, sua curiosidade e posterior simpatia pelo ELN. O artigo era, originalmente, ilustrado por duas fotografias, comparando a condição de um legionário desertor.

O segundo artigo de Fanon, *L'Indépendance de L'Algérie – Realité de Tous Les Jours* (EM, 1962, v.1, p.95-96; FANON, 2015, FANON, 2018, p. 547-548), analisa o papel seminal do combatente na construção da soberania argelina, processo que vai além do combate em si, mas está ligado a atividades cotidianas e políticas como alfabetizar as crianças, estabilizar o acesso a água, questões logísticas, culturais que estalecem o presente e o futuro do povo argelino e da nação em construção. Nas obras que publicaram o artigo, há uma importante nota de rodapé que está diferente na edição em francês (FANON, 2015) e inglês (FANON, 2018). Em *Alienation and Freedom* é inserida uma nota no final da seguinte frase do artigo: “Cada emboscada, cada ato de solidariedade, cada decisão tomada em nome da Frente de Libertação Nacional e do Exército funciona para reforçar a autoridade da revolução e atestar sua vitalidade prodigiosa.” (FANON, 2018, p.548, tradução

61 “COMMUNIQUE DU COMITE DE COORDINATION ET D'EXECUTION DU FRONT DE LIBERATION NATIONALE

A partir d'aujourd'hui, le seul organe de la Révolution algérienne sera EL MOUDJAHID.

RESISTANCE ALGERIENNE, (Editions A., B., C.) cesse en consequence de paraître.

Porte-parole du Front de Libération Nationale, EL MOUDJAHID centralise les informations relatives à notre lutte apportant ainsi un surcroit d'efficacité à notre propagande écrite.

Le N° 8 d'EL MOUDJAHID se place donc dans la même tradition des numéros précédents.

Les Algériens et les Algériennes y liront la marche triomphante de notre glorieuse Armée de Libération Nationale.

Ils retrouveront dans EL MOUDJAHID leur volonté. Ils y verront le programme politique, social et culturel déjà réalisé par le F.L.N. sur le territoire national et se sont éclairés sur l'accueil enthousiaste réservé à notre lutte par l'opinion internationale.

La Révolution algérienne, expression de 12 millions d'hommes et de femmes, sera expliquée et commentée par l'Orange (sic) central du F.L.N.

Engagé héroïquement dans le Combat Libérateurs, le Peuple algérien verra s'avancer chaque semaine dans EL MOUDJAHID, l'objectif de la Révolution algérienne: la défaite de l'ennemi et l'instauration d'une République Algérienne Démocratique et Sociale.

Algériens, Algériennes, EL MOUDJAHID, sera le miroir de la Révolution algérienne.

Vive l'Algérie libre et indépendante!”

livre⁶²). A nota da edição em inglês é muito maior que a da edição original em francês:

2 [Esse mesmo vocabulário e tom, que enfatizam a constituição da autonomia no envolvimento constante no presente próprio à situação revolucionária, são discerníveis em muitos textos de Fanon, tanto psiquiátricos quanto políticos. Assim, o primeiro capítulo de *Les Damnés*, sobre violência, explica o ganho de autonomia, mesmo com a participação mais humilde ou simbólica (mas autêntica) da luta, simultaneamente cria o povo como nação. Isso é importante: Fanon derivará dessa "realidade cotidiana" da independência argelina sua recusa das reivindicações de liderança feitas pelas novas elites com base em seu papel "histórico". Esta é sua principal preocupação neste livro, que visa principalmente os povos então descolonizados recentemente. *Os Condenados da Terra*, pp.51-2] (FANON, 2018, p. 548, tradução livre⁶³).

Em *Écrits sur l'aliénation et la liberté* (FANON, 2015, tradução livre⁶⁴) a nota se resume a uma frase: "2 [Esse vocabulário e esse tom são encontrados em muitos dos textos de Fanon.]" Essa nota reforça a importância dessa pesquisa, no sentido de conhecer os textos jornalísticos que abordavam o cotidiano da Revolução Argelina, colocando-os como fundamento de onde Fanon partiu para escrever *L'An V de la Révolution Algérienne* (1976) e *Os Condenados da Terra* (2010).

El Moudjahid Número 10 – 09/1957

A edição número 10 está datada de setembro de 1957 e nela há três artigos considerados de Fanon: *L'indépendance nationale, seule issue possible* (EM, 1962, v. 1, p. 120-122; FANON, 2015; FANON, 2018, p. 549-555), que consta na lista de Josie Fanon e Giovanni Pirelli (JF; GP); *Déceptions et illusions du colonialisme français*⁶⁵ (EM, 1962, v. 1, p.122-124; FANON, 1980, p. 63-69) e *L'Algerie Face aux*

62 "Each ambush, each act of solidarity, each decision taken in the name of the National Liberation Front and Army works to bolster the revolution's authority and to attest to its prodigious vitality."

63 "2 [This same vocabulary and tone, which emphasize the constitution of autonomy in the constant engagement in the present proper to the revolutionary situation, are discernible in many Fanon's texts, both psychiatric and political. Thus the first chapter of *Les Damnés*, which is on violence, explains how gaining autonomy, even through the most menial or symbolic (but authentic) participation in the struggle, simultaneously creates the people as a nation. This is important: Fanon will derive from this "everyday reality" of Algerian independence his refusal of the claims to leadership made by the new elites on the ground of their "historical" role. This is his main concern in this book, which primarily aims as the then recently decolonized peoples. *The Wretched of the Earth*, pp.51-2]".

64 "2 [Ce vocabulaire et ce ton se retrouvent dans nombre de textes de Fanon.]"

65 Quando o artigo estiver presente nesta obra (FANON, 1980), colocarei as citações em português. Quando o artigo estiver no *Écrits sur l'aliénation et la liberté* (FANON, 2015) e na sua tradução inglesa, *Alienation and Freedom* (FANON, 2018), utilizo a versão em inglês e em nota de rodapé a reedição do *El Moudjahid*. Lembrando que no *Em Defesa da Revolução Africana* (FANON, 1980) foi respeitada a disposição de parágrafos da reedição do *El Moudjahid* (1962).

Tortionnaires Français (EM, 1962, v. 1, p. 133-136, FANON, 1980, p. 71-79), ambos presentes apenas na lista de Josie Fanon, segundo o prefácio de François Maspero no *Em defesa da Revolução Africana*. O editorial – intitulado *Le nouveau “préalable”* (EM, 1962, v.1, p. 119-120) - clama pela união dos países do Magreb e analisa a agressão a Suez no Egito de Nasser, um dos grandes apoiadores da Revolução Argelina.

O artigo *L'indépendance nationale, seule issue possible* (EM, 1962, v. 1, p. 120-122) não foi inserido na seleção para o *Em Defesa da Revolução Africana* (FANON, 1980), aparece como de autoria de Fanon, na obra *Écrits sur l'Aliénation et la Liberté* (FANON, 2015). É o artigo em destaque na capa⁶⁶ da edição número 10, inclusive com uma imagem de tropas do ELN. O artigo aborda a questão estratégica da independência e introduz o tema que será aprofundado em *Déceptions et illusions du colonialisme français* (EM, 1962, V.1, p.122-124). Os franceses, incluindo a esquerda, vivem o mito da Argélia francesa, onde uma possível independência produziria um retrocesso sócio-econômico e cultural com a saída da França do solo argelino.

Decreeing Algeria to be a French département entailed establishing total oppression in it, wiping a nation from the map, depersonalizing a people, reducing it to decline and death; but it also meant determining an explosive situation in this country, a permanent state of tension, as well as giving rise to such profound contradictions that the the system that had generated them would find it impossible to deal with them. In other terms, the extreme form that French colonialism assumed in Algeria – settlement colonialism of a southern type – has elicited no less extreme reactions in the people. These cannot be reduced to bouts of collective violence or uncontrolled movements of revolt and despair.[...] ⁶⁷ (FANON, 2018, p. 551).

Logo adiante, Fanon aplica o conceito de neocolonialismo, fala da dialética da consciência e escreve sobre o homem novo que emerge da revolução, do colonizado emerge o argelino da era da independência. (EM, 1962, v.1, p.121-122; FANON, 2015; FANON, 2018, p. 552-554).

66 Ver Anexo A.

67 “Décréter l'Algérie département français, c'était y installer une oppression totale, effacer une nation de la carte, dépersonnaliser un peuple, le réduire à la déchéance et à la mort; mais c'était aussi, déterminer dans ce pays une situation explosive, un état de tension permanent, et donner naissance à des contradictions dont la profondeur sera telle que le système qui les a engendrées se trouvera dans l'impossibilité de les assumer.

En d'autres termes, la forme extrême qu'a revêtue le colonialisme français en Algérie – colonialisme de peuplement du type sudiste – a déterminé chez le peuple des réactions non moins extrêmes. Celles-ci ne se réduisent pas à des accès de violence collective et à des mouvements incontrôlables de révolte et de désespoir. (EM, 1962, v. 1, p. 121)

O artigo *Déceptions et Illusions du Colonialisme Français* (EM, 1962, v. 1, p. 122-124), traduzido como *Decepções e Ilusões do Colonialismo Francês* (FANON, 1980, p.63-69), foi atribuído a Fanon por sua esposa Josie Fanon (JF). Como pode-se observar é um texto de capa⁶⁸ em uma *box* inserida abaixo do artigo principal que também é de Fanon, segundo as listas supracitadas. Um dos temas preferidos de Fanon no jornal é o ataque às mistificações produzidas pelos colonialistas franceses, principalmente ao chamado Mito da Argélia Francesa. Há uma continuidade e aprofundamento em cada novo artigo conduzido por Fanon nessa edição, que culmina com a análise do uso sistemático da tortura como arma de guerra, pelo exército francês.

O artigo comenta as tentativas francesas de desmobilizar o processo revolucionário na Argélia e a palavra de ordem estratégica que é a independência nacional. O clássico *divide et impera* foi empreendido com operações balcanizantes, balizadas pela guerra suja - a chamada Guerra Moderna Francesa, pós-Dien Bien Phú - nas seguintes operações denunciadas por Fanon: a Operação Mozabites, a Operação Cabilas, a Operação Judeus e a Operação Harkas.

[...]O que se procura concretamente é o aparecimento no seio da população de correntes internas contraditórias, portanto contra-revolucionárias. O que caracteriza estas operações é a exploração de um certo número de hostilidades locais criadas pelo colonialismo, a manutenção e a intensificação provocada por diferenças culturais transformadas em luta de clãs ou, por vezes, de "raças"⁶⁹. (FANON, 1980, p.65)

A guerra suja é aplicada através de massacres empreendidos pelos colonialistas, onde a culpa era endereçada para o ELN. No entanto, o povo se identificava com os guerrilheiros, as mulheres estupradas pelos soldados franceses, eram esposas e filhas de militantes da FLN. Outra cartada do colonialismo era o messalismo, que em solo argelino, segundo Fanon não possuía nenhum poder, mas na França era apoiado pelos colonialistas, armados e inseridos em território argelino. Após estas desilusões – afirmar que bastavam reformas econômicas; aplicar o *divide et impera* e utilizar harkis e messalistas -restou a última operação de desmobilização da revolução argelina: afirmar que era de inspiração estrangeira,

68 Ver Anexo A.

69 “[...]Ce quis est concrètement recherché, c’est l’apparition au sein de la population de courants intérieurs contradictoires, donc contre-révolutionnaires. L’exploitation d’un certain nombre d’hostilités locales créées par le colonialisme, l’entretien et l’intensification provoquée de différences culturelles transformées en lutte de clans, ou, quelquefois, de ‘raças’ caractérisent ces opérations.” (EM, 1962, v. 1, p.123).

vinha do nasserismo. “[...]A expedição do Suez propunha-se ferir a Revolução Argelina no topo.[...]”⁷⁰ (FANON, 1980, p.67). O elemento contraditório no texto, é a afirmação de Fanon que a França acreditava em contradições internas da FLN, entre militares, coronéis, entre chefes do interior e exterior, diferenças que Fanon coloca como ilusórias e que, posteriormente iriam eclodir e redefinir os caminhos da Revolução Argelina. (FANON, 1980; EM, 1962)

O artigo *L'Algerie face aux Tortionnaires Français* (EM 1962, v. 1, p.133-136) – traduzido como *A Argélia perante os torcionários franceses* (FANON, 1980, p. 71-79) - está presente na lista de Josie Fanon (JF) e analisa a *questão* da tortura sistemática aplicada pelos franceses na Argélia. O tema foi abordado em um artigo de outra edição do jornal, o número 8, intitulado *Comment la torture em Algerie* (EM, 1962, v. 1, p.90-93). Esse primeiro artigo - da edição no.8 - sobre tortura, descreve os métodos aplicados, o uso de eletricidade, afogamento com água, uso de cordas e sufocamento, tortura psicológica. É interessante destacar que esse artigo está disposto logo antes do primeiro artigo considerado de autoria de Fanon no *El Moudjahid, La Legion Etrangere Demoralisee* (EM, 1962, v. 1, p.93-95). Fanon tratou torturados e torturadores na Clínica de Blida, é possível analisar suas reflexões em *Os Condenados da terra* (2010).

Aqui, tenho que citar o impacto da obra de Henri Alleg, *La Question*, publicada em 1958, livro que chocou a opinião pública francesa pois o próprio autor foi torturado nos laboratórios franceses de tortura científica, gestados na Indochina e em Argel e posteriormente passados para militares estadunidenses e latino-americanos, dentro dos princípios da *Guerra Moderna*.

Em 12 de junho de 1957, Henri Alleg, membro do PCA e editor do jornal de esquerda *Alger républicain*, foi preso na casa de seu amigo e camarada Maurice Audin, um jovem professor de matemática na Universidade de Argel. Alleg foi levado pelos paraquedistas do Primeiro Regimento de Paraquedistas Coloniais para um bloco inacabado de apartamentos no distrito de El-Biar, em Argel. Foi onde Ali Boumendjel "cometeu suicídio" em fevereiro. Alleg foi espancado, despido e amarrado à tábua antes de ser torturado com eletricidade. Ele se recusou a responder às perguntas de seus torturadores sobre onde ele estava hospedado. Após a primeira "sessão", Audin foi trazido à sala e instruído a dizer a Alleg o que esperar. Ele apenas disse: "É duro, Henri" e foi levado embora. Ele não foi visto novamente [...] (MACEY, 2008, p.345-346, tradução livre⁷¹).

70 “[...] L'expédition de Suez se proposait de frapper la Révolution algérienne au sommet.[...]” (EM, 1962, v. 1, p. 123).

71 “On 12 June 1957, Henri Alleg, a member of PCA and the editor of the left-wing newspaper *Alger républicain*, was arrested at the home of his friend and comrade Maurice Audin, a young lecturer in

O artigo de Fanon sobre tortura, ainda nos primeiros parágrafos afirma que

[...]Na realidade, a atitude das tropas francesas na Argélia insere-se numa estrutura de dominação policial, de racismo sistemático, de desumanização prosseguida de uma maneira racional. A tortura é inerente ao todo colonialista⁷² (FANON, 1980, p.71).

No texto, pode-se observar a estrutura argumentativa de Fanon, que afirma ser a guerra colonial na Argélia, uma obra de todos os franceses, pois o Estado congelou salários e até mesmo democratas e socialistas somaram-se na defesa da Argélia francesa, Fanon (1980, p.72) escreve sobre o “entusiasmo sanguinário” de operários e camponeses franceses na defesa do colonialismo.

A guerra na Argélia é conscienciosamente feita por todos os franceses, e as poucas críticas expressas até agora por alguns individualistas evocam certos métodos que “precipitam a perda da Argélia”. Mas a reconquista colonial na sua essência, a expedição armada, a tentativa de sufocar a liberdade de um povo, não são condenadas.⁷³ (FANON, 1980, p.72-73)

A tortura é parte orgânica do *modus operandi* colonial, logo, quem defende a Argélia francesa aceita o uso de tortura em massa, já que a tortura é um “estilo de vida”. “Não se pode querer ao mesmo tempo a continuação da dominação francesa na Argélia e condenar os meios de manter essa dominação.⁷⁴”(FANON, 1980, p.73). Nesse momento do texto vemos o relato de experiência de Fanon como psiquiatra em uma sociedade colonizada, tema que será retomado em *L’an V de la Révolution Algérienne e Os Condenados da terra.*:

No decurso do 1.º trimestre de 1956, revelaram-se inúmeros casos de policiais no limite da loucura.

As perturbações que apresentavam no interior do meio familiar (ameaças de morte dirigidas à mulher, sevícias graves sobre os filhos, insónias, pesadelos, ameaças contínuas de suicídio² [2 Em Constantinois suicidou-se um comissário de polícia em 1956] e as faltas profissionais de que se tornaram culpados (rixas com colegas, negligência no serviço, falta de

mathematics at the University of Algiers. Alleg was taken by the paratroopers of the First Regiment of Colonial Paratroopers to an unfinished block of flats in the El-Biar district of Algiers. This was where Ali Boumendjel had “committed suicide” in February. Alleg was beaten, stripped naked and tied to plank before being tortured with electricity. He refused to answer his torturers’ questions about where he had staying. After the first “session”, Audin was brought into the room and told to tell Alleg what to expect. He merely said: “It’s hard, Henri” and was then taken away. He was not seen again[...].”

72 “[...]En réalité, l’attitude des troupes françaises em Algérie se situe dans une structure de domination policière, de racisme systématique, de désumanisation poursuivie de façon rationnelle. La torture est inhérente à l’ensemble colonialiste. (EM, 1962, v.1, p.133).

73 “La guerre d’Algérie est faite consciencieusement par tous les Français et les quelques critiques exprimées jusqu’ici par quelques individualités évoquent uniquement certaines méthodes qui ‘précipitent la perte de l’Algérie’. Mais la reconquête coloniale dans son essence, expédition armée, la tentative d’étouffer la liberté d’un peuple ne sont pas condamnées. (EM, 1962, v.1, p.134).

74 “[...] On ne peut à la fois vouloir le maintien de la domination française em Algérie et condamner les moyes de ce maintien.” (EM, 1962, v.1, p.134)

firmeza, atitudes de desrespeito com os chefes) implicaram muitas vezes cuidados médicos, transferência para outro serviço ou, mais frequentemente, mudança para a França.[...]Batem brutalmente nos filhos, porque julgam estar com argelinos.

Ameaçam suas mulheres, porque “todo o dia, ameaço e executo”.

Não dormem, porque ouvem os gritos e os lamentos das suas vítimas[...]”⁷⁵
(FANON, 1980, p.73-74)

Os intelectuais franceses, em geral, partilham da ilusão de que a tortura é uma exceção, afirmam que apenas estrangeiros na Legião Estrangeira, antigos *SS Waffen* são torturadores. Mas como Fanon abordou em seu artigo sobre os legionários, a maioria dos desertores são oriundos dessas fileiras, inclusive alemães e italianos ao ingressar nas tropas do ELN, comentam sobre “[...]a crueldade e o sadismo das forças francesas[...]” (FANON, 1980, p.75). Por fim, Fanon aborda as técnicas desenvolvidas pelos policiais franceses Lofrédo de Argel e Podevin de Blida e a atitude dos intelectuais e imprensa francesa sobre a tortura. O mais cínico da preocupação francesa com a tortura, considerada sempre como ação de escalões inferiores, como ato excepcional, é que o temor cai sobre os torturadores, os jovens franceses que são expostos a este processo... em nenhum momento falavam dos argelinos torturados (FANON, 1980; EM, 1962, v1).

Como afirma Fanon (1980, p.78):

Vale a pena meditar sobre esta esta atitude. Semelhante exclusão do argelino, semelhante ignorância do homem torturado ou da família massacrada, constitui um fenómeno inteiramente original. Aparenta-se a esta forma de pensamento egocêntrico, sociocêntrico, que se tornou característico dos Franceses.⁷⁶

Somente com a publicação de *La Question*, é que parte da sociedade francesa conseguiu compreender, que o uso da tortura era generalizado e parte da tática de guerra na Argélia.

75 “Les troubles qu'ils présentaient au sein du milieu familial (menaces de mort adressées à leur femme, sévices graves sur leurs enfants, insomnies, cauche mars, menaces continuelles de suicide5 [5 Dans le Constantinois, um comissaire de police devait se suicider em 1956] et les fautes professionnelles dont ils se sont rendus coupables (rixes avec des collègues, laisser aller dans le service, manque d'énergie, attitudes irrespectueuses avec leurs chefs) ont nécessité à maintes reprises des soins médicaux, l'affectation dans un autre service ou, plus souvent, une mutation em France. [...] Ils frappent durement leurs enfants car ils croient être encore avec Algériens. Ils menace leurs femmes car oute la journée je menace et j'exécute. Ils ne dorment pas, parce qu'ils entendent les cris el les lamentations de leurs victimes.[...]” (EM, 1962, I, p.134).

76 “Il vaut la peine de méditer sur cette attitude. Pareille exclusion e l'Algérien, pareille ignorance de l'homme torturé ou la famille massacrée, constituent un phénomène entièrement original. Il s'apparente cette forme de pensée égocentrique, sociocentrique qui est devenue la caractéristique des Français.” (EM, 1962, v.1, p.136).

El Moudjahid Número 11 – 1/11/1957

A edição Nº 11 possui dois artigos considerados de autoria de Fanon: *L'Algerie et la crise Française* (EM, 1962, v.1, p.151-152; FANON, 2015; FANON, 2018, p.557-561) e *Le Conflit Algerien et l'Anti-colonialisme African* (EM, 1962, v.1, p.154-156; FANON, 2015; FANON, 2018, p.563-568). Esta edição está com a data de 1 de novembro de 1957, no topo da página lemos “*La Révolution Algérienne a 3 ans*”. O editorial clama pela independência nacional para fortalecer um Magreb unificado. A edição comemorativa dos três anos de luta pela independência, possui uma importante declaração do CCE sobre as diretrizes da revolução e as condições de paz com a França, acerca da solidariedade da África do Norte com os povos em luta, sobre a questão das Nações Unidas e sobre a crise na França, entre outros elementos de análise de conjuntura (EM, 1962, v.1, p.139-140).

Logo após o comunicado está um *Appel du Front de Liberation Nationale* (EM, 1962, v.1, p.140-141) endereçada ao povo argelino, aos oficiais, suboficiais e soldados do ELN e aos militantes da FLN, com uma análise retrospectiva dos três anos de luta. Na sequência foi publicado um texto chamado *La Revolution Algerienne a trois ans [:] Les principes doctrinaux et les organismes directeurs du F.L.N.* (EM, 1962, v.1, p.141-143) onde é possível visualizar alguns tópicos fundamentais, em termos de ideias políticas da organização. Destaco os seguintes tópicos: doutrina clara e meios adequados; fundamento democrático; banimento do culto à personalidade; direção colegiada.

O artigo *L'Algerie et la Crise Française* (EM, 1962, v.1, p.151-152; FANON, 2015; FANON, 2018, p.557-561) está nas listas de Josie Fanon e Giovanni Pirelli (JF; GP) e aborda a crise política francesa e sua ligação com a Guerra na Argélia. Essa crise, onde ocorreu a queda dos Primeiros Ministros Bourgès-Maunoury, Mendès e Guy Mollet é analisada por Fanon que utiliza trechos de artigos jornalísticos do *New York Times* e do *Times* britânico para reforçar a visão de que a origem da crise em solo francês é a sua guerra colonial na Argélia. O artigo de Fanon analisa os gastos militares franceses, com o aumento efetivo de tropas em solo argelino, o que enfraqueceu a França economicamente, culturalmente e moralmente, antes de desabar na nova crise política. Fanon vislumbrava a possível saída – à francesa - para a crise: um governo forte, uma ditadura que ensaiava

nomes como De Gaulle e Marshall Juin e afirmava que não havia problema argelino em questão, mas sim um problema francês. Essa França que não conseguiu se tornar apta a compreender e vivenciar o pós-II Guerra, o momento das independências afro-asiáticas, essa França que só foi libertada com a ajuda fundamental dos aliados e dos argelinos (EM, 1962, v.1, p.152; FANON, 2015; FANON, 2018, p.561).

Destaco a importância do artigo intitulado *Le Conflit Algerien et l'Anti-colonialisme African* (EM, 1962, v.1, p.154-156; FANON, 2015; FANON, 2018, p.563-568), em termos das conexões com as obras de Fanon. O artigo é atribuído a Fanon nas três listas disponíveis: a de Josie Fanon (JF), a de Redha Malek (RM) e a de Giovanni Pirelli (GP). O artigo foi ilustrado com duas fotografias ausentes na reedição⁷⁷. A sua importância reside na questão do papel de Fanon como intelectual revolucionário que buscou articular a Revolução Argelina com a África sul-saariana. Aqui reside um trabalho político de grandes proporções devido às contradições entre nacionalismo, pan-arabismo, pan-africanismo, islamismo e socialismo árabe.

No artigo, Fanon evoca os efeitos políticos da internacionalização do conflito argelino, com a crescente condenação da França por diversos países, principalmente os países que participaram da Conferência de Bandung em abril de 1955, que reconheceram a FLN como organismo dirigente da Argélia em luta. As tentativas francesas de balcanizar e colocar os africanos uns contra os outros são denunciadas por Fanon que afirma: “[...]Today, more and more massively, the soldiers from Black Africa are refusing to fight against their Algerian brothers.” (FANON, 2018, p.566)⁷⁸. Fanon também aborda os delegados africanos que foram defender a tese francesa sobre a Argélia na ONU, chamando-os de colaboracionistas demagogos como Ali Chekkal e M. Houphouët-Boigny. Ao mesmo tempo que denuncia os traidores da Revolução Africana, Fanon afirma a importância da Conferência de Bamako e sua mensagem de solidariedade à Revolução Argelina.

77 “O artigo é ilustrado por duas fotografias. A primeira representa uma unidade africana servindo no exército francês na Argélia: 'A maior vergonha do colonialismo francês é ter transformado o colonizado da África Negra em torturador e assassino do colonizado argelino'. A segunda representa atiradores senegaleses nas fileiras do ELN. 'A fraternidade africana forjada nos maquis argelinos'.” (EM, 1962, v.1, p.156, tradução livre). No original: “L'article est illustré par deux photographies. La première représente une unité africaine servant dans l'armée française en Algérie: 'La plus grande honte du colonialisme français a transformé le colonisé d'Afrique Noire en tortionnaire et en meurtrier du colonisé Algérien'. La deuxième représente de tirailleurs sénégalais dans les rangs de l'A.L.N. 'La fraternité africaine forgée dans maquis algériens'.”

78 “[...] Aujourd'hui, de plus en plus massivement, les soldats d'Afrique Noire refusent de se battre contre leurs frères algériens” (EM, 1962, v.1, p.155; FANON, 2015).

Fanon também comenta a influência de Frobenius⁷⁹ sobre o resgate e valorização da história das civilizações africanas. (EM, 1962, v.1; FANON, 2015; FANON, 2018), tema que irá abordar em *Os Condenados da terra* (FANON, 2010), no capítulo sobre cultura.

El Moudjahid Número 12 – 15/11/1957

Na edição número 12, com data de 15 de novembro de 1957, são três artigos atribuídos a Fanon, sendo que dois deles, *Une Révolution démocratique* (EM, 1962, v.1, p.162-164, FANON, 2015; FANON, 2018, p.569-573) e *Encore une fois pourquoi le preable* (EM, 1962, v.1, p.165-166; FANON, 2015; FANON, 2018, p.575-579) são destaque na capa⁸⁰ do jornal: são os principais artigos da edição. O terceiro artigo intitula-se *A propos d'un plaidoyer* (EM, 1962, v.1, p.169-170; FANON, 1980, p.81-83). No editorial desta edição, está colocada uma proposta do CCE sobre *La Conférence à Trois* (EM, 1962, v.1, p.164-165) entre a FLN e os governos da Tunísia e Marrocos para fortalecer as negociações com a França e unidade magrebina anticolonialista.

A capa desta edição está diagramada com dois artigos de Fanon e lateralmente, na margem inferior esquerda, vê-se, como é usual, a box do editorial (EM, 1962, v.1, p.161). Na margem inferior direita está o índice. Na fotografia observa-se a imagem de uma unidade do ELN, em formação e na legenda “*Le peuple algérien poursuivra la lutte jusqu’à l’indépendance*”. A forma foi pensada como conteúdo, há em encadeamento entre os três textos de capa: o editorial e a questão da pauta principal da luta, a independência; um artigo de defesa da

79 Na versão do artigo publicada em *Écrits sur l’alienation et la liberté* (FANON, 2015) há uma nota inserida no nome de Frobenius: “As teorias do antropólogo alemão Leo Frobenius (1873-1938), tiveram uma influência considerável em Senghor e Césaire, que publicaram traduções delas durante a guerra, na revista *Tropiques*. Frobenius vê a África como composta por sociedades perfeitamente ordenadas, particularmente do ponto de vista estético, e supremamente integradas ao seu ambiente, estando a barbárie do lado das civilizações que a destroem. Sobre a visão “germânica” da África de Frobenius, ver Christopher L. Miller, *Theories of Africans. Francophone Literature and Anthropology in Africa*, University of Chicago, 1990.].” No original: “4 [Les théories de l’anthropologue allemand Leo Frobenius (1873-1938) ont exercé une influence considérable sur Senghor et Césaire – qui em publiés des traductions pendant la guerre dans la revue *Tropiques*. Frobenius voyait l’Afrique comme composée de sociétés parfaitement ordonnées, en particulier d’un point de vue esthétique, et suprêmement intégrées à leur environnement, la barbarie étant du côté des civilisations le détruisant. Sur la vision ‘germanique’ de l’Afrique de Frobenius voir Christopher L. Miller, *Theories of Africans. Francophone Literature and Anthropology in Africa*, University of Chicago, 1990.].” Na tradução inglesa (FANON, 2018, p. 567) a nota também aparece.

80 Ver Anexo B.

argumentação da FLN sobre o futuro das negociações entre França e Argélia, colocando a independência como não negociável e denunciando a guerra de extermínio praticada pelos franceses, entre outros crimes de guerra; e por fim, *Une Révolution démocratique* (EM, 1962, v.1, p.162-164, FANON, 2015; FANON, 2018, p.569-573), trazendo um debate mais denso e teórico, porém em um linguajar militante, sobre independência, revolução e democracia.

O artigo em destaque na capa desta edição, é *Encore une fois pourquoi le préalable* (EM, 1962, v.1, p.165-166; FANON, 2015; FANON, 2018, p.575-579), ele consta na lista de Josie Fanon (JF) e do editor, chefe da redação do *El Moudjahid*, Redha Malek (RM). Nesse texto, pode-se observar alguns debates teóricos em que Fanon estava inserido como intelectual: a dialética do mestre e do escravo, que ele debate em *Pele Negra Máscaras Brancas*. Ele propõe que a inauguração do reino da liberdade, é superação dessa contradição entre dominador e dominado, entre o mestre e o escravo, mais uma vez aqui, Fanon ataca um dos mais importantes mitos da ideologia colonialista francesa, de que a Argélia é França, portanto não se discute a independência. Na versão do artigo publicada em *Écrits sur l'alienation et la liberté* (FANON, 2015) e na tradução inglesa, *Alienation and Freedom* (FANON, 2018, p. 575-579), há uma nota de rodapé na sigla CCE explicando o seu significado: “2 [The Coordination and Execution Committee, a FLN leadership body, from August 1956 to September 1958].”⁸¹ (FANON, 2018, p.575). Em um trecho muito importante para os atuais estudos sobre colonialismo interno, Fanon compara a formação de células anti-argelinos em França, com a Ku Klux Klan no Estados Unidos:

On the 1st of November 1957, nearly all French officials vowed to persevere with the aggression against the Algerian national will. In France, our compatriots are subject to measures of internment and humiliation. Several newspapers, with the agreement of the French official services, are urging the French population to create anti-Algerian cells modelled on the Ku-Klux-Klan.[...] ⁸²

Esta informação deve ser levada em conta, quando pensarmos o colonialismo interno, sob a forma de esquadrões da morte que matam jovens negros no Brasil ou

81 “2. [Comité de coordination et d'exécution, organe de direction du FLN d'août 1956 à septembre 1958] (FANON, 2015).

82 “Le 1-er Novembre 1957, presque tous les responsables français jurent de persévérer dans l'agression contre le volonté nationale algérienne. En France, nos compatriotes sont l'objet de mesures d'internement de vexations. Plusieurs journaux, avec l'accord des services officiels français, incitent la population française à créer des cellules anti-algériennes calquées sur le modèle du Ku Klux Klan[...].” (EM, 1962, v.1, p.166; FANON, 2015).

nestas organizações do terrorismo branco, defensores da *white supremacy* nos Estados Unidos.

Também na capa, está o trecho inicial do artigo *Une Révolution démocratique* (EM, 1962, I, p.162-164, FANON, 2015; FANON, 2018, p.569-573). Ele está na lista de Josie Fanon e com uma interrogação na lista de Giovanni Pirelli (JF; GP?). O artigo parece ser a espinha dorsal dessa edição, pois faz uma análise filosófica e sociológica da dialética da descolonização, em uma tentativa de traduzir didaticamente essa questão. No texto, é possível observar umas das ideias políticas mais importantes defendidas por Fanon: **o sair da grande noite**. Apesar de não usar este termo no artigo, Fanon defende que a libertação colonial deve coincidir com uma revolução democrática, que liberte a Argélia do colonialismo francês e, concomitantemente, supere também aspectos conservadores do passado “pré-colonial”, criando o novo, uma nação moderna, que dialeticamente interaja o singular e o universal. Certamente, aqui se vê uma reflexão sobre o discurso colonialista espalhado até mesmo pela esquerda metropolitana, de que a libertação argelina perante a França, faria a Argélia “regressar à Idade Média”, ao obscurantismo ou fanatismo religioso, bem ao gosto do imaginário ocidental perante os povos islâmicos. O humanismo efetivo, só pode emergir da luta dos povos colonizados, que reconstruem a noção do humano através de um processo de universalização real, e não a pseudouniverslização praticada pela burguesia iluminista, que ao mesmo tempo pregava os Direitos Universais do Homem, e contraditoriamente negava estes direitos básicos aos colonizados, considerados como *untermenschen*, subhumanos.

Em certo momento do artigo, é feita uma alusão à questão da alienação colonial como despersonalização e a resposta violenta do colonizado:

[...] The oppression deployed in Algeria is such that it tends towards the people's complete annihilation, in accordance with an implacable process of depersonalization and atomization. Faced with this danger of death, the Algerian people has reacted with a violent, vital *prise de conscience*, which has had the effect, on the one hand, of a jealous withdrawal into its threatened ego and, on the other hand, of a refining its capacities of adaptation to modern values. The necessity of being reborn generates in the Algerian the desire to be assimilated by the Other, to assimilate modern

experience without allowing himself to be assimilated by the other.⁸³
(FANON, 2018, p.571)

O trecho também alude ao processo de libertação, de construção de uma identidade cultural e nacional como povo que, a partir desse novo lugar, pode interagir e compreender a alteridade, dentro de uma troca cultural legítima, e não opressiva, despersonalizante e assimiladora, como a experiência ontológica colonial.

Aqui reside a dialética do singular e do geral, que ao interagir, através da revolução, formam a particularidade do povo argelino em processo de libertação, levando em conta as suas especificidades e almejando uma universalidade, que parece emergir dos povos colonizados em luta contra o colonialismo europeu. Um movimento dialético entre o nacionalismo e a revolução, entre valores oriundos da civilização islâmica interpenetrados pelos valores do humanismo revolucionário que defendia. Fanon afirma que o ELN é a encarnação desta síntese onde interagem os valores nacionais com os valores sociais modernos, e tudo isso se produz no combate libertador, a violência organizada pelo colonizado contra o colonizador, cria elos em cadeia devolvendo a dignidade ao oprimido em luta.

O artigo *A propos d'un plaidoyer* (EM, 1962, v.1, p.169-170) foi considerado de autoria de Fanon por Josie Fanon (JF). Foi traduzido como *A propósito de uma defesa*, na versão portuguesa (FANON, 1980, p.81-83). O artigo analisa o livro de Georges Arnaud e Jacques Vergès, intitulado *Pour Djamilia Bouhired*. Djamilia Bouhired é um dos nomes mais importantes da famosa Batalha de Argel, foi presa e torturada, mas não cedeu nenhuma informação. Foi condenada a morte. No processo foi defendida pelo advogado Jacques Vergès, nascido em Réunion. Djamilia Bouhired foi perdoada da sentença de morte, mas ficou presa até 1962. Ela tornou-se um dos símbolos da mulher argelina na luta de libertação.

El Moudjahid Número 13 – 01/12/1957

83 "L'oppression qui s'exerce em Algérie est telle qu'elle tend à l'annihilation du peuple suivant un processus de dépersonnalisation et d'atomisation implacable.

Devant ce danger de mort, le peuple algérien réagit par une violente prise de conscience vitale qui a pour effet, d'une part un repli jaloux sur son Moi menacé et d'autre part, un affinement de ses facultés d'adaptation aux valeurs modernes.

La nécessité de se survivre engendre chez l'Algérien le désir d'être lui-même et de comprendre l'Autre, d'assimiler l'expérience moderne sans se laisser assimiler par autrui."s (EM, 1962, v.1, p.163).

Na edição número 13, de 1 de dezembro de 1957, está a primeira parte de um dos mais famosos artigos atribuídos a Fanon, *Les intellectuels et les démocrates français devant la Révolution Algérienne* (EM, 1962, v. 1, p.199-200). Ele está na tradução portuguesa de *Pour la Révolution Africaine* (FANON, 1980, p.85-89) onde aparece em sequência as três partes. Vou abordar cada uma delas em sua respectiva edição. O editorial dessa edição intitula-se *Les Bons offices tuniso-marocains* (EM, 1962, I, p.190-191) continua a abordar o tema do editorial da edição anterior, intitulado *La Conférence à Trois* (EM, 1962, I, p.164-165): a tentativa de envolver os governos da Tunísia e Marrocos nas mediações de paz, mas reforçando o caráter unequivoco de independência nacional, defendido pela FLN.

Na primeira parte de *Os Intelectuais e os democratas franceses perante a Revolução Argelina* (FANON, 1980, p.85-89), há uma reflexão introdutória sobre os períodos de contato entre os intelectuais e democratas franceses e os nacionalistas argelinos: da fase pré-insurreccional, onde ocorre uma pseudo-solidariedade até o momento que o terrorismo eclode em Argel, passando para uma condenação aberta.

[...]O conceito de barbárie aparece e fica assente que a França combate a barbárie na Argélia.[...]

Uma grande parte dos intelectuais, a quase totalidade dessa esquerda democrática, desaba e impõe ao povo argelino as suas condições: condenem Sakamody e as bombas e nós mantemos o nosso apoio amigo.

Na madrugada do quarto ano da guerra de libertação nacional, face à nação francesa e face às bombas da Rue Michelet, a esquerda francesa torna-se cada vez mais ausente.⁸⁴ (FANON, 1980, p.88)

Há condenação explícita ou silêncio acerca dos atos da FLN, após Sétif e Ghelma, as eleições e todo o fracasso das tentativas legais de busca por autodeterminação, os democratas franceses ainda querem tutelar as ações dos colonizados em luta contra uma potência militar da OTAN, como a França.

El Moudjahid Número 14 – 15/12/1957

84 “[...]Le concept de barbarie apparaît et il est décidé que la France en Algérie combat la barbarie. Une grande partie des intellectuels, la presque totalité de cette gauche démocratique, s’effondre et pose au peuple algérien ses conditions: condamnez Sakamody et les bombe et vous conservons notre amical appui.

A l’aube de la quatrième année de la guerre de libération nationale, face à la nation française et face aux bombes de la rue Michelet, la gauche française se fait de plus absente.” (EM, 1962, I, p.200)

A edição nº 14, com data de 15 de dezembro de 1957, possui dois artigos de Fanon: um em destaque na capa⁸⁵, *La conscience révolutionnaire algérienne* (EM, v.1, p.213-215; FANON, 2015; FANON, 2018, p.581-582) e a segunda parte de *Os Intelectuais e os Democratas Franceses perante a Revolução Argelina* (FANON, 1980, p.89-93; EM, 1962, v.1, p.230-231). O editorial - intitulado *L'O.N.U. et ses responsabilites* - analisa a internacionalização do conflito franco-argelino, mas critica que a organização não cumpre completamente seu papel, pois afirma princípios mas não assume suas responsabilidades. O editorial, exalta os países afro-asiáticos que apoiavam a luta argelina, e critica o “Mundo livre” ocidental que ainda sustenta um colonialismo agonizante (EM, 1962, v.1, p.216).

O texto *La conscience révolutionnaire algérienne* (EM, v.1, p.213-215) atribuído a Fanon nas listas de Josie Fanon e Giovanni Pirelli (JF; GP) aparece incompleto na obra *Écrits sur l'aliénation et la liberté* (FANON, 2015) e em sua tradução inglesa (FANON, 2018, p.581-582). Foram suprimidas duas páginas do texto, conforme comparei com a publicação presente na reedição iugoslava. Há duas possibilidades a serem elencadas sobre a falta dessa parte do texto: 1) foi um erro editorial, o que parece difícil devido a qualidade e importância da obra *Écrits sur l'aliénation et la liberté*; 2) somente a primeira página do texto foi atribuída a Fanon por sua esposa Josie e por Giovanni Pirelli, o que tornaria mais complexa a questão da autoria, anonimato e sujeito coletivo. Não há nenhuma informação sobre essa questão, nas obras que publicaram o artigo (FANON, 2015; FANON, 2018, p.581-582).

O artigo em sua primeira parte, explicita a superação necessária, que deve ser empreendida pela Revolução Argelina quanto ao colonialismo e aos elementos feudais e patriarcais oriundas do passado “pré-colonial”, mas que foram cristalizados pelo poder colonial e sofreram poucas mudanças, desde a época de Ibn Khaldun (EM, 1962, v.1, p.213; FANON, 2015; FANON 2018, p.581-582). Na parte do texto, que só está presente na reedição, há o reforço de que

Ele recusará qualquer fórmula "liberal" que limite institucionalmente a independência, como a autonomia interna ou o federalismo com a França ... Ele se oporá com a mesma força a qualquer forma camuflada de colonialismo que tornaria factualmente incompleta uma independência que poderia apresentar todas as características legais de uma soberania nacional incontestada.

Enquanto o colonialismo continuar exercendo sua ação de uma maneira ou de outra, enquanto o país não for totalmente expurgado, as massas permanecerão prejudicadas em sua marcha rumo ao progresso.

85 Ver Anexo C.

Uma semi-independência ou uma independência nominal constituem um progresso que é apenas uma ilusão, em última análise. Se beneficia uma pequena fração, deixa a esmagadora maioria das pessoas em uma situação desesperadora e se torna para ela sinônimo de estagnação e regressão. Muitos países que recuperaram sua independência não mostraram apenas por isso sinais de uma real evolução. O novo regime, marcado desde o início com o selo do compromisso com o imperialismo, permanece prisioneiro deste último; não apenas ele não pode eficazmente guiar a nação na via que pode curar suas feridas abertas pela opressão colonial, destruir as suas últimas sequelas, suscitar a expansão econômica, mas, o que é mais sério, tende a se isolar cada vez mais das massas. Os poucos benefícios da independência desaparecem e o país volta ao estágio de uma semi-colônia. (EM, 1962, v.1, p.214-215, tradução livre⁸⁶).

A consciência revolucionária argelina em construção busca criar o novo, para que a independência não seja apenas nominal. O artigo possui uma nota de rodapé com a descrição da fotografia ausente na reedição⁸⁷.

A segunda parte do artigo *Les intellectuels et les démocrates français devant la Revolution Algerienne* (EM, 1962, v.1, p.230-231; FANON, 1980, p.89-93) começa com uma crítica dura aos intelectuais e democratas franceses, que dão conselhos a FLN não em um sentido de solidariedade, mas sim “[...]pelo desejo dificilmente reprimido de guiar, de orientar até o movimento de libertação do oprimido.”⁸⁸ (FANON, 1980, p.89). Logo adiante, ao abordar mais uma vez *O mito da Argélia Francesa*, Fanon (1980) lança as teses sobre colonialismo e luta de classes

86“Il refusera tout formule “libérale” qui limiterait institutionnellement l’indépendance, comme l’autonomie interne, ou le fédéralisme avec la France... Il s’opposera avec la MÊme force à toute forme camouflée du colonialisme qui rendrait incomplète dans les faits une indépendance qui pourrait présenter toutes les caractéristiques juridiques d’une souveraineté nationale sans partage.

Tant que le colonialisme continuera à exercer d’une manière ou d’une autre son action, tant que le pays n’en sera pas intégralement expurgé, le masses demeureront entravées dans leur marche vers le progrès.

Une semi-indépendance ou une indépendance nominale constituent un progrès n’est qu’un leurre eb définitive. S’il profite à une petite fraction, il laisse l’écrasante majorité du peuple dans une situation désespère et devient pour elle synonyme de stagnation et de régression.

De nombreux pays ayant reconquis leur indépendance n’ont pas pour autant donné des signes d’une réelle évolution. Le nouveau régime, étant marqué dès sa naissance du sceau du compromis avec l’impérialisme, demeure prisonnier de ce dernier; non seulement il ne peut orienter efficacement la nation dans la voie où elle puisse panser ses plaies ouvertes par l’oppression coloniale, détruire les dernières séquelles de celle-ci, susciter l’expansion économique, mais, ce qui est plus grave, il tend à s’isoler de plus en plus des masses.

Les quelques avantages de l’indépendance s’étioilent et le pays retourne au stade d’une semi-colonie.”.

87 “ 1 Uma fotografia de um jovem grupo de Moudjahidines e acompanhada da seguinte legenda: 'Na vanguarda de um povo decidido, uma juventude indomável', ilustra este artigo." (EM, 1962, v.1, p.215, tradução livre). No original: “1 Une photographie représentant un jeune groupe de Moudjahidines et accompagné de la légende suivante: 'A l'avant-garde d'un Peuple décidé, une Jeunesse indomptable', illustre cet article.” .

88 “[...]par le désir difficilement réprimé de guider, d’orienter jusqu’au mouvement de libération de l’opprimé.” (EM, 1962, v.1, p.230)

consolidadas em *Os Condenados da Terra*, quando aponta a adesão do proletariado urbano ao projeto colonialista.

Dizia-se que num país colonial há entre o povo colonizado e a classe operária do país colonialista uma comunidade de interesses. A história das guerras de libertação levadas a cabo por povos colonizados é a história da não verificação desta tese.⁸⁹ (FANON, 1980, p.91)

Também nesse artigo, ocorrem diferenças entre o texto na reedição e na posteriores publicações. Detectei, pela primeira vez na edição portuguesa, *Em Defesa da Revolução Africana* (FANON, 1980), uma modificação na ordem do artigo: logo após o trecho com subtítulo *O mito da Argélia Francesa* (FANON, 1980, p.90) segue o subtítulo *Que é o colonialismo?* (FANON, 1980, p.90-91). No entanto, na reedição do *El Moudjahid* (1962, v.1, p.230-231), a ordem não é esta, após o subtítulo *Le mythe de l'Algérie Française*, está o subtítulo *Le colonialisme n'est pas M.Borgeaud*.

El Moudjahid Número 15 – 01/01/1958

Na edição nº 15, de 1 de janeiro de 1958, está a terceira parte do artigo *Les intellectuels et les democrates français devant la Revolution Algerienne* (EM, 1962, v.1, p.249-251; FANON, 1980, p.93-100). O editorial, intitulado *Renforcement de la solidarite afro-asiatique avec l'algerie combattante*, reforça o espírito de Bandung e cita a Conferência do Cairo e a Agressão a Suez, convocando a solidariedade afro-asiática.

Na terceira parte do artigo *Os Intelectuais e os Democratas Franceses perante a Revolução Argelina* (FANON, 1980, p.93-100), está a análise da gênese e das consequências do processo que cristalizou o mito da Argélia Francesa, gerado “[...]por dezenas de anos de ensino mentiroso e de falsificação histórica sistematizada.”⁹⁰ (FANON, 1980, p.94). Há uma diferença no discurso da França perante a Argélia e a África Negra:

89 “A ce niveau, la réflexion nous permet de découvrir une particularité importante du fait colonial algérien. Au sein d’une nation, il est classique et banal d’identifier deux forces antagonistes: la classe ouvrière et le capitalisme bourgeois. En pays colonial cette distinction se révèle totalement inadéquate.[...]Le Français em Algérie ne peut être neutre ou innocent. Tout Français em Algérie opprime, méprise, domine.[...]” (EM, 1962, v.1, p.230).

90 “[...]par des dizaines d’années d’enseignement mensonger et de falsification historique systématisée.” (EM, 1962, v.1, p.249).

[...]Em momento algum a França expressou nos mesmos termos o seu direito de propriedade sobre a África Negra ou sobre qualquer outra parcela do "Império Francês". Foi possível decretar que a África Negra era terra francesa, mas nunca foi decidido que a África Negra fosse a França. O direito da França em África referia-se sobretudo a um direito de propriedade, enquanto na Argélia desde o princípio que se afirmavam relações de identidade. Vimos que os democratas franceses, salvo raras exceções, adaptaram a sua atitude a esta óptica.[...] ⁹¹ (FANON, 1980, p.94)

A esquerda francesa, tanto a não-comunista como a comunista, estava mergulhada no mito da Argélia Francesa e cada qual com seu argumento, sempre tentado dar a direção do pós-independência. A busca por tutelar o colonizado, é uma das características do colonizador, inclusive da branquitude em espaços de colonialismo interno. Os brancos, mesmo quando possuem sincera intenção, agem de uma forma paternalista, querendo dar a direção, ou negociando pautas que não lhes cabem, como na luta pela autonomia de um povo e de sua identidade em construção. Este fenômeno a qual me refiro, do sentido da branquitude em uma sociedade colonizada, manifesta-se atualmente, em países com comunidades sitiadas, dentro de uma geografia do colonialismo interno.

A esquerda não comunista assegura-nos o seu apoio, promete-nos as suas intencões o seu apoio, promete-nos as suas intervenções, mas exige-nos a garantia de que Argélia jamais se afundará no bloco comunista ou no bloco dito neutralista. O anticolonialismo destes democratas não é, pois, incondicional e sem reservas, mas supõe uma opção política precisa. [...]

Esta esquerda não comunista é geralmente reticente quando lhe explicamos que, de momento, o povo argelino pretende libertar-se do jugo colonialista francês. Recusando manter-se estritamente no plano da descolonização e da libertação nacional, a esquerda francesa não comunista conjura-nos a que conjuguemos os dois esforços: recusa do colonialismo francês e do comunismo soviético-neutralista.

Põe-se o mesmo problema, segundo um dinamismo inverso, com a esquerda francesa comunista. O Partido Comunista Francês, diz, não apoiar senão certos movimentos de libertação nacional, pois, que interesse teria para nós, comunistas franceses, a irrupção do imperialismo americano na Argélia? Também aqui nos pedem garantias, querem arrancar-nos promessas. Exigem condições.

[...] O povo argelino, desde há três anos, não deixa de repetir que se propõe libertar-se por sua própria conta, que o que é importante para ele é em primeiro lugar reconquistar a sua soberania, assegurar a sua autoridade, realizar a sua humanização, a sua liberdade económica e política; mas estas evidências não parecem ser aceites. ⁹² (FANON, 1980, p.96)

91 "[...]A aucun moment la France n'a indiqué dans les termes identiques son droit de propriété sur l'Afrique Noire ou sur une autre parcelle de 'l'Empire français'. On a pu décréter l'Afrique Noire teree française, mais jamais il ne fut décidé que l'Afrique était la France. Le droit de la France em Afrique se ramenait davantage à un droit de propriété, tandis qu'en Algérie des le début, des rapports d'identité étaient affirmés. Nous avons vu que les démocrates français, à de rares exceptions, ont adapté leur attitude à cette optique.[...]" (EM, 1962, v.1, p.250).

92 "La gauche non-communiste nous assure de son appui, nous promet ses interventions, mais nous demande de lui garantir que jamais l'Algérie ne sombrera dans le bloc communiste ou dans le bloc dit

Mais adiante, Fanon traduz esses aspectos, como traços de um novo fenômeno, que ele e Nkrumah serão os teóricos por excelência: o neocolonialismo.

Os colonialistas, na sua propaganda, dizem ao povo francês; a França não pode viver sem a Argélia.

Os anticolonialistas franceses dizem aos Argelinos: a Argélia não pode viver sem a França.

Os democratas franceses nem sempre se apercebem do carácter colonialista, ou, para, empregar um conceito novo, neocolonialista, da sua atitude.

A exigência de laços particulares com a França ao desejo de manter intactas estruturas coloniais. Trata-se de uma espécie de terrorismo do necessário, a partir di qual se decide que nada de válido na Argélia poderia ser concebido ou realizado à margem da França.[...]”⁹³ (FANON, 1980, p.98)

Por fim, há uma análise sobre a hegemonia do chauvismo nas massas populares francesas, o que acarretaria um receio por parte da esquerda e dos democratas de assumir seu apoio à causa argelina. Fanon afirma que não se trata de acusar a esquerda francesa, mas com essas críticas propor uma superação de suas contradições, rumo a um anticolonialismo efetivo, que apoie a autodeterminação do povo argelino (FANON, 1980, p.99). Assim, a FLN saúda os que se negam a servir no exército francês e foram aprisionados por isso, e propõe as *Tarefas da esquerda francesa*: que sem renegar a sua nação, “[...]se comprometa concretamente no combate pela paz na Argélia[...]”⁹⁴ (FANON, 1980, p.100). No fim

neutralisme. L’anti-colonialisme de ces démocrates n’est donc pas sans réserves et inconditionnel, mais suppose un choix politique précis. [...]

Cette gauche non-communiste est généralement réticente quand nous lui expliquons que, pour le moment, il s’agit pour le peuple algérien d’abord de se libérer du joug colonialiste français. Refusant de se maintenir sur le plan strict de la décolonisation et de la libération nationale, la gauche française non-communiste nous adjure de jumeler le deux efforts: refus du colonialisme français et du communisme soviéto-neutraliste.

Le même problème, selon un dynamisme inverse, se pose avec la gauche française communiste. Le Parti Communiste Français, dit-elle, ne peut appuyer que certains mouvements de libération nationale, car quel intérêt représenterait pour nous, sont demandées, on veut nous arracher des promesses. On réclame des assurances.

[...] Le peuple algérien depuis trois ans ne cesse de répéter qu’il se propose de se libérer por son propre compte, que ce qui est important pour lui c’est d’abord de rconquérir as souveraineté, d’asseior son autorité, de réaliser son sumanisation, as liberté économique et politique; mais il ne sembe pas que ces évidences soient acceptées. (EM, 1962, v.1, p.250)

93“Les colonialistes, dans leur propagande, disent au peuple français: la France ne peut pas vivre sans l’Algérie.

Les anti-colonialistes français disent aux Algériens: l’Algérie ne peut vivre sans la France. Les démocrates français n’aperçoivent pas toujours le caractère colonialiste, où, pour employer un concept nouveau, néo-colonialiste de leur attitude. L’exigence des liens particuliers avec la France répond au désir de maintenir intactes des structures coloniales. Il s’agit ici d’une sorte de terrorismo du nécessaire à partir duquel il est décidé que rien de valable em Aglérie ne saurait être conçu ou réalisé em dehors de la France.[...]” (EM, 1962, v.1, p.251).

94 “[...]s’engager concrètement dans le combat pour la paix em Algérie.” (EM, 1962, v.1, p.251)

do artigo, em nota de rodapé, encontra-se a informação de que havia uma fotografia ilustrando o artigo (EM, v.1, 1962, p.251).

El Moudjahid Número 16 – 15/01/1958

A edição número 16 foi lançada no 1.172º dia da Revolução Argelina. Destaco na composição da capa⁹⁵, a primeira vez que uma fotografia ocupa um espaço maior que o das *boxes* de texto. O editorial está em destaque em uma box, na parte inferior da capa, seu título é *Operation "Optimisme"* (EM, 1962, v.1, p.264): ele trata da campanha de guerra de informação empreendida pelo colonialismo francês, desacreditando a FLN e o ELN, onde exalta-se o avanço da "pacificação" na Argélia.

Nessa edição, há o seguinte artigo atribuído a Fanon (JF): *Aux Antilles, Naissance d'une Nation?* (EM, 1962, v.1, p.283-285). O artigo foi traduzido no *Em defesa de Revolução Africana* como *Nas Antilhas, nascimento de uma nação?* (FANON, 1980, p. 101-109) e foi inserido na tradução inglesa - *Alienation and Freedom* (FANON, 2018, p.583-589) – do *Écrits sur l'aliénation et la liberté* (FANON, 2015), mas não aparece na edição francesa. Uma nota de rodapé explica que o artigo foi publicado em *Pour la Révolution Africain*, mas foi omitido da tradução em inglês de 1967.

Nesse artigo, Fanon busca realizar um esquema de análise histórica das Antilhas, vai ao passado escravista colonial de sua região e expõe a complexidade dos hibridismos linguísticos e culturais do Caribe, devido à diáspora africana, que criou uma novo fenômeno de hidridização. O "açúcar rei" moldou a sociedade desigual das ilhas, onde miséria, racismo e emigração são alguns dos elementos que fazem parte da realidade antilhana (FANON, 1980, p.101-103).

Em todas as Antilhas, o movimento de libertação económica e política do século XIX está inserido num renascimento cultural de múltiplas formas: tomada de consciência da história antilhana, reabilitação das tradições populares, redescoberta dos cultos africanos como forma de resistência à opressão ocidental e cristã (ao "cristianismo forçado"), aceitação do passado de escravatura, orgulho de pertencer à raça negra.

Este renascimento manifesta-se actualmente, com muito vigor, no plano intelectual, em Haiti, nas Antilhas francesas e nas Antilhas britânicas, onde, precisamente, uma linguagem comum, o crioulo (mistura de francês, inglês, espanhol e dialectos africanos), constitui um laço e um melhor meio de expressão da consciência antilhana.⁹⁶ (FANON, 1980, p.104)

95 Ver Anexo D.

96 "Dans toutes le Antilles, le mouvement de libération économique et politique du XIX-ème siècle s'est greffé sur une renaissance culturelle à formes multiples; prise de conscience de l'histoire

Fanon adentra em uma análise de sua própria terra, nesse renascimento negro de que ele mesmo como intelectual, é fruto, Fanon está dentro do fenômeno de circulação de ideias entre os intelectuais afrodiáspóricos, que devido a sua presença na metrópole europeia, entram em contato com os demais colonizados, acabam por ter mútuas influências e, à partir desse fenômeno, Fanon se destaca pois segue sua trajetória para Magreb e posteriormente, como representante do GPRA, segue para a África sul-saariana, a África Negra. No fim do artigo, Fanon faz um resumo sobre algumas das ilhas caribenhas: sobre as lutas sociais na Jamaica, Trindade, Barbados, no Haiti, nas Antilhas francesas e holandesas. Ele defende uma confederação das Caraíbas, pois uma consciência nacional antilhana estava a nascer (FANON, 1980; EM, 1962, v.1).

O texto é concluído com um poema:

Jacques Roumain, poeta haitiano, morto em 1945

Aqui nos têm
 Eis-nos
 Os Negros
 Os Niggers
 Os sujos Negros
 Já não aceitamos
 É simples
 Acabou-se
 Estar em África
 Na América
 Os vossos Negros
 Os vossos Niggers
 Os vossos sujos... Negros
 Já não aceitamos
 Isso espanta-vos
 Dizer: Sim siô
 Ao engraxar as vossas botas
 Sim siô padre
 Aos missionários brancos
 Sim patrão
 Ao apanhar para vós
 A cana-de-açúcar
 O café
 O algodão
 O amendoim
 Na África

antillaise, réhabilitation des traditions populaires antillaise, redécouverte des cultes africains comme forme de résistance à l'oppression occidentale et chrétienne (au 'christianisme forcé'), acceptation du passé d'esclavage, firté d'appartenir à la race noire.

Cette renaissance se manifeste actuellement, avec beaucoup de vingueur, sur le plan intellectuel, à Haïti, où, précisément, un langage commun 'le créole' (mélange de français, d'anglais, d'espagnol et de dialectes africains) constitue un lien et un meilleur moyen d'expression de la conscience antillaise." (EM, 1962, v.1, p.284)

Na América
 Como bons negros
 Como pobres negros
 Que éramos
 Que nunca mais seremos...⁹⁷

(ROUMAIN apud FANON, 1980, p.108-109)

El Moudjahid Número 18 – 15/02/1958

A edição possui um artigo de capa⁹⁸, atribuído a Fanon por sua esposa (JF): *Le sang Maghrebin ne coulera pas em vain* (EM, 1962, v.1, p.318-319), traduzido como *O sangue do Maghreb não correrá em vão* (FANON, 1980, p.111-115). A fotografia, inserida no artigo de capa, mostra soldados magrebinos com uma metralhadora anti-aérea e foi descrita em nota de rodapé⁹⁹.” (EM, 1962, v.1, p.314). O editorial –

97 “Jacques Roumain, Poète Haïtien, mort em 1945

Et bien voilà
 Nous autres
 Les Nègres
 Les Niggers
 Les sales Nègres
 Nous n'acceptons plus
 C'est simple
 Fini
 D'être em Afrique
 En Amérique
 Vos Nègres
 Vos Niggers...
 ...Nous n'acceptons plus
 Ça vous étonne
 De dire: Oui missié
 En cirant vos bottes
 Oui mon pé
 Aux missionnaires blancs
 Oui maître
 En récoltant pour vous
 La canne à sucre
 Le café
 Le coton
 L'arachide
 En Afrique
 En Amérique
 En bons nègres
 En pauvres nègres
 Que nous étions
 Que nous ne seros plus...”
 (ROUMAIN apud EM, v.1, p.285)

98 Ver Anexo E.

99 Imagem com a seguinte legenda: “... A FLN está pronta para engajar todas as suas forças ao lado das tropas tunisianas, para salvaguardar a independência da Tunísia ...” (Mensagem do CCE ao

intitulado *Les responsabilites de l'Occident* (EM, 1962, v.1, p.317) - e praticamente toda esta edição – inclusive o artigo de Fanon - está voltada ao ataque da força aérea francesa à vila tunisiana de Sakiet Sidi Youssef, no dia 8 de fevereiro de 1958, uma semana antes do lançamento dessa edição número 18.

El Moudjahid Número 19 – 28/02/1958

O jornal continuou a denúncia, iniciada no número anterior, sobre o ataque à vila tunisiana de Sakiet Sidi Youssef. Há um artigo atribuído a Fanon (GP ?; JF), chamado *Strategie d'une armee aux abois* (EM, 1962, v.1, p.351-352; FANON, 2015; FANON, 2018, p.591-594). O editorial, intitulado *La parole est a l'Occident* (EM, 1962, v.1, p.339-341) explora a guerra do tipo terra arrasada, empreendida pelos colonialistas franceses e a crise em que a França está mergulhada devido a sua guerra total na Argélia. O texto, reforça a questão das tentativas de impor o neocolonialismo na África do Norte e afirma como absurda, a vontade francesa de continuar a dizimar a população magrebina, em prol de uma ilusão como o mito da Argélia francesa e a insistência da França em negar a independência argelina.

O artigo de Fanon (2015; 2018, p.591-594; EM, 1962, v.1, p.351-352), denuncia a criação de “áreas proibidas” ao redor da linha eletrificada Morice, na fronteira da Argélia com a Tunísia. A evacuação forçada e a política de reagrupamento em campos, os bombardeios aéreos massivos, assolavam uma região com população de 360.000 argelinos, em uma área maior do que 10.000 km². Fanon analisa a pressão neocolonial efetivada pela França no governo da Tunísia para que se forme uma força franco-tunisiana de patrulha na fronteira com a Argélia. O artigo original continha um mapa, representando as zonas interditas pelos franceses ao longo da fronteira entre Argélia e Tunísia.

El Moudjahid Número 20 – 15/03/1958

O editorial desse número foi intitulado *Les prises de positions de l'U.R.S.S.* (EM, 1962, v.1, p.362-363) e critica o “silêncio prudente” da União Soviética e

Presidente Bourguiba). " (EM, 1962, v.1, p.251, tradução livre). No original: ...Le F.L.N. est prêt à engager toutes ses forces aus côtés des troupes tunisiennes pour la sauvegarde de l'indépendance de la Tunisie...' (Message du C.C.E. au Président Bourguiba)."

comenta a viagem de M. Guy Mollet, primeiro-ministro francês a Moscou. A FLN cobra de Moscou uma posição mais efetiva sobre o genocídio na guerra da Argélia e o bombardeio criminoso de Sakiet Sidi Youssef na Tunísia. Nessa edição há um artigo considerado de autoria de Fanon (JF;GP?) e intitulado *Les rescapes du no man's land accusent* (EM, 1962, v.1, p.371-372; FANON, 2015, FANON, 2018, p.595-598). No artigo, Fanon usa a expressão, que ficou famosa para designar a zona de destruição total entre as linhas de trincheiras, na I Guerra Mundial, para traduzir o que os testemunhos de moradores locais e soldados do ELN relataram, sobre os ataques massivos com bombardeios aéreos e *raids* com tropas francesas.

Relatos de estupro coletivo, assassinatos de mulheres e crianças, crueldade e genocídio são exemplos do terrorismo empreendido pelos colonialistas. Atrocidades e crimes de guerra são praticados sem aplicados de modo sistemático na *no man's land*, a zona proibida criada pelos franceses, situada entre a fronteira da Tunísia e a linha eletrificada Morice.

Segundo Fanon (2018, p.597) :

Armed to the teeth, equipped with daggers and cutlasses, the French soldiers break into the dwellings, torture, slit throats, mutilate. Pillage and rape preside over their actions. The fellahs' meagre provisions are destroyed, the livestock taken, the houses and gourbis (shacks) set ablaze. The women, regardless of age, are raped in front of their children. Even mature aged men are sexually assaulted right before their families, as was attested by one former combatant of two world wars, who suffered this supreme humiliation at his age. Magnetos are carried into the houses and children between three and eleven do not escape the electric current. The men are led away like beasts to have their throats slits in front of their loved ones. Babies are torn from their mother's arm and thrown under tanks, whilst children beset with panic and attempting to escape are mown down by bursts of machine gun fire.

These scenes are ongoing. Each small wave of survivors arriving at the Tunisian border brings with it a new sample of these horrors. The bloodthirsty and the macabre mix together with the obscene. With each passing day, with each passing night, the inhabitants of no-man's land find themselves engulfed in an infernal nightmare in which France plays the role of a monstrous executioner.[...]¹⁰⁰.

100 "Armés jusqu'aux dents, munis de poingards et de coutelas, les soldats français pénètrent dans les habitations, torturent, égorgent, mutilent. Le pillage et le viol président à leurs actions. Les maigres provisions des fellahs sont détruites, le bétail emmené, les maisons et gourbis incendiés. Les femmes quelque soit leur âge sont violées devant leurs enfants. Il n'y a pas jusqu'aux hommes d'âge mûr qui ne soient violentés au milieu de leurs familles, comme en témoigne cet ancien combattant des deux guerres mondiales, qui a subi à son âge cette suprême humiliation. Les magnétos sont transportées dans les maisons, et les enfants de 3 ou 11 ans ne sont pas épargnés par le courant électrique. Les hommes sont conduits comme du bétail et égorgés sous les yeux de leurs proches. Des bébés sont arrachés des bras de leur mère et jetés sous les tanks, tandis qu'en se sauvant, des enfants pris de panique sont fauchés par des rafales de mitrailleuses.

Ces scènes se poursuivent toujours. Chaque petite vague de rescapés qui arrive à la frontière tunisienne rapporte avec elle un échantillon nouveau de ces horreurs.

Na versão publicada em *Écrits sur l'alienation et la liberté* (FANON, 2015) e em sua tradução inglesa (FANON, 2018, p. 595-598) o título original do artigo – *Les rescapés du no man's land accusent* - foi modificado para *Les rescapés du no man's land (The survivors of no man's land)*.

El Moudjahid Número 21 – 01/04/1958

Nessa edição estão dois artigos atribuídos a Fanon por sua esposa (JF): *La farce qui change de camp* (EM, 1962, v.1, p.391-392; FANON, 1980, p.117-119) e *Le testament d'un "Homme de gauche"* (EM, 1962, v.1, p.401-402; FANON, 2015; FANON, 2018, p.599-600). O editorial foi intitulado como *Solidarité Mondiale avec l'Algérie* (EM, 1962, v.1, p.387) e escreve sobre a solidariedade popular em países da África e Ásia acerca da luta argelina, comentando também a decisão da Conferência de Solidariedade Afro-Soviética do Cairo, de marcar o dia 30 de março como dia da solidariedade mundial ao povo argelino em luta, organizado pelos Comites Nacionais de Solidariedade a Argélia.

Em *La farce qui change de camp* (EM, 1962, v.1, p.391-392) - traduzido como *A farsa que muda de campo* (FANON, 1980, p.117-119) - Fanon ainda reverbera o ataque a Sakiet Sidi Youssef, criticando a diplomacia anglo-americana, que tentava aproximar os interesses franceses e tunisianos, deixando a última palavra, obviamente, com a França, membro-nato da OTAN. Em certo momento do texto, Fanon (1980, p. 118) enuncia uma das ideias que são fundamentais em *Os Condenados da Terra*: “[...]O colonialismo francês é uma força de guerra e é preciso abatê-lo pela força. Nenhuma diplomacia, nenhum gênio político, nenhuma habilidade, poderão vencê-lo.[...]”¹⁰¹.

No artigo *Le testament d'un "homme de gauche"* (EM, 1962, v.1, p.401-402; FANON, 2015; FANON, 2018, p.599-600) Fanon continua as suas críticas a esquerda francesa, no caso Paul Rivert, falecido no dia 21 de março de 1958. Rivert foi um dos fundadores do Comitê de Vigilância dos Intelectuais Antifascistas e amigo de

Le sanguinaire et le macabre se mêlent à l'obscène. Chaque jour qui passe, chaque nuit qui passe, les habitants du no man's land se trouvent plongés dans un cauchemar infernal où la France joue le rôle d'un bureau monstrueux.” (EM, 1962, v.1, p.371).

101 “[...]Le colonialisme français est une force de guerre, et il faut l'abattre par la force. Nulle diplomatie, nul génie politique, nulle habileté ne pourront en venir à bout,[...]” (EM, 1962, v.1, p.392)

presidente Ho Chi Minh. No entanto Rivert, a pedido de Mollet e Pineau, tornou-se lobbista do colonialismo, e mesmo arrependido destes “erros” lançou frases exaltando a *mission civilisatrice* do homem branco europeu:

Why did he not join the party of those who vigorously denounce colonialist policy? Because, according to him, '[this party] contains too many men who sell the west's, Europe's, France's, tradition too cheaply... We must be proud of what Europe has bought the world, of what white man – yes, white man – has done for culture and civilization.' And he added, 'I've never been able to accept that people show só much eagerness to approve any old stupidity whatsoever, simply as the person who proffers it is wearing a burnous or his head is covered with a turban...' Chauvinism and racism – this is the spiritual heritage that Paul Rivet is leaving behind, a 'man of left' if there ever was one!¹⁰² (FANON, 2018, p.600)

Rivert será o protótipo dessa esquerda que, mergulhada na ideologia do pseudouniversalismo, encarnado no chamado legado cultural do europeu, abraça o colonialismo.

El Moudjahid Número 22 – 16/04/1958

Nesta edição figura um importante artigo de Fanon, talvez um dos mais significativos em termos de fundamentos que serão desenvolvidos em suas obras futuras: *Decolonisation et Independance* (EM, 1962, v.1, p. 414-416), traduzido como *Descolonização e Independência* (FANON, 1980, p. 121-128). O editorial, intitulado *Des bons offices a la crise française* (EM, 1962, v.1, p.411), aborda a queda do governo Gaillard e a crise na França, ligando este processo às ações diplomáticas dos franceses, com a cumplicidade dos estudunidenses, para abafar o crime de guerra empreendido pelos franceses em Sakiet Sidi Youssef na Tunísia.

Em *Descolonização e Independência* (FANON 1980, p. 121-128; EM, 1962, v.1, p. 414-416) está exposta uma das principais teses fanonianas, acerca da

102 “Porquoi ne rejoigna-t-il pas le parti de ceux qui dénoncent vigoureusement la politique colonialiste? Parce que selon lui “il y a (dans ce parti) trop d’hommes que font bon marché des traditions de l’Occident, de L’Europe, de la France...”

“...Il faut être fier de ce que l’Europe a apporté au Monde, de ce que l’homme blanc – oui l’homme blanc – a fait pour la culture et la civilisation...”

Et d’ajouter: “... je n’ai jamais pu accepter que l’on montre tant d’empressement à approuver n’importe quelle stupidité lorsque celui qui la profère porte un burnous ou a la tête couverte d’un turban...”

Chauvinisme et racisme, voilà donc l’héritage spirituel que laisse Paul River “homme de gauche” s’il en fut!

D’aucuns expliquent les positions rétrogrades de ces hommes de gauche em France par une soi-disant ignorance du problème colonial ou par les difficultés rencontrées dans l’action pratique.(EM, 1962, v.1, p.402; FANON, 2015)

contraviolência como terapêutica de desintoxicação do colonizado, que se liberta na e pela violência: “E, em primeiro lugar, nunca a FLN apelou para a generosidade, para a magnanimidade ou para a gentileza do colonizador. O colonizado adquire numa mutação vertiginosa uma qualidade nova, elaborada no e pelo combate.¹⁰³” (FANON, 1980, p.122).

Logo adiante vê-se a diferenciação entre dois dos termos, muito utilizados com sinônimos, mas que no entanto, para Fanon (1980, p.123), são completamente diferentes:

[...]A FLN não pretende realizar uma descolonização da Argélia ou um abrandamento das estruturas opressivas.
O que a FLN reclama é a independência da Argélia. Uma independência que permita ao povo argelino tomar totalmente o seu destino nas mãos.
Este objectivo, esta estratégia, comandam a nossa tática, o nosso método e explicam o próprio andamento da nossa luta.¹⁰⁴

E então é explicitada a afirmação do povo argelino com base histórica, como é a criação de toda narrativa que serve de fundamento para a identidade cultural. Fanon faz a conexão da Revolução Argelina como uma fase da resistência iniciada em 1830. Logo, Fanon (1980, p.126) passa a criticar lideranças africanas e propõe o caminho argelino da revolução em um subtítulo nomeado de *A Revolução Argelina introduz um novo estilo nas lutas de libertação nacional*¹⁰⁵

El Moudjahid Número 23 – 05/05/1958

Na presente edição do jornal, há um artigo de Frantz Fanon, segundo Josie Fanon (JF), intitulado *Une crise continuee* (EM, 1962, v.1, p.453-455; FANON, 1980, p. 129-135). O editorial, *Une etape decisive*, escreve sobre a importância da Conferência de Tânger para angariar solidariedade à luta de independência empreendida pela FLN. Um dos pontos mais destacados no editorial, é a decisão de

103 “Et d’abord à aucun moment le F.L.N. n’a fait appel `la générosité, à la magnanimité, à la gentillesse du colonisateur. Le colonisé accède dans une mutation vertigineuse à une qualité nouvelle, élaborée dans et par le combat.[...]” (EM, 1962, v.1, p. 414).

104 “[...]Le F.L.N. ne vise pas à réaliser une décolonisation de l’Algérie ou un assouplissement des structures opressives.

Ce que le F.L.N. réclame c’est l’indépendance de l’Algérie. Une indépendance qui permette au peuple algérien de prendre totalement son destion em main.

Ce objectif, cette stratégie, commande notre tctique, notre méthode e informe l’allure même de notre lutte.” (EM, 1962, v.1, p.414).

105 “LA REVOLUTION ALGERIENNE INTRODUIT UN NOUVEAU STYLE DANS LE LUTTES DE LIBERATION NATIONALE” (EM, 1962, v.1, p.415)

criar um plano comum de defesa contra o colonialismo francês no Magreb, evidenciando a união magrebina como vital para a revolução na Argélia. (EM, 1962, v.1, p.436).

Em seu artigo, Fanon descreve a crise continuada da França, que pela quarta vez, sofre a queda de seu governo. A causa da crise está ligada à guerra empreendida pela França na Argélia. “Depois das equipes Edgar Faure, Guy Mollet, Bourguès Maunoury e da última em data dita de união nacional, de Félix Gaillard, eis uma nova crise, que uns e outros concordam em considerar extremamente grave.”¹⁰⁶ (FANON, 1980, p.129).

Fanon também escreve, sobre a jogu geopolítico na guerra fria, quanto a África, dentro da lógica do mundo bipolarizado, vê interesses neocolonialistas nos países europeus que criticam a França em suas ações na África e escreve sobre as críticas anticolonialistas feitas pelo senador Kennedy nos Estados Unidos (FANON, 1980, p.133; EM, 1962, v.1, p.454). Mas a grande solidariedade certamente vem dos povos Afro-Asiáticos, como o texto afirma, ao evocar

Bandung, o Cairo, Accra, todos os povos afro-asiáticos, todos os oprimidos de ontem, apoiam, defendem e assumem cada vez mais a causa da Revolução Argelina; não é de modo nenhum exagerado dizer que cada vez mais a França terá contra si, na Argélia, dois continentes.

É por não terem analisado estes múltiplos factores, estas contradições dialécticas, que os partidos políticos franceses se encontram o mais das vezes numa situação de indeterminação, de exacerbação passional sem fio condutor, de inquietação, situação que não deixa de evocar comportamentos de autodestruição.¹⁰⁷ (FANON, 1980, p. 132)

O artigo possui uma fotografia, conforme a descrição da nota de rodapé 11: "Uma fotografia representando o '6 de fevereiro' em Argel, ilustra este artigo"(EM, 1962, v.1, p.455, tradução livre¹⁰⁸).

El Moudjahid Número 24 – 29/05/1958

106 “Après les équipes Edgar Faure, Guy Mollet, Bourguès Maunoury et la dernière em date, dite d’union nationale de M. Félix Gaillard, voici une nouvelle crise que les uns et les autres s’accordent à juger extrêmement grave.” (EM, 1962, v.1, p.453)

107 “Bandoeng, le Caire, Accra, tous les peuples afro-asiatiques, tous les opprimés d’hier, portent, soutiennent et assument de plus em plus la cause de la Révolution algérienne; il n’est absolument pas exagéré de dire que, de plus em plus, la France aura contre elle, em Algérie, deux continents.

C’est faute d’avoir analysé ces multiples facteurs, ces contradictions dialectiques, que les partis politiques français se trouvent le plus souvent dans une situation d’indétermination, d’exacerbation passionnelle sans thème directeur, d’inquiétude, toutes choses qui ne son pas sans évoquer des conduites d’autodestruction.” (EM, v.1, p.454)

108 “Une photographie représentant le ‘6 février’ à Alger illustre cet article.”

Este número possui a capa¹⁰⁹ e o editorial mais controverso de *El Moudjahid*: a falsa notícia de que um dos grandes líderes da revolução, Abbane Ramdane, foi morto pelo inimigo francês, quando, na verdade, foi vítima das intrigas internas da FLN e dos coronéis do ELN. Na capa, ocupando toda a página está a editorial, intitulado, *Abbane Ramdane est mort au champ d'honneur* (EM, 1962, v.1, p.460). O editorial afirma que Ramdane foi abatido em combate, contra uma unidade motorizada dos franceses, exalta-o como grande organizador da revolução e faz um breve comentário biográfico. Fanon era amigo pessoal de Ramdane e sentiu diretamente o seu assassinato. Será que Fanon soube da verdadeira história? Soube que a notícia oficiosa dada pela direção, visava manter a aparência da FLN como um bloco monolítico, quando na verdade desde a Conferência de Soumman, em 1956, as tensões entre políticos e militares, chefes do interior e exterior, cada vez mais se expressavam e teriam desdobramentos de grande impacto político no pós-Independência?

Na edição número 24 dois artigos são atribuídos a Fanon: *Logique de l'Ultra-Colonialisme* (EM, 1962, v.1, p. 462-464), sobre o golpe dos ultras em Argel, no dia 13 de maio de 1958; *Lettre a la jeunesse africaine* (EM, 1962, v.1, p.478-479), traduzido como *Carta a Juventude Africana* (FANON, 1980, p.137-143).

Em *Logique de l'Ultra-Colonialisme* (EM, 1962, v.1, p. 462-464), Fanon defende que o golpe dos ultras, foi consequência do desespero de militares e *pied-noirs* em Argel e que esse ato anacrônico irá, mais uma vez, abalar a República Francesa. A Guerra da Argélia é considerada por Fanon o elemento com mais influência nas crises e constantes quedas de governo na França.

French colonialism will not be revived. What was called a resurrection is merely the absurd will to survive and those who have been presented as saviours will be no more than the faithful grave diggers of an order that they will have only served all too well. The sole resource remaining to colonialism is revolt. It rises up against the regime that, from Jules Ferry to Guy Mollet, has always carried it in its flanks, and renounces it; it is rising up against history, which has condemned it; it is rising up against its own destiny, which is to perish.¹¹⁰ (FANON, 2018, p.602).

109 Ver Anexo F.

110 “Le colonialisme français ne ressuscitera pas.

Ce qu'on a baptisé résurrection n'est que volonté absurde de se survivre et ceux qu'on a présentés comme des sauveurs ne seront que les fossoyeurs fidèles d'un ordre qu'ils n'auront que trop bien servi.

L'unique ressource qui reste au colonialisme est la révolte. Il s'insurge contre l'histoire qui le condamne; il insurge contre son propre destin qui est de périr.” (EM, 1962, v.1, p.463) .

Fanon analisa esta tentativa de frear o processo de independência como um delírio coletivo, uma busca irreal e totalmente ahistórica.

The rioters of 13 May wanted to blot out reality by waving it aside, to resolve their contradictions with a blink of an eye, to give body to their lost dreams. By taking power in Algiers and proclaiming the army's 'resolve', the ultracolonialists thought that everything would return to order. The 'Muslims' would prostrate themselves before them, the FLN would vanish, the maquisards would rush down from the mountains and run to cheer the name of de Gaulle, the war of liberation would stop and a 'new and French Algeria', all brand-new and quivering, would come to take its place alongside the rediscovered motherland. Failing to inscribe these hallucinatory images in the facts, the organizers of the coup d'état endeavoured to present its caricature to journalists using clever dramatization and subtle montages. For this is what their talents and capacities have been reduced to. The rioters of 13 May believed they could change the course of history; they succeeded only in accelerating it, in precipitating the avalanche of events that will engulf them. The coup d'état in Algiers was foreseeable.[...]"¹¹¹ (FANON, 2018, p.602-603).

Derrotado na Ásia, em Dien Bien Phú, o colonialismo francês se agarrou com toda força na Argélia, considerada território francês até mesmo por setores de esquerda e democratas, essa Argélia defendida por ser o portal de acesso de toda África.

After collapsing in Asia, French imperialism then regrouped its forces in Africa, where it has devoted itself exclusively to reinforcing its positions. Threatened with mortal danger in North Africa, the direct access road to the continent, it entrenched itself in Algeria and decided to play out its future there.¹¹² (FANON, 2018, p.603).

Por fim, Fanon continua seu duro ataque à esquerda da metrópole, que devido a suas leituras egocêntricas mergulhadas no Mito da Argélia Francesa, agora se

111 "Les émeutiers du 13 Mai ont voulu effacer d'un revers de manche la réalité, résoudre em un clin d'oeil leurs contradictions, donner corps à leurs rêves éperdus.

En prenant le pouvoir à Alger et clamant la "détermination" de l'armée, les ultra-colonialistes croyaient que tout allait rentrer dans l'ordre. Les "Musulmans" viendraient se prosterner devant eux, le F.L.N. s'évanouirait, les maquisards affueraient des montagnes et courraient acclamer le nom de De Gaulle, la guerre de libération s'arrêterait, et "l'Algérie nouvelle et française", toute neuve et frémissante, irait prendre place au côtés de la Mère patrie retrouvée.

Faute d'inscrire dans les faits ces images hallucinatoires, les organisateurs du coup d'Etat s'efforcèrent d'en présenter la caricature aux journalistes dans des mises em scène savantes et montages subtils. Car c'est à cela que se réduisent leurs talents et leurs capacités.

Le émeutiers du 13 Mai crurent changer le cours de l'histoire; ils ne réussissent qu'à l'accélérer, précipitant l'avalanche des événements qui doit les engloutir.

Le coup de'Etat d'Alger était prévisible. (EM, 1962, v.1, p. 463)

112 "Après son effondrement em Asie, l'imperialisme français regroupe ses forces em Afrique où il se consacre exclusivement à renforcer ses positions. Menacé d'un danger mortel em Afrique du Nord, voie d'accès directe au continent, il se retrace em Algérie et choisit d'y jouer son avenir." (EM, 1962, v.1, p. 463)

depara com o fascismo e com a crise que trará um *deus ex machina* para tentar resolver os problemas: a ascensão de De Gaulle ao poder. O que se destaca neste trecho é a aproximação fanoniana entre fascismo e colonialismo.

The moment is no less decisive for the forces of the left in France. They are exceedingly concerned; their heavy responsibility in the war in Algeria, their failings, today prescribe the imperious duty to get a hold of themselves. We have been plenty reproached with condemning colonialist France and democratic France as a bloc. We have been taxed with reverse chauvinism and have had doubt cast on the democratic essence of our revolution. Concerned to stick close to reality, we have refused to be taken in by the mirage of theories. The distinction between colonialism and the French people is a theoretical given. We have been compelled to note that, objectively speaking, it is a mere virtuality without practical effect.

Today, a declining colonialism reveals its true face; on 13 May, it turned against the Republic and disclosed to French opinion its anti-democratic and fascist nature. Those whom it was able to delude in France by draping itself in democratic costume or by brandishing the sword of socialism can no longer deceive themselves. We are thus arriving at a turn where the relations between the Algerian revolution and the French left can be established on unambiguous foundations. Fascism and colonialism are intrinsically linked; Algerian revolution and French democracy ought to rediscover their natural ties. At the moment when freedoms are threatened in France, when fascism is at the doors of the Republic, the French's fight for peace in Algeria ought to be reasserted and a resolute commitment made to the revolutionary path.¹¹³ (FANON, 2018, p.605).

Em *Carta à juventude africana* (FANON, 1980, p.138-143; EM, 1962, v.1, p.478-479), Fanon tece um apelo em prol da revolução, da independência nacional e união dos povos africanos contra o colonialismo francês. Pede o apoio da juventude africana e clama a solidariedade dos povos à Revolução Argelina, descrevendo a luta na Argélia como fundamental para derrubar de vez o edifício colonial francês. Ao

113 “Le moment n’est pas moins décisif pour les forces de gauche em France. Elle sont intéressées au premier chef; leurs lourdes responsabilités dans la guerre d’Algérie, leur carence, leurs silences ou leurs complexités leur font aujourd’hui un devoir impérieux de se ressaisir.

On nous a reproché de condamner em bloc la France colonialiste et la France démocratique. On nous a taxé d’un chauvinisme à rebours et mais em doute l’essence démocratique de notre Révolution.

Soucieux de serrer de près la réalité, nous sommes refusés à nous laisser prendre au mirage des théories. La distinction entre le colonialisme et le peuple français est une donnée théorique. Force nous a ‘de constater qu’objectivement elle n’était qu’une virtualité sans effet pratique.

Aujourd’hui, le colonialisme em déclin se montre sous son véritable visage; le 13 Mai, il s’est retourné contre la République et a dévoilé à l’opinion française son essence anti-démocratique et fasciste.

Ceux em France sur qui il a pu faire illusion em se drapant du costume démocratique ou em brandissant l’étendard du socialisme, ne peuvent plus se tromper.

Nous arrivons donc à un tournant où les rapports entre la Révolution algérienne et Démocratique française devraient retrouver leurs liens naturels.

Au moment où les libertés sont menacées em France, où le fascisme est aux portes de la République, la lutte des Français pour la paix em Algérie devrait reprendre ses droits et s’engager résolument dans une voie révolutionnaire.” (EM, 1962, v.1, p. 464)

mesmo tempo, Fanon ataca políticos africanos que aceitaram manter-se dentro de laços legalistas com a França , ou ainda, laços neocoloniais.

Houphouët-Boigny, deputado africano e presidente da RDA, concedeu, há alguns dias, uma entrevista à imprensa. Depois de considerações absurdas sobre a evolução desejada de uma África cingida pela bandeira tricolor, aborda a questão argelina e não hesita em afirmar que a Argélia deve continuar no quadro francês.

Este senhor há mais de três anos, tornou-se o espantalho do colonialismo francês. Presente em todos os governos, Houphouët-Boigny assumiu directamente a política de extermínio praticada na Argélia.

Tendo à sua direita Lacoste e Morice ou Chaban-Delmas à sua esquerda, Houphouët-Boigny caucionou de maneira imperdoável uma política que enlutou a nação argelina e comprometeu por muitos anos o desenvolvimento de nosso país.

Houphouët-Boigny tornou-se o caixeiro-viajante do colonialismo francês e não receou dirigir-se à Nações Unidas para aí defender a tese francesa.

Houphouët-Boigny é médico. Era ministro da Saúde de Gaillard. Foi sob o seu reinado que aconteceu Sakiet Sidi Youssef. As ambulâncias da Cruz vermelha Internacional foram ali metralhadas, bombardeadas, desventradas. Dezenas de mulheres e crianças foram cortadas ao meio pelas rajadas da aviação francesa.

O africano Houphouët-Boigny, o médico Houphouët-Boigny, não recearam, nem um nem outro, reivindicar esta barbárie e declarar-se solidários dos militares franceses

Houphouët-Boigny, como bom ministro da República Francesa, achou que o seu dever era assumir Sakiet, felicitar o valente exército francês e apoiar com toda a solidariedade ministerial as pressões sobre o Governo Tunisino.¹¹⁴ (FANON, 1980, p.141-142)

Fanon critica duramente os africanos que defendem e integram o governo francês, e o nome de Houphouët-Boigny é constantemente criticado como o símbolo do africano aliado dos colonialistas.

114 "M. Houphouët-Boigny, député africain et Président du R.D.A., a, il ya quelques jours, accordé une interview à la presse. Après des considérations absurdes sur l'évolution souhaitée d'une Afrique ceinte du drapeau tricolore, il en arrive à la question algérienne et n'hésite pas à affirmer que l'Algérie doit demeurer dans le cadre français.

Ce monsieur, depuis plus de trois ans, s'est fait l'homme de paille du colonialisme français. Siégeant dans tous les gouvernements, M. Houphouët-Boigny a assumé directement la politique e'extermination pratiquée em Algérie.

Ayant à sa droite M. Lacoste et MM. Morice ou Chaban-Delmas à sa gauche, M. Houphouët-Boigny a cautionné de façon impardonnable une politique qui a endeillé la nation algérienne et compromis pour de longues années le développement de notre pays.

M. Houphouët-Boigny s'est fait le commis-voyageur du colonialisme français et il n'a pas craint de se rendre aux Nations Unies pour y défendre la thèse française.

M. Houphouët-Boigny est docteur em médecine. Il était ministre de la Santé de M. Gaillard. C'est sous son règne qu'eut lieu Sakiet-Sidi-Youssef. Les ambulances de Croix Rouge Internationale y furent mitraillées, bombardées, éventrées. Des dizaines de femmes et d'enfants furent coupés em deux par les rafales de l'aviation française.

L'Africain Houphouët-Boigny, le docteur em médecine Houphouët-Boigny, n'ont pas craint l'un et l'autre de revendiquer cette barbarie et de se déclarer solidaires des militaires français.

M. Houphouët-Boigny, en bon ministre de la République française, a estimé que son devoir était d'assumer Sakiet, de féliciter la vaillante armée française et d'appuyer en toute solidarité ministérielle les pressions sur le gouvernement tunisien. (EM, 1962, v.1, p.479).

El Moudjahid Número 25 – 13/06/1958

O editorial foi intitulado *Le peuple algerien ne sera pas pris au depourvu* (EM, 1962, v.1, p.484). Ele ataca o discurso de De Gaulle, que é designado de imobilista e integracionista quanto à questão argelina. Por outro lado, o editorial afirma que o Magreb nunca mais será o mesmo depois da Conferência de Tânger e anuncia que a FLN, representada pelo CCE, participaria da Conferência Tripartite que ocorreria no dia 16 de junho, em Túnis. Nessa conferência, foi produzida uma nova análise de conjuntura acerca dos recentes eventos em Argel e na França: o golpe em Argel e a crise na República francesa com a solução De Gaulle para o impasse. No fim do editorial, há a menção da primeira visita oficial do Presidente Nkrumah à África do Norte (EM, 1962, v.1, p.485).

Logo após o editorial, foi publicado um artigo chamado *Colonialisme et Fascisme* (EM, 1962, v.1, p.485). O texto defende que o fascismo está a serviço do capitalismo bancário e financeiro e para se livrar de suas contradições, aposta no militarismo sanguinário, pois sob o governo De Gaulle ocorre um novo tipo de fascismo. As conexões entre colonialismo, capitalismo e fascismo são elencadas ao longo do artigo: faço um destaque para a afirmação de que o capitalismo financeiro no século XX, torna-se neocolonialista. O texto atribuído a Fanon na edição, chama-se *Le monde occidental et l'expérience fasciste em France* (EM, 1962, v.1, p.488-489; FANON, 2015; FANON 2018, p.607-610), e certamente está concatenado, em termos da disposição dos textos no jornal. O artigo foi atribuído a Fanon pelo editor-chefe do *El Moudjahid*, Redha Malek (RM).

O artigo aborda a ascensão de De Gaulle ao poder e a convivência de amplos setores da sociedade francesa com o fascismo e colonialismo, inclusive das nações ocidentais como Estados Unidos, Inglaterra e Itália. É mencionado o Plano Soustelle e o mito integracionista. “In actual fact, western nations are witnessing with terror the birth of new Afro-Asian states.[...]”¹¹⁵, conclui Fanon (2018, p.608).

De Gaulle's experiment is the final showing for this imperialism with its back to the wall. The FLN is hardly surprised by this boost of French militarism.

¹¹⁵ “En réalité, les nations occidentales assistent avec terreur à la naissance de nouveaux états afro-asiatiques.[...]” (EM, 1962, v.1, p.488)

We have always said that Algerian's independence first presumes the defeat of the colonial cast. Today we are witnessing the fascist collusion of this cast with French military milieus and metropolitan capitalism. The 'old guard' of imperialism has had its day, afterwards nothing is left.

It is clear that western nations that believe in a renaissance of French colonialism in North Africa since 13 May have not properly analysed the power of the popular movement in the Maghreb. (FANON, 2018, p.610).¹¹⁶

Após o texto de Fanon está um artigo chamado *Qui est De Gaulle* (EM, 1962, v.1, p. 489-491) dando o tom de que a presente edição está totalmente voltada a analisar a conjuntura de ascensão de De Gaulle ao poder e o chorume fascista que fermentava tanto na França, quanto em Argel.

El Moudjahid Número 27 – 22/07/1958

A edição, em geral, clama por uma revolução árabe, unindo oriente médio e Magreb, orientada por um longo editorial, intitulado *Au dela pain quotidien* (EM, 1962, v.1, p.529-532). No editorial, é denunciado e fortemente criticado, o acordo franco-tunisiano que visa implementar um oleoduto, para escoar o petróleo saariano. Cabe lembrar que em 1956, Nasser nacionalizou o Canal de Suez, enfurecendo o imperialismo europeu e afunilando os lucros das potências ocidentais. Conforme o editorial, esse acordo para a construção em Edjelé, é um golpe na unidade magrebina e árabe, pois a Argélia depende dos países irmãos, Marrocos, Tunísia e Líbia, para efetivar a sua libertação e independência. O acordo é considerado contrário ao que se decidiu oficialmente na Conferência de Tânger.

Nessa edição, foi publicado um artigo atribuído a Fanon por Josie Fanon (JF), intitulado *Verites premieres a propos du probleme colonial* (EM, 1962, v.1, p.537-539), traduzido como *Verdades primeiras a propósito do problema colonial* (FANON, 1980, p.145-151). Há um importante comunicado do CCE publicado antes do artigo:

Em um comunicado emitido no Cairo, o Comitê de Coordenação e de Execução acaba de condenar a intervenção anglo-americana no Líbano, na Jordânia e na Líbia. Esse comunicado declara que o povo argelino é "solidário com todos os países árabes objetos de agressão estrangeira" e

116 "L'expérience de Gaulle est la dernière manifestation d'un impérialisme aux abois. Le F.L.N. n'est pas étonné, n'est pas surpris par cette relance du militarisme français. Nous avons toujours, dit que l'indépendance de l'Algérie suppose d'abord la défaite du colonat d'Algérie. Aujourd'hui, nous assistons à la collusion fasciste de ce colonat, des milieux militaires français et du capitalisme métropolitain. La "vieille garde" de l'imperialisme est donnée, après il n'y a plus rien.

Les nations occidentales qui croient, depuis le 13 Mai, à une renaissance du colonialisme français em Afrique du Nord, ont de toute évidence mal analysé la pusissance du mouvement populaire dans le Maghreb.[...]" (EM, 1962, v.1, p.489).

que essa intervenção, que faz parte dos planos imperialistas do Ocidente, é uma ameaça perigosa para a paz do mundo. (EM, 1962, v.1, p.537, tradução livre¹¹⁷)

Fanon explora os fundamentos do neocolonialismo que disputa suas ex-colônias para inseri-las em zonas de influência. A independência nominal não garante a soberania, pois ao manter laços de subalternidade, principalmente no campo da economia, a antiga colônia é dominada, sob o véu de ajuda técnica-econômica.

A aceitação de uma soberania nominal e a recusa absoluta de uma independência real, eis a reação tipo das nações colonialistas relativamente às suas antigas colônias. O neocolonialismo está impregnado de algumas ideias que, ao mesmo tempo que fazem sua força, preparam a sua necessária decadência.¹¹⁸ (FANON, 1980, p.146)

Se a a nação recém independente não aceita os ditames do antigo colonizador, pode sofrer um novo ataque militar. Fanon analisa as “hipotecas” que os franceses buscam para chantagear os países em processo de libertação ou no pós-colônia. Profetas do apocalipse, os colonialistas afirmam que sem sua ajuda a nova nação irá voltar às trevas, não terá pernas para caminhar sozinha. A rapinagem imperialista ocorre com tensão interna no ocidente:

Tendo-se revelado insuficientes os seus esquadros [América-Latina e Caribe], a América devia fatalmente virar-se para outras regiões, na concorrência, o Extremo Oriente, o Médio Oriente e a África. Concorrência de aves de rapina; as suas criações são: doutrina Eisenhower contra a Inglaterra no Médio Oriente; apoio a Ngo Din Diem contra a França, a Inglaterra e a Bélgica. Cada luta de libertação nacional deve ter em conta as zonas de influência.¹¹⁹ (FANON, 1980, p.149)

117 “Dans un communiqué diffusé au Caire, le Comité de Coordination et d’Exécution vient de condamner l’intervention anglo-américaine au Liban, em Jordanie et em Lybie. Ce communiqué déclare que le peuple algérien est “solidaire de tous les pays arabes objets de l’agression étrangère” et que cette intervention qui s’inscrit dans les plans impérialistes de l’Occident menace dangereusement la paix du monde.”.

118 “L’acceptation d’une souveraineté nominale et le refus absolu d’une indépendance réelle, telle est la réaction-type des des nations colonialistes à l’égard de leurs anciennes colonies. Le néo-colonialisme est imprégné par quelques idées qui, à la fois, font as force em préparant as nécessaire décadence.” (EM, 1962, v.1, p. 538)

119 “Ses débouchés s’étant révélés insuffisants, l’Amérique devait fatalement se tourner vers d’autres régions, em l’occurrence l’Extrême-Orient, le Moyen-Orient et l’Afrique. Compétition de rapace; ses créations sont: Doctrine Eisenhower contre l’Angleterre au Moyen-Orient; soutien à Ngo Din Diem contre la France em Indochine; Comission d’aide économique em Afrique, annoncée ar le voyage présidentiel de M. Nixon, contre la France, l’Angleterre et la Belgique. Chaque lutte de libération nationale doit tenir compte des zones d’influence.” (EM, 1962, v.1, p.538).

Ainda há a chantagem do “perigo vermelho”, dentro do quadro de um mundo bipolarizado em blocos. A guerra fria permite aos colonialistas verem os “olhos de Moscou” em toda nação que constrói sua independência.

A tomada de posição de alguns países recém-independentes, decididos a permanecer fora da política dos blocos, introduziu uma dimensão original no equilíbrio de forças do Mundo. Política dita de neutralismo positivo, de não dependência, de não alinhamento, terceira força, os países subdesenvolvidos que despertam de um longo sono de escravatura e de opressão acharam que era seu dever permanecer fora de toda a preocupação belicista, para se consagrarem ao desenvolvimento económico, ao recuo da fome, à promoção do homem.

E, na verdade, o que os ocidentais não compreenderam é que se cria hoje um novo humanismo, uma nova teoria do homem que tem a sua raiz no homem e que não quer outra coisa senão o triunfo não igualado desse homem. É fácil tratar o Presidente Nehru de indeciso porque recusa atrelar-se ao imperialismo ocidental, os Presidentes Nasser ou Sukarno de violentos quando nacionalizam as suas companhias ou reivindicam as parcelas dos seus territórios ainda sob dominação estrangeira[...]¹²⁰ (FANON, 1980, p.150)

No artigo está presente o tema do neocolonialismo, mas também do novo humanismo, que emerge da luta do colonizado. É a superação do humanismo mutilado e pseudouniversal da Europa, a realização do *sair da grande noite*, processo de libertação que transcende a especulação, pois está ligado a uma praxis revolucionária. Eis aqui um dos aspectos mais importantes desse novo humanismo, ele emana da ação daqueles povos que outrora eram considerados subhumanos, não partilhavam dos direitos “universais” do “Homem”, o Homem no caso era o europeu. Do racismo pseudocientífico do século XIX ao nazismo, passando pelos projetos assimilacionistas e segregacionistas, a missão civilizadora e os assistencialismos, todos colocam o colonizado no nível do selvagem animalizado, ou até mesmo como crianças que devem ser submetidas às “benesses” da educação e cultura europeia. Na dialética da libertação, o colonizado em sua prática revolucionária cria um novo humanismo que é realizado na e pela luta de libertação.

120 “La prise de position de quelques pays nouvellement indépendants, décidés à demeurer em dehors de la politique des blocs, a introduit une dimension originale dans l'équilibre des forces dans le monde. Politique dite de neutralisme positif, de non-dépendance, de non-engagement, troisième force, les pays sous-développés qui se réveillent d'un long sommeil d'esclavage et d'oppression, ont estimé de leur devoir de demeurer em dehors de toute préoccupation belliciste, afin de se consacrer À l'essor économique, au recul de la faim, à la promotion de l'homme.

Et, em vérité, ce que les Occidentaux n'ont pas compris, c'est qu'il se crée aujourd'hui, un nouveau humanisme, une nouvelle théorie de l'homme qui a ses racines dans l'homme et qui ne veut autre chose que le triomphe inégalé de cet homme. Il est facile de traiter le Président Nehru d'indécis parce qu'il refuse de s'atteler à l'impérialisme occidental, les Présidents Nasser ou Soekarno de violents quand ils nationalisent leurs compagnies ou revendiquent les parcelles de leurs territoires encore sous domination étrangère.[...]” (EM, 1962, v.1, p. 539)

Os valores culturais do colonizado não estão mais mumificados pelo colonialismo: estão livres, desenvolvendo suas dinâmicas próprias na dialética da tradição com a inovação cultural.

Os amarelos, os Árabes e os Negros, hoje, querem dizer os seus projectos, querem afirmar os seus valores, querem definir as suas relações com o Mundo.[...]Já não é verdade que a promoção de valores passe pelo crivo do Ocidente.[...]”¹²¹ (FANON, 1980, p.151).

O colonizado buscava o mimetismo cultural mirando o europeu, depois voltou-se à afirmação absoluta de suas tradições, inventando contranarrativas de sustentação ao novo modelo de identidade, de acordo com a nação emergente. Ele não quer mais que a Europa seja sua tutora, que fale o que é o certo e o errado, quer afirmar por sua própria boca e por suas próprias escolhas o caminho da independência.

El Moudjahid Número 28 – 22/08/1958

Na presente edição, foram publicados dois artigos atribuídos a Fanon (ambos na lista JF): *Les Illusions gaullistes* (EM, 1962, v.1, p. 554-556; FANON, 2015; FANON, 2018, p.611-616) e *La Leçon de Cotonou* (EM, 1962, v.1, p.564-565; FANON, 1980, p.153-157). O editorial *Echec a la politique De Gaulle* (EM, 1962, v.1, p.553-554), expõe que a guerra de libertação também será travada em França e critica o autoritarismo e o integracionismo das políticas reforçadas por De Gaulle e seus referendos que ovacionam o poder colonial e neocolonial francês. Devido à guerra de extermínio executada pelos franceses e por sua falta de consideração pelos pilares da luta argelina, sua mistificação constante, a negação da independência com o mito da Argélia francesa, a FLN se diz levada a travar a luta dentro do território francês: o editorial garante que os alvos são militares e industriais, visando destruir elementos vitais da economia francesa, a infraestrutura do colonialismo.

Logo após o editorial, seguindo diretamente em sua linha, está o artigo de Fanon, *Les Illusions gaullistes* (EM, 1962, v.1, p. 554-556; FANON, 2015; FANON, 2018, p.611-616), ele continua o ataque ao governo De Gaulle, analisando a intensa

121 “[...]Le jaunes, le Arabes et le Nègres, aujourd’hui, veulent dire leur projet, veulent affirmer leurs valeurs, veulent définir leurs relations avec le monde.[...]Il n’est plus vrai que la promotion des valeur passe par la tamis de l’Occident.” (EM, 1962, v.1, p.539).

propaganda que visava fazer a opinião pública francesa esquecer a guerra da Argélia, informando muito pouco sobre a situação geral do conflito. O artigo foi ilustrado com uma imagem, segundo a nota de rodapé número 1¹²²:

Em resumo, segundo Fanon, a tática do governo De Gaulle é forjar uma imagem legalista na arena internacional, através do referendo para dar certa autonomia aos territórios, mas deixá-los sob a égide do poder imperial francês. O governo De Gaulle camufla e esconde a guerra da Argélia da opinião pública francesa, cria um clima legalista e de ações positivas, mas torna a ação militar em solo argelino mais ofensiva, esconde a guerra para fazê-la como bem entende, dentro de sua visão egocêntrica e paternalista.

Em *A lição de Cotonou* (FANON, 1980, p.153-157; EM, 1962, v.1, p.564-565), está uma chamada aos povos africanos, para a luta revolucionária e a independência, para o pegar em armas. Fanon relembra Bamako em 1957 e a virada histórica quanto ao colonialismo francês na África Negra. O artigo original é ilustrado por uma fotografia que não está presente na reedição, apenas uma descrição em nota de rodapé: "[...] representando as manifestações em Cotonou, onde: 'A aspiração fundamental das massas africanas foi expressa: independência imediata.'" (EM, 1962, v.1, p. 565, tradução livre¹²³).

De Bamako ao Congresso de Cotonou, houve um importante fortalecimento da vontade dos povos africanos incluindo os malgaxes, se tornarem independentes, ou ainda mais, foi uma mutação fundamental e não uma evolução. Em Cotonou se ouve: os povos africanos querem sua independência imediata e o poder em suas mãos.

No artigo, Fanon ataca seguidamente a Houphouët-Boigny, chamando-o de traidor e acusando-o de enviar a polícia para perseguir, prender e torturar estudantes africanos nas cidades universitárias francesas. Fanon novamente reforça o papel da Revolução Argelina como farol da Revolução Africana, é onde o dispositivo colonialista francês está sofrendo sua maior derrota e há um movimento dialético

122 "Cet article est illustré par un dessin représentant de Gaulle écrase sous le poids d'un lourd fardeau s'entretenant avec Mariane, avec la légende suivante:

MARIANE: Alors Général, et ce deuxième voyage?

DE GAULLE: Rien à faire! Je leur ai dit: Vous avez faim...Voici du pain! Ils m'ont répondu: l'indépendance... l'indépendance... l'indépendance... (Caricature reprise du bulletin intérieur de la Wilaya V (Oranais).)" (EM, 1962, v.1, p.556)

123 "Article illustré par une photographie représentant les manifestations à Cotonou où: 'L'aspiration fondamentale des masses africaines s'est exprimée: l'indépendance immédiate'."

entre a luta na Argélia e na África Negra: o triunfo do povo argelino será o fim do colonialismo francês. No fim do artigo há o reforço da chamada à luta armada contra o colonialismo e a garantia de que a FLN e o ELN serão apoiadores diretos das lutas nacionais. (FANON, 1980, p.157)

El Moudjahid Número 29 – 17/09/1958

Neste número há um artigo de Fanon, atribuído por Josie Fanon (JF): *Appel aux africains* (EM, 1962, v.1, p.588), traduzido como *Apelo aos africanos* (FANON, 1980, p.159-161). O editorial intitula-se *Le Nouveau Rapport de Forces* (EM, 1962, v.1, p. 576-577) e insiste na tese de que a contínua crise política francesa está intimamente ligada à guerra na Argélia e que após esgotadas todas as tentativas de resistência não-violenta, o povo argelino sob a direção da FLN resolveu pegar em armas e empunhá-las contra o colonizador francês, pois a única linguagem que o colonizador entende é a da violência, a luta armada é o único meio de sacudir o colonialismo francês. O editorial reafirma que a luta da FLN e do ELN fora expandida para o território francês e por fim conclama a irmandade entre os povos afro-asiáticos e agradece a sua solidariedade com a revolução argelina:

De Bandung em 1955 a Acra em 1958, passando pelo Cairo em 1957, nossa luta está sendo aplaudida, seguida, apoiada pelos povos da Índia e Indonésia, Ceilão e China, Iugoslávia e Gana, Sudão e Etiópia. [...]
A solidariedade magrebina, árabe, africana e asiática se tornou parte de nossa luta. [...]
A Guiné, o Níger, a Somália, ex-"franceses" decidem sua independência. As massas africanas são solidárias com a nossa luta. No norte e no sul do Saara, a França é totalmente contestada. (EM, 1962, v.1, 577, tradução livre¹²⁴).

No fim, o editorial denuncia o referendo proposto por De Gaulle e praticamente toda a edição aborda as políticas gaullistas e o referendo.

O texto de Fanon, *Apelo aos Africanos* (FANON, 1980, p.159-161; EM, 1962, v.1, p.588) analisa a *operação referendo* empreendida pelo governo De Gaulle, em suas possessões ultramarinas. Fanon afirma que aqueles que defendem a

124 "Depuis Bandoeng em 1955 à Accra em 1958, em passant par le Caire en 1957, notre lutte est appaludie, suivie, soutenue par les peuples de l'Inde et de l'Indonésie, de Ceylan et de Chine, de Yougoslavie et du Ghana, du Soudan et de l'Ethiopie.[...]

La solidarité maghrébine, arabe, africaine et asiatique s'est soudée de notre lutte.[...]

La Guinée, le Niger, la Somalie, ex- "françaises" décident leur indépendance. Les masses africaines sont solidaires de notre lutte. Au Nord comme au Sud du Sahara, la France est totalement contestée."

participação dos africanos no referendo, acabam por aceitar e ovacionar uma ligação com a França que não pode ser admitida, pois se coloca como membro de uma comunidade francesa. Fanon faz o apelo aos povos africanos para que não participem do dito referendo pois ele significa a domesticação das aspirações de independência nacional. O artigo originalmente é ilustrado por uma fotografia, segundo nota de rodapé¹²⁵.

Há um número especial de 19 de setembro de 1958, com a manchete de capa: o governo provisório da república argelina está constituído, nomeando logo abaixo a formação do governo. (EM, 1962, v.2, p.5-8).

El Moudjahid Número 30 – 10/10/1958

A edição número 30 coloca-se como instrumento de comunicação do GPRA e afirma, que Governo da Argélia está em guerra. Em destaque está a Primeira Declaração do GPRA feita pelo presidente Ferhat Abbas em 26 de setembro de 1958 (EM, 1962, v.2, p.10-13) com uma homenagem ao povo argelino e seu exército e as diretrizes fundamentais da luta pela independência. A declaração reafirma que a Argélia não é França, atacando o mito da Argélia francesa, exalta a solidariedade magrebina, árabe, africana e asiática, reforçando os laços da Conferência de Bandung e informa a abertura do novo governo argelino para as negociações de paz, dando garantias à minoria europeia que vive na Argélia. Por fim, o GPRA alerta sobre a guerra da Argélia ser um elemento de tensão na paz mundial. O editorial da edição, *La Paix em Question* (EM, 1962, v.2, p.15-16) informa sobre o pedido oficial do GPRA para encaminhar uma paz negociada com a França. Relembra todas as atrocidades cometidas pelo colonialismo francês e o custo econômico da guerra para o povo francês. Denuncia ainda a multiplicação de campos de concentração em território francês, para imigrantes argelinos acusados de simpatia com a FLN. O GPRA anuncia que o povo argelino é pacífico e está disposto a negociar a paz desde que seja respeitada a autodeterminação da Argélia como nação independente.

125 “Artigo ilustrado por uma fotografia de irmãos africanos, durante uma demonstração de simpatia pela FLN: ‘A independência não é dada – ele se irrompe.’” No original: “Article illustré par une photographie de frères Africains au cours d’une manifestation de sympathie avec le F.L.N.: ‘L’indépendance ne se donne pas – elle s’arranche’.” (EM, 1962, v.1, p. 588).

O artigo atribuído a Fanon, no número 30 de *El Moudjahid*, é *Le Lendemain d'un Plebiscite* (EM, 1962, v.2, p.16-18) que teve o título modificado para *Consequências de um plebiscito em África* na tradução portuguesa de *Em Defesa da Revolução Africana* (FANON, 1980, p.163-171). O plebiscito de 28 de setembro é denunciado por Fanon, como um recurso que ocasiona o golpe de 13 de maio e as articulações de ultracolonialistas com fascistas franceses que apoiaram De Gaulle. Fanon faz uma análise dos resultados do plebiscito, onde 98% dos habitantes dos “territórios ultra-mar” e 80% dos nacionais franceses votaram com o sim ao General De Gaulle. No entanto, Fanon aponta que esse “sim” era muito contraditório e analisa as particularidades e significados do “sim” na Mauritânia, no Daomé, no Senegal, no Níger, Gabão, em Madagascar e nas Antilhas. Fanon analisa o caso da Guiné de Sekou Touré, que disse não à Constituição de De Gaulle e tornou-se independente, sendo um golpe duro que desequilibra o colonialismo francês em África. A guerra da Argélia agora também é travada em solo francês, com sabotagens empreendidas pelos agentes da FLN, para Fanon (1980, p.170) a luta argelina inaugurada em 1954 possibilitou o desmoronamento do poderio francês em África.

El Moudjahid Número 31 – 01/11/1958

Uma grande inovação é inserida na capa¹²⁶ da edição de 1 de novembro de 1958, aliás, edição comemorativa dos quatro anos da revolução: uma foto única, ocupando quase todo o espaço da capa, com o título “El Moudjahid” perpassando em diagonal o canto superior esquerdo e o título *Le Revolution a Quatre Ans*, inserido no interior de uma box em destaque. Na foto, está um grupo de moudjahidines do ELN, um deles empunha a bandeira argelina, a reprodução da capa na reedição está bastante comprometida, ocorrem falhas gráficas apagando e borrando parte da imagem. Mesmo assim, é possível ver armas, possivelmente rifles, submetralhadoras, talvez um morteiro, mas como a imagem está borrada, fica difícil afirmar., (EM, 1962, v.2, p.31). O editorial foi intitulado *La vraie negociation* (EM, 1962, v.2, p.32-33), e comenta a proposta de paz, lançada pelo GPRA ao governo francês.

126 Ver Anexo G.

O artigo *Le calvarie d'un peuple* (EM, 1962, v.2, p.38-40; FANON, 2015: FANON, 2018, p. 617-623) é uma narrativa histórica sobre as técnicas de violência, implementadas pela França e sendo afirmadas como crimes de guerra, incluindo genocídio. Fanon relembra as 45.000 mortos em Sétif e os 90.000 mortos em Madagáscar (EM, 1962, II, p.40; FANON, 2018, p.617), dando continuidade com o macabro histórico da aplicação sistemática de tecnologias de poder colonialista, explicitando detalhes das fases: o assassinato de líderes nacionalistas submetidos à guilhotina; o uso de campos de concentração, de tortura em massa, do estupro coletivo aos bombardeios a povoados indefesos, enquanto hipocritamente se condena as bombas do ELN. Após a guerra da Indochina, Fanon afirma que uma nova forma de luta com a possibilidade de derrotar o colonialismo europeu surgiu: a guerra de libertação. Fanon exalta a importância da guerrilha como instrumento da luta, evitando a crença em soluções mágicas tanto militares como políticas, deve-se agir nas duas esferas.

Para cada ação do ELN, os franceses abriam fogo aleatoriamente massacrando civis argelinos, o que se caracterizava como punição coletiva, já que, segundo a lógica dos colonialistas, “todo muçulmano é um suspeito”.

After these various attempts to break the momentum of the Algerian people's liberation, the war criminals came to have 150,000 Algerians in prisons and camps, close to half a million refugees and 600,000 dead. Proportionally, the misery and the suffering inflicted upon the Algerian people by French colonial barbarism has exceeded in intensity and magnitude those of the countries most ravaged by the Second World War. And the struggle continues.¹²⁷ (FANON, 2018, p. 622)

O artigo original possuía uma imagem que não aparece na reedição e está descrita em nota de rodapé: é uma paisagem argelina bombardeada, com a seguinte legenda “ A aviação francesa passou.” (EM, 1962, v.2, p.40, tradução livre¹²⁸). Logo após o artigo, atribuído a Fanon por Josie Fanon e Redha Malek (JF; RM), vê-se a publicação de uma cronologia oficial da FLN. Uma das características das revoluções é criar o seu próprio tempo cronológico, em contraponto ao tempo imposto pelas cronologias do colonizador, onde os personagens exaltados são os

¹²⁷ “Après ces tentatives diverses de briser l'élan de libération du peuple algérien, les criminels de guerre se retrouvent avec cent cinquante mille Algériens dans les prisons et dans les camps, près d'un demi million de réfugiés et six cen mille morts.

Proportionnellement, les misères et les souffrances infligées au peuple algérien par la barbarie colonialiste française dépassent en intensité et em dimension celles des pays les plus éprouvées par la Deuxième Guerre mondiale.

Et la lutte continue.” (EM, 1962, v.2, p.40)

¹²⁸ “L'aviation française est passée.”.

gerais da conquista, os agentes do colonialismo e suas ações de *mission civilisatrice*.

O segundo artigo atribuído (JF) a Fanon, que aparece na edição 31, foi intitulado como *La Guerre D'Algérie et la Liberation des Hommes* (EM, 1962, v.2, p.48-49; FANON, 1980, p. 173-179) e aborda o desenvolvimento das contradições entre o operariado da metrópole e colonizado. A solidariedade entre os povos colonizados é orgânica, o que não se pode afirmar sobre as conexões entre o proletariado metropolitano e a luta anticolonial. Há uma certa hostilidade e até mesmo ódio ao colonizado, por parte do operário colonialista. As crises vividas pela metrópole, em decorrência da guerra travada como reconquista colonial da Argélia, são diretamente e primeiramente sentidas pelos explorados metropolitanos.

O artigo reforça este compromisso dos povos afro-asiáticos que se ergueram em Bandung, cada povo que se ergue em luta contra os colonizadores europeus ajuda diretamente os outros povos, pois a resistência enfraquece os elos do colonialismo. Aqui está a importância da Argélia "território-guia", mas também da Guiné independente de Sekou Touré. A guerra travada pelo povo argelino foi um golpe poderoso no colonialismo francês, envolvendo a França em crises contínuas e fortalecendo o caminho para as independências africanas. O exemplo da Guiné também assombrava os colonialistas, pois ampliou sua influência no rol da luta pela independência e unidade africana.

A Argélia, ponta de lança do colonialismo ocidental em África, tornou-se rapidamente o vespeiro onde caiu o imperialismo francês e onde se desmoronam as esperanças insensatas dos opressores ocidentais.¹²⁹ (FANON, 1980, p.177)

Fanon (1980, p.178) reafirma o papel da revolução argelina no continente africano:

A guerra da Argélia abalou profundamente o equilíbrio colonial na África. Não há em África um único território ocupado cujas perspectivas de futuro não tenham sido modificadas pela guerra da Argélia. O povo argelino está consciente da importância do combate em que está envolvido. Desde 1954 que a sua palavra de ordem é a libertação nacional da Argélia e a libertação do continente africano. [...] ¹³⁰ (FANON, 1980, p. 178)

129 "L'Algérie tête de pont du colonialisme occidental en Afrique est rapidement devenue le guêpier où s'est enlisé l'impérialisme français et où se sont écroulés les espoirs insensés des oppresseurs occidentaux." (EM, 1962, v.2, p.49).

130 "La guerre d'algérie a secoué em profondeur l'équilibre colonial em Afrique. Il n'y a pas un territoire occupé em Afrique qui n'ait été remanié dans ses perspectives d'avenir par la guerre d'Algérie. Le peuple algérien est conscient de l'importance du combat dans lequel il est engagé. Depuis de 1954 il a posé comme mot d'ordre la libération nationale de l'Algérie et la libération du continent africain.[...]" (EM, 1962, v.2, p. 49)

Por fim, Fanon analisa as críticas que os colonialistas fazem a De Gaulle, pois colocaram-no no poder e agora sentem-se traídos, devido às políticas e ao plebiscito. Mas Fanon vê nisso uma tentativa de evitar a destruição do império colonial, no estilo “vão os anéis mas ficam os dedos”, no caso as garras francesas tão encravadas na Argélia. Parece que De Gaulle preparava um campo onde a autonomia relativa estivesse subjugada a interesses neocoloniais, barrando uma independência total. (FANON, 1980)

Em nota de rodapé está descrita a imagem do artigo: fotografia de uma manifestação anticolonialista africana, com a seguinte legenda: “A guerra da Argélia abriu os olhos dos africanos.” (EM, 1962, v.2, p.49, tradução livre¹³¹). Logo após o artigo de Fanon, foi publicada uma pequena cronologia e comentários sobre as independências na África: a de Madagascar, em 14 de outubro de 1958, e que foram anunciadas as independências de Togo, Nigéria, Camarões. Seis meses após a Conferência de Accra, as independências africanas estão em marcha (EM, 1962, v.2, p.50).

El Moudjahid Número 34 – 24/12/1958

A edição número 34, datada de 24 de dezembro de 1958, é uma das mais importantes para o presente estudo, pois possui o único artigo assinado por Fanon dentre os 42 analisados, além de ter mais três textos atribuídos a Fanon (JF). O editorial - intitulado *Une Victoire Diplomatique* (EM, 1962, v.2, p. 101) - comemora as ações diplomáticas do GPRA e suas repercussões internacionais na 13ª Assembleia Geral das Nações Unidas. O editorial analisa as abstenções de membros da OTAN, como sinais de que o nacionalismo argelino está fortalecido até mesmo entre aliados da França. Vinte e quatro países afro-asiáticos assinaram a inscrição da questão argelina na ONU, exigindo o reconhecimento da guerra na Argélia, do GPRA e do direito à independência. A edição está voltada a esses movimentos diplomáticos demonstrando a importância da internacionalização do conflito, decisão tomada em Soumman.

131 “La guerre d’Algérie a ouvert les yeux des Africans.”.

O primeiro artigo atribuído a Fanon (JF) é *L'essor du mouvement anti-imperialiste et les attardes de la "pacification"* (EM, 1962, v.2, p. 105-106; FANON, 2015; FANON, 2018, p.625-631). Aqui, o pensador faz uma análise histórica do novo mundo que emergiu no pós-II Guerra, através da revolução antiimperialista mundial. No título original, no *El Moudjahid*, Fanon colocou aspas em *pacification*, mas em *Écrits sur l'aliénation et la liberte* e na tradução inglesa *Alienation and Freedom* (FANON, 2015; FANON, 2018, p. 625), as aspas foram suprimidas. O artigo original possui uma ilustração, segundo nota de rodapé¹³².

Na Ásia, a Independência da Indonésia e a Revolução Chinesa, deram início aos golpes decisivos no colonialismo. Ainda na Ásia, no Oriente Médio, o Egito e o Iraque sacudiram suas estruturas engessadas, "feudais" e semi-coloniais, segundo Fanon. Logo a África emerge, principalmente após novembro de 1954: Marrocos, Tunísia, Gana e a Guiné e projeta as independências da Nigéria, Serra Leoa e Camarões. Fanon cita Nkrumah reafirmando que toda a África será livre pois "[...]the movement of national liberation is affirmed as a characteristic of our era.[...]"¹³³ (FANON, 2018, p. 628; FANON, 2015). Fanon compara o esforço guerra francês contra o povo argelino com o mito de Sísifo, um esforço inútil. Logo após expor o histórico deste novo mundo afro-asiático que teve gênese no pós-guerra, Fanon acusa a política de "pacificação" da França gaullista como hipócrita pois pede o cessar-fogo enquanto massacra a população argelina.

O artigo *L'Algerie a Accra* (EM, 1962, v.2, p. 111-112; FANON, 1980, p. 181-183), descreve a recepção calorosa à delegação argelina, no Congresso de Todos os Povos Africanos.

A delegação argelina, composta de cinco membros, teve em Accra uma recepção entusiástica. Esse recepção calorosa era o testemunho da importância concedida pelos povos africanos há vários anos.

Em Accra apercebemo-nos de que as grandes figuras da Revolução Argelina, Ben Bella, Ben M'Hidi, Djamilia Bouhired, entraram já na epopeia africana.

132 Na nota de rodapé 3 lê-se: "Artigo ilustrado por uma fotografia tirada no aeroporto de Pequim na ocasião em que o Sr. Bényousséf Benkhedda proferiu um discurso perante o corpo diplomático e a imprensa chinesa, e por outra fotografia de delegados africanos em uma conferência internacional: 'No momento em que África toma consciência da sua unidade e força.'" (EM, 1962, v.2, p. 106, tradução livre). No original: " Article illustré par une photographie prise à l'aérodrome de Pékin au moment où M. Bényousséf Benkhedda prononçait une allocution devant le corps diplomatique et la presse chinois, et par une autre photographie de délégués africains à une conférence internationale: 'A l'heure où l'Afrique prend conscience de son unité et de as force.'".

133 "[...]le mouvement de libération nationale s'affirme comme une caractéristique de notre époque. [...]".

Deram-se lugares de preferência a vários membros da nossa delegação. Foi assim que um de nós [foi Boumedjel] ocupou um lugar no Comité-Director do Congresso e que todos os outros foram eleitos por aclamação para a presidência ou para a vice-presidência das diferentes comissões.¹³⁴ (FANON, 1980, p. 181)

Aqui Fanon (1980) enuncia a inscrição do debate da luta armada pela libertação da África e afirma que o Presidente Nkrumah, participou pessoalmente do debate sobre a Argélia, recebendo os delegados argelinos e garantindo que Ghana irá reconhecer logo o GPRA .

Em sequência, foi publicado *Accra: L'Afrique affirme son unite et definit as strategie* (EM, 1962, v.2, p. 112-113,; FANON, 1980, p.185-189), atribuído a Fanon por sua esposa (JF). O artigo possui originalmente uma foto com os delegados africanos e a seguinte legenda: "O Congresso da África em luta" (EM, 1962, v.2, p.113, tradução livre¹³⁵). Fanon começa o artigo reproduzindo o mito de que a África foi partilhada na Conferência de Berlim, em 1884¹³⁶. Ele aprofunda o histórico das libertações, da Conferência da Bandung a Accra, e afirma que após a Ásia se libertar, chegou a vez da África. Reafirma no artigo o debate sobre violência e não-violência, analisando como uma descolonização não-violenta pode desdobrar-se em laços neocoloniais, com as antigas metrópoles.

Fanon (1980, p. 188) denuncia o regime policial empreendido pelo colonialismo português em suas possessões e conclui que:

[...] É evidente, Angola, a África do Sul e a Argélia são as cidadelas do colonialismo e provavelmente os territórios onde o povoamento europeu se defende com maior encarniçamento e ferocidade.[...]¹³⁷

Por fim, Fanon anuncia que somente a luta armada irá derrubar o colonialismo nas colônias de povoamento europeu, e que a formação da Legião Africana, um

134 "La délégation algérienne composée de cinq membres a reçu à Accra un accueil enthousiaste. Cette réception chaleureuse témoignat de l'importance accordée par les peuples africains à la lutte que mène le peuple algérien depuis plusieurs années.

Nous nous sommes aperçus à Accra que les grandes figures de la Révolution algérienne Ben Bella, Ben M'Hidi, Djamilia Bouhired sont entrés dans l'épopée africaine.

Une place de choix a été faite à plusieurs membres de notre délégation. C'est ainsi que l'un de nous a siégé au Comité-Directeur du Congrès et que tous les autres ont été élus par acclamation à la présidence ou à la vice-présidence des différentes commissions." (EM, 1962, v.2, p.111)

135 Descrito em nota de rodapé: "Article illustré par une photographie de délégués africains: 'Le Congrès de L'Afrique em lutte'. (EM, 1962, v.2, p. 113)

136 Para uma crítica do mito da partilha da África na Conferência de Berlim, ver Döpcke (1999).

137 "[...]De toute évidence, l'Angola, l'Afrique du Sud et l'Algérie sont les citadelles du colonialisme et probablement les territoires dans lesquels le peuplement européen se défend avec le plus d'acharnement et de férocité." (EM, 1962, v.2, p. 113).

corpo militar de voluntários, é a consolidação de uma união e solidariedade reais e efetivas. Há um erro de tradução na versão portuguesa:

Nos comícios populares organizados no Ghana, na Etiópia, na Nigéria, centenas de homens fizeram juramento de correr em socorro dos seus irmãos argelinos ou **sul-americanos** desde que manifestem tal desejo.¹³⁸ (FANON, 1980, p. 189, negrito meu)

Na reedição do jornal, lê-se “sul-africanos” e não “sul-americanos” como na tradução portuguesa.

O artigo assinado pelo Dr. Fanon no *El Moudjahid*, foi intitulado *Le Combat solidaire des pays africains* (EM, 1962, v.2, p.114-115, FANON, 2015; FANON, 2018, p. 633-635) e faz parte de um texto maior chamado *Contribution de l’Algerie a la constrution de l’Afrique*, que agrega além de Fanon, trechos dos discursos de Boumendjel, *La lutte du peuple algérien*; Mostefai, *...et ses incidences sur la libération de l’Afrique...*; e de Nkrumah, *Aujourd’hui l’indépendance, deami les Etats-Unis d’Afrique*. É um documento de grande importância, pois ajuda a compreender que a circulação de ideias fanonianas sobre violência, independência, revolução e africanidade, ocorreu através da presença e influência de Fanon que, concomitantemente era influenciado pelas lutas dos povos africanos:

An African’s anticolonialism, even when already independent, cannot be reduced to staking out a moral position. Each African is an anticolonialist soldier and we well know that, in certain circumstances, we do not have the choice of arms. [...].¹³⁹

Ainda nessa edição, logo após os extratos dos discursos de Boumedjel, Mostefai, Fanon e Nkrumah, foram publicados trechos das decisões do relatório geral da Comissão I da Conferência dos Povos da África (EM, 1962, v.2, P. 116-118), de apoio à luta anticolonialista, solidariedade à Argélia combatente, independência imediata dos territórios francófonos, condenação do racismo e do preconceito. No comitê executivo da Conferência, estão listados os seguintes representantes:

138 “Dans les meetings populaires organisés au Ghana, em Ethiopie au Nigéria, des centaines d’hommes ont fait le serment de se porter au secours de leurs frères algériens ou **Sud-Africains** dès que ceux-ci em manifesteront le désir” (EM, 1962, v.2, p. 113).

139 “L’anticolonialisme d’un Africain même déjà indépendant ne peut pas être ramené à une prise de position morale. Chaque Africain est un soldat anticolonialiste, et nous savons bien que dans certaines circonstances nous n’avons pas le choix des armes.[...]”

Liste du Comité exécutif de la conférence des peuples d'Afrique

Président: N'Boya, Secrétaire des Syndicats du Kenya, Membre du Comité Exécutif de la C.I.S.L.

Membres (par ordre alphabétique):

Algérie: Boumendjel,

Afrique occidentale française: Aboulaye Gueye, Secrétaire de l'U.G.T.A. 3, rue du Débarcadère – Dakar.

Afrique du Sud: Mokalbi (T.J.M.)

Cameroun: Moumié, 9, sh. Gababaya Zamalek Cairo.

Centre Afrique (Rhodésie): J.M. N'Bomo.

Congo Belge: Lumumba Patrice.

Ethiopie: Mikasha.

Ghana: Kojo Botsio, Ministre des Affaires Etrangères – Accra.

Guinée: Beavogui Lansana, Ministre du Commerce et des Affaires Economiques – Conacry.

Kenya: Dr Kiana, po BOX 12/75, Nairobi – Kenya.

Nigéria: M. Wen.

République Arabe Unie: Gamal Fouad.

Togo: Amarin François.

Tunisie: Slim, Ambassadeur de Tunisie à Londres.

El Moudjahid Número 37 – 25/02/1959

O editorial do número 37, de 25 de fevereiro de 1959, intitula-se *La France dit non a la Paix* (EM, 1962, v.2, p.166-167) e ataca a V República Francesa, comparando-a com a IV. São abordados temas como a ascensão do General De Gaulle ao poder e o governo de Debré; a escalada da intervenção francesa no Magreb, inclusive com envio em massa de espões e sabotadores para nações independentes, como na Tunisia.

O artigo de Fanon, atribuído por Josie (JF), vem logo após o editorial, e foi intitulado *Les tentatives desesperées de M. Debré* (EM, 1962, v.2, p.167-169; FANON, 1980, p.191-196). O texto aprofunda um dos elementos abordados no editorial: o discurso de Debré na Argélia é dissecado por Fanon, que critica os argumentos de defesa de uma Argélia naturalmente francesa. A naturalização do mito, parte de um *tempo histórico falsificado*, onde o colonizador é que injeta *anima* em um cenário inanimado, o território conquistado. É a narrativa eurocêntrica, os colonizados deveriam agradecer a bondade do colonizador que empreendeu um ato de missão civilizadora, trazendo luzes às trevas infamantes do colonizado, como diria Albert Memmi. Além da defesa dessa Argélia francesa em termos históricos, há também a importância geopolítica do território argelino em termos de guerra fria, a Argélia é a porta da África, é estratégica para a defesa da Europa e da França. A

França possui uma missão histórica na Argélia e se deixar essa terra bárbara por si mesma, ela certamente voltará à miséria. A França tem deveres morais e econômicos para com a Argélia. Em suma, são os argumentos centrais do discurso de Debré: uma continuidade do tão citado e analisado *mito da Argélia francesa*. “Sim, como dizia Yazid, ministro da Informação, falar de soberania francesa na Argélia em 1959 é loucura. Não há outro termo.” (FANON, 1980, p.196). O artigo original é ilustrado, “[...]pela fotografia de uma manifestação fascista: ‘O 22 de fevereiro’, eles gritaram ‘Viva Pétain’”(EM, 1962, v.2, p.169, tradução livre¹⁴⁰).

El Moudjahid Número 42 – 25/05/1959

O editorial, intitulado *Image d'epinal* - assinado pelo ministro da informação, M'Hammed Yazid - aborda a guerra psicológica empreendida pelos franceses em uma campanha de desmoralização da FLN e do ELN (EM, 1962, v.2, p. 268-269). O artigo atribuído (JF) a Fanon nesta edição é *Fureur Raciste em France* (EM, 1962, v.2, p. 276-277; FANON, 1980, p. 197-200).

Em consequência das ações de agentes do ELN em solo francês, Fanon diz que um racismo brutal consolidou-se nas ruas metropolitanas, contra qualquer um que lembre um magrebino, “[...]até um sul-americano era crivado de balas por se assemelhar a um norte-africano.”¹⁴¹ (FANON, 1980, p. 197). As ações do ELN eram tanto para punir torturadores da polícia francesa, como os, denominados por Fanon, contra-revolucionários, provavelmente os messalistas, com quem a FLN travava uma guerra à parte, nas ruas da França. O chauvinismo e a xenofobia se expressam em atos racistas violentos, como no ataque ao escritor Oyono e a uma mulher branca que estava com ele e a manifestação e quebra-quebra, impulsionada por slogans nazista, contra a exibição de um filme anti-racista em Paris, chamado *Tripes au soleil* (FANON, 1980, p. 198-199). Para concluir o artigo, Fanon cita um dos mais importantes e célebres trechos de Césaire:

‘O que ele (o burguês humanista do século XX) não perdoa a Hitler, não é o crime em si, o crime contra o homem branco, é ter aplicado à Europa processos colonialistas só aplicados até aqui aos árabes da Argélia, aos *coolies* da Índia e aos negros da África’¹⁴² (CÉSAIRE apud FANON, 1980, p.200)

140 “[...]par la photographie d'une manifestation fasciste: ‘Le 22 Février’, ils ont crié ‘Vive Pétain’.”

141 “[...]où même un Sud-Américain était criblé de balles car il ressemblait à un Nord-Africain.” (EM, 1962, v.2, p.276).

El Moudjahid Número 47 – 03/10/1959

Na edição há uma resenha da obra de Richard Wright, atribuída a Fanon por Alice Cherki, que se intitula “*Écoute homme blanc!*” (EM, 1962, v.2, p.393-394; FANON, 2015; FANON, 2018, p. 637-640) e está dentro uma coluna chamada *Les idées et les faits*. O editorial – *Le Gouvernement Français a signé la condamnation* (EM, 1962, v.2, p.376-377) – aborda as operações francesas e condena o caráter violento e hipócrita do termo “pacificação”, pois a França continua sua escalada de guerra, aumentando os campos de prisioneiros na Argélia e no território francês. A repressão na Cabília é um exemplo explícito de genocídio, segundo o editorial.

Em *Écrits sur l'aliénation et la liberté* e na sua tradução inglesa (FANON, 2015; FANON, 2018, p. 637-638), foi inserida uma nota de rodapé afirmando que foi Alice Cherki em *Frantz Fanon, portrait*, que atribuiu essa resenha a Fanon. Além disso, há uma carta escrita por Fanon para Richard Wright, datada de 1953 que traria a importância da cultura afro-americana (afro-estadunidense) para o jovem Fanon. Na carta, Fanon diz que estudou a obra de Wright e que escreveu um ensaio chamado *Pele Negra Máscaras Brancas*, onde analisa as relações entre negros e brancos. Ele lista as obras de Wright que estudou¹⁴³ e solicita os nomes das obras que ele ainda não conhece. Fanon cita as revistas *Ler Temps Modernes* e *Présence Africaine* e diz que foi Alioune Diop que lhe forneceu o endereço para envio da carta.

Apesar de toda influência inicial de Wright, exercida em Fanon, nessa resenha há uma crítica profunda da obra *White Man, Listen!*:

The point then is a sort of Portrait of the Colonized; Wright's study thus suffers the same shortcomings as Memmi's essay: the black man, like the Arab, is grasped in his generality – he is an abstract figure. But, in contrast with Memmi, who strives to analyze in depth the psychological mechanisms of the colonized and dismantles them with the meticulousness, the rigor of a clockmaker, Wright is satisfied with citing the main components of the black

142 “ ‘Ce qu'il (le bourgeois humaniste du XX-ème siècle) me pardonne pas Hitler, ce n'est pas le crime em soi, le crime contre l'homme blanc, c'est d'avoir appliqué à l'Europe des procédés colonialistes dont ne relevaient jusqu'ici que les Arabes d'Algérie, les coolies de l'Inde et les nègres d'Afrique.’” (CÉSAIRE apud EM, 1962, v.2, p. 277).

143 Fanon cita as seguintes obras de Wright: *Native Son*, *Black Boy*, *Twelve Million Black Voices* e *Uncle Tom's Children*.

man, of whom he provides a global and, consequently, superficial view.¹⁴⁴
(FANON, 2018, p. 638; FANON, 2015)

Para Fanon, não há como apelar para o “bom coração” do opressor, para sua possível compreensão da situação do oprimido. Fanon também critica, tanto em Wright, como na obra do pensador tunisiano Albert Memmi, uma concepção abstrata do oprimido, do negro e do árabe, reconhecendo que Memmi conseguiu se aprofundar nos mecanismos de alienação colonial, coisa que Wright não teria efetuado.

El Moudjahid Número 58 – 05/01/1960

Nessa edição aparecem dois artigos atribuídos a Fanon (JF): *Unite et solidarite effective sont les conditions de la Liberation Africaine* (EM, 1962, v.2, p. 614-615), traduzido como *Unidade e solidariedade efectiva são as condições da libertação africana* (FANON, 1980, p. 205-209); e *Le sang coule aux Antilles sous domination française* (EM, 1962, v.2, p. 616-617), traduzido como *O sangue corre nas Antilhas sob dominação francesa* (FANON, 1980, p. 201-203). O editorial, intitulado *L'Independance du Mali et la Revolution Algérienne* (EM, 1962, v.2, p. 611-613) saúda a Independência do Mali, mas critica a adesão de muitos africanos ao canto de sereia francês, com sua contraditória proposta de descolonização pacífica em alguns territórios da “comunidade”, enquanto aposta num grande empreendimento de guerra na Argélia. O editorial alerta sobre a via pacífica de independência e os laços neocoloniais, advindos desse processo. Alerta para que os africanos fiquem atentos às colônias de povoamento, como por exemplo, Argélia e África do Sul, onde a luta armada dos colonizados é necessária historicamente.

Em *Unidade e Solidariedade efectiva são as condições da libertação africana*¹⁴⁵, Fanon (1980, p. 205-209; EM, 1962, v.2, p. 614-615) dá continuidade ao

144 “Il s'agit donc d'une sorte de 'Portrait du colonisé'; à ce titre, l'étude de Wright souffre des mêmes défauts que l'essai de Memmi: l'homme noir, comme l'Arabe, est saisi dans sa généralité, c'est une figure abstraite; mais, “a la différence de Memmi, qui s'efforce d'analyser en profondeur les mécanismes psychologiques du colonisé, et les démonte avec la minutie, la rigueur d'un horloger, Wright se contente de citer les principales composantes de l'homme noir; il en donne une vue globale et, par conséquent, superficielle.” (EM, 1962, v.2, p. 393)

145 Nesta obra, o artigo *O Sangue corre nas Antilhas sob dominação francesa* (FANON, 1980, p.201-203) foi publicado antes de *Unidade e solidariedade efectiva são as condições da libertação africana* (FANON, 1980, p. 205-209), a ordem de publicação original na reedição do El Moudjahid foi invertida.

conteúdo e teor do editorial dessa edição 58: ele ataca o otimismo de certos quadros políticos africanos em uma descolonização que é fruto de uma dialética objetiva. Segundo Fanon, não se pode confiar na bondade dos senhores, mas sim na ação política e militar das massas africanas. Compara o colonialismo ao nazismo e adentra nas questões da guerra fria, no conflito entre OTAN e Pacto de Varsóvia, explicando que o neutralismo dos povos afro-asiáticos de Bandung é relacionado ao conflito leste-oeste, mas não perante o colonialismo que assola as populações da África, pois esse é o problema primordial para os africanos naquele contexto histórico, a independência. “[...]A África não será livre pelo desenvolvimento mecânico das forças materiais, mas é a mão do Africano e o seu cérebro que desencadeiam e levarão a bom termo a dialética da libertação do continente.”¹⁴⁶ (FANON, 1980, p. 208).

Em *O sangue corre nas Antilhas sob dominação francesa* (FANON, 1980, p. 201-203; EM, 1962, v.2, p. 616-617), há uma análise da revolta popular que eclodiu em Fort-de-France e uma crítica aos políticos que apostaram na V República Francesa, inclusive Césaire e sua campanha pelo “sim” a De Gaulle. O Caribe se convulsiona e Fanon afirma a importância da Revolução Cubana e das independências das Guianas holandesa e inglesa, que pressionam os territórios franceses. O antilhano sentia-se francês até ser metralhado como qualquer outro colonizado, nas ruas de Fort-de-France. Fanon evoca a solidariedade argelina aos antilhanos e guianenses e pede que os soldados desses territórios, que integram o exército francês e lutam contra os argelinos, desertem.

El Moudjahid Número 63 – 25/04/1960

Em 25 de abril de 1960 foi publicado o número 63 de *El Moudjahid*, contendo a intervenção de Fanon como delegado do GPRA – no dia 12 de abril - na Conferência Afro-Asiática de Conakry, ocorrida entre 11 e 15 de abril de 1960 (FANON, 2015). O título original do artigo “*La Paix Mondiale passe par l’Independance Nationale*” *declare le delegue algerien a Conakry* (EM, 1962, v.3, p. 61) foi modificado na publicação de *Écrits sur l’aliénation et la liberte* (2015) para *À Conakry, il déclare: “La*

¹⁴⁶ “[...]L’Afrique ne sera pas libre par le développement mécanique des forces matérielles mais c’est la main de l’Africain et son cerveau qui déclencheront et Mèneront à bien la dialectique de la libération du continent.” (EM, 1962, v.2, p. 615)

paix mondiale passe par l'indépendance nationale (FANON, 2015; FANON, 2018, p. 641-643).

Na presente edição (EM, 1962, v.3, p.51), vê-se uma *box*, com texto assinado pela direção do jornal, alertando os leitores de *El Moudjahid*, sobre a falsificação do número 61, empreendida pelos Serviços Psicológicos do Exército Francês, prática efetivada em território francês e direcionada aos imigrantes argelinos. Agora as falsificações circulam pela África do Norte do seguinte modo: três artigos da edição original, nas páginas 8 e 9, foram trocados por um artigo intitulado *Le sang appelle le sang*, onde supostamente a FLN assumia massacres que as autoridades coloniais haviam imputado ao ELN. O artigo falsificado pelos franceses estava acompanhado por duas fotos com cadáveres mutilados. A direção do jornal pede vigilância e atenção para os leitores quanto a esta guerra de (des)informação.

O editorial - *Les perspectives d'une guerre longue* (EM, 1962, v.3, p. 52-54) - apresenta uma entrevista com o presidente do GPRA, Ferhat Abbas. O presidente afirma que a GPRA está preparado para uma guerra de longa duração, pois o governo De Gaulle aposta na vitória militar sobre o ELN. Para Abbas, a pacificação é uma farsa em termo políticos. O GPRA tentou abrir negociações e o cessar-fogo, no entanto, a França continua a investir nesse esforço militar de subjugar o povo argelino. O presidente Abbas diz que com a continuidade da guerra, o conflito tende a se espalhar por toda África do Norte, principalmente para a Tunísia e Marrocos. Aborda a solidariedade africana à Revolução Argelina e garante que serão mantidos escritórios permanentes do GPRA em Accra e Conakry. Abbas ainda comenta a hipocrisia do ocidente de sustentar valores humanistas, mas silenciar sobre o massacre do povo argelino.

Em seu discurso, publicado nessa edição, Fanon afirma que o triunfo da independência argelina é uma vitória africana e asiática, mas defende que a garantia de soberania nonimal para territórios ao sul do Saara, é também uma tentativa de reforçar o domínio imperialista na Argélia e neocolonialistas na África. O governo francês quer esmagar a Revolução Argelina, para depois abrir negociações, mas o ELN está preparado para continuar, prolongar e aprofundar a guerra de libertação. O governo francês usa o argumento da segurança para a minoria europeia na Argélia para travar sua guerra genocida, mesmo com a declaração oficial do presidente Abbas de garantir que todos serão cidadãos e cidadãs argelinas e poderão ter suas

garantias democráticas na futura República Argelina. Fanon ainda avisa sobre o perigo nuclear com os testes franceses de bomba atômica no Saara e a importância da libertação nacional para a paz mundial (FANON, 2015; FANON, 2018, p. 641-643; EM, 1962, v.3, p. 61).

El Moudjahid Número 78 – 23/02/1961

A edição 78 foi publicada no dia 23 de fevereiro de 1961 e na capa¹⁴⁷ vê-se uma foto de Patrice Lumumba com o seguinte título “*Martyr de la Cause Africaine*”, logo abaixo da foto há uma legenda com a frase: “*Si je suis assassiné, ce ne sera pas par un Africain authentique, mas par des Occidentaux*” (EM, 1962, v.3, p. 415). O editorial intitula-se *Contre l'Equivoque* (EM, 1962, v.3, p. 416-417) e propõe ao governo francês a negociação de uma livre consulta ao povo argelino e afirma que a maioria dos franceses quer o fim da guerra. A FLN, através deste editorial pede que se combatam os rumores e, nesse sentido, solicita ao governo francês posições claras para evitar equívocos.

Na presente edição, estão dois artigos considerados da autoria de Fanon. Ao levar em conta as publicações dos artigos de Fanon no *Em Defesa da Revolução Africana* (1980) e em *Écrits sur l'aliénation et la liberté* (2015) e sua tradução inglesa – *Alienation and Freedom* (2018) – o total de artigos publicados seria de 41. O artigo atribuído a Fanon por Josie Fanon e Giovanni Pirelli (JF; GP), intitulado *L'Afrique accuse L'Occident* (EM, 1962, v.3, p. 417-418) foi publicado em *Écrits sur l'aliénation et la liberté* (2015) e em *Alienation and Freedom* (FANON, 2018, p. 645-652), fundido com um segundo e diferente artigo: *L'odieux Assassinat de Patrice Lumumba* (EM, 1962, v.3, p. 418-419): este último foi inserido em *L'Afrique accuse L'Occident* como um subtítulo o que não corresponde a estrutura publicada na reedição do *El Moudjahid*. Aqui se ergue o questionamento sobre o motivo da fusão de dois artigos em um, provavelmente porque os dois analisam a mesma questão: o assassinato de Patrice Lumumba.

Nos artigos, Fanon faz uma biografia da trajetória política de Patrice Lumumba desde sua infância no Congo, até o seu assassinato. Ressalta momentos como o encontro com outros militantes nacionalistas na metrópole, em Bruxelas, e a

147 Ver Anexo H.

fundação do Movimento Nacional Congolês (MNC), os massacres empreendidos pelos colonialistas belgas e a prisão de Lumumba.

Failing to neutralize Patrice Lumumba, his enemies, helped by the colonial police, fomented riots at a meeting in Stanleyville on 30 October 1959, as the MNC leader was due to give a speech there. Dozens of Congolese militants met their deaths during the riots. Patrice Lumumba was imprisoned in Stanleyville, then transferred in December to Katanga's 'prison of despair' built in Jadotville by the Union Minière ... (FANON, 2018, p. 646)

Lumumba é libertado em janeiro de 1960 e participa da mesa redonda de negociações sobre a independência do Congo, que nesse momento sofria o perigo eminente da balcanização do território. Após o triunfo da independência e da vitória do MNC nas eleições congoleesas, Lumumba torna-se primeiro ministro, mas seus inimigos externos e internos, continuam as tentativas múltiplas de sabotar o Congo: “[...]Despite this victory, Kasavubu, Tshombé, Iléo, Kalondji, all the mercenaries of colonialization, did their utmost to remove Lumumba from power after the people had put him there. He was to succeed in imposing the people's law and making it triumph. (FANON, 2018, p. 647).

Mesmo Lumumba tendo se comprometido, a negociar alianças com a ex-metrópole e recebido o rei da Bélgica como convidado, os colonialistas e seus aliados africanos deflagraram motins, que levaram a uma intervenção dos belgas. Lumumba ameaça pedir ajuda aos soviéticos e o ocidente condena seu pedido e o informante da policia, o golpista Mobutu, toma o poder e depõe, com ajuda belga e francesa, o governo Lumumba. Mercenários europeus oferecem seus serviços a Tshombé, inclusive o criminoso de guerra Coronel Trinquier aconselha o assassinato de Lumumba. Em 8 de fevereiro de 1961 decide-se pelo assassinato. (EM, 1962, v.3; FANON, 2015; FANON, 2018).

5 OS ARTIGOS DO *EL MOUDJAHID* E AS OBRAS DE FANON

O presente capítulo aborda o conteúdo dos conceitos que foram construídos, a partir do estudo da produção intelectual fanoniana no *El Moudjahid*: pensando-os com base na análise dos artigos atribuídos a Fanon, para compreender o que há de continuidade e descontinuidade entre os suportes jornal e livro. Elenquei os conceitos que condensavam o conteúdo das forças motrizes e dos motivos, as ideias que circularam através da presença de Fanon na rede intelectual do *El Moudjahid*. Eles são a síntese das principais ideias fanonianas publicadas no jornal, parto desses conceitos para analisar as conexões entre os artigos e as obras. As conexões entre os artigos e as obras de Fanon (1976; 2010) são relações entre o texto imediato, de interface jornalística, dentro de sua historicidade e alcance restrito, e o texto teórico, revisado e debatido com o editor, de grande circulação e com outras finalidades mais amplas.

Foi no período de produção de *Sociología de una Revolución* e *Os Condenados da terra*, que Fanon mais atuou na África sul-saariana, ampliando o alcance da rede intelectual em que era protagonista, circulando ideias por sua presença em congressos e como embaixador do GPRA. Os contatos também ocorreram em suas viagens para a Europa: nas capitais das metrópoles havia a possibilidade de encontrar militantes de todas as forças anticoloniais. Além disso, em termos de circulação de ideias para outras regiões, ele tinha muito interesse na tradução de suas obras para outros idiomas, como demonstram suas cartas (FANON, 2015; FANON, 2018). Como o jornal em que colaborava, suas obras foram proibidas, tornaram-se clandestinas, pois as ideias que continham eram vistas como ameaçadoras para o colonialismo francês.

5.1 Os conceitos como sínteses das forças motrizes

Na análise dos 42 textos atribuídos a Fanon no *El Moudjahid*, utilizei os conceitos de **africanidade**, **colonialismo**, **violência**, **revolução**, **independência**, **novo humanismo**, configurando-os como ferramenta de tradução das forças motrizes e motivos da produção intelectual fanoniana na redação do jornal. Não era minha intenção repetir a classificação operada por Fitte (1973); o objetivo foi

compreender a influência da Fanon na circulação de ideias da Revolução Argelina e do processo revolucionário em suas obras, dentro da perspectiva de sujeito coletivo que era responsável pela emissão de ideias, através da mídia impressa da FLN. As forças motrizes e os principais motivos da rede intelectual argelina onde Fanon atuou como protagonista, foram a base para a construção dos conceitos.

Os conceitos são as sínteses das ideias-temas iterativas, aparecem em seus desdobramentos intelectuais, que condensei, segundo o conteúdo dos artigos considerados de Fanon¹⁴⁸. Assim, pude encontrar conexões e desconexões entre os textos jornalísticos e as obras teóricas de Fanon, ou seja, as relações de continuidade e descontinuidade, dos limites de escrever um jornal que era órgão oficial de uma organização revolucionária, que buscava passar uma imagem de revolução sem rosto, combatendo o culto ao líder, mas, principalmente, tentava demonstrar-se como voz monolítica e sem fissuras internas. Portanto, cada conceito abarca as conexões intelectuais internas e externas em termos de circulação de ideias.

O conceito de **africanidade** significa a imersão de Fanon no processo do fazer-se africano, ele defendia o caráter fundamental da Revolução Argelina em termos africanos. A experiência argelina é defendida como ponta de lança africana na luta contra o colonialismo francês, ela é vista como um farol de libertação nacional em África. A unidade africana só pode ser construída concomitante à libertação nacional. Clamou pela unidade africana através de um pan-africanismo efetivo, onde o apoio militar e diplomático mútuo, estava organicamente ligado à luta dos povos pela independência. Fanon critica, constantemente, alguns líderes africanos, como Senghor no Senegal ou Rabemananjara em Madagascar, por defenderem a unidade africana em termos culturais, mas não apoiarem diplomaticamente a independência da Argélia ao votarem nas teses francesas¹⁴⁹. Ele foi um pensador que atuou

148 Ver Apêndice A.

149 “Em 1959, os homens de cultura africanos reunidos em Roma não cessaram de falar de unidade. Mas um dos maiores cantores dessa unidade cultural, Jacques Rabemananjara, é hoje ministro do governo malgaxe e, nessa condição, decidiu, com o seu governo, tomar posição contra o povo argelino na Assembléia Nacional das Nações Unidas. [...]“É em torno da luta dos povos que a cultura negro-africana se adensa e não em torno de cânticos, poemas ou folclore; Senghor, que também é membro da Sociedade Africana de Cultura, e que trabalhou conosco sobre a questão da cultura africana, também não hesitou dar ordens à sua delegação para apoiar as teses francesas a respeito da Argélia. A adesão à cultura negro-africana, à unidade cultural da África, passa primeiro por um apoio incondicional à luta de libertação dos povos. Não se pode querer o florescimento da cultura africana se não se contribuir concretamente para a existência das condições dessa cultura, isto é, a libertação do continente.” (FANON, 2010, p. 269-270).

diretamente como protagonista na guerra de libertação nacional argelina e na revolução africana: como delegado da FLN e embaixador do GPRA, produziu e circulou ideias anticoloniais revolucionárias, sempre mediadas pelo pensamento que desenvolvia desde a sua juventude. Mergulhou na luta pela libertação da África, conheceu os seus grandes protagonistas, esteve presente no I e no II Congressos de Escritores e Artistas Negros, em Paris, 1956 e Roma, 1959, das fronteiras do Mali às conferências nas cidades da África livre, fortalecendo os nós de uma grande rede intelectual africana, onde as ideias circulam e são reelaboradas em seus significados.

A consciência de si não é o fechamento para a comunicação. A reflexão filosófica nos ensina, ao contrário, que a primeira é a garantia da segunda. A consciência nacional, não é o nacionalismo, é a única a nos dar dimensão internacional. Esse problema da consciência nacional, da cultura nacional, toma na África dimensões particulares. O nascimento da consciência nacional na África mantém com a consciência africana relações de estrita contemporaneidade. A responsabilidade do africano para com a cultura nacional é também responsabilidade para com a cultura negro-africana.[...]" (FANON, 2010, p. 282).

Ele quis unir o Magreb arabizado e a África Negra, apesar dos históricos problemas produzidos pela antiga conquista árabe-islâmica na África do Norte. Era a difícil articulação entre o pan-arabismo e o pan-africanismo, na construção do nacionalismo argelino. Após a independência, Argel tornou-se "a Meca dos Revolucionários": uma Argel capital dos povos africanos em luta, mas também da América (Panteras Negras, exilados das ditaduras sul-americanas), da Ásia e Europa. O sentimento era de criar a unidade africana, que plena de si, teria a praxis e uma subjetividade de um novo ser humano, que se humaniza com o outro e se humaniza no ato da libertação.

Dentro do conceito **colonialismo** estão tanto as manifestações brutais e diretas, mas também as ideologias mais potentes que perpassam até mesmo a intelectualidade democrática e esquerdista, como no caso do mito da Argélia francesa. O mundo colonial é um espaço desumanizador, compartimentado e despersonalizante. Na compreensão dos mecanismos colonialistas em todos os níveis – sócio-econômico, militar, diplomático, médicos, culturais, etc – Fanon pôde traduzir os fenômenos de dominação colonial através de uma transcendência metodológica, sintetizada na sua sociogenia no método de investigação; e o

entrecruzamento dos discursos: o literário, o imagético, o econômico, o psiquiátrico, o material onírico, no método de exposição do seu texto. O colonialismo aplica a violência como principal interface de poder, mas a violência cobra um preço, cedo ou tarde: internalizada no colonizado, pode voltar-se contra o colonizador. Toda operação de violência, toda aplicação de dispositivos que visam a dor, o sofrimento, a aniquilação do outro, que é homogeneizado sob o olhar do colonizador, que é criado como colonizado através do roubo de suas terras, através do golpes e coronhadas, bombas e metralhas, leva o colonialismo a um círculo vicioso, quanto mais mata e trucida, mais cria militantes para a causa nacional.

A **violência** é a interface de contato fundamental no colonialismo. A compartimentação em grupos, em bairros fraturados, os arames farpados são elementos do espaço da geografia colonial, os olhares dos brancos na cidade do colonizador, tropas marchando, desfiles, exibições de força bélica, genocídio, testes nucleares no Saara, meninos argelinos linchados pela turba branca *pied noir* enfurecida. Com seus métodos e tecnologias de ferir a carne em prol de informação, o colonialismo introjeta a cotidianidade da violência, as técnicas de tortura, os crimes de guerra franceses, Sétif e Ghelma, Sakiet Sidi Youssef, as fraturas fundadoras, a violência desnuda as relações de poder, é a mediação de primeira ordem neste antagonismo sem síntese superior, não há mediações de mediações, o colonizado internaliza o ambiente de violência, os sonhos do colonizado, uma “morte atmosférica”.

En primer lugar, existe el hecho de que el colonizado, igual que todos los hombres de los países subdesarrollados y que los desheredados de todas las regiones del mundo, percibe la vida no como florecimiento o desarrollo de una fecundidad esencial, sino como una lucha permanente contra una muerte atmosférica. Esa muerte *próxima* se materializa em el hambre endèmica, la desocupación, las epidemias, el complejo de inferioridad y la ausencia de futuro.

Essa amenazas activas y esos obstáculos a la existência del colonizado confieren a su vida una sensación de muerte incompleta.[...] (FANON, 1976, p. 103-104)

A violência do colonizado, em primeiro lugar é canalizada para outros colonizados, mas com o fim das ilusões legalistas de emancipação, com finais geralmente trágicos (execuções, prisões em massa de militantes nacionalistas), o colonizado volta-se contra o colonizador, o combate, a inserção no ELN, cria o povo, o exército popular não só combate o inimigo mas o povo se educa no e pelo combate, e na criação de escolas, de unidades de saúde no interior, nas zonas

liberadas. A violência aniquila o colonizado e colonizador, mas não é um fim em si. A contraviolência do colonizado é designada como necessária, mas deve ser organizada para a libertação nacional, deve ser revolucionária no sentido de não reproduzir a desumanização empreendida pelos colonialistas. A violência é um processo que pode dar origem a ódios étnicos e fraturas balcanizantes – tão ao gosto do neocolonialismo na África – no pós-independência. “[...] A violência na sua prática é totalizante, nacional.[...]” (FANON, 2010, p.112). Se a violência não for instrumento do processo revolucionário que funda, na luta pela independência, um novo humanismo, uma consciência nacional que se torne social visando uma unidade na diversidade, pode desdobrar-se em xenofobias, como alerta Fanon.

A **revolução** como processo de transformação da sociedade colonizada e do indivíduo que se engaja na luta de libertação nacional. O colonizado, através da violência organizada do povo contra o invasor, se humaniza e destrói a alienação colonial, criando uma nova humanidade, o homem novo e a mulher nova que ao arriscarem sua vida pela revolução, superam as tradições “feudais” e patriarcais, engessadas pelo colonialismo, novas relações surgem.

[...]Los hombres dejan de tener razón. Las mujeres dejan de permanecer silenciosas. La sociedad argelina, a través del combate liberador y los sacrificios que consiente para librarse del colonialismo, se renueva y da lugar a valores inéditos en las relaciones intersexuales.[...] (FANON, 1976, p.86).

A revolução é democrática, deve levar em conta a diversidade do povo no solo da nação que emerge, os argelinos e argelinas são muçulmanos, kabilas, judeus, e mesmo a minoria europeia que abraçou a luta argelina. A revolução tem como base o campesinato, os intelectuais que se conectaram ao povo, o lumpen das cidades (FANON, 2010). As técnicas e tecnologias - outrora automaticamente consideradas como técnicas do colonizador – são reapropriados pelo povo, a medicina, o nascimento de um rede midiática revolucionária, jornais, rádio. “[...]A la pedagogía revolucionaria de la lucha de Liberación, debe seguir normalmente una pedagogía revolucionaria de construcción de la Nación.[...]” (FANON, 1976, p. 76). A praxis revolucionária cria as bases de um novo humanismo e uma independência real.

O conceito de **independência** compreende as noções de libertação nacional, de formação de uma nação, do fenômeno do nacionalismo. A independência efetiva está ligada a luta pela libertação nacional, os argelinos e argelinas de armas em

punho, que no combate e na criação da nação experimentam o *fazer-se* como povo, *fazer-se* como nação.

El general de Gaulle dirigiéndose a los *ultras*, *declaraba hace poco que 'la Argelia de papá está muerta'*. Esto es cierto. Pero es preciso ir más lejos. También está muerta la Argelia del hermano mayor. Hay una nueva Argelia, una nación argelina, un gobierno argelino. Tarde o temprano será necesario rendirse a estas evidências." (FANON, 1976, p. 17, *itálico do autor*).

Ao tempo colonial conjura-se um novo tempo, há a narrativa desse povo que era argelino desde 1830 com a invasão francesa. Raramente há uma reflexão histórica acerca da conquista árabe-islâmica do Magreb. A data de 1830, quando as tribos se unem em torno de Abd Al Kader para combater os franceses, parece que aqui a contranarrativa do nacionalismo argelino estabelece seu marco zero. A independência só poderá ser efetiva e total se conseguir combater os laços neocoloniais e o ímpeto das burguesias africanas. Um independência nominal torna mais sofisticada a ação do imperialismo e neocolonialismo no novo país, o controle da economia, a manutenção das velhas estruturas reconfiguradas, o controle da cultura.

La tesis que afirma que la promoción de una nueva sociedad no es posible sino em el cuadro de la independencia nacional encontra aquí su corolario. [...] Es verdad que la independencia realiza las condiciones espirituales y materiales para la transformación del hombre. Pero también el cambio interior y la renovación de las estructuras sociales y familiares, imponen con el rigor de una ley el surgimiento de la nación y el florecimiento de su soberanía. (FANON, 1976, p. 50).

A independência real - como afirma Fanon (1976, p.150), na conclusão de *Sociología de una Revolución* - cria uma "[...]comunidad activa, removada y libre de toda opresión psicológica, emocional o jurídica, desemboca hoy em exigências modernas y democráticas que tienen una densidad excepcional." Há uma ligação entre a fase de combate anticolonial e a construção nacional pós-independência. Como afirma Fanon (2010, p. 230) em *Os Condenados da terra*:

[...]Do mesmo modo que, quando da fase de luta, cada combatente carregava a nação consigo, assim também, durante a fase de construção nacional, cada cidadão deve continuar, na sua ação concreta de todos os dias, a associar-se ao conjunto da nação, a encarnar a verdade constantemente dialética da nação, a querer aqui e agora o triunfo do homem total[...] (FANON, 2010, p. 230).

O **novo humanismo** terceiro-mundista, transcendia o caráter pseudouniversal e desumanizador contido no humanismo burguês europeu. Essa ideia de efetivar o

humanismo que tende ao universal, onde o eu e a alteridade, plenos de si, entram em comunicação livre e criadora. “Lo sangre inocente que palpita en las arterias del suelo nacional, dio nacimiento a una nueva humanidad, y nadie debe ignorarlo.” (FANON, 1976, p. 13). O novo humanismo efetivo suprime o humanismo mutilado e hipócrita que cantava o “Homem”, os seus direitos, sua igualdade, enquanto aniquilava, assassinava e torturava nas colônias, onde a humanidade era rebaixada até mesmo pela medicina psiquiátrica, com suas teses pseudocientíficas sobre a suposta baixa cognitividade do norte-africano, sobre seus “instintos criminais inatos”.

Em artigo publicado na Revista *Esprit* em 1952, Fanon (1980, p.7-20) aborda o discurso pseudocientífico, enunciado pela medicina colonialista: o do magrebino infantilizado no consultório ou essencializado como criminoso nato, genética e craniométricamente estereotipado como ladrão, degolador. Temas que depois seriam desenvolvidos no artigo “Medicina e Colonialismo”, na obra *L’An V de la Révolution Algérienne* (FANON, 1976, p.97), aparecem sob a crítica ácida de Fanon, acerca do modo como os médicos franceses tratam o paciente magrebino e como o descrevem. Para Fanon, o Norte-Africano é esmagado pelo colonialismo e vive alienado sob o jugo de uma morte em vida: “[...]Este homem que coisificas ao chamar-lhe sistematicamente Mohammed, que reconstróis, ou melhor, que dissolves, a partir de uma ideia que tu sabes nojenta[...].” (FANON, 1980, p.19). E após criticar as fantasmagorias racistas historicamente ligadas ao olho/eu europeu, lemos um dos trechos fundamentais para compreender o novo humanismo criado por Fanon:

Não me faça perder a paciência. Não me obrigue a dizer-lhe aquilo que deveria saber, senhor. Se tu não reclamas o homem que está na tua frente, como queres que eu suponha que reclamas o homem que há em ti?
Se tu rejeitas o homem que está à tua frente, como é que eu hei-de acreditar no homem que talvez esteja em si?
Se tu não exiges o homem, se tu não sacrificas o homem que está em ti para que o homem que está nesta terra seja mais do que um corpo, mais que um Mohammed, que artes mágicas não serão precisas para que eu tenha a certeza de que, também tu, és digno do meu amor? (FANON, 1980, p.20).

Na sua “Carta a um francês”, Fanon (1980, p.51-55) retoma a crítica a construção de uma pseudouniversalidade nucleada no conceito de “Homem”, tão propalado pela França: “Inquieto pelo Homem, mas, singularmente, não pelo Árabe”. Aqui, cabe aludir à crítica construída por Marx e Engels em suas obras *A Sagrada Família* e principalmente em *A Ideologia Alemã*, ao se referirem a Feuerbach, que

não via os homens históricos reais, na abstração pseudouniversal “Homem”, estava o conteúdo real particular do alemão. A desumanização na colônia subalternizou através da racialização, da diferenciação entre humanos e subhumanos. A luta do colonizado é a semente de onde germina o sentido nacional:

La nación argelina no se sitúa en el futuro. No es el producto de una imaginación borrosa y llena de fantasmas. Está em el centro mismo del hombre nuevo argelino. *Hay una nueva naturaleza del hombre argelino*, una nueva dimensión de su existencia.

La tesis que afirma que los hombres se transforman em el momento mismo em que modifican el mundo, no ha sido nunca tan evidente com en Argelia. [...]” (FANON, 1976, p. 15, itálico do autor).

Esta mulher e esse homem que lutam nas células da FLN, nas *djebels*, criam na luta revolucionária um novo humanismo, que abraça e se solidariza com todos os povos que lutam pela liberdade.

[...]A própria luta, no seu desenrolar, no seu processo interno, desenvolve as diferentes direções da cultura e esboça novas orientações.[...]Depois da luta, não há somente o desaparecimento do colonialismo, mas também desaparecimento do colonizado.

Essa nova humanidade, para si e para os outros, não pode deixar de definir um novo humanismo. Nos objetivos e nos métodos de luta está prefigurado esse novo humanismo.[...](FANON, 2010, p. 281).

Como defende Fanon (2010) em *Os Condenados da terra*: a consciência nacional deve transcender o nacionalismo em consciência política e social do povo, que é a base do novo humanismo. Criar o novo, preservando aspectos do velho, reelaborados dentro do movimento de superação ou o perigo de degenerar a consciência nacional em chauvinismos e regionalismos.

5.2 O período da escrita de *L'An V de la Révolution Algérienne*

Frantz Fanon, tornou-se porta-voz e embaixador do GPRA, trabalhando nas ligações externas da rede intelectual argelina. Em dezembro de 1958, Fanon viaja com a delegação do GPRA, para o *All-African People's Congress* em Accra, e visita pela primeira vez um país africano sul-saariano. O Congresso ocorreu entre os dias 8 e 12 de dezembro, teve abertura com o discurso histórico do Presidente Nkrumah. Fanon estabeleceu contatos com muitos nacionalistas do continente africano, principalmente com delegados da África do Sul, Camarões e Congo. A concepção de Fanon de que a luta na Argélia, era o modelo da revolução africana e o uso da violência ser necessário para a libertação, muitas vezes receberam críticas de defensores da não-violência, como Tom Boya do Quênia e o próprio Nkrumah, que

também defendia táticas de não-violência e de ação positiva. Fanon, ao retornar de Accra, passa por Lisboa onde buscava contatos angolanos firmados em Gana. Em 1956, ele havia conhecido membros do Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA), na Conferência de Escritores e Artistas Negros, em Paris, mas em Accra, Fanon contata outra organização, a União das Populações de Angola (UPA), liderada por Holden Roberto. (MACEY, 2012). “Após um rápido retorno para seu trabalho clínico já em 1959, Fanon retorna a Roma para o II Congresso de Escritores e Artistas Negros, entre 26 de março e 1 de abril.” (FAUSTINO, 2018, p.99).

Em Roma, Fanon encontrou representantes do MPLA e debateu com Mario de Andrade, Viriato da Cruz e Lucio Lara, sobre o apoio argelino para a libertação de Angola. Fanon prometeu apoio incondicional do GPRA, inclusive com a efetivação de treinamento para as tropas angolanas, em campos do ELN. Os representantes do MPLA concordaram com o apoio, mas divergiam sobre como efetivá-lo. No entanto, os portugueses anteciparam a repressão devido ao conflito no vizinho Congo e desestruturaram o MPLA, prendendo muitos dos quadros da organização. Quando encontrou com Fanon em Tunis, em fevereiro de 1960, Lucio Lara colocou-o a par da repressão em Angola e avisou que os planos teriam que ser cancelados, pois o MPLA teria que reagrupar e também refletir sobre a importância da luta nos centros urbanos, como em Luanda e unir os grupos sociais contra Portugal, mesmo Fanon insistindo que a principal força revolucionária era o campesinato. Depois deste encontro as negociações entre o GPRA e o MPLA foram cessadas e redirecionadas para a UPA de Holden Roberto, que foi reconhecida, financiada e treinada pela FLN (MACEY, 2012).

A FLN treinou no campo de Wadi Melleg, em solo tunisiano, guerrilheiros para a UPA. As tropas de Holden cruzaram a fronteira em 15 de março de 1960 e atacaram brutalmente a população civil, brancos e negros, o que causou uma selvagem repressão por parte dos colonialistas portugueses. O MPLA se reconstruiu sob a liderança de Agostinho Neto e Mario de Andrade em 1962 e Holden Roberto se negou a unir forças com o MPLA. Fanon explicou aos chefes da FLN que apesar de preferir o MPLA, a UPA estava pronta para agir

[...]Por sua parte, Mohammed Harbi afirma que Fanon favoreceu a UPA "por razões doutrinárias " e porque considerava o MPLA como uma organização

puramente urbana, sem interesse no campesinato. (MACEY, 2012, p.387, tradução livre¹⁵⁰)

Com o surgimento da UNITA, de Jonas Savimbi, a partir de 1966 se intensifica uma guerra civil que continuará no pós-independência. Segundo MACEY (2012), algumas das sementes que deram origem a essa guerra civil foram plantadas pela FLN e por Fanon, quando resolveram apoiar Holden Roberto produzindo um grande desastre político.

[...] Mario de Andrade foi um dos oradores no Memorial International, realizado para homenagear a memória de Fanon em Fort-de-France, em 1982. Ele foi extremamente crítico com os conselhos que Fanon havia dado ao MPLA em Roma, vinte e seis anos antes, mas, com notável generosidade, também falou de sua capacidade de "capturar a raiva do mundo". (MACEY, 2012, p.389, tradução livre¹⁵¹)

Em março de 1959, Fanon é nomeado representante da FLN e apresenta o seu *Cultura Nacional e Guerra de Libertação* no II Congresso de Escritores e Artistas Negros, em Roma: ele clama por uma literatura de combate. A comunicação de Fanon *Culture Nationale et Guerre de Liberation* foi publicada no *El Moudjahid* (1962, v.3, p. 220-222), número 39, do dia 10 de abril de 1959 e posteriormente na obra *Os Condenados da Terra* (FANON, 2010, p.271-283), com o título modificado para *Fundamentos Recíprocos da cultura nacional e das lutas de libertação*. O intervenção de Fanon, mais uma vez, como no I Congresso, destoava da maioria dos participantes:

Assim, enquanto a aposta da maioria dos intelectuais presentes no II Congresso estava no resgate de uma "civilização negra" transcendental, que ultrapasse as fronteiras nacionais e continentais, Fanon, por outro lado, pensava que o fundamento da cultura – e essa cultura deveria, para ele, ser vista sempre em seu contexto local/nacional – é a luta de libertação nacional. (FAUSTINO, 2018, p. 101)

Em abril, Fanon viaja para a Índia com o presidente do GPRA, Ferhat Abbas, depois segue rumo ao Cairo e, posteriormente, Casablanca. No dia 2 de maio ele viaja para Rabat, no Marrocos, passando por Roma e Madrid, seu destino era a base militar Ben M'Hidi, localizada na fronteira. (YOUNG, 2018).

150 “[...]For his part, Mohammed Harbi contends that Fanon favoured the UPA ‘for doctrinal reasons’ and because he regarded the MPLA as a purely urban party with no interest in the peasantry.”

151 “[...]Mario de Andrade was one of the speakers at the Mémorial International held to honour Fanon’s memory in Fort-de-France in 1982. He was extremely critical of the advice Fanon had given the MPLA in Rome twenty-six years earlier but, with quite remarkable generosity, also spoke of his ability to “capture the anger of the world’.”

Em maio de 1959, quando ainda estava terminando *Sociologie d'une révolution*, Fanon foi enviado pelo GPRA à fronteira entre o Marrocos e a Argélia para uma missão de natureza médica. A sua tarefa seria atender alguns combatentes feridos e compartilhar algumas técnicas de primeiros socorros com as equipes encarregadas da saúde. No caminho foi vítima de um acidente que o deixou seriamente ferido.[...] (FAUSTINO, 2018, p.109)

Com ferimentos graves, Fanon seguiu para Roma onde quase foi vítima de um atentado: o carro de Taièb Mohammed Bulharúf, membro do GPRA que iria receber Fanon no aeroporto, explodiu matando uma criança que chutou uma bola para baixo do carro, acionando o potente explosivo plástico. O fato foi divulgado nos jornais que anunciaram, inclusive, o quarto em que Fanon estava no hospital. Ao ler o jornal, Fanon pediu para ser mudado de lugar e logo depois, seu antigo quarto é invadido por assassinos da organização *La Main Rouge* (FAUSTINO, 2018).

La Main Rouge era uma fachada do serviço secreto francês, uma esquadrão da morte, uma unidade com operações de homicídio, que eliminava militantes da FLN na Europa. As operações de eliminação dos alvos, eram acompanhadas com emissão de desinformação em massa, com intuito de confundir jornalistas e as forças anticolonialistas. No caso do atentado em Roma, provavelmente não era Fanon o alvo da explosão do carro e sim Boulharouf. A tentativa de assassinato de Fanon no hospital foi uma ação mais fruto do oportunismo do que um plano mais sofisticado que especificamente tivesse-o como alvo principal. (MACEY, 2012) .

Segundo Macey (2012, p.394, tradução livre¹⁵²): “‘L’an V de la Révolution Algérienne’ não foi a escolha original de Fanon, para o título de seu novo livro. Ele inicialmente pretendeu chamá-lo ‘Réalite d'une nation’[...]”. Macey (2012) referencia essa informação com uma nota, indicando o texto de Maspero, chamado *Homage to Frantz Fanon*, publicado na *Présence africaine*, vol.40, de 1962. No entanto, com a publicação das cartas de Fanon e Maspero, vê-se que a escolha original para título era *L’an V de la Révolution Algérienne*, e que foi Maspero que sugeriu o título *Birth of a Nation*. Fanon afirmou que preferia então, *Reality of a Nation* (FANON, 2018). Procurei então o texto de Maspero usado como referência por Macey, onde constava o seguinte trecho: “‘Frantz Fanon pensara em chamar L’an V de la Révolution Algérienne, de Realidade de uma Nação [...]’ (MASPERO, 1962, p.131, tradução

152 ‘Year V of the Algerian Revolution’ was not Fanon’s original choice of title for his new book. He at first intended to call it ‘Réalite d'une nation’[...]”

livre¹⁵³). Em alusão histórica à criação de um novo tempo, de um calendário revolucionário, como fizera a revolução de 1789, o título ficou como *L'an V de la Révolution Algérienne*. Posteriormente na reimpressão de 1966, o título foi modificado para *Sociologie d'une révolution (L'an V de la révolution algérienne)* (MACEY, 2012).

A introdução não foi inserida na primeira edição, pelas críticas que Maspero fez ao texto introdutório, que segundo ele, destoava do restante do livro, talvez ele quisesse driblar a censura, devido a certas frases presentes como: “De ahí la tesis que repetiremos com frecuencia: *la muerte del colonialismo es, a la vez, la muerte del colonizado y la muerte del colonizador.*” (FANON, 1976, p. 18, *italico do autor*). Mesmo assim o livro foi apreendido pela polícia. O capítulo acerca da minoria europeia na revolução argelina, onde Fanon adota uma visão mais conciliatória com a esquerda francesa, do que em 1957, foi antes publicado na revista *Les Temps modernes* de maio-junho de 1959 (MACEY, 2012).

Sobre os bastidores da produção e publicação de *L'an V de la Révolution Algérienne*, pode-se estudar a correspondência entre Fanon e seu editor François Maspero, publicadas em *Écrits sur la l'aliénation et la liberté* (FANON, 2015). Utilizo, como antes, a tradução inglesa – *Alienation and Freedom* (FANON, 2018), pois no e-book da edição francesa, não foram inseridas as páginas do livro e sim de cada texto, dificultando as referências.

Em 18 de junho de 1959, Maspero escreveu para Fanon, dizendo que soube por um amigo em comum, da nova obra finalizada, além de ter lido na *Les Temps Modernes*, o texto sobre a minoria europeia¹⁵⁴. Maspero se mostra entusiasmado com a obra e convida Fanon a publicá-lo em uma coleção focada da defesa das liberdades. Maspero afirmou que admirava muito o *Pele Negra Máscaras Brancas* e que colocará a publicação do novo livro como prioridade, tendo como impressão mínima 3.500 cópias. Fanon responde rapidamente, ainda em junho de 1959, enviando o manuscrito e a consentimento para publicar imediatamente e parabeniza

153 “Frantz Fanon avait pensé appeler l'an v de la révolution algérienne, Réalité d'une Nation[...]”.

154 “Frantz Fanon, ‘La minorité européenne d’Algérie en l’an V de la revolution’, *Les Temps modernes*, May–June 1959, nos. 159–60, 1 May 1959. This text was published with the following introductory text: ‘Doctor Frantz Fanon has sent us the following study, an extract of a work in preparation on the Algerian Revolution. We publish it here gladly, especially as the personality of its author confers on it a particular political importance.’” (FANON, 2018, p. 676).

Maspero por sua coragem de publicar este tipo de obra (FANON, 2018). Ainda nessa carta, Fanon (2018, p.676-677) envia a estrutura dos capítulos da obra.

Em uma carta de 11 de agosto de 1959, Fanon avisa que teve que sair de Roma oito dias antes do previsto e já estava em Túnis. Na resposta de 17 de setembro, Maspero, além das notícias sobre o andamento da publicação, fez apontamentos críticos sobre a introdução. Segundo a nota de rodapé dos editores de *Alienation and Freedom*: “A introdução seria finalmente publicada na edição 3 dos Partisans em fevereiro de 1962 e em edições posteriores de L'An V.” (FANON, 2018, p. 680, tradução livre)¹⁵⁵. No mês de janeiro de 1960, Fanon (2018, p. 682, tradução livre) escreveu o seguinte trecho, remetendo às críticas que endereçou para a esquerda francesa:

[...]A apresentação do livro, como lhe disse, é excelente e sua introdução é muito hábil. Quanto ao silêncio quase total da chamada imprensa “esquerdista”, isso não deveria nos surpreender. Gostaria, no entanto, de ter mais informações sobre a atitude de Césaire sobre a qual você falou comigo.¹⁵⁶

Em 18 de abril de 1960 Fanon (2018, p. 683) escreve:

Accra, 18 de abril de 1960

Querido amigo,

Eu li sobre a apreensão de L'An V nos jornais. Espero que este assunto não tenha causado muitos problemas financeiros sérios. Anunciei um segundo trabalho para a Argélia. Espero fazê-lo até o final de agosto, em meados de setembro. Veja se você também pode considerar sua tradução para o inglês. Aqui está o meu endereço postal: Private Box 2747, Accra.

Com toda a minha amizade.
Fanon. (FANON, 2018, p. 683, tradução livre)¹⁵⁷

155 “The introduction was ultimately to be published in issue 3 of Partisans in February 1962 and in later editions of L'An V.”

156 “[The book’s presentation, as I said to you, is excellent and your introduction very deft. As for the almost total silence from the so-called ‘leftist’ press, that ought not surprise us. I would nevertheless like to have some more information about Césaire’s attitude of which you spoke to me.” (FANON, 2018, p. 682).

157 “Accra, 18 April 1960

Dear Friend,

I read about the seizure of L'An V in the newspapers. I hope that this matter did not leave you too much serious financial trouble.

I announced to you a second work on Algeria. I hope to have it done by the end of August mid September. See if you can also consider its translation into English.

Here is my postal address: Private Box 2747, Accra.

With all my friendship.

Fanon.”

Fanon escrevia em um jornal clandestino, que poderia significar tortura e a morte, devido a sua simples posse, e agora sua recém lançada obra, passava a figurar no *index librorum prohibitorum* francês, como *La Question*, de Henri Alleg. Nessa carta, além da preocupação com o rombo financeiro que causaria a apreensão do livro pela polícia, Fanon comenta uma nova obra que pretendia publicar.

5.3 Estudo sobre *L'an V de la Révolution Algérienne*

O presente estudo sobre o *L'An V de la Révolution Algérienne*, foi realizado em cima da edição mexicana *Sociología de una Revolución* (FANON, 1976). É uma tradução de Victor Flores Olea, da quarta edição francesa, onde o título já fora modificado para *Sociologie d'une révolution [L'an V de la révolution algérienne]*. Impresso em México D.F. com a tiragem de 3000 exemplares: o que esteve em minhas mãos estava numerado como número 935.

Após o estudo dos 42 artigos atribuídos a Fanon no *El Moudjahid*, ao ler a introdução de *Sociología de una Revolución*, vê-se que há uma retomada das principais pautas publicadas nos artigos jornalísticos: o conteúdo e a forma da introdução lembram muito o estilo de Fanon no jornal. Parece que a crítica de Maspero a introdução, o que levou a decisão de não publicá-la na primeira edição, estava diante de um certo corte epistemológico no estilo da introdução com os demais capítulos. Na introdução, Fanon aborda assuntos muito complicados, como os crimes que foram endereçados a FLN, que no entanto, hoje se sabe que o massacre dos messalistas em Melouza foi empreendido pelo ELN.

No que se refere às diferenças entre o texto imediato, escrito no calor da hora, e o texto teórico, revisado, refletido e com uma circulação muito mais ampla que possuía o jornal, o debate entre Fanon, Maspero e – indiretamente – Césaire, quanto às críticas sobre a introdução da obra, expõe elementos de descontinuidade, que foram explicitados pelo editor. Para Maspero a introdução destoava totalmente dos capítulos do livro, era imediata demais, podia tornar-se obsoleta rapidamente, como afirmei, a introdução é uma compilação de temas que apareceram nos artigos jornalísticos. O fato de cortar a introdução, decisão tomada por Maspero, pois Fanon deixou a escolha nas mãos do editor, e sua inserção posterior à morte de Fanon,

demonstra a descontinuidade do texto imediato, escrito dentro do sujeito coletivo criado na redação, para a obra de porte teórico. Sujeito coletivo que foi limitado em sua experimentação, pelos ditames da alta cúpula da FLN, que apostava em uma guerra de informação e desinformação e necessitava projetar uma imagem de organização sem fissuras internas. Assim, ao mesmo tempo em que as bases analíticas das obras de Fanon partem de sua praxis como protagonista da Revolução Argelina e Africana, no caso da introdução, vemos uma grande contradição que movimentava pesquisa e militância.

Pode-se acompanhar a carta de Maspero a Fanon, de 17 de setembro de 1959 – citada anteriormente – como o exemplo da dialética de continuidade e descontinuidade da escrita submetida à produção de informações imediatas, tomada de posição política explícita, e à obra teórica que não deve perecer tão rápido como um texto jornalístico, submetido ao comando da organização revolucionária:

[Parece-me] que este texto foi artificialmente "fixado" no livro falando adequadamente; ao invés de uma apresentação do livro, é uma declaração de posição, cujos termos são - clara ou implicitamente, mas sempre logicamente - reprovados nos capítulos seguintes. Portanto, não acrescenta nada; é essencialmente uma declaração de princípios, uma declaração violenta e sem nuances. Por fim, o tom contrasta muito com o resto; parece que o texto foi escrito muito rapidamente, em contraste com o próprio livro. Tive a minha impressão confirmada, devo lhe contar, por Aimé Césaire, a quem mostrei o livro e quem está entusiasmado por ele. Ele encontra nele uma 'força concentrada' e falou de sua 'concisão', 'poder' e 'maturidade', mas ficou surpreso ao não descobrir essas qualidades na introdução. No final, ele está sendo rapidamente escrito, seu tom quase sutil, parece-me menosprezar tudo o que se segue. Além do nível "formal", existe o nível político. Tem certeza de que tudo ainda será válido em seis meses? O texto ainda é oportuno? Não posso esconder de você minhas dúvidas pessoais sobre isso. Uma coisa é certa: é a primeira vez que alguém tenta publicar o trabalho de uma figura tão engajada na França. Talvez nas circunstâncias possa assumir um valor quase oficial, o valor de uma "resposta", por exemplo. (Posso dizer-lhe que, se for apreendido, e sei que será apreendido se o deixarmos como está, seu livro com sua introdução dificilmente encontrará qualquer apoio entre a esquerda francesa (esquerda que você já está perfeitamente bem) julgado dentro do livro ...), que, caso contrário, apreendido ou não, ficaria feliz em saudar sua lucidez.

Assim, proponho que faça o seguinte: recorte deste livro sério, penetrante e oportuno, um "apêndice" externo a ele e que parece menos oportuno. (MASPERO apud FANON, 2018, p.679-680, tradução livre ¹⁵⁸).

158 "[Thus it seems to me] as if this text has been artificially 'pinned' onto the book properly speaking; rather than a presentation of the book, it is a statement of position, all the terms of which are – clearly or implicitly but always logically – reprised in the ensuing chapters. So it adds nothing; it is essentially a statement of principles, a violent statement and lacking in nuance. Ultimately, the tone contrasts very much with the rest; it seems that the text was written very quickly, in contrast with the book itself. I had my impression confirmed, I must tell you, by Aimé Césaire, to whom I showed the book, and who is full of enthusiasm for it. He finds in it a 'concentrated force', and spoke of its 'concision', 'power' and 'maturity', but was surprised not to discover these qualities in the introduction. In the end, its being rapidly written, its barely subtle tone, rather seem to me to detract from all that follows. Besides the –

Na introdução Fanon (1976, p.11) afirma:

Los ministros franceses Lacoste y Soustelle publicaron fotografías con la clara intención de denigrar nuestra causa, Algunas de esas fotografías muestran ciertas acciones de los miembros de nuestra Revolución; otras exhiben algunos de los miles de crímenes cometidos por bellounis y los *harkis* armados por el ejército francés. Pero sobre todo y en forma decisiva, ahí están las decenas de miles de argelinos y argelinas víctimas de los soldados franceses.

No; de ninguna manera es verdad que la Revolución haya ido tan lejos como el colonialismo.

A pesar de ello, no justificamos las reacciones inmediatas de nuestros compatriotas. Las comprendemos, pero no podemos disculparlas ni rechazarlas.

Provavelmente estes foram alguns dos trechos que fizeram Maspéro cortar a introdução da obra para enganar a censura e tentar obter eco com a esquerda francesa, através da publicação. Mas será possível separar a produção política da produção teórica, o ato militante da construção teórica?

A crítica ao mito da Argélia francesa é outra das pautas mais comuns entre os artigos e as obras: “[...]Los responsables de la política de Francia siguen proclamando que Argelia es francesa.” (FANON, 1976, p.9). No fim da introdução está a data de julho de 1959: Fanon tem um intervalo do *El Moudjahid* Número 42, de 25/05/1959, onde escreveu o artigo *Fureur Raciste em France* (EM, 1962, v.2, p. 276-277; FANON, 1980, p. 197-200), e *El Moudjahid* Número 47, de 03/10/1959, com o *Écoute homme blanc!*, de Richard Wright. Outro elemento que reaparece é a crítica aos democratas franceses e a questão da tortura. Também o fazer-se povo que cria “[...]por su capacidad combativa, las posibilidades que tiene para convertirse en nación;[...]” (FANON, 1976, p.10). A tema da guerra de informação francesa, distribuindo fotos de atrocidades de guerra, muitas cometidas por colonialistas e harkis, mas atribuídas ao ELN, que aparece no artigo do *Decepções e ilusões do colonialismo francês* (EM, 1962, v. 1, p. 122-124) Fanon também reflete sobre o ódio de muito argelinos que viram suas famílias serem trucidadas pelos

in some sense – ‘formal’ level, there is the political level. Are you sure that everything will still be valid in six months’ time? Is the text still timely? I cannot hide from you my personal doubts about this. One thing is sure: this is the first time that anyone has tried to publish the work of such an engaged figure in France. Perhaps in the circumstances it can take on a quasi-official value, the value of an ‘answer’ for instance. (

I can tell you that if it is seized, and I know that it will be seized if we leave [it] simply as is, your book with its introduction will find barely any support among the French left (a left you have already perfectly well judged inside the book ...), which otherwise, whether it is seized or not, would be happy to salute its lucidity.

I thus propose to you to do the following: cut out from this serious, penetrating and timely book, an ‘appendix’ that is external to it and seems less timely.”

franceses, e depois se vingaram com fúria e violência, dizendo que as compreende, que não pode desculpar-los e nem rechaçá-los.

Faustino (2018) reflete acerca da dialética do senhor e do escravo em Hegel e afirma que Fanon, em sua obra, deu uma nova resposta à superação da alienação. Em Hegel o escravo torna-se sujeito ao tomar consciência de que o seu trabalho é fundamental ao senhor. Em Fanon é o ato de arriscar a vida em uma luta contra o senhor. “[...]Tais lutas de vida e morte seriam, segundo Fanon, as lutas de libertação no continente africano e as revoluções populares na Ásia, América Latina e Carine.” (FAUSTINO, 2018, p.104).

Os aspectos culturais, os elementos de sociabilidade de um povo são expressões fundamentais de sua existência, são processos dinâmicos que se transformam através dos tempos e que manifestam elementos de uma identidade. Através da construção dessa identidade coletiva, presente em cada indivíduo, os povos se diferenciam culturalmente e produzem o sentido de suas sociedades. Partindo dessas premissas básicas é que Fanon (1976, p. 19) irá analisar as mudanças culturais ocorridas no processo revolucionário de luta pela independência na África. Um dos pilares do esquema colonial é a criação de uma ideologia de dominação, que se manifestou sob o cínico nome de “missão civilizadora” por parte dos franceses. Esse esquema cultural também se manifesta em um esquema individual-corporal e é nas tensões entre indivíduo e coletivo que ocorre um importante ato de descolonização: a resistência cultural do colonizado perante o projeto colonialista.

Esse “projeto cultural” do colonizador é melhor definido como um processo de aniquilação da cultura nativa, dos conhecimentos que são desmerecidos, da destruição da memória coletiva e de esquecimento de sua história, de seus sábios, como afirmou o tunisiano Albert Memmi (1977). “Assiste-se à destruição dos valores culturais, das modalidades de existência. A linguagem, o vestuário, as técnicas são desvalorizados.[...]” (FANON, 1980, p.37). O colonialismo necessita destruir as possibilidades de conhecimento e autoconhecimento (HALLWARD, 2011, p.8), como afirma Fanon (1976), o professor, o médico, o jornalista e o radialista, o engenheiro e o militar, são vistos de modo homogêneo pelos indivíduos do povo colonizado, são representantes do domínio estrangeiro. O técnico é sempre visto com certa

desconfiança, mesmo o de origem argelina, já que soa como um assimilado, alguém que negou suas tradições.

As dinâmicas culturais se transformam quando os colonizados acordam de uma certa letargia cultural, imposta pelos colonizadores, e no momento que lutam por sua independência, os colonizados são envolvidos em novas dinâmicas sociais, contraditórias, mas libertadoras, a cultura se liberta junto com a esfera da política e da economia, uma zona liberada pelo exército rebelde, torna-se um laboratório cultural de criação do novo. Algumas das questões abordadas por Fanon em seu livro se referem às transformações ocorridas em pleno processo revolucionário de libertação na época das independências africanas, especificamente na Argélia, onde analisa algumas questões como: as relações entre *colonialismo e resistência cultural*; *as transformações no âmbito familiar*; *o surgimento da nova mulher argelina* oriunda de sua própria ação na revolução; *a descolonização tecnológica-cultural* no uso da mídia e das técnicas e *know-how* de medicina e a questão da *minoría europeia* na Argélia.

Durante a revolução, as relações entre pais e filhos, principalmente entre pai e filha, se modificam radicalmente. A mulher, dentro das tradições argelinas seguia uma rígida hierarquia de sociabilidade oriunda da opressão patriarcal que lhe colocava em segundo plano. Em um primeiro momento, o colonizador dá-se conta de que a denúncia da condição feminina na sociedade argelina é uma boa arma usada com objetivo de desestabilizar o esquema cultural nativo, já engessado e mumificado sob o signo da tradição. Surgem grupos franceses de ação contra as condições da mulher argelina e que criticam os costumes argelinos, principalmente o uso do véu islâmico, o *haik*. Acreditam que se convencerem e conquistarem a mulher argelina, poderão atingir o homem argelino.

Sobre esses fenômenos, Fanon (1976, p. 19-49) oportuniza em *La Argelia se quita el velo*, uma análise acerca do processo de descolonização cultural: a dialética do uso do véu (*haik*) na luta da mulher argelina pela independência. O ingresso de mulheres militantes nas tropas nacionalistas muda completamente as relações familiares, anteriormente uma adolescente nem podia ficar frente a frente com o pai, muito menos olhar nos seus olhos, rir ou falar na sua presença, agora tudo está mudando, filhas, filhos e pais, irmãos e irmãs enfrentam a mesma sorte, torturas, prisões e constantemente enfrentam a morte. O nascimento de um povo argelino

passava pela compreensão das condições opressivas que o atingem, e isso deixou explícito que a libertação de um povo não poderia ocorrer se não houvesse a libertação da mulher, historicamente submetida ao machismo e ao patriarcalismo. Mas a libertação não veio de fora, da parte dos colonialistas, esta libertação foi fruto da própria ação da mulher argelina no processo de revolução. Militantes se vestiam como ocidentais para se infiltrar na cidade europeia, no bairro dos colonizadores, levavam armamento, bombas e munições, dormiam em acampamentos nas montanhas, e nessa travessia se criavam as possibilidades de emancipação da mulher argelina por sua própria ação histórica. Quando os franceses atacaram o costume do véu, as argelinas adotavam taticamente o seu uso, como resistência cultural e também como possibilidade de camuflagem das armas da revolução. “El blanco crea al negro. Pero es el negro quien crea la negritud. A la ofensiva colonialista sobre ele velo, el colonizado opone el culto al velo.[...]” (FANON, 1976, p. 30).

No trecho abaixo de *Sociología de una Revolución* (FANON, 1976), observa-se um ponto que será novamente visitado e aprofundando em *Os Condenados da terra* (2010):

La ciudad europea no es la prolongación de la ciudad autóctona. Los colonizadores no se han instalado entre los indígenas; al contrario, han cercado a la ciudad autóctona y la han sitiado. Todas las salidas de la Kasbah de Argel desembocan en territorio enemigo. Lo mismo ocurre en Constantina, en Orán, en Blida, en Bone.
La ciudades indígenas están prisioneras, de manera concertada, en las redes del conquistador[...]. (FANON, 1976, p.34).

Outro elemento que destaco é a constante referência na obra *Sociología de una Revolución*, aos assuntos que eram tratados nos artigos do *El Moudjahid*, como a data do golpe dos ultras:

Ignorando o simulando ignorar esta nueva conducta, el colonialismo francés reinicia el 13 de mayo su clásica campaña de occidentalización de la mujer argelina[...]
Después de l13 de mayo, se vuelve a usar el velo, pero definitivamente despojado de su dimensión exclusivamente tradicional.
Existe, por lo tanto, un dinamismo histórico del velo que se percibe em forma muy concreta, em el desarrollo de la colonización de Argelia. [...] (FANON, 1976, p.44-45)

Anexo ao capítulo, está um texto sobre o papel da mulher na revolução, publicado no jornal *Résistance Algérienne* de 16 de maio de 1957: “[...]La mujer argelina está em el corazón del combate[...] A nuestro lado, nuestras hermanas

destruyen un poco más los dispositivos enemigos y liquidan definitivamente las viejas mistificaciones” (FANON, 1976, p. 49).

Fanon também analisou o uso das mídias no colonialismo e na luta anticolonial, se debruçou sobre a tecnologia do rádio, mas também analisou a imprensa jornalística. “[...]El argelino dede oponer sus próprias informaciones a las informaciones del enemigo. A la verdad del opresor, antes rechazada como mentira absoluta, e opone outra verdad própria.[...]” (FANON, 1976, p. 56). O argelino tenta organizar sua rede de informações através do jornais pois a sua convicção na libertação é esmagada pela “verdade” colonial: o colonizado para blindar-se contra a frustração e o sistema de informações colonialista, em certo momento, só consegue fugir do desespero por um ato de fé na independência. A maioria das bancas de jornal são de proprietários europeus que muitas vezes são colonialistas convictos (FANON, 1976).

En los centros urbanos, pero sobre todo em las aglomeraciones rurales, los argelinos descubren que mostrar inquietud por la llegada o no de esta prensa, basta para señalarlos. En Argelia como em Francia, y naturalmente de manera más tajante, tanto el propietario de un quiosco de periódicos como el tendero, son generalmente antiguos combatientes fuertemente encuadrados en las organizaciones ultracolonialistas. Para el argelino, pedir *L'Express*, *L'Humanité* o *Le Monde*, significa confesar públicamente y casi siempre a un agente de la policía, su adhesión a la Revolución[...]Así, comprar tal o cual periódico se identifica com un acto nacionalista, pasa a ser de inmediato un acto peligroso.

Cada vez que el argelino pide uno de estos periódicos, el representante del colonialismo, que es el propietario del quiosco, ve en ello la expresión de nacionalismo, es decir, el equivalente de un acto de guerra[...] (FANON, 1976, p. 61)

Quando iniciei a presente pesquisa, descobri que o jornal *El Moudjahid* não teve grande impacto no que concerne às massas argelinas, estava voltado a um público internacional. Fanon elevou o rádio como o grande meio de comunicação interno da revolução, mas antes ocorre uma dialética da decolonização tecnológica.

Al nivel de las masas, que han permanecido relativamente al margen de esta lucha en torno a la prensa escrita, se ha hecho sentir la necesidad de adquirir aparatos de radio. En efecto, no podemos olvidar que el analfabetismo generalizado del pueblo lo dejaba indiferente ante la expresión escrita. Durante los primeiros meses de la Revolución, la gran mayoría de los argelinos identificaba cualquier escrito en lengua francesa com el poder del conquistador. La morfología de la escritura del *Express* o del *Echo d'Alger* era un signo de la presencia francesa.(FANON, 1976, p. 62).

O perigo que a transmissão radiofônica de informações representou, levou a ações de uma verdadeira *guerra de ondas* em plena década de 1950, quando os franceses buscavam embaralhar as transmissões do programa oficial da FLN, *A Voz da Argélia Combatente*. Assim como controlava medicamentos que poderiam ser usados pelos médicos da FLN, a França resolveu controlar a venda de pilhas, já que os argelinos compravam rádios portáteis.

Antes do início da revolução, poucos argelinos se importavam com o rádio, a programação era estritamente francesa, música francesa, cultura do colonizador. Fanon (1976, p.63) reflete sobre esse fenômeno que podemos chamar de descolonização tecnológica e democratização midiática: “[...]la adquisición de un radioreceptor en Argelia no significa la adhesión a una técnica moderna de información, sino el único medio de entrar en contacto con la Revolución”, [...]”. São raras as oportunidades de estudar os escritos de um intelectual militante, com um método revolucionário, transdisciplinar e totalmente conectado com a práxis, inserido dentro de uma guerra revolucionária, interagindo o cientista social e o militante em um diálogo aberto no interior de seu processo investigativo e criativo.

El instrumento técnico, el aparato de radio, pierde casi mágicamente – aunque heos visto la progresión armónica y dialéctica de las nuevas necesidades nacionales – su carácter de objeto del enemigo. El radioreceptor deja de formar parte del arsenal de opresión cultural del ocupante. Al convertirse la radio en un medio de resistencia frente a las presiones psicológicas y militares cada vez más grandes del ocupante, la sociedad argelina, por un movimiento autónomo interno, decide adueñarse de la nueva técnica e incorporarse así a los nuevos sistemas de comunicación puestos aal día por la Revolución. (FANON, 1976, p.63-64).

A Voz da Argélia Combatente, emissão oficial da FLN, irrompe no cenário de luta colonial e o povo argelino irá aderir a tecnologia radiofônica, ressignificando seu uso, pois anteriormente, apenas propagava pelas ondas, a cultura do colonizador . A tecnologia tornou-se um instrumento que produzia um sentido de fazer parte da revolução. Segundo Fanon¹⁵⁹ (1976), dá-se uma “criação autônoma da informação”, uma experiência revolucionária que transforma o sentido e os meios da comunicação.

159 “[...]El auditorio completaba el carácter fragmentario de las noticias mediante una creación autónoma de la información. (FANON, 1976, p. 66)

Uma das dificuldades enfrentadas pelos argelinos era a questão da falta de uma rede elétrica principalmente na zona rural: em *douars* aparecem os rádios que funcionam com pilha e o colonizador começa a controlar a venda de aparelhos a pilha e das próprias baterias. No comércio clandestino que entra pelas fronteiras, além de armas e medicamentos, as pilhas são um produto de extrema importância, a argelina e o argelino querem escutar as últimas notícias dos combates nas montanhas (*djebel*) e sentir-se enlaçados no combate nacional. O rádio era antes evitado até mesmo pela classe média argelina, devido ao seu efeito desagregador das relações tradicionais e suas hierarquias e também por ser um agente de inoculação dos valores do colonizador francês.

A informação e a contra-informação são elementos fundamentais em uma guerra revolucionária, um dos meios utilizados pelos franceses foi adotar técnicas de *jamming*, ou seja, empastelar eletronicamente as frequências usadas pelos revolucionários argelinos. O *jamming* interfere na qualidade do som, deixando praticamente inaudível a transmissão, os responsáveis pela rádio da FLN tinham que trocar 3 vezes de frequência em cada emissão, dificultando a escuta das informações que vinham fragmentadas e se completavam com as conversas com vizinhos e amigos, o que os franceses chamavam, pejorativamente, de *telefone árabe*, a rapidez com que as notícias se espalharam de boca a boca na Argélia (FANON, 1976).

Outro elemento da dialética da descolonização cultural foi a superação da língua francesa como instrumento de dominação colonialista. Em *Pele Negra Máscaras Brancas*, Fanon (2008) compreendeu que a adoção da língua metropolitana significava a epidermização do mundo cultural colonialista na consciência do colonizado. Mas o processo revolucionário na Argélia, realizou a transcendência desse caráter negativo, via uso das transmissões de rádio.

Igualmente en el aspecto de la comunicación debemos señalar que la lengua francesa adquiere valores inéditos. En efecto, la lengua francesa, lengua de ocupación, vehículo del poder opresivo, parecía condenada a juzgar preyorativamente al argelino por toda la eternidad. Cualquier expresión francesa en relación com los argelinos encerraba un contenido humillante. Todas las palabras francesas que escuchábamos era órdenes, amenazas o insultos.[...]La difusión en francés de las emisiones de *Argelia Combatiente* liberará a la lengua enemiga de su connotación histórica. El mismo mensaje transmitido en tres lenguas diferentes, unifica la experiencia y le confiere una dimensión universal. La lengua francesa pierde su carácter maldito y revela su capacidad para transmitir también, dirigidos a la nación, los mensajes de verdad que ésta espera. Por paradójico que puerda

parecer, la Revolución argelina, la lucha del pueblo argelino facilita la difusión de la lengua francesa en la comunidad nacional. (FANON, 1976, p. 69).

Eis que o movimento de negação da negação é empreendido pelo colonizado em luta, suprimindo o teor opressivo do francês e colocando-o a serviço da nação, liberando a “[...]lengua árabe de su carácter sagrado y a la lengua francesa de su categoría maldita. El nuevo lenguaje de la nación está listo para expresar a través de múltiples canales significativos.” (FANON, 1976, p. 71). O combate libertador cria uma “[...]gran red de significaciones[...].”(FANON, 1976, p. 74) onde os indivíduos, através da recepção do conteúdo radiofônico pró-independência, sentem-se conectados e protagonistas da luta.

Diferente dos primeiros dois ensaios, o capítulo III sobre a família argelina possui divisões com os seguintes subtítulos: *El hijo y el padre, La hija y el padre, Los hermanos, La pareja, El matrimonio y el divorcio, La sociedad femenina e La Argelia dispersada*. A guerra de libertação transforma as relações familiares patriarcais e monolíticas, calcadas nas tradições engessadas pelo colonialismo. A violência causa traumas ao núcleo familiar e rompem-se as “verdade estereotipadas”, como afirma Fanon (1976, p.77). Extratos desse capítulo foram publicados na edição dupla 53-54, datada de 1 de novembro de 1959 (EM, 1962, v.1, p. 543-545).

O pai colonizado, no começo da revolução, parece indeciso perante o engajamento, principalmente no momento em que ocorre a falência dos meios legalistas para obter a libertação e abre-se o rumo para a ação violenta contra o colonizador. “[...]Nace una nueva personalidad, el individuo gana autonomía y se convierte en creador de valores. La vieja dependencia infantil al padre se funde bajo el sol de la Revolución.[...]” (FANON, 1976, p.79) O pai primeiramente se opõe que seu filho vá para a guerrilha mas logo ocorre “[...]la derrota del padre por las fuerzas nuevas que emergen de la patria, [que] no deja intactas las antiguas relaciones que ordenaban a la sociedad argelina.” (FANON, 1976, p.82)

A mulher argelina ao tornar-se protagonista do processo revolucionário, aniquilou as tradições patriarcais que as mantinham em uma condição de violenta submissão.

Vemos que la joven argelina, analfabeta, cubierta con un velo y enclaustrada, igual que Argelia entera, por la dominación colonial, está mal preparada para sumir las tareas revolucionarias. La joven argelina siente vergüenza de su cuerpo, de sus senos, de sus menstruaciones. Siente vergüenza de ser mujer delante de los suyos. Siente vergüenza de hablar

delante de su padre, de mirar a su padre. Y también su padre siente vergüenza frente a ella. En realidad, un análisis profundo muestra que el padre ve en su hija a la mujer. Inversamente, la hija ve al hombre en su padre. Las barreras y las prohibiciones están inscritas tan profundamente en el centro mismo de su personalidad que la simple presencia mutua se hace insoportable. Este comportamiento evoca los ritos de ciertos grupos para evitar la angustia que acompaña a los impulsos incestuosos inconscientes. Pero sobre todo, hay la evidencia parcial del *status* de la mujer como algo disponible exclusivamente para el matrimonio y la maternidad. (FANON, 1976, p.84).

A revolução é uma praxis libertadora que transforma as relações de gênero e destrói as bases das tradições mumificadas pelo colonialismo. No artigo *A propósito de uma defesa* (EM, 1962, v.1, p.169-170; FANON, 1980, p. 81-83), Fanon expressou na figura de Djamilia Bouhired, a construção da nova mulher argelina,

[...]que ocupa un lugar cada vez más importante en la acción revolucionaria, desarrolla su personalidad y descubre la vivencia excitante de la responsabilidad. La libertad del pueblo argelino se identifica con la liberación de la mujer, con su ingreso en la Historia. Esta mujer que, en las avenidas de Argel o Constantina, transporta granadas o cargadores para el fusil-ametralladora; esta mujer que mañana será ultrajada, violada y torturada, es incapaz de volver a su conducta anterior; esta mujer que escribe las páginas heroicas de la historia argelina hace estallar el mundo reducido e irresponsable en que vivía y fraternalmente colabora en la destrucción del colonialismo y en el nacimiento de una nueva mujer. (FANON, 1976, p. 85)

A praxis revolucionária transforma o mundo e os sujeitos que se integram na luta pela libertação nacional. Fanon também analisou a questão do irmão mais velho, que na tradição era o sucessor do pai, e a formação de novas relações intersexuais, quanto aos casais que fortalecem seus laços ao lutarem juntos contra o colonialismo.

O processo de descolonização da medicina também é abordado por Fanon (1976) que adentra nesta dialética de negação e superação do saber-fazer de uma ciência médica colonizada e cumprindo o papel de agente de consolidação do colonialismo. Fanon como psiquiatra empreendeu uma crítica profunda ao modo de agir do médico estrangeiro que se torna agente orgânico do colonialismo. Muitos médicos franceses foram responsáveis pelas massivas aplicações de pentotal sódico, o soro da verdade, em sessões de tortura, e por “cuidar” dos torturados para que durassem mais nas sessões de tortura, muitos eram ardentes milicianos junto com militares pró-Argélia francesa, conhecidos como *OAS (Organisation Armée Secrète)*. Mesmo o médico nativo era muitas vezes considerado um trãnsfuga, assim como o colonizado negava as técnicas modernas de comunicação, via com

desconfiança a figura do médico e sua atitude perante ele é de rigidez muscular, de palavras e dores difusas.

Desde o seu primeiro livro *Pele Negra Máscaras Brancas*, Fanon (2008) compreendia o espaço do consultório médico, como um lugar de tensão colonial. O tratamento dado pelos médicos, o modo que eles abordavam os pacientes negros ou árabes, sinalizavam uma infantilização, uma projeção constante no colonialismo, o paciente era tratado como uma criança. Dores difusas, mal-estar contínuo, Fanon passa a nos afirmar que o colonialismo é uma fábrica de doentes. No caso da psiquiatria, a área onde ele atuava, atacava os fundamentos racistas e os resquícios de uma pseudociência raciológica que ainda influenciava seriamente a medicina e a psiquiatria.

Em seu artigo *O “Síndrome Norte-Africano”* (FANON, 1980, p. 7-20), publicado em 1952 na revista *Esprit*, o psiquiatra lançava suas teses críticas às afirmações racistas de que o sistema nervoso do norte-africano seria inferior ao do europeu branco, o que explicaria os altos índices de crimes no Magreb (COLLINGON, 2006, p.537-540). Fanon afirma, que o motivo principal desse clima de violência é o próprio colonialismo, pois destrói a sociedade indígena, causando danos à psiquê dos colonizados que nela estão. Ainda no campo da medicina Fanon revolucionou o funcionamento da Clínica de Blida, onde combateu a desumanização dos pacientes que eram tratados como prisioneiros em uma masmorra, inseriu oficinas de produção artística, cinema, passeios ao ar livre e permitiu a alguns pacientes irem à mesquita, humanizando o tratamento. O que o doutor Fanon buscou, foi compreender as sóciopatologias que eram geradas em um ambiente opressivo como a Argélia colonizada.

Quanto ao capítulo intitulado *La Minoria Europea de Argelia*, Fanon retoma muitos elementos que desenvolveu em artigos jornalísticos, como em *Decepções e ilusões do colonialismo francês* (EM, 1962, v. 1, p. 122-124; FANON, 1980, p.63-69), quando refere-se às operações “Cabilas” e “Judeus”, a tentativa de dividir o povo argelino. As críticas à esquerda francesa, provenientes em *Os intelectuais e os democratas franceses perante a Revolução Argelina* (EM, 1962, v.1; FANON, 1980), aparecem agora na obra teórica, até esse ponto ocorre uma continuidade de ideias, fatos e personagens:

Guardando las debidas proporciones, se puede decir de os demócratas europeos de Argelia lo mismo que de los partidos franceses de izquierda: desde mucho tiempo la Historia se hace sin ellos. Ellos no han podido impedir el envío de contingentes a Argelia, ni la capitulación de Guy Mollet, ni Lacoste, ni el 13 de mayo. Sin embargo, su simple existencia coloca a la defensiva a los neo-fascistas de Argelia y Francia. *Desde hace tiempo la izquierda no ha hecho nada en Francia*, pero por su acción, sus denuncias y sus análisis, ha impedido un número determinado de cosas. (FANON, 1976, p.122, *itálico do autor*).

O elemento de descontinuidade é que, apesar das críticas ferrenhas de Fanon, ele entende que a existência de uma esquerda, mesmo com todas suas contradições, é importante para barrar os neofascistas, para pelo menos desmascará-los. Fanon (1976) analisa casos de democratas europeus na Argélia que, ao entrar em contato com a ação revolucionária, despojaram-se de seus mitos colonialistas e integraram organicamente os aparelhos da FLN. Para reforçar sua análise, Fanon publicou o relato de dois europeus que tomaram consciência e engrossaram as fileiras da FLN: Charles Geromini e Yvon Bresson.

De acordo com Fanon (1976), o povo argelino em plena revolução, descolonizou o uso das tecnologias de mídia, do *know-how* da medicina e dentro da ação revolucionária, surgiram novas possibilidades de sociabilidade, onde a mulher argelina se libertou por sua própria atividade como militante. Com o fim do colonialismo e a vitória da revolução – que Fanon não pôde vivenciar - a sociedade libertada tenta reconstruir o seu caminho nacional, a busca do conhecimento técnico e científico torna-se uma necessidade, devido à fuga em massa dos quadros técnicos que eram em grande maioria franceses.

5.4 O período da escrita de *Os Condenados da terra*

O ano de 1960, é um período de desenvolvimento das conexões de uma rede intelectual africana, com uma conseqüente circulação de ideias, onde Fanon foi protagonista. Em fevereiro de 1960, Fanon é nomeado embaixador itinerante do GPRA na África, tendo como sede a capital de Gana, Accra. Em abril ele discursa na Conferência de Solidariedade Afro-Asiática em Conakry e no mês de junho, vai a Adis Abeba, capital da Etiópia, para representar o GPRA na Conferência dos Estados Africanos Independentes. Em 27 de julho de 1960, Josie, sob o nome de Nadia Farès, envia informações de Fanon para Maspero sobre o novo livro que tinha

sido anunciado meses antes, e pergunta se há o interesse de publicá-lo. O plano geral da obra era este:

Tema: baseado na revolução armada no Magreb, o desenvolvimento da consciência e da luta nacional no resto da África.

Título: *Argel-Cidade do Cabo*

Repartição dos capítulos:

1. Guerra do Magreb e liberação da África.
2. Notas sobre a coragem na Argélia.
3. Moralidade e revolução na Argélia.
4. Notas sobre a psiquiatria na guerra.
5. Violência na África.
6. Psicologia e História.
7. Negritude e Civilizações Negro-africanas: uma mistificação. (FANON, 2018, p. 685-686, tradução livre¹⁶⁰).

Em setembro Fanon participa do Congresso Pan-Africano em Léopoldville, atualmente Kinshasa, no Congo recém-independente. Em outubro viaja pelo interior da África, buscando uma rota segura para ações do ELN, na fronteira entre a Argélia e o Mali. Sentindo um cansaço anormal, Fanon retorna para a Tunísia; após exames médicos, descobre que está com leucemia, tendo pouco tempo de vida. (YOUNG, 2018).

No mês janeiro de 1961, ocorre o assassinato de Patrice Lumumba, tema dos últimos dois artigos¹⁶¹ do *El Moudjahid*, atribuídos a Fanon. Fanon dá continuidade a seu tratamento em Moscou e quando retorna a Tunís em abril, escreve *Les Damnés de la terre* e escreve a Maspero para solicitar um prefácio a Sartre. O capítulo I de *Os Condenados da Terra*, é publicado na revista *Les Temps moderne*. No verão, Fanon fazia leituras comentadas - para as tropas do ELN na fronteira tunisiana - de *Crítica da Razão Dialética*, obra de Sartre. Em julho Fanon viaja para Roma para encontrar Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre e Claude Lanzmann. Fanon e Sartre conversam por três dias seguidos. Fanon tem seu último encontro com Édouard Glissant. Entre julho e setembro Sartre escreve o prefácio da obra de Fanon. Muito

160 "*Subject:* based on the armed revolution in the Maghreb, the development of consciousness and national struggle in the rest of Africa.

Title: *Alger-Le Cap (Algiers – Cape Town)*

Chapter breakdown:

1. Wars of the Maghreb and liberation of Africa.
2. Notes on courage in Algeria.
3. Morality and revolution in Algeria.
4. Notes on psychiatry in war.
5. Violence in Africa.
6. Psychology and history.
7. Negritude and Negro-African civilizations, a mystification."

161 L 'Afrique accuse L'Occident (Africa accuses the west) (EM, 1962, v.3, p.417-418; FANON, 2015; FANON, 2018, p. 645-652) e L'odieux Assassinat de Patrice Lumumba (Patrice Lumumba's odious assassination) (EM, 1962, v.3, p. 418-419).

debilitado Fanon vai para os Estados Unidos, e a CIA o detém, liberando-o depois para o ingresso no *Clinical Center* do *National Institute of Health*, Bethesda, Maryland (Washington). Em outubro *Os Condenados da Terra* é publicado; Fanon morre no dia 6 de dezembro de 1961, no outro dia, sua obra foi apreendida pela polícia (YOUNG, 2018).

Na edição número 88 do *El Moudjahid* (1962, v.3, p.649-651), datada de 21 de dezembro de 1961, aparecem três artigos ligados a Fanon: *Fanon notre frère* (EM, 1962, v.3, p. 646-647), artigo de capa e com uma foto dele; *“En terre algérienne...”* (EM, 1962, v.3, p. 647-648), noticiando a chegada do corpo de Fanon em terra argelina e o discurso do vice-presidente, Belkacem Krim, em homenagem a um dos grandes protagonistas da revolução argelina e africana. Nessa mesma edição de *El Moudjahid* (1962, v.3, p. 649-651), foi publicado um texto que resenhou alguns trechos de *Os Condenados da terra*, além de fazer uma breve introdução à obra de Fanon. O texto teve uma segunda parte publicada na edição número 89, de 16 de janeiro de 1962, onde foram publicados mais extratos da obra final de Fanon (EM, 1962, v.3, p. 671-673).

5.5 Estudo sobre *Os condenados da Terra*

Os Condenados da Terra é a obra derradeira de Fanon, ele produziu o texto sabendo de sua condição terminal, sabia que sua doença era incurável e que tinha poucos meses de vida. No livro, há muitas referências a informações e temas que partiram dos artigos do *El Moudjahid*. Mas, por outro lado, a estudo aborda questões que o sujeito coletivo não poderia: aqui está a limitação desse sujeito, por ser órgão oficial da FLN, o *gatekeeper* em termos de acesso a notícias era controlado pela organização, impondo, como no caso da morte de Ramdane, (des)informação oficiosa. Nas duas obras, *L'An V* e *Os Condenados*, Fanon detecta que o colonizado cria sua mentira para combater a mentira do colonizador, o seu contramito, sua contranarrativa, se esta mentira ajuda a derrubar o colonialismo, então é uma verdade. Estaria Fanon referindo-se ao massacre de *Melouza*? Seria esse o drama do intelectual militante, que muitas vezes precisa erguer a informação oficial, mesmo discordando, para não causar prejuízos à imagem da organização? É nesse sentido que ocorre a correlação entre o dito e o não-dito, o escrito e o não-escrito, quando a autoria de Fanon se imprime no seu livro. Poderia-se dizer que os artigos do *El*

Moudjahid não comportava alguns dos temas desenvolvidos por Fanon, mas seus fundamentos, principalmente o papel seminal do combate na construção de um novo homem e uma nova mulher - que, concomitantemente se libertam e criam a nação - e a crítica ao neocolonialismo, estavam presentes.

A obra cita muitos fatos que foram noticiados nos artigos atribuídos a Fanon, por exemplo: “*Agora, por exemplo, a França testa na África as suas bombas atômicas.[...]*” (FANON, 2010, p. 100-110). Também alude a artigos sobre a criação de zonas interdidas e os bombardeios criminosos dos franceses na fronteira com a Tunísia¹⁶², como em *O sangue do Maghreb não correrá em vão* (FANON, 1980, p.111-115; EM, 1962, v.1, p.318-319); *Les rescapés du no man’s land accusent* (EM, 1962, v.1, p.371-372; FANON, 2015, FANON, 2018, p.595-598) e *Le calvarie d’un peuple* (EM, 1962, v.2, p.38-40; FANON, 2015: FANON, 2018, p. 617-623).

A obra foi dividida em cinco capítulos e uma conclusão: I – Sobre a Violência, II- Grandezas e Fraquezas da Espontaneidade, III – Desventuras da Consciência Nacionalista, IV – Sobre a Cultura Nacional, V – Guerra Colonial e Distúrbios Mentais. No livro, além do estudo *Sobre a Violência*, há uma reflexão sobre espontaneísmo e o papel do líder, sobre o caminho dos intelectuais urbanos para o campo, sobre como o colonizado descobre que o maniqueísmo inicial não explica as novas fases da luta, a crítica ao partido único como instrumento da burguesia, o perigo da consciência nacional que ao invés de transcender-se a um consciência social e a um novo humanismo, deságua no chauvinismo e no racismo. Os estudos iniciados em *Síndrome Norte Africana* (FANON, 1980) e aprofundados no capítulo de Medicina e Colonialismo, em *Sociologia de una Revolución* (FANON, 1976), são revisitados no capítulo V de *Os Condenados da terra* (FANON, 2010). Segundo Cherki (2010), mais uma vez, como em outras obras, em *Os Condenados da terra*, Fanon leva em conta os aspectos econômicos, políticos e culturais da dominação colonial e a tensão política entre cultura e indivíduo.

Fanon escreve a partir de sua experiência singular, a partir da história imediata, do seu mergulho nessa história, experiência que lhe é necessário elaborar e transmitir. A própria escrita segue esse movimento: os diferentes temas que compõem os cinco capítulos do livro são dispostos como fragmentos, como estrofes de um poema, aos quais se misturam tempos de análise rigorosa mas sempre escrita numa língua que, como dizia o próprio

162 “[...]sabe-se que o bombardeio dos territórios marroquinos e tunisianos pelo exército francês são incontáveis, e Sakiyet-Sidi-Youssef, a aldeia-mártir da Tunísia, é o exemplo mais sangrento[...]” (FANON, 2010, p.321).

Fanon a respeito do seu primeiro livro, *Peau noire, masques blancs*, tenta produzir, mais além das significações, uma compreensão que não está ligada apenas ao manejo do conceito. (CHERKI, 2010, p. 14).

O prefácio escrito por Jean-Paul Sartre é endereçado para os europeus e, contraditoriamente, devido ao eurocentrismo reinante nos meios militantes e acadêmicos, é mais conhecido que a própria obra de Fanon.

O belo prefácio de Sartre a esse livro, que Fanon desejara, parece que foi mais lido, ao longo dos anos, do que o corpo do texto. Entretanto, de certo modo, esse prefácio desvia as preocupações de Fanon[...] (CHERKI, 2010, p. 15).

Fanon escreve para os deserdados, os condenados do terceiro-mundo, Sartre apresenta o livro para os brancos do norte, apresentando a contradição entre humanismo europeu e colonialismo. Além disso, Sartre teria exacerbado o papel da violência que Fanon analisou em seu primeiro capítulo.

Frantz Fanon combateu o nazismo alemão na II Guerra Mundial e lutou contra colonialismo francês na Argélia. A sua experiência neste duplo combate, teórico e prático, lhe deu eixos basilares que influenciaram em sua teoria: daí a importância cabal da obra de Fanon para compreender a violência colonial. A violência do colonizador destruiu os modos nativos de organizar a vida, a econômica e a cultura local (FANON, 2010, p.57), o modo de vida do colonizado é animalizado pela linguagem do colonizador, neste sentido, visto como força natural bruta, aplicou-se sistematicamente a linguagem da violência para *domesticar* e colocar o colonizado “no seu lugar”. Como afirmou Fanon, “[...] o colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. Ele é a violência em estado natural, e só pode se inclinar diante de uma violência maior.” (FANON, 2010, p.78-79).

Fanon desenvolve sua teoria da violência baseado em sua experiência como participante na Revolução Argelina (MBEMBE, 2007), mesmo com seu diálogo crítico com autores europeus, a análise do intelectual fendido culturalmente por sua origem colonizada e sua formação na metrópole enriquece a produção teórica, o diálogo entre o cientista social e o militante encontra na ação prática a base fundamental de onde emana a sua escrita.

Buscando superar os limites das análises marxistas ortodoxas, partindo da colônia, Fanon propõe uma nova leitura da metáfora da base material e superestrutura cunhada por Marx:

[...] Nas colônias, a infraestrutura econômica é também uma superestrutura. A causa é consequência: alguém é rico porque é branco, alguém é branco

porque é rico. É por isso que as análises marxistas devem ser sempre ligeiramente distentidas, a cada vez que se aborda o problema colonial. Até mesmo o conceito de sociedade pré-capitalista, bem estudado por Marx, deveria ser repensado aqui[...] (FANON, 2010, p. 56)

A violência sufoca todos os poros da sociedade colonial, antes de se bater contra o colonizador, a atmosfera de violência se manifesta no corpo, no inconsciente e nas relações do colonizado. Os sonhos do colonizado, as lutas fratricidas, as danças, os transe e possessões são manifestações da violência que sufoca no ar da sociedade colonial (FANON, 2010, p.76). Segundo Fanon: “[...] A tensão muscular do colonizado se libera periodicamente em explosões sanguíneas: lutas tribais, lutas entre indivíduos.” (FANON, 2010, p.71). Assim a vazão da agressividade, ainda não canalizada totalmente contra o colonizador leva à “[...] autodestruição coletiva muito concreta nas lutas tribais, essa é pois uma das vias pela qual se liberta a tensão muscular do colonizado.[...]” (FANON, 2010, p.71).

A atmosfera de violência também se manifesta entre os colonizados:

Essa agressividade sedimentada nos seus músculos, o colonizado vai manifestá-la primeiro contra os seus. É o período em que os negros se pegam entre si, e em que os policiais, os juizes, não sabem mais o que fazer diante da espantosa criminalidade norte-africana.[...]Diante do arranjo colonial, o colonizado se encontra num estado de tensão permanente. O mundo do colono é um mundo hostil, que rejeita, mas ao mesmo tempo é um mundo que dá inveja.[...] (FANON, 2010, p.69).

A dimensão da violência na colônia, analisada por Fanon é tripla: quanto ao comportamento cotidiano do colonizado, quanto ao passado do colonizado, que é desubstancializado, quanto à possibilidade de futuro do colonizado, com a tentativa de eternização da realidade colonial. A violência colonial é uma rede que se torna ponto nodal de encontro de violências múltiplas e iterativas (MBEMBE, 2007; 2014).

A experiência colonial guarda e reverbera um “pequeno segredo”, suas projeções fantasmagóricas e uma “parte maldita”, “[...]este gesto arcaico”, perpassada pelo terror e pela razão sacrificial¹⁶³:

163 “Césaire e Fanon explicaram que esse ato arcaico (matar, pilhar e degradar) constituía a parte maldita da colônia e tinha sua origem na razão sacrificial - aquela que, persistindo em ‘ver no outro o animal, se acostuma a tratá-lo como um animal’ e, finalmente, transforma o colono ‘ele mesmo em um animal’. Em outras palavras, as raízes profundas da colônia podem ser encontradas na experiência irrestrita da morte ou ainda do dispêndio da vida - uma experiência que se sabe ter sido uma das principais características da história da Europa, de suas operações sociais de produção e acumulação, de sua forma estatal, de suas guerras e revoluções, até de suas produções religiosas e artísticas. ” (MBEMBE, 2006, p.105, tradução livre). No original: “Césaire et Fanon expliquaient que ce geste archaïque (tuer, piller et abrutir) constituait la part maudite de la colonie et avait sa source

Interessamo-nos particularmente pelos aspectos da memória negra da colônia que fazem dela, por um lado, o lugar de perda e, por outro, o lugar de constituição de uma dívida. O facto de, nos textos canônicos negros, a colônia aparecer antes de mais nada como lugar de uma perda – o que, por sua vez, torna possível a reclamação de uma dívida entre o ex-colonizado e o ex-colonizador – está ligado à própria natureza do potentado colonial e à maneira como ele usou duas alavancas, que foram, por um lado, as funções do terror (a sua parte maldita) e, por outro, as funções alucinatórias (o seu pequeno segredo). [...] (MBEMBE, 2014, p.180)

No diálogo travado por Mbembe com Fanon, além do núcleo da violência colonial, há também a perspectiva psicanalítica do espelho e do desejo consolidados na inveja do colonizado perante a possibilidade de riqueza e propriedade sem limites, que o colonizador ostenta como poder, junto com a abundância de objetos e bens que são observados com inveja pelos colonizados. Este *dispositivo fantasmático do potentado* é o “pequeno segredo” do potentado colonial (MBEMBE, 2007, p.51).

Além do “pequeno segredo”, a colônia é fundamentada por também em sua “parte maldita” que, segundo Mbembe (2007, p.53), foi estudada de modo profundo por Fanon¹⁶⁴. Para Mbembe (2007) as análises fanonianas sobre a violência na colônia, traduzem-na como uma anti-comunidade, separada, dividida em fronteiras internas que são impostas no arranjo colonial, na classificação geoespacial perpassada pela racialização. A questão da raça é comparada por Mbembe (2007) à alegoria da caverna de Platão: as sombras projetadas no fundo da caverna são como a leitura racializada da sociedade que imobiliza a consciência e o corpo,

dans la raison sacrificielle – celle qui, en s’obstinant à « voir dans l’autre la bête, s’entraîne à le traiter en bête » et, finalement, transforme le colon « lui-même en bête » . En d’autres termes, les racines profondes de la colonie seraient à rechercher dans l’expérience sans réserve de la mort, ou encore de la dépense de la vie – expérience dont on sait qu’elle a été un trait majeur de l’histoire de l’Europe, de ses opérations sociales de production et d’accumulation, de sa forme étatique, de ses guerres et de ses révolutions, voire de ses productions religieuses et artistiques.”

164 No mesmo trecho Mbembe (2007, p.53-54) faz um crítica a Fanon: “[...] Ao ser arrastado, o colonizado penetra em outro ser e agora vive doravante, o seu trabalho, sua linguagem e sua vida como processos de enfeitiçamento. É por causa dessa experiência de enfeitiçamento e estranhamento que o encontro colonial esteve na origem de uma proliferação de fantasmas. Ele desencadeou desejos que os colonos e colonizados às vezes tiveram que esconder de si mesmos e que, precisamente por esse motivo, foram recalçados no inconsciente. Desse “pequeno segredo”, Fanon faz pouco caso. Isso pode explicar sua incapacidade de antecipar a pós-colônia”. No original: “[...]En se laissant entraîner, le colonisé pénètre dans un autre être et vit désormais son travail, son langage et sa vie comme autant de processus d’ensorcellement. C’est à cause de cette expérience d’ensorcellement et d’« étrangement» (étrangement) que la rencontre coloniale fut à l’origine d’un foisonnement de fantasmes. Elle mit en branle des désirs que colons et colonisés, parfois, durent se cacher à eux-mêmes et qui, justement, pour cette raison, furent refoulés dans l’inconscient. De ce «petit secret», Fanon fait peu cas. C’est peut-être ce qui explique son incapacité à anticiper la postcolonie.”.

narrando a alteridade de modo petrificado.

Mundo compartimentado, maniqueísta, imóvel, mundo de estátuas: a estátua do general que fez a conquista, a estátua do engenheiro que construiu a ponte. Mundo seguro de si, esmagando com suas pedras as colunas dorsais esfoladas pelo chicote. Este é o mundo colonial. O indígena é um ser confinado, o *apartheid* é apenas uma modalidade da compartimentação do mundo colonial. [...] (FANON, 2010, p.69).

Mbembe (2011a, p.45) relembra Fanon e a importância de sua análise da espacialização no território colonial, ao descrever a cidade europeia e a cidade colonizada. Se pensarmos as cidades do pós-colônia, parece que a descrição poética narrada por Fanon ainda vigora entre ruas reluzentes com suas vitrines e os becos lamacentos da *bidonville* (cidade de lata).

O mundo colonizado é um mundo cortado em dois. A linha de corte, a fronteira, é indicada pelas casernas e pelos postos policiais. Nas colônias, o interlocutor legítimo e institucional do colonizado, do porta-voz do colono e do regime de opressão é o policial ou o soldado. [...] Nos países capitalistas, entre o explorado e o poder interpõe-se uma multidão de professores de moral, de conselheiros, de 'desorientadores'. Nas regiões coloniais, em contrapartida, o policial e o soldado, por sua presença imediata, suas intervenções diretas e frequentes, mantêm o contato com o colonizado e lhe aconselham, com coronhadas ou napalm, que fique quieto. Como vemos, o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário leva a violência para as casas e para os cérebros dos colonizados." (FANON, 2010, p.54-55)

A colônia é uma sociedade fraturada sob a espacialização perpassada pela racialização, a cidade do colonizado é uma cidade onde se vive e se morre em um *mundo sem intervalos*¹⁶⁵.

O debate sobre a função da violência como terapêutica de desintoxicação¹⁶⁶ na

165 Analisando a questão da espacialização racializada do mundo colonial sob a ótica fanoniana, Mbembe (2011a, p.43) afirma: "La propia ocupación colonial es una cuestión de adquisición, de delimitación y de hacerse con el control físico y geográfico: se trata de inscribir sobre el terreno un nuevo conjunto de relaciones sociales y espaciales. La inscripción de nuevas relaciones espaciales ('territorialización') consiste finalmente en producir líneas de demarcación y de jerarquías, de zonas y enclaves; el cuestionamiento de la propiedad; la clasificación de personas según diferentes categorías; la extracción de recursos y, finalmente, la producción de una amplia reserva de imaginarios culturales. Estos imaginarios han dado sentido al establecimiento de los derechos diferenciales para diferentes categorías de personas, con objetivos diferentes, en el interior de un mismo espacio; en resumen, al ejercicio de la soberanía. El espacio era, por tanto, la materia prima de la soberanía y de la violencia que acarrea. La soberanía significa ocupación, y la ocupación significa relegar a los colonizados a una tercera zona, entre el estatus del sujeto y el del objeto."

166 O mundo colonial é contestado *por todos os meios necessários*, ou seja, também pelo meio da violência, que para o colonizado "[...]representa a práxis absoluta.[...]A violência é assim compreendida como a mediação do real. O homem colonizado se liberta na e pela violência. Essa práxis ilumina o agente, porque lhe indica os meios e o fim.[...]" (FANON, 2010, p.104). Logo depois Fanon (2010, p. 112) afirma "No nível dos indivíduos, a violência desintoxica. Ela livra o colonizado do seu complexo de inferioridade, das suas atitudes contemplativas ou desesperadas. Ela o torna

descolonização, encontra-se na obra de Fanon, *Os Condenados da terra*, pois “[...]o colonizado descobre o real e o transforma no movimento da sua práxis, no exercício da violência, no seu projeto de libertação.” (FANON, 2010, p.75).

[...] A descolonização é o encontro de duas forças congenitalmente antagonistas, que têm precisamente a sua origem nessa espécie de substantificação que a situação colonial excreta e alimenta. O primeiro confronto dessas forças se desenrolou sob o signo da violência, e sua coabitação – mais precisamente a exploração do colonizado pelo colono – prosseguiu graças às baionetas e aos canhões. O colono e o colonizado são velhos conhecidos. E, na verdade, o colono tem razão quando diz que “os” conhece. Foi o colono que *fez e continua a fazer* o colonizado. [...]” (FANON, 2010, p. 52)

Esse mundo compartimentado, maniqueísta (FANON, 2010, p.57), leva a violência ao corpo e a consciência do colonizado que aprende através destes poderes coloniais - aplicados em estado puro, estado bruto, sem intermediações ideológicas - que a sua resposta, a sua revolta terá que se efetivar na linguagem de uma violência absoluta que destrua o *establishment* colonial, aniquilando o colonizador e seu arranjo geopolítico. O colonizado produz e enuncia uma contranarrativa, um contramito que responde às mentiras do colonizador. “[...]À mentira da situação colonial, o colonizado responde com uma mentira igual.[...]A verdade, é aquilo que precipita o desmantelamento do regime colonial, é o que favorece a emergência da nação.[...]” (FANON, 2010, p.67).

A violência sufoca todos os poros da sociedade colonial e cria uma reação em cadeia:

Compreende-se que, nessa atmosfera, o cotidiano se torna simplesmente impossível. Não se pode mais ser camponês, proxeneta ou alcólatra, como antes. A violência do regime colonial e a contra-violência do colonizado se equilibram e se respondem, numa homogeneidade recíproca extraordinária. Essa violência será tanto mais terrível quanto mais importante for o povoamento metropolitano. O desenvolvimento da violência no seio do povo colonizado será proporcional à violência exercida pelo regime colonial contestado.[...] A partir do momento em que o colonizado escolhe a contra-violência, as represálias policiais provocam mecanicamente as represálias das forças nacionais. Entretanto, não há equivalência de resultados, pois a metralhada por avião ou os canhoneiros da frota superam em horror e em importância as respostas do colonizado. Esse vaivém do terror desmistifica definitivamente os mais alienados dos colonizados. [...]Terror, contra-terror, violência, contra-violência... Eis o que registram, com amargura, os observadores, quando descrevem o círculo de ódio, tão manifesto e tenaz na Argélia. (FANON, 2010, p.107-108).

intrépido, reabilita-o aos seus próprios olhos. Mesmo se a luta armada for simbólica e mesmo que ele seja desmobilizado por uma descolonização rápida, o povo tem o tempo de convencer-se de que a libertação foi um problema de todos e de cada um, que o líder não tem um mérito especial. A violência eleva o povo à altura do líder. [...]” (FANON, 2010, p.112)

A violência do colonizado contra o colonizador é, na verdade, a defesa contra a vida petrificada pela morte imposta pelo colonialismo, pelo terror e tortura mas ela não se exaure como processo em si mesma: o que Fanon propõe com o *sair da grande noite*, é a criação de um novo ser humano, um novo sujeito, uma busca por um humanismo efetivo, longe do pseudouniversalismo sustentado pela metrópole.

No capítulo II, *Grandezas e fraquezas da espontaneidade*, Fanon apresenta as fases da luta anticolonial, da revolta espontânea à insurreição e guerra revolucionária. Em certo momento da luta anticolonial, os meios legais fracassaram e os jovens militantes não querem mais saber de “política”, querem a ação direta, querem golpear o colonialismo. Nesse sentido: “As reflexões sobre a violência nos levaram a tomar consciência da existência freqüente de um desfazimento, de uma diferença de ritmo entre os quadros do partido nacionalista e as massas.[...]” (FANON, 2010, p. 129).

Logo os intelectuais nacionalistas, os quadros do partido, vencem sua desconfiança perante as massas rurais que possuíam, devido à clássica oposição cidade e campo, e compreendem que o proletariado embrionário das cidades está atrelado ao colonialismo. A influência do maoísmo em Fanon no que se refere ao apontamento do campesinato ser a classe revolucionária da revolução. Na biblioteca de Fanon eram muitos os livros e brochuras de Mao Zedong (FANON, 2018, p. 762-764). “A propaganda dos partidos nacionalistas sempre encontra eco no seio das massas camponesas. A lembrança do período anticolonial continua viva nas aldeias.[...]” (FANON, 2010, p.136). É um momento que o colonialismo reaviva ódios étnicos, através de partidos regionalistas e tribalistas.

Na sociedade colonizada, a classe dirigente é estrangeira e a classe operária é incipiente e geralmente atrelada ao colonialismo. É uma leitura heterodoxa da construção marxista da classe operária como sujeito da revolução: nas colônias a única classe que não tem nada a perder é o campesinato, esta sim é o ente prioritário na luta anticolonial. Há também uma reabilitação do *lumpemproletariado*, que pode se tornar uma força revolucionária de luta contra o colonialismo (FANON, 2010). Na luta anticolonial o campesinato e o lumpesinato tornam-se elementos basilares no processo revolucionário e a questão de raça se confunde com a questão de classe criando as bases de uma rica dialética raça-classe que não

essencializa as identidades forjadas na sociedade colonial e na descolonização. Por outro, lado o colonialismo também se alimenta do lumpen, retirando desse grupo os seus *harkis*¹⁶⁷.

Os dirigentes da insurreição, que vêem o povo entusiasta e ardente dar golpes decisivos na máquina colonialista, reforçam a sua desconfiança em relação à política tradicional. Cada sucesso conquistado legitima a sua hostilidade em relação ao que doravante, chama de “conversa fiada”, “papo furado”, “blablablá, agitação estéril. Sentem ódio pela “política”, pela demagogia. É por isso que no início assistimos a um verdadeiro triunfo do culto à espontaneidade. (FANON, 2010, p. 153-154).

O massacre dos participantes da insurreição espontânea, leva a uma reflexão sobre como construir uma guerra de libertação. “[...] Os dirigentes são levados a negar o movimento como rebelião, transformando-o assim em guerra revolucionária. [...]” (FANON, 2010, 158). Fanon (2010), usa o exemplo de Holden Roberto, que teria reorganizado o exército nacional angolano.

No começo da luta o colonizado cria um “racismo anti-racista”, onde impera o maniqueísmo colonizado *versus* colonizador, transbordando um sentimento de vingança, de ódio e de homogeneização. “[...] O racismo, o ódio, o ressentimento, ‘o desejo legítimo de vingança’ não podem alimentar uma guerra de libertação.[...]” (FANON, 2010, p. 162).

Para Fanon (2010, p. 167-168):

[...]O povo, que no começo da luta adotara o maniqueísmo do colono: os brancos e os negros, os árabes e os cristãos, percebe, no caminho, que acontece que negros sejam mais brancos do que os brancos e que a eventualidade de uma bandeira nacional, a possibilidade de uma nação independente, não levem automaticamente certas camadas da população a renunciar a seus privilégios ou a seus interesses. O povo percebe que indígenas como ele não perdem o norte, mas, pelo contrário, parecem aproveitar-se da guerra para reforçar a sua situação material e o seu poder incipiente. Os indígenas traficam e realizam verdadeiros lucros de guerra às expensas do povo que, como sempre, se sacrifica sem restrições e rega com seu sangue o solo nacional. O militante que enfrenta, com meios rudimentares, a máquina de guerra colonialista percebe que, o mesmo tempo em que demole a opressão colonial, ele contribui, paralelamente, para construir um outro aparelho de exploração. Essa descoberta é desagradável, penosa e revoltante. Entretanto, tudo era simples; de um lado os maus, de outro os bons. A clareza idílica e irreal do começo é substituída por uma penumbra que desloca a consciência. O povo descobre que o fenômeno iníquo da exploração pode apresentar uma aparência negra ou árabe. Ele brada contra a traição, mas é preciso corrigir essa acusação. A

167 “O colonialismo também vai encontrar no lumpen-proletariado uma massa de manobra considerável.[...] Na Argélia, foi o lumpen-proletariado que forneceu os harkis e os messalistas; em Angola, foi ele que deu os trabalhadores de estradas que preedem hoje as colunas armadas portuguesas; no Congo, encontra-se o lumpen-proletariado nas manifestações regionalistas do Kasai e de Katanga, enquanto em Leopoldville ele foi utilizado pelos inimigos do Congo para organizar comícios “espontâneos” anti-lumumbistas.” (FANON, 2010, p.159-160).

traição não é nacional, é uma traição social, é preciso ensinar o povo a bradar contra o ladrão[...]

Por outro lado, o colonizado em luta observa que alguns colonos se negam apoiar a guerra colonial e tornam-se renegados pela poder colonialista, vindo a integrar as fileiras da luta anticolonial. Intelectuais, trabalhadores e mesmo soldados, como Fanon analisou em seu primeiro artigo no *El Moudjahid, A Legião Estrangeira desmoralizada* (EM, 1962, v. 1, p.93-95; FANON, 2015; FANON, 2018, p. 539-545).

O colonizado

[...]constata que alguns colonos não participam da histeria criminosa, que eles se diferenciam da espécie. Esse homens, que eram jogados indiferentemente no bloco monolítico da presença estrangeira, condenam a guerra colonial. O escândalo estoura verdadeiramente quando protótipos dessa espécie passam para o outro lado, fazem-se negros ou árabes e aceitam os sofrimentos, a tortura, a morte. Esses exemplos desarmam o ódio global que o colonizado sentia em relação ao povoamento estrangeiro. [...]O colono não é mais simplesmente o homem a ser abatido. Os membros da massa colonialista se revelam estar mais perto, infinitamente mais perto da luta nacionalista do que certos filhos da nação. O nível racial e racista é superado nos dois sentidos. Não se dá mais um certificado de autenticidade a todo negro ou a todo muçulmano. Não se procura mais o fuzil ou a machadinha, ao aparecimento de qualquer colono.[...]" (FANON, 2010, p. 169).

O fazer-se como povo, como nação deve supra-sumir o ódio racial e étnico, sob o perigo de um processo de deterioração da consciência nacional em regional, abrindo precedentes para a balcanização do poder no território nacional.

No capítulo III, *Desventuras da Consciência Nacional*, Fanon alerta sobre as burguesias nacionais e sua predisposição para ocupar os antigos lugares dos colonizadores, nos circuitos do capital internacional. Longe de ser uma burguesia criadora na economia e nacionalista politicamente, a burguesia nacional dos países recém independentes tende a tornar-se parasitária em relação ao povo. Para essa burguesia, nacionalizar “[...]significa, muito exatamente, transferência para os autóctones dos privilégios herdados do período colonial.” (FANON, 2010, p. 179). Ela se adequa aos novos laços neocoloniais e imperialistas, servindo de intermediária na exploração das riquezas e do trabalho no território nacional.

Incentivada pelo velho *divide et impera*, agora reconfigurado sob a égide do neocolonialismo, a consciência nacional sofre golpes internos e externos que a mutilam e desviam o caminho de sua própria transcendência em consciência social, na perigosa degeneração em chauvinismo nacionalista e no racismo. “Do

chauvinismo senegalês ao tribalismo uólofe, a distância não poderia ser grande.[...]" (FANON, 2010, p. 185). Fanon (2010, p. 183), temendo pela unidade africana, dá outros exemplos dessa degeneração da consciência nacional:

[...]Na Costa do Marfim, há motins anti-daomeanos e anti-voltaícos. Os daomeanos e os voltaícos que ocupavam no pequeno comércio setores importantes são objeto, logo depois da independência, de manifestações de hostilidade por parte dos marfinenses. Do nacionalismo, passamos para o ultranacionalismo, para o chauvinismo, para o racismo.

Os estrangeiros dos antigos Daomé e Alto Volta – atualmente Benin e Burkina Fasso – eram hostilizados e enquadrados como culpados por “roubar os trabalhos” dos marfinenses, aprofundando o ódio entre os povos.

[...]As velhas rivalidades antecoloniais, os velhos ódios interétnicos ressuscitam. Os Balubas recusam-se a alimentar os Luluas. O Katanga se constitui em Estado e Albert Kalondji se faz coroar rei do Kasai do sul. A unidade africana, fórmula vaga, mas à qual os homens e as mulheres da África estavam apaixonadamente apegados, e cujo valor operatório era fazer uma pressão terrível sobre o colonialismo, desvela a sua verdadeira face e se fragmenta em regionalismos no interior de uma mesma realidade nacional[...]" (FANON, 2010, p. 187).

Nesse capítulo, Fanon aborda um dos pontos mais contraditórios que ele buscou efetivar: a articulação entre o pan-africanismo e o pan-arabismo, entre o Magreb e a África Negra, denunciando as tentativas racistas e colonialistas de dividir, em termos religiosos e raciais, a África em duas¹⁶⁸:

[...]Os missionários lembram oportunamente à massas que grandes impérios negros, bem antes da chegada do colonialismo europeu, foram desmantelados pela invasão árabe. Não se hesita dizer que foi a ocupação árabe que preparou o colonialismo europeu; fala-se de imperialismo árabe e denuncia-se o imperialismo cultural do Islã.[...] (FANON, 2010, p. 188).

Para consolidar sua vocação de intermediária, a burguesia nacional consolida a sua ditadura através do partido único que necessita de um líder carismático e popular. Da análise do líder na ditadura burguesa de partido único, Fanon (2010) passa a afirmar que no partido revolucionário não há espaço para líderes *conduzirem* o povo com se fosse um rebanho. Aqui novamente, Fanon vai além dos limites de compromisso político que um texto imediato, produzido por um sujeito

168 “Na escala do continente, esse tensão religiosa pode assumir a face do racismo mais vulgar. Divide-se a África em uma parte branca e uma parte negra. As apelações de substituição África do Sul ou ao norte do Saara não conseguem esconder esse racismo latente. Aqui, afirma-se que a África Branca tem uma tradição milenar, que é mediterrânea, que prolonga a Europa, que participa da cultura greco-latina. Vê-se a África Negra como uma região inerte, brutal, não civilizada...selvagem. Ali, ouvem-se o dia inteiro reflexões odiosas sobre o véu das mulheres, sobre a poligamia, sobre o suposto desprezo dos árabes pelo sexo feminino[...]" (FANON, 2010, p. 189).

coletivo de uma organização revolucionária, impunha. Cabe lembrar dos conflitos pós-independência, envolvendo críticas a Ben Bella, acusado de fomentar o culto a sua personalidade, foi derrubado do poder pela ala militar, e do regime de partido único.

Na epígrafe do capítulo IV, intitulado *Sobre a Cultura Nacional*, Fanon (2010, p. 239) cita a comunicação de Sekou Touré no II Congresso dos Escritores e Artistas Negros, no ano de 1959 em Roma: “*Não basta escrever um canto revolucionário para participar da revolução africana; é preciso fazer essa revolução com o povo, e os cantos virão por si mesmos[...]*”. É nesse capítulo que Fanon radicaliza suas críticas ao movimento da *Négritude*, dentro de uma compreensão dialética da importância a valorização do passado, que fora reabilitado por pesquisadores europeus, como Frobenius, das civilizações grandiosas que são exaltadas pelo colonizado em luta. Mesmo que essa descoberta de tempos gloriosos, que esse mergulho no passado não mude a situação presente de miséria dos povos colonizados, ele introduz uma mudança fundamental na consciência do colonizado:

[...]eles descobriram que o passado não era de vergonha, mas de dignidade, de glória e de solenidade. A reivindicação de uma cultura nacional passada não reabilita apenas, não justifica apenas uma cultura nacional futura. No plano do equilíbrio psicoafetivo, ela provoca no colonizado uma mutação de importância fundamental. Talvez ainda não se tenha mostrado suficientemente que o colonialismo não se contenta em impor a sua lei ao presente e ao futuro do país dominado. O colonialismo não se satisfaz em prender o povo nas suas redes, em esvaziar o cérebro colonizado de toda forma e todo conteúdo. Por uma espécie de perversão da lógica, ele se orienta para o passado do povo oprimido e o distorce, desfigura, aniquila. Esse empreendimento de desvalorização da história pré-colonização assume hoje a sua significação dialética. (FANON, 2010, p. 243-244).

O colonizador cria o colonizado, o branco cria o negro e condensa a racialização dentro dos aspectos da homogeneização do outro. O contramito do colonizado é a sua resposta à mentira colonial, à história eurocêntrica, à cultura metropolitana. Mesmo criticando o essencialismo desse contramito, desse culto ao passado¹⁶⁹, Fanon (2010) defende que é um movimento necessário do colonizado, que se não o empreender, poderá ter mutilações psicológicas muito graves. O contramito desintoxica o colonizado da epidermização empreendida pelo racismo.

169“[...]E é verdade que a marcha do intelectual colonizado assume às vezes os aspectos de um culto, de uma religião.[...]Essa fé proclamada na existência de uma cultura nacional é, na verdade, um retorno ardente, desesperado, em direção a qualquer coisa. Para garantir sua salvação, para escapar à supremacia da cultura branca, o colonizado sente a necessidade de retornar a raízes ignoradas[...]” (FANON, 2010, p. 251).

[...]Na África, a literatura colonizada dos vinte últimos anos não é uma literatura nacional, mas uma literatura de negros. O conceito de negritude, por exemplo, era a antítese afetiva, senão lógica, desse insulto que o homem branco fazia à humanidade.[...]sua reação foi admirar-se e cantar-se. À afirmação incondicional da cultura européia sucedeu a afirmação incondicional da cultura africana.[...] (FANON, 2010, p. 246).

No entanto a sustentação da entidade povo negro, logo encontra impasses, quando entra em cena a questão nacional, como afirma Fanon (2010, p. 250):

[...]A cultura negra, a cultura negro-africana se fragmentava porque os homens que se propunham a encarná-la percebiam que toda cultura é, primeiro, nacional e que os problemas que preocupavam Richard Wright ou Langston Hughes eram fundamentalmente diferentes dos de Léopold Senghor ou Jomo Kenyatta.[...]

A degeneração da cultura em costume, em folclore é a morte da sua dinamicidade, Fanon critica o sufocamento cultural, conseqüente peso morto da tradição mumificada¹⁷⁰, assim como Ibn Khaldun defendeu em *Os Prolegomenos* e Marx no início de *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*.

A comunicação de Fanon no II Congresso de Escritores e Artistas Negros, no ano de 1959 em Roma, intitulada *Culture Nationale et Guerre de Liberation*, teve extratos publicados no *El Moudjahid* (1962, v.2, p.220-222), número 39 de 10 de abril de 1959, juntamente com uma foto do Doutor Fanon. Em *Os Condenados da Terra* (FANON, 2010), o título foi modificado para *Fundamentos recíprocos da cultura nacional e das lutas de libertação*. Fanon explicita os fenômenos da obliteração cultural e substantificação que o colonialismo produz, destruindo o dinamismo da cultura local. O dinamismo da cultura reaparece com o combate pela independência. Não só na literatura, teatro, mas também entre os contadores de história. Para explicar as transformações que ocorrem durante a luta pela libertação nacional, Fanon (2010, p. 276), usa o exemplo dos *griots*:

[...]Os contadores de histórias que recitavam episódios inertes os animam e introduzem neles modificações cada vez mais fundamentais. Há uma tentativa de atualizar os conflitos, de modernizar as formas de luta evocada, os nomes dos heróis, o tipo de armas. O método alusivo fica cada vez mais freqüente. A fórmula “isso aconteceu há muito tempo” é substituída por outra, mais ambígua: “o que vai ser narrado aconteceu em algum lugar, mas poderia acontecer aqui, hoje ou amanhã.” O exemplo da Argélia é significativo, nesse aspecto. A partir de 1952-1953, os contadores, estereotipados e monótonos, revolucionam do pés à cabeça tanto seus

170 “[...]A cultura nunca tem a translucidez do costume. A cultura foge, eminentemente, de toda simplificação. Na sua essência, ela está no oposto ao costume, que é sempre uma deterioração da cultura. Querer colar na tradição ou reatualizar as tradições abandonadas, é não apenas ir contra a história, mas contra o povo.[...]” (FANON, 2010, p. 258).

métodos de exposição quanto o conteúdo de suas narrações. O público, outrora disperso, faz-se compacto. A epopéia, com suas características de tipificação, reaparece. É um autêntico espetáculo que retoma o seu valor cultural. O colonialismo não se enganou quando, a partir de 1955, procedeu à prisão sistemática desses contadores de histórias.

O colonialismo sabe do poder que os contadores de história e que os artistas populares possuem, de difundir narrativas contrahegemonicas e esse movimento é vigiado de perto. Há ainda essa afirmação do universal e do singular, da identidade cultural nacional e das tentativas de criar uma cultura negra conectando movimentos africanos e afrodiáspóricos. No entanto, sempre há a problemática de Fanon atuar em uma revolução africana no Magreb arabizado e islâmico. Ele trabalhou em seus textos, em suas ações práticas na diplomacia na tentativa de articular a unidade africana suprimindo a grande contradição entre o pan-arabismo e pan-africanismo em prol da unidade africana.

No capítulo V – *Guerra Colonial e Distúrbios Mentais* – Fanon (2010) analisa as sociopatologias geradas pelo colonialismo, tema que desenvolve desde o seu artigo *O “Síndrome Norte-Africano”* (FANON, 1980, p. 7-20) na revista *Esprit*, e que aprofundou no capítulo sobre medicina de *L’An V de la révolution algérienne* (FANON, 1976). A aniquilação da consciência do torturado, dos sobreviventes a massacres, daqueles que participaram como elos da cadeia de violência. Também são analisadas as técnicas de lavagem cerebral de prisioneiros argelinos, onde são obrigados a interpretar papéis antinacionalistas. Torturadores também consultaram com Fanon, na época que ele clinicava em Blida: policiais que batiam nas suas esposas e filhos, outros tinham alucinações, ouviam gritos de suas antigas vítimas, pediam para que os tratassem e pudessem torturar sem remorso, diluindo a sua culpa. A crítica do racismo pseudocientífico e suas ideias sobre a inferioridade biológica e mental dos africanos, mais uma vez é reforçada por Fanon, que analisa as “teorias” do professor Porot expostas no Congresso dos Alienistas e Neurologistas que ocorreu na cidade de Bruxelas em 1935 e do doutor Carothers que via o africano como um *européu lobotomizado*. “[...]Segundo o doutor Carothers, a semelhança existente entre um indivíduo africano normal e o lobotomizado europeu é impressionante.[...]” (FANON, 2010, p. 349).

Em nota de rodapé, que lembra alguns pontos do artigo *A Argélia perante os torcionários franceses* (FANON, 1980, p. 71-79; EM, 1962, v. 1, p.133-136), Fanon (2010, p.289) menciona a sua polêmica introdução de *L’An V de la révolution*

algérienne e novamente acusa o egocentrismo francês, por se importar com a tortura, mais pelo mal que ela causa aos jovens soldados franceses, do que aos torturados argelinos:

Na introdução não publicada nas duas primeiras edições de *L'An V de la révolution algérienne*, já assinalávamos que toda uma geração de argelinos, imersa no homicídio gratuito e coletivo com as conseqüências que isso acarreta, seria a herança humana da França na Argélia. Os homens franceses que condenam a tortura na Argélia adotam constantemente um ponto de vista estritamente francês. Isso não é uma acusação, é uma constatação: quer-se proteger a consciência dos torturadores atuais e em potência, e tenta-se evitar a decadência moral da juventude francesa. Quanto a nós, só podemos concordar com essa posição. [...]

A conclusão de Fanon é uma crítica ao humanismo eurocêntrico, que desde a tentativa haitiana de efetivá-lo, logo após a Revolução Francesa, soa como uma ladainha hipócrita, mutilada e desumanizadora. Na conclusão, Fanon (2010, p.361) afirma que: “[...]. É preciso sair da grande noite em que fomos mergulhados. O novo dia que já se levanta deve encontrar-nos firmes, prudentes e resolutos.”. É a conclusão não só de uma obra, mas o apelo final do intelectual mais importante do pensamento anticolonial africano e afrodiáspórico, do militante combatente que até os últimos momentos, pensava na emancipação dos famélicos da Terra, na realização da potencialidade absoluta do ser humano total .

É preciso abandonar nossos sonhos, deixar nossas velhas crenças e nossas amizades antes da vida. Não percamos tempo com estéreis litâneas ou mimetismos nauseabundos. Deixemos essa Europa que fala sem parar do homem e ao mesmo tempo o massacra em todos os lugares em que o encontra, em todas as esquinas de suas próprias ruas, em todos os cantos do mundo.

Há séculos a Europa deteve a progressão de outros homens e os subjugou aos seus desígnios e à sua glória; há séculos, em nome de uma suposta “aventura espiritual”, ela estrangula a quase totalidade da humanidade. Olhem como hoje ela oscila entre a desintegração atômica e a desintegração espiritual. (FANON, 2010, p. 361).

Apesar de alguns europeus terem apontado as contradições do pseudouniversalismo da aventura do espírito europeu, os trabalhadores da Europa em geral, apoiaram a desumanização empreendida: participaram e se beneficiaram em termos de exportação da luta de classes das metrópoles para as colônias. “Quando procuro o homem na técnica e no estilo europeu, vejo uma sucessão de negações do homem, uma avalanche de assassinatos.” (FANON, 2010, p. 362). A acumulação primitiva de capital é fruto do colonialismo e do escravismo, que são elementos fundantes da modernidade capitalista.

Criar o novo, é a tônica das palavras finais de Frantz Fanon:

Decidamos não imitar a Europa e orientemos os nossos cérebros e músculos para uma direção nova, Tentemos inventar o homem total que a Europa foi incapaz de fazer triunfar.

Há dois séculos, uma ex-colônia européia resolveu alcançar a Europa. Ela conseguiu tão bem que os Estados Unidos da América se tornaram um monstro, em que as taras, as doenças e a inumanidade da Europa atingiram dimensões pavorosas.

Camaradas, não temos outra coisa a fazer senão criar uma terceira Europa? O Ocidente quis ser uma aventura do Espírito. Foi em nome do Espírito, do espírito europeu, entenda-se, que a Europa justificou os seus crimes e legitimou a escravidão na qual ela manteve quatro quintos da humanidade.” (FANON, 2010, p. 363).

A possibilidade do novo, emerge da realização de um movimento de superação dialética, ou seja, supra-sunção do caráter pseudouniversal do humanismo europeu: “[...] Retomemos a questão da realidade cerebral de toda a humanidade, cujas conexões é preciso multiplicar, cujas redes é preciso diversificar, cujas mensagens é preciso reumanizar.” (FANON, 2010, p. 364). Para alcançar esse objetivo é preciso inventar, descobrir, criar algo diferente da imitação do modelo europeu.

Se queremos que a humanidade avance, se queremos levá-la a um nível diferente daquele em que a Europa a manifestou, então é preciso inventar, então é preciso descobrir.

Se queremos responder à expectativa dos nossos povos, é preciso dirigir-se a outro lugar, e não à Europa.

Mais ainda, se queremos responder à expectativa dos europeus, não devemos devolver-lhes uma imagem, mesmo ideal, da sua sociedade e do seu pensamento, pelos quais ele experimentam, periodicamente, uma intensa náusea.

Para a Europa, por nós mesmos e para a humanidade, camaradas, é preciso renovar-nos, desenvolver um pensamento novo, tentar pôr em pé um homem novo. (FANON, 2010, p. 366).

Mesmo após todo a denúncia dos crimes históricos da Europa quanto aos povos do mundo, Fanon não devolve o ódio e a vingança aos europeus. O novo humanismo também leva em conta a Europa, pois é a criação de novas relações entre os povos, ele é a realização da unidade na multiplicidade, é encontro criador entre o eu e o outro, o eu e a outra, dentro de uma nova humanidade que realiza o universal e o singular concomitantemente e não a violenta “aventura” do espírito europeu elevada a uma pseudouniversalidade, sob a forma de missão civilizadora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho que percorri na construção da tese, além de todas escolhas teórico-metodológicas, foi perpassado pela busca de fontes e obras de difícil acesso, e a cada descoberta, a pesquisa abria novas possibilidades, principalmente quando obtive a reedição do *El Moudjahid* (1962), o *Écrits sur l'aliénation et la liberté* (FANON, 2015) e os artigos da revista argelina *Insaniyat*. O esforço efetivado nessa pesquisa, em termos de levantamento de fontes, obras e informações, sobre a rede intelectual argelina e o pensamento fanoniano, deixa aberto o caminho para novos estudos, pois desde o início minha perspectiva era produzir de modo aberto, com acesso a todo material que obtive. Grande parte do material e dos resultados foram disponibilizados em servidores livres. As obras raras foram copiadas e enviadas prontamente para a internet, divulgadas pelo Coletivo Fanon. Nossos servidores no telegram, possuem a obra completa de Frantz Fanon, além de artigos e materiais afins.

Ao redigir as considerações finais, fiquei imerso em minhas memórias, lembro dos momentos cruciais que me levaram a pesquisar História africana, em primeiro lugar, a leitura de um texto, indicado pela Professora Marise Failace em 1998, na disciplina de História Antiga I, intitulado *Da natureza bruta à humanidade liberada*, escrito por Joseph Ki-Zerbo¹⁷¹. Nesse texto, conheci o nome de Ibn Khaldun e fiquei impactado pela sua teoria. Algum tempo depois descobri que na biblioteca da FAPA, estava um dos volumes de sua obra *Al Muqaddimah* – traduzido como *Prolegômenos*. Recordo do dia 15 de outubro de 1998, quando estive presente no lançamento de uma edição especial da Revista Ciências & Letras¹⁷², conhecida como a “revista rosa”, devido a cor de sua capa. Grande parte das autoras e autores estavam presentes no lançamento, ainda tenho a revista com os autógrafos e dedicatórias, na verdade, agora enquanto escrevo, ela está aqui do lado do teclado, na minha mesa. O tema da edição era África Contemporânea, contendo um artigo intitulado *Argélia: o horizonte histórico da crise*, escrito pelo Professor Eduardo Munhoz Svartman (1998), foi o primeiro contato que tive com a História da Argélia.

171 Ver KI-ZERBO, Joseph. Conclusão: Da natureza bruta à humanidade liberada. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **História Geral da África I: Metodologia e Pré-História da África**. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010. p. 833-851. Atualmente, essa nova versão da coleção está muito acessível, devido à sua versão digital que é gratuita. A antiga edição foi lançada pela Editora Ática, e era muito difícil de ser adquirida. Felizmente a biblioteca da FAPA possuía em seu acervo a coleção completa.

172 Ver **Ciências & Letras**: Revista da FAPA. Porto Alegre: Edelbra, nº 21/22, nov. 1998.

A guerra da Argélia tornou-se o evento fundador de toda uma geração de intelectuais, principalmente no mundo francófono. Frantz Fanon atuou como protagonista, nesse período em que os povos africanos enfrentavam o colonialismo e criavam as bases da libertação nacional, processo que conectava as lutas na África e Ásia, mas também a América Latina e Caribe. Posteriormente, Fanon influenciou as lutas nos bolsões de colonialismo interno como nos guetos dos Estados Unidos e nas antigas metrópoles. Era um tempo de Dien Bien Phú, Bandung, de difusão de leituras heterodoxas do marxismo, de defesa da luta armada e de crença na força do campesinato, dentro de uma visão terceiro-mundista. A participação de intelectuais em congressos, conferências, reuniões, leituras de suas obras e debates internacionais, levaram a difusão e reelaboração de muitos elementos desse pensamento, criando interações entre o singular e o geral dos povos, suas realidades culturais, políticas e econômicas. Os participantes desses eventos formavam redes intelectuais, que se conectaram e possibilitaram a circulação de ideias, ligadas ao pensamento anticolonial, onde Fanon, decididamente, contribuiu para a produção intelectual periférica, sendo um dos grandes nomes da revolução africana.

Em termos de História da Argélia, analisei a guerra de libertação nacional sob a ótica de historiadores argelinos, trazendo a tona uma série de questões contraditórias, entre elas o controle das narrativas históricas, por parte da FLN. O estudo dos artigos da Revista *Insaniyat* possibilitou o acesso à historiografia argelina, e subseqüentemente, uma visão crítica da narrativa histórica nacional oficial, como também da produção francesa. Um dos pontos fundamentais, destacados nesse debate, é a importância dada para o acesso aos arquivos, buscando romper com as narrativas unilaterais.

A FLN tentava propagar uma imagem que apagava suas disputas internas, no entanto, haviam fissuras entre os que defendiam a questão militar e aqueles, como Ramdane, que acreditavam que a vitória contra o colonialismo, viria através de um processo de politização. Também havia o embate entre os chefes do interior e do exterior. Na Conferência de Soumman, em 1956, Ramdane obteve uma vitória para a tese política, defendendo também a internacionalização da luta: é nesse momento que a propaganda internacional torna-se crucial e o jornal *El Moudjahid* foi elevado como órgão oficial da FLN. O assassinato de Ramdane, a ascensão e queda de Ben

Bella, a consolidação dos militares no poder, liderados por Boumédiène, são fatos que fortalecem a importância histórica das fissuras da FLN e do GPRA.

O colonialismo francês utilizou a Argélia como laboratório para testar seu novo tipo de guerra, onde o uso de tortura para a busca de informações, esquadrões da morte, ações policiais e desaparecimento de militantes foram as técnicas mais empregadas. Adidos militares franceses ensinaram para estadunidenses e latino-americanos essas técnicas, influenciando as ações de contrainsurgência e o modo de atuação do terrorismo de estado, nas ditaduras sul-americanas. Concomitante com a circulação de técnicas do modelo francês, por outro lado, as ideias revolucionárias, modos de organização da FLN e seu apoio a exilados de ditaduras na América do Sul, assim como da Europa, como no caso dos que combatiam o salazarismo em Portugal. Muitos exilados refugiaram-se na Argélia, inclusive quadros dos Panteras Negras estadunidenses: após a Independência, Argel tornou-se um centro que congregava revolucionários, principalmente africanos, mas também de outros continentes. Aqui é possível visualizar a influência de Fanon, que até os últimos momentos de sua vida, defendeu a unidade africana efetiva.

Fanon participou da construção de um sujeito coletivo, na redação do jornal *El Moudjahid*, que era uma estrutura de sociabilidade e o núcleo de uma rede intelectual argelina, conectada com outras redes, ocorrendo a intensa circulação de ideias revolucionárias. O sujeito coletivo fora construído como experiência de produção de ideias, onde interagiram autoria e anonimato, tendo o indivíduo uma imersão nesse processo. No entanto, a imersão do indivíduo Fanon não significou a sua diluição como autor: utilizei o termo “artigo atribuído a Fanon”, pois segundo o editor do jornal, Redha Malek, os textos eram coletivamente debatidos, produzidos e revisados. Seria muito difícil saber até que ponto Fanon era o autor. Nesse sentido Fanon influenciou e foi influenciado pelo sujeito coletivo, fazendo conexões entre os artigos no suporte jornal, material escrito no “calor da hora”, com suas obras autorais e teóricas. O sujeito coletivo não podia efetivar uma criação totalmente livre, pois sua função era a produção e emissão de conteúdos, dentro do controle da organização. O movimento do sujeito coletivo era fruto de contradições, entre a criação intelectual revolucionária e a submissão aos ditames do alto comando da FLN, que empreendia uma guerra de contrainformação, buscando passar uma imagem de organização sem fissuras internas.

Através dos conceitos de africanidade, colonialismo, violência, revolução, independência e novo humanismo, foi possível estudar as conexões entre a produção de Fanon no *El Moudjahid* e suas obras teóricas, *L'an V de la Révolution Algérienne* e *Os Condenados da terra*. O movimento da rede intelectual, suas forças motrizes e motivos, foram abarcados pela construção do conteúdo dos conceitos: as ideias iterativas, os temas que tinham mais destaque, foram as bases de onde parti para produzir essa síntese. A ordem que elenquei os conceitos não é aleatória: Fanon elabora, através da africanidade do seu pensamento, uma potente crítica ao colonialismo, que tem o funcionamento de sua reprodução sóciometabólica, concretizado pela violência bruta do colonizador internalizada no colonizado, que – subsequentemente - a compreende como única resposta, única resistência possível. Dialeticamente essa violência torna-se contraviolência atingindo o colonizador e libertando o colonizado de sua alienação, pois o combate cria a possibilidade de um novo homem e uma nova mulher, cria a nação independente e desse processo emana um novo humanismo. O outro lado dessa defesa do combate como praxis que liberta o colonizado, que cria o povo, a nação e o novo humanismo, é, de certa forma, uma das contradições internas da FLN e ELN. O assassinato de Ramdane, foi um ato dos defensores das teses militares sobre a futura independência, em detrimento aos que defendiam a importância da política.

Fanon participou da produção de sentido da Revolução Argelina, vendo-a como processo-guia para a Revolução Africana, compreendeu que a unidade africana teria que superar os antagonismos entre pan-arabismo e pan-africanismo, entre o Magreb e a África sul-saariana. O pensador produziu e circulou ideias por meio de suas viagens, como representante e embaixador do GPRA, influenciou diretamente o sentido da revolução africana. Quanto ao problema da pesquisa que guiou a tese, posso afirmar: **Fanon influenciou a rede intelectual argelina e conectou-a - com sua trajetória e itinerário político, através da presença por conhecimento de suas ideias – com outras redes intelectuais na África. Mantendo o seu método, exposto em *Pele Negra Máscaras Brancas*, sua experiência no sujeito coletivo da redação do *El Moudjahid*, sua imersão na Revolução Argelina, foi a base de onde ele partiu para a escrita de suas obras teóricas, dentro das contradições entre essas e o texto imediato - jornalístico e com objetivo de propaganda e alcance limitado.**

Em *Sociología de una Revolución*, Fanon (1976) expõe a teoria das transformações sociais e culturais durante um processo revolucionário. A teoria supera o caráter imediato e diretamente militante dos textos de propaganda internacional de sua organização, supera no sentido em que se eleva a uma nova síntese, criando o novo ao mesmo tempo que mantém aspectos do velho. Na construção dessa teoria, estão elementos de continuidade e descontinuidade entre os artigos e as obras. O elemento de continuidade refere-se ao substrato histórico ligado à própria experiência de Fanon quanto à Revolução Africana, ele que protagonizou a construção de redes intelectuais, de apoio diplomático e militar. Os fatos, as datas, os personagens que aparecem no jornal são utilizados por Fanon, mas a obra autoral, não é produto direto do sujeito coletivo, ela possui influências da experiência de produzir textos em grupo e anonimamente.

O caso da introdução de *Sociología de una Revolución*, figura como o mais emblemático quanto a transição do texto imediato no suporte jornal, para o texto teórico, pois o próprio editor Maspero, tendo o aval de uma leitura de Césaire, a quem entregou o texto de Fanon, criticou duramente o caráter imediatista e político do texto. Segundo a crítica de Maspero e Césaire, havia um corte radical, um verdadeiro abismo entre a introdução e os capítulos da obra, considerados de alta densidade teórica.

Em *Os Condenados da terra* são aprofundadas as grandes teses cunhadas ao longo de sua militância anticolonialista na África, são as interfaces entre a experiência na produção coletiva e a obra individual, autoral. O fenômeno da violência e sua pervasividade na colônia, os efeitos e interações resultantes da atmosfera de violência que logo se torna contraviolência revolucionária, com a desalienação do colonizado que arrisca a própria vida no combate. Desde seu segundo artigo no *El Moudjahid, L'Indépendance de L'Algérie – Realité de Tous Les Jours* (EM, 1962, v.1, p.95-96; FANON, 2015, FANON, 2018, p. 547-548), que o pensador concebia o combate como praxis desalienante do colonizado, como ato que inaugura a construção da nação independente. Fanon retomou e radicalizou sua crítica quanto à questão da cultura e também sobre as relações entre colonialismo e patologias psiquiátricas. Esses são elementos de continuidade entre os artigos publicados anonimamente, no suporte jornal e o texto autoral, teórico, no suporte livro.

A descontinuidade está na inserção de temas que seriam impossíveis de tratar no *El Moudjahid*, pois o sujeito coletivo estava submetido, em última instância, aos poderes da alta cúpula da FLN, essa era a sua grande limitação política no que tange à criação e emissão de conteúdos. *Os Condenados da Terra* foi escrito dentro do quadro dramático de um pensador engajado que tinha os dias contados por uma doença terminal, que viu as grandes contradições da sua organização, inclusive o assassinato de seu camarada Abbane Randame, tendo seu próprio nome na lista de possíveis eliminações. Fanon, em nome da Revolução defendeu a organização, mas na sua obra derradeira, compôs uma crítica profunda e um alerta sobre o pós-independência. O culto ao líder e o regime de partido único é criticado como armas da burguesia, de regimes ditatoriais submetidos ao neocolonialismo. Direção colegiada e banimento do culto ao líder eram diretrizes da FLN¹⁷³. No entanto, a revolução democrática defendida por Fanon, desaguou em uma concepção militarista de socialismo, principalmente após a queda de Ben Bella. A FLN não era um bloco monolítico, a negação por Fanon, em seus escritos, de que não haviam contradições internas, era mais uma questão de propaganda do que o real efetivo.

Fanon realizou a superação dessas contradições em suas obras teóricas. Assim, afirmo que ao estudar sua teoria como ferramenta intelectual, não se pode esquecer qual era o principal sentido de sua produção: **o sair da grande noite**, criar uma nova sociedade, um novo ser humano, através do processo revolucionário. Mesmo que sua teoria esteja ligada a um contexto histórico específico, seu apontamentos, principalmente sobre a violência, fazem muito sentido no século XXI. Desmobilizar a pensamento de Fanon – o homem que nunca deixou de questionar - separando-a de sua atuação revolucionária, domesticando-a para fins puramente acadêmicos, significa perder a conexão da teoria com a prática social que o pensador defendeu e exerceu nas lutas de libertação africanas.

173 Como aparece no documento *La Revolution Algerienne a trois ans [:] Les principes doctrinaux et les organismes directeurs du F.L.N.* (EM, 1962, v.1, p.141-143).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

EL MOUDJAHID, volumes 1 (nos. 1–29), 2 (nos. 30–59), 3 (60–91) Belgrado: Beogradski grafički zavod, 1962. 2003p.

BIBLIOGRAFIA

AGERON, Charles. *La Guerre d'Algérie et les algériens 1954-1962*. Paris: A. Colin, Coll "Références", 1997.

A BATALHA de Argel; Direção de Gillo Pontecorvo; Produção de Yacef Saadi; Argel: Casbah Films/Igor films, 1966. 2 DVD.

ARAUJO, R. N. ; MARIN, R. . A Guerra Revolucionária: afinidades eletivas entre oficiais brasileiros e a doutrina francesa (1957-1974). In: Maria Celina D'Araujo, Samuel Alves Soares e Suzeley Kalil Mathias. (Org.). **Defesa, segurança internacional e forças armadas**. I Encontro da ABED. Campinas: mercado de letras, 2008, v. , p. 189-204 Disponível em:<http://www.academia.edu/7308730/A_guerra_revolucionaria_do_exercito_franc_es_no_Brasil> Acesso em: 23 de setembro de 2016.

ARAUJO, Rodrigo Nabuco de Araujo. A voz da Argélia. A propaganda revolucionária da Frente de Libertação Nacional argelina no Brasil. Independência nacional e revolução socialista (1954-1962). **Estud. hist. (Rio J.)**, Rio de Janeiro , v. 30, n. 61, p. 401-424, Aug. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103_21862017000200401&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07/04/2018 <http://dx.doi.org/10.1590/s2178-14942017000200006>.

AUSSARESSES, Général Paul. **Services Spéciaux**: Algérie 1955-1957. Paris: Perrin, 2001.

_____. **Je n'ai pas tout dit**: ultimes révélations au service de la France. Paris: Éditions du Rocher, 2008.

BECKET, Paul A. Algeria vs. Fanon: The Theory of Revolutionary Decolonization, and the Algerian Experience. **The Western Political Quarterly**, Vol. 26, No. 1, 1973. pp. 5-27 Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/446648>> Acesso em: 09 de março de 2017.

BENEDETTI, Darío Andrés De Benedetti. La contrainsurgenciacontemporánea. VII Jornadas de Sociología de la UNLP. Departamento de Sociología de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, La Plata, 2012. Disponível em: <<http://www.aacademica.org/000-097/228>> Acesso em: 10 agosto de 2016.

BENTAHAR, Ziad. Frantz Fanon: Travelling Psychoanalysis and Colonial Algeria. **Mosaic**. 42/3, 2009. pp. 127-140. Disponível em: <<https://www.questia.com/library/journal/1G1-207553696/frantz-fanon-travelling-psychoanalysis-and-colonial>> Acesso em 4 de setembro de 2016.

BLINDER, Caio. Lições de Argel. **Primeira Leitura**. Março de 2004. Disponível em: <http://www.primeiraleitura.com.br/html/revista/25/materias/licoes_argel/index.php>. Acesso em: 08.10.2004.

BOUAMAMA, Said. **Figures de la révolution africaine: De Kenyatta à Sankara**. Paris: La Découverte/Poche, 2017

BURAWOY, Michael. **O marxismo encontra Bourdieu**. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

CHERKI, Alice. Prefácio. FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 1a. reimpressão. Tradução de Enilce Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tábula rasa da história?** Sobre a história e os historiadores. São Paulo: Ática, 1995.

COLLINGON, René. La Psychiatrie coloniale française en Algérie et au Sénégal. **Tiers-Monde**. Tome 47, nº187, p.527-546, 2006. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/tiers_1293-8882_2006_num_47_187_5668> Acesso em: 08 de abril de 2016.

COLLOQUE El Moudjahid historique: L'épopée d'un journal clandestin. L'épopée d'un journal clandestin. **El Watan** الوطن. Argel, p. 1-2. 9 nov. 2006. Disponível em: <<http://www.djazairress.com/fr/elwatan/53541>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

CRUZ, Fábio Lucas da. **Brasileiros no exílio: Argel como local estratégico para a militância política (1965-1979)**. 2016. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-04102016-125816/>>. Acesso em: 2017-06-04.

DELMAS, Ana Carolina Galante. A circulação de ideias entre Argélia e Brasil: relações político-culturais nas páginas do El Moudjahid. **Entre o global e o local**. Anais do XVII Encontro de História da Anpuh-Rio, Nova Iguaçu, UFRJ, 2016.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. La Circulación de las ideas y la inserción de los científicos económico-sociales chilenos em las redes conosureñas durante los largos 1960. **Historia**. No. 37, vol. II Instituto de Historia, Pontificia Universidad Católica de Chile, julho-dezembro, 2004, p. 337-366. Disponível em: <<http://clacso.redalyc.org/articulo.oa?id=33437203>> Acesso em: 17 de abril de 2017.

_____. **O Pensamento Africano Sul-Saariano**. Conexões e paralelos com o pensamento Latino-Americano e o Asiático (um Esquema). Brasil, São Paulo,

Clacso - EDUCAM, Septiembre de 2008. Disponível em <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/coedicion/valdes/>> Acesso em: 8 de maio de 2015.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. La Circulación de Ideas en El Mundo Periférico:: algunas presencias, influencias y reelaboraciones del pensamiento latinoamericano en África. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 18, p.88-98, 18 dez. 2003.

DJERBAL, Daho. La question démocratique dans le Mouvement national (1945-1962). **Insaniyat/إنسانيات**. Revue algérienne d'anthropologie et de sciences sociales. 2004. Disponível em: <<http://insaniyat.revues.org/6366>> Acesso em: 25 de outubro de 2016.

DÖPCKE, Wolfgang. A vida longa das linhas retas: cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Ano 42, nº1, p. 78-108, 1999.

DUARTE-PLON, Leneide. **A Tortura como arma de Guerra** - Da Argélia ao Brasil: Como os militares franceses exportaram os esquadrões da morte e o terrorismo de Estado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2016.

FANON, Frantz. **Sociologia de una Revolución**. Tradução de Víctor Flores Olea. 3a ed. México D.F.: Ediciones ERA S.A., 1976.

_____. **Em defesa da Revolução Africana**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980.

_____. O "síndrome norte-africano". **Em defesa da Revolução Africana**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980. p. 7-20.

_____. **Os Condenados da Terra**. 1a. reimpressão. Tradução de Enilce Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

_____. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. **Écrits sur l'aliénation et la liberté**. Œuvres II Textes réunis, introduits et présentés par Jean Khalfa et Robert JC Young. Paris: La Découverte, 2015. e-book

_____. **Alienation and Freedom**. Edited by Jean Khalfa and Robert J.C. Young. Tradução de Steven Corcoran. London: Bloomsbury Academic, 2018.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Por que Fanon? Por que agora?::** Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. 2015. 260 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7123>>. Acesso em: 20 dez. 2106.

_____. Frantz Fanon: Um revolucionário, particularmente negro. São Paulo:

Ciclo Contínuo Editorial, 2018. 142 p.

FERRO, Marc. **História das Colonizações: Das Conquistas às Independências. Século XIII a XX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FITTE, Albert. **Spectroscopie d'une propagande révolutionnaire.** El Moudjahid du FLN des temps de guerre. Montpellier: Presses Université Paul Valéry, 1973.

GADANT, Monique. **Islam et nationalisme en Algérie, d'après El Moudjahid, organe central du FLN, de 1956 à 1962.** Paris: Harmattan, 1988.

GALULA, David. **Pacification in Algeria.** 1956-1958. Santa Monica: Rand Corporation, 1963. Disponível em <<http://www.rand.org/pubs/monographs/MG478-1.html>> Acesso em: 03 de outubro de 2016.

GALULA, David. **Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice.** New York: Frederick A. Praeger Inc., 1964.

GILBERT, Meynier. **Histoire intérieure du FLN, 1954-1962.** Paris: Fayard, 2002.

GORDON, Lewis. **What Fanon Said: a philosophical introduction to his life and thought.** New York: Fordham University Press, 2015.

HALLWARD, Peter. Fanon and Political Will. **Cosmos and History: The Journal of Natural and Social Philosophy**, vol. 7, no. 1, 2011, pp. 104-127.

KHALFA, Jean. Introduction. Part III – Political Writings. In: FANON, Frantz. **Alienation and Freedom.** Edited by Jean Khalfa and Robert J.C. Young. Tradução de Steven Corcoran. London: Bloomsbury Academic, 2018.

LACHERAF, Mostefa. **L'Algérie: nation et société.** Paris: François Maspero, 1974.

LIMA, Jefferson Cavalcanti. **Vivências e Olhares: o colonialismo e as lutas de libertação da Argélia na construção de Frantz Fanon e Pierre Bourdieu.** 2015. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/40952/R%20-%20D%20-%20JEFFERSON%20CAVALCANTI%20LIMA.pdf?sequence=2>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

LIPPOLD, W. G. R. "O pensamento anticolonial de Frantz Fanon e a Guerra de Independência da Argélia". **Monographia**, Porto Alegre, n. 1, 2005.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. PINSKY, Carla B. (org.) **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

MACEY, David. **Frantz Fanon: a biography.** 2a. ed. London/New York: Verso, 2012.

MAKEDHI, Madjid. Colloque international sur le journal El Moudjahid: Une mémoire de la Révolution âgée de 50 ans. **El Watan** الوطن. Argel, p. 1-2. 18 dez. 2006. Disponível em: <<http://www.djazairess.com/fr/elwatan/56580>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

MAO. Obras Escolhidas de Mao Tsetung, Tomo I, pág: 295-430. Edições em Línguas Estrangeiras, Pequim, 1975.

MASPERO, François. Hommages à Frantz Fanon. Paris, vol. XL, Éditions Présence africaine, 1962. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-presence-africaine-1962-1-page-118.htm>>. Acesso em: 03/05/2019.

MBEMBE, Achille. La colonie: son petit secret et sa part maudite. **Politique africaine**, N° 102, 2006 p. 101-127. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-politique-africaine-2006-2-page-101.htm>> Acesso em: 06/03/2017.

_____, Achille. De la scène coloniale chez Frantz Fanon. **Rue Descartes**, n° 58, 2007. p. 37-55.

_____. Achille. **Necropolítica seguido de El Gobierno Privado Indirecto**. Madri: Melusina, 2011.

_____. **Crítica da Razão Negra**. Tradução Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado Precedido do Retrato do Colonizador**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ORTIZ, Renato. Frantz Fanon: um itinerário político e intelectual. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 4, n. 2, jul-dez 2014, pp. 425-442. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/241/115>> Acesso em: 16 de agosto de 2017.

PADRÓS, Enrique Serra. **Como el Uruguay no hay...** Terror de Estado e Segurança Nacional Uruguai (1968-1985): do Pachecato à Ditadura Civil-Militar. Porto Alegre: tese de doutorado, UFRGS, 2005.

PLANCHE, Jean-Louis. **El Moudjahid du temps de guerre, point aveugle de la recherche historique française**. Communication au colloque El Moudjahid Historique, organisé sous l'égide de la Présidence de la République, Alger 18 19 novembre 2006.

POERNER, Arthur José. **Argélia: O Caminho da Independência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

QUEIROZ, Ivo Pereira de. **Fanon, o reconhecimento do negro e o novo humanismo: horizontes descoloniais da tecnologia**. 2015. 221 f. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Tecnologia,

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/492>> Acesso em: 18 de agosto de 2017.

REMAOUN, Hassan. Enseignement de l'histoire et conscience nationale. **Eté**. nº 11, p. 22-32, 1994.

_____. Présentation. *Insaniyat / إنسانيات* [Online], No.25-26, 2004a. Disponível em: <<http://insaniyat.revues.org/6600>> Acesso em: 01 de março de 2017.

_____. Quelques ouvrages récents sur la Guerre de libération et la période antérieure (publiés en Algérie et en France). *Insaniyat / إنسانيات* [Online], No.25-26, 2004b. Disponível em: <<http://insaniyat.revues.org/6603>> Acesso em: 01 de março de 2017.

_____. Note bibliographique sur la production éditoriale en France relative à la Guerre de libération nationale. *Insaniyat / إنسانيات* [Online], No.25-26, 2004c. Disponível em: <<http://insaniyat.revues.org/6602>> Acesso em: 10 de março de 2017.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.). La guerre d'Algérie et les intellectuels français. **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**. 47e année, N. 4-5, 1992.

ROBIN, Marie Monique . **Escadrons de la mort: L'école française**. Paris, 2004.

SARTRE, Jean Paul. O colonialismo é um sistema. *Les Temps Moderns*, nº 123, março-abril de 1956. IN: **Colonialismo e Neocolonialismo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

_____. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo: Ática, 1994.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.) *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

STANTON, Andrea L. The Changing face of El Moudjahid during the Algerian War of Independence. **The Journal of North American Studies**. Vol. 16, No. 1, March 2011, p. 59-76

STORA, Benjamin. L'Histoire de l'Algérie, sources, problèmes, écritures. *Insaniyat / إنسانيات* [En ligne], 25-26 | 2004. Disponível em: <<http://insaniyat.revues.org/6476>> Acesso em: 20 de maio de 2017.

_____. La vie de Frantz Fanon et la guerre d'indépendance algérienne. **Penser aujourd'hui à partir de Frantz Fanon**. Actes du colloque Fanon, 30 novembre - 1er décembre 2007, Unesco - Paris 1 - Paris 7 - Paris 8 - Fondation Frantz Fanon, Éditions en ligne, CSRP / Université Paris Diderot - Paris 7, 2008. Disponível em: <<http://www.csprp.univ-paris-diderot.fr/Penser-aujourd-hui-a-partir-de>> Acesso em: 4 de maio de 2017.

SVARTMAN, Eduardo Munhoz. Argélia: o horizonte histórico da crise. **Ciências &**

Letras: Revista da FAPA, Porto Alegre, n. 21/22, p.227-239, nov. 1998.

TENGOUR, Ouanassa Siari; SOUFI, «Les Algériens écrivent, enfin, leur guerre», *Insaniyat* / إنسانيات [Online], No. 25-26, 2004, Disponível em: <<http://insaniyat.revues.org/6600>> Acesso em: 10 de março de 2017.

TRINQUIER, Roger. **La Guerra Moderna**. Buenos Aires: Rioplatense, 1976.

YOUNG, Robert C.J. Key Dates of Fanon's chronology. FANON, Frantz. Alienation and Freedom. Edited by Jean Khalifa and Robert J.C. Young. Tradução de Steven Corcoran. London: Bloomsbury Academic, 2018. p. 779-783).

APÊNDICE A
TABELA DE ARTIGOS ATRIBUÍDOS A FANON NO EL MOUDJAHID

Título do artigo	Número do El Moudjahid	Data	Obra onde foi publicado	Conceitos	Reedição do El Moudjahid	LISTA (Josie Fanon = JF; Redha Malek = RM Giovanni Pirelli = GP. Pirelli marcou alguns textos com ?) (FANON, 2015; FANON, 2018)
La Légion étrangère démoralisée (The demoralized Foreign Legion)	8	5/08/1957	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom	Colonialismo; Violência.	Volume I, p. 93-95	JF ; GP?
L'Indépendance de L'Algérie – realité de tous les jours (Algeria's independence: An everyday reality)	8	5/08/1957	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom	Violência; Novo humanismo; Revolução; Independência.	Volume I, p.95-96	JF ; GP?
L'indépendance nationale, seule issue possible (National independence: The only possible outcome)	10	09/1957	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom	Independência; Revolução.	Volume I, p.120-122	JF ; GP
Déceptions et illusions du colonialisme (Decepções e ilusões do colonialismo francês)	10	09/1957	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Colonialismo.	Volume I, p.122-124	JF
L'Algérie Face aux Tortionnaires Français (A Argélia perante os torcionários franceses)	10	09/1957	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Violência; Colonialismo.	Volume I, p.133-136	JF
L'Algérie et la crise française (Algeria and the French Crisis)	11	1/11/1957	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom	Colonialismo.	Volume I, p.151- 152	JF; GP
Le conflit algérien et l'anticolonialisme africain (The Algerian Conflict and the African anticolonialism)	11	1/11/1957	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom	Africanidade.	Volume I, p.154-156	JF. GP; RM
Une révolution démocratique (A democratic revolution)	12	15/11/1957	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom	Revolução; Independência; Novo Humanismo Violência; Colonialismo.	Volume I, p.162-164	JF; GP ?

Encore une fois – pourquoi le préalable (Once again: The reason of precondition)	12	15/11/1957	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom	Colonialismo; Violência; Revolução.	Volume I, p.165-166	JF; RM
A propos d'un plaidoyer (A propósito de uma defesa)	12	15/11/1957	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Novo humanismo.	Volume I, p.169-170	JF
Les intellectuels et les democrates français devant la Revolution Algerienne (Os intelectuais e os democratas franceses perante a Revolução Argelina).	13	1/12/1957	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Colonialismo; Revolução; Violência; Independência.	Volume I, p.199-200	JF
	14	15/12/1957			Volume I, p.230-231	
	15	1/01/1958			Volume I, p.249-251	
La conscience révolutionnaire algérienne (Algerian revolutionary consciousness)	14	15/12/1957	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom	Revolução; Independência.	Volume I, p.213-215	JF; GP
Aux Antilles, naissance d'une nation? (Nas antilhas, nascimento de uma nação?; In the Caribbean, birth of a nation?)	16	15/01/1958	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido) <i>Alienation and Freedom.</i> O artigo foi suprimido da tradução inglesa de Pour la revolution Africaine, por isso foi inserido na tradução inglesa de Écrits sur l'aliénation et la liberté.	Independência.	Volume I, p.283-285	JF
Le sang maghrebin ne coulera pas en vain (O sangue do Maghreb não correrá em vão)	18	15/02/1958	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Violência; Colonialismo.	Volume I, p.318-319	JF
Strategie d'une armee aux abois (The strategy of the an army with its back to the wall)	19	28/02/1958	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom	Violência; Colonialismo.	Volume I, p.351-352	JF; GP?
Les rescapés du no man's land accusent (The survivors of no man's land)	20	15/03/1958	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom Com título modificado: Les rescapés du no man's land ver edição inglesa	Violência; Colonialismo.	Volume I, p.371-372	JF; GP ?
La farce qui change de camp (A farsa que muda de campo)	21	1/04/1958	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Violência; Colonialismo.	Volume I, p.391-392	JF

Le testament d'un "Homme de gauche" (Testament of a "man of the left)	21	1/04/1958	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom	Colonialismo.	Volume I, p.401-402	JF
Decolonisation et Independance (Descolonização e Independência)	22	16/04/1958	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Independência; Revolução; Violência; Novo Humanismo.	Volume I, p.414-416	JF
Une crise continuee (Uma crise contínua)	23	5/05/1958	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Colonialismo.	Volume I, p.453-455	JF
Logique de L'ultra-colonialisme (Ultracolonialism's rationale)	24	29/05/1958	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom	Colonialismo; Violência.	Volume I, p.462-464	JF
Lettre a la jeunesse africaine (Carta à juventude africana)	24	29/05/1958	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Africanidade; Revolução; Independência.	Volume I, p.478-479	JF
Le monde occidental et l'expérience fasciste en France (The western world and the fascist experience in France)	25	13/06/1958	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom	Colonialismo.	Volume I, p.488-489	RM
Verites premieres a propos du probleme colonial (Verdades primeiras a propósito do problema colonial)	27	22/07/1958	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Colonialismo; Novo Humanismo; Revolução; Independência.	Volume I, p.537-539	JF
Les Illusions gaullistes (Gaullist illusions)	28	22/08/1958	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom	Colonialismo.	Volume I, p.554-556	JF
La Leçon de Cotonou(A lição de Cotonou)	28	22/08/1958	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Independência;Africanidade; Revolução; Violência.	Volume I, p. 564-565	JF
Appel aux africains (Apelo aos africanos)	29	17/09/1958	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Africanidade; Independência.	Volume I, p.588	JF
Les Lendemains d'un pebiscite (Consequências de um plebiscito em África)	30	10/10/1958	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido) Título modificado.	Colonialismo; Africanidade; Independência;	Volume II, p.16-18	JF
Le calvaire d'un peuple (The calvary of a people)	31	1/11/1958	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom	Colonialismo; Violência	Volume II, p.38-40	JF; RM

La Guerre D'Algerie et las liberation des hommes (A guerra da Argélia e a libertação dos homens)	31	1/11/1958	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Africanidade; Revolução.	Volume II, p.48-49	JF
L'essor du mouvement anti-impérialiste et les attardés de la "pacification" (The rising anti-imperialist movement and the slow-wits of pacification)	34	24/12/1958	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom Modificado o título, suprimidas as aspas de "pacification" na edição francesa e tradução inglesa.	Independência; Africanidade; Revolução.	Volume II, p.105-106	JF
L'Algerie a Accra (A Argélia em Accra)	34	24/12/1958	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Africanidade.	Volume II, p.111-112	JF
Accra: L'Afrique affirme son unite et definit sa strategie (Accra: A África afirma sua unidade e define a sua estratégia)	34	24/12/1958	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Africanidade; Revolução; Violência; Independência.	Volume II, p.112-113	JF
Le combat solidaire des pays africains (African countries and their solidary combat)	34	24/12/1958	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom	Africanidade; Violência; Independência; Revolução.	Volume II, p.114-115	Assinado como Dr. Fanon
Les tentatives desesperées de M. Debre (As tentativas desesperadas de Debré)	37	25/02/1959	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Colonialismo.	Volume II, p.167-169	JF
Fureur raciste en France (Furor racista em França)	42	25/05/1959	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Colonialismo; Violência.	Volume II, p.276-277	JF
Écoute homme blanc !, de Richard Wright (<i>Richard Wright's, White Man, Listen!</i>)	47	03/10/1959	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom	?	Volume II, p.393-394	Alice Cherki atribuiu esta resenha a Fanon.
Unite et solidarite effective sont les conditions de la Liberation Africaine (Unidade e solidariedade efectiva são as condições da libertação africana)	58	05/01/1960	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Africanidade; Independência; Revolução.	Volume II, p.614-615	JF
O sangue corre nas Antilhas sob dominação francesa	58	05/01/1960	Em Defesa da Revolução Africana (traduzido)	Violência; Colonialismo.	Volume II, p.616-617	JF
"La Paix Mondiale passe par l'Independence Nationale" declare le delegue algerien a Conakry (At Conakry, he declares: 'Global peace goes via	63	25/04/1960	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom Mudou o título do artigo para À Conakry,	Independência; Africanidade; Colonialismo; Violência.	Volume III, p.61	Discurso proferido por Fanon no dia 12/04/1960 na

national independence')			il déclare: "La paix mondiale passe par l'indépendance nationale".			Conferência de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos, como delegado argelino, em Conakry.
L'Afrique accuse L'Occident (Africa accuses the west)	78	23/02/1961	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom	Colonialismo; Violência; Independência; Africanidade.	Volume III, p.417-418	JF; GP
L'odieux Assassinat de Patrice Lumumba (Patrice Lumumba's odious assassination)	78	23/02/1961	Écrits sur l'aliénation et la liberté / Alienation and Freedom Incluído como subtítulo do artigo anterior, na edição francesa e tradução inglesa.	Colonialismo; Violência; Independência; Africanidade.	Volume III, p.418-419	JF; GP

OUTROS TEXTOS REFERENTES A FANON EL MOUDJAHID:

Título do texto	Número do El Moudjahid	Data	Obra onde foi publicado	Informações	Reedição do El Moudjahid
Culture Nationale et Guerre de Liberation	39	10/04/1959	Condenados da Terra (FANON, 2010). Título modificado para Fundamentos recíprocos da cultura nacional e das lutas de libertação	Artigo ilustrado com uma foto do Doutor Fanon, descrita em nota de rodapé.	Volume II, p.220-222
La Famille Algérienne dans la Revolution	53-54	1/11/1959	Sociologia de uma Revolução (1976)		Volume II, p. 543-545
Jeunes filles et femmes algeriennes dans la revolution	55	16/11/1959	Sociologia de uma Revolução (1976)	Artigo ilustrado com uma foto descrita em nota de rodapé: "Article illustré par une photo représentant des éléments sanitaires de l'A.L.N. soignant la population algérienne."	Volume II, p.559-561
Frantz Fanon, notre frère	88	21/12/1961	-	Título na capa. Artigo acompanhado de um foto do Doutor	Volume III, p. 646-647

				Frantz Fanon, descrita em nota de rodapé.	
"En terre algérienne..."	88	21/12/1961	-	A chegada do corpo de Fanon na Argélia e o discurso do vice-presidente Belkacem Krim homenageando Fanon.	Volume III, p. 647-648
Les Damnés de la Terre	88	21/12/1961	Os Condenados da terra (2010)	Pequena introdução sobre a obra e trechos resenhados. No fim indicação que continua.	Volume III, p.649-651
Les Damnés de la Terre	89	16/01/1962	Os Condenados da terra (2010)	Continuação da publicação com extratos da obra de Fanon.	Volume III, p. 671-673

Le nouveau « préalable »

Il y a un an, le gouvernement français déclenchait une campagne effrénée sur le préalable égyptien et préparait son opinion à l'agression de Suez.

Ce préalable constituait le seul remède qui, à l'époque, pouvait permettre au gouvernement français de manquer son échec en Algérie et de cacher les déboires d'une guerre, en prenant l'initiative d'une autre.

Alors que le désastre de cette aventure sanglante n'est pas encore oublié, les farouches de cette politique insensée, broadissent aujourd'hui un nouveau préalable.

CETTE fois, c'est l'Afrique du Nord dans son ensemble qui est menacée, c'est la souveraineté du Maroc et de la Tunisie qui est mise en question.

Au cours d'une conférence de presse qu'il a tenue le 24 août à Orléans, le ministre français de la Défense nationale, faisait état de l'attitude inamicale du Maroc et de la Tunisie qui fournissent aide et refuge aux combattants algériens, rendent un prétendu « droit de visite » qui permettrait à la France de lutter plus efficacement contre les groupes frontaliers de l'A.L.N.

C'est là un aveu d'impuissance radicale.

La « pacification » enregistrée au Maroc sur échec et confine au désastre.

Les déclarations optimistes réitérées qui en annoncent le progrès et la fin imminente n'ont plus d'effet sur personne. Après trois années d'efforts acharnés, les responsables de la « pacification » retournent d'Algérie les mains vides et sanglantes.

L'opinion française qui leur demande des comptes, à l'opinion internationale qui ne peut plus tolérer leurs agissements criminels. Ils se sont réduits à expliquer les « lenteurs » de la « pacification » par le soutien accordé aux Algériens par le Maroc et la Tunisie.

Le gouvernement français multiplie en conséquence les pressions sur les deux jeunes États, recourt au chantage économique, menace d'intervention militaire et de mettre en péril leur souveraineté.

EST-IL besoin de souligner qu'une telle conduite, loin d'apporter le moindre allègement aux difficultés insurmontables de la France en Algérie, ne peut qu'aggraver la tension qui règne en Afrique du Nord et favoriser l'extension du conflit ?

Elle ne change en rien la situation en Algérie. La Révolution algérienne est l'œuvre du peuple algérien ; elle incarne sa volonté, et représente la somme incalculable des sacrifices qu'il consent pour se libérer des chaînes de l'esclavage. L'A.L.N. est à l'avant sur le territoire national, à l'intérieur des frontières. Elle trouve sur place, dans le peuple, le soutien qui lui est indispensable. C'est dans les zones libérées, et parfois au sein même du dispositif ennemi, que se trouvent ses Q.G. et ses arsenaux, que fonctionnent ses services de logistique et les camps d'entraînement. Ses armes et ses munitions, elle les prend sur les champs de bataille au cours des embuscades et des aérologes et à la faveur des attaques des postes ennemis. La Révolution algérienne s'enracine essentiellement dans le sol national. Si la France veut en venir à bout, c'est en Algérie qu'elle doit y faire face. En cherchant les causes déterminantes ailleurs, c'est fuir les véritables problèmes, et reconnaître son échec.

QUE la solidarité des peuples marocain et tunisien soit plénière, il n'y a là rien de plus naturel et de plus nécessaire. Aucune force au monde ne pourra le rompre ni même l'affaiblir.

Il y a un manque de tact et une incoscience étonnante à vouloir séparer des pays que le destin a liés, et à exiger de l'un d'eux d'être neutre alors que l'autre se trouve engagé dans une lutte sans merci.

Qu'elle fasse, la France ne pourra jamais résoudre dans le sens qu'elle voudrait la contradiction de sa politique nord-africaine.

Non seulement elle n'arrive pas à fausser le jeu de la solidarité maghrébine, mais encore, celle-ci, spontanément, joue de plus en plus, plus contre elle.

QUE les gouvernements français en prennent leur part ; si la guerre d'Algérie est appelée à durer encore, ce n'est pas la France qui portera la guerre au Maroc et en Tunisie, mais ce sont les peuples marocain et tunisien qui se jetteront dans le conflit pour liquider définitivement la chance de l'impérialisme français en Afrique du Nord.

Le peuple marocain réagira violemment si le colonialisme français (Suite page 7)

LA RÉVOLUTION PAR LE PEUPLE. ET POUR LE PEUPLE

EL MOUDJAHID

Organe Central du Front de Libération Nationale Algérienne

Numéro 10 - Sept. 1957 - 1401^{ème} JOUR DE LA RÉVOLUTION ALGÉRIENNE - Prix 30 fr

L'indépendance nationale, seule issue possible

Le terme d'indépendance à lui seul suffit à dresser contre nous l'unanimité des Français. S'il a le don de plonger dans une rage sourde les impérialistes, il ne marque pas d'enthousiasme chez les hommes de gauche dont les réactions chauvines sont devenues incontrôlables.

L'opinion française ne nous pardonne pas de revendiquer avec tant de conviction la souveraineté pleine et entière de notre pays. Elle nous taxe d'infantilisme et nous reproche cette passion fétichiste qui nous rendrait esclaves d'un mot.

En proie à une poussée nationaliste, cette même opinion n'hésite pas à mettre en question l'idée d'indépendance nationale en général. Le concept serait dénué et ne correspondrait plus aux exigences de notre époque où prévalent les grands ensembles politiques, au détriment des petites puissances.

Elle ne voit pas l'opportunité de l'indépendance qui ne serait plus une promotion, mais une régression pour l'Algérie située aux portes de l'Europe et ayant encore tout à gagner en restant dans le giron de la France.

UN OBJECTIF FONDAMENTAL ET NON UNE REVENDICATION TACTIQUE

On s'est emparé en France du problème algérien pour en abstraire les données et le poser en termes inamalgamables.

Une multiplicité de solutions, souvent contradictoires, toujours illusoire, ont été présentées. Dans ce foisonnement de projets, la solution valable, la seule qui importe pour la paix, c'est-à-dire l'indépendance de l'Algérie, n'est envisagée que pour être systématiquement écartée.

Il se dégage de toutes les controverses et discussions qui se sont instaurées entre les responsables français, qu'elle est une solution injustifiée et même toute arbitraire.

En la réclamant, les Algériens manifestent une position extrémiste et essentiellement passionnelle. La France ne serait pas obligée d'y souscrire et ne se laisserait pas entraîner dans cette surenchère. D'ailleurs, il y a des Algériens raisonnables, qui pensent tout bonnement que la revendication de l'indépendance n'est qu'une position de façade, un artifice de propagande, la réalité étant toute différente. En attendant que ces

Son erreur est de réduire à une revendication tactique ce qui est posé d'emblée comme un objectif fondamental de la Révolution.

Elle montre l'incapacité de la France d'appréhender dans ses données véritables, le problème algérien, comme la solution qu'il réclame. Ce problème ne peut être abstrait du contexte révolutionnaire dans lequel il s'insère constamment.



NOUS DEFILERONS A ALGER

« modérés » puissent élever leur voix et tout poursuivre la guerre. Le soutien du peuple algérien, en permettant à une phase de négociation, où la France en position de force, imposerait le statut « libéral » qui enlèverait l'adhésion d'une fraction substantielle de l'opinion algérienne, sinon de son unanimité.

Une telle conception est évidemment erronée ; elle exprime des désirs et des vœux, mais elle ne correspond pas à l'essence même qui anime le F.L.N.

ment depuis le 1^{er} Novembre 1954, et la solution qu'il exige ne saurait être trouvée en dehors des limites de ce texte.

Le peuple algérien pense que son pays avec la France en termes d'appétit irréductible entre ses intérêts et ceux de la présence coloniale.

Il ne s'agit pas pour lui d'obtenir du colonialisme qu'il se réforme, qu'il se montre moins cruel et moins libéral, qu'il désarme son égoïsme. Le système est condamné en bloc, et sa chute ne peut être consommée véritablement que par l'avènement de l'indépendance. Récemment et précisément au point de vue du F.L.N. l'a répondu en Novembre 1954 l'indépendance, dès cette date, était considérée comme une revendication limitée au lieu de laquelle aucun arrangement ne pouvait intervenir entre le peuple algérien et la France. (Suite page 2)

Déceptions et illusions du colonialisme français

Depuis vingt ans les peuples coloniaux désolent la domination étrangère et prennent pied sur la scène internationale. Les uns après les autres et à des allures différentes, les vieilles métropoles se retirent de leurs possessions. Si les expéditions coloniales obéissent à un schéma donné et connu — nécessité de faire régner l'ordre chez les barbares, protection des concessions et intérêts des pays européens, apport généreux de la civilisation occidentale —, on n'a pas suffisamment montré le stéréotype des moyens utilisés par les métropoles pour s'accrocher à leurs colonies.

La guerre franco-algérienne, par ses proportions et par son acuité, permet de voir en gros plan, à cause même de leur échec successif, les tentatives faites par la France pour maintenir sa domination.

L'IMPOSSIBLE COLLABORATION

La première tactique des pays colonialistes consista à s'appuyer sur les collaborateurs officiels et les leaders des Algériens, qu'une série de commissions désignées particulièrement, sont regroupées et pifés du condamner systématiquement. « ce mouvement séditionnaire qui trouble le paix de la cité ». En 1954 et au cours des premiers mois de 1955, la France procéda au recrutement et à la mobilisation de ses fidèles

et locaux serviteurs. Déclarations, condamnations, coups à la sagesse sont rédigés, publiés au fus à la radio.

Les autorités colonialistes attendent avec confiance, puis avec anxiété, enfin sans espoir les résultats de ces manœuvres. Sollicités à nouveau, les serviteurs prennent l'habitude jusqu'aux incertitudes de décliner les invitations, fuient les mises en scène officielles et adoptent souvent un vocabulaire nouveau.

C'est que l'engagement révolutionnaire se révèle de plus en plus fatal

et les collaborateurs ont conscience du gigantesque réveil d'un peuple en armes.

L'ARGUMENT ECONOMIQUE

Devant la défection d'hommes qu'elle avait pourtant utilisés et désignés aux yeux du peuple algérien et devant l'hostilité active des élites, les autorités françaises lancent la deuxième opération.

Elle se ramène fondamentalement à couper la population, prétenduement

incapable d'appréhender la signification réelle du combat libérateur, la France, dans un premier temps, reconnaît l'existence d'un problème qu'elle déclare économique et social. Dans l'espoir de faire taire la voix de la dignité nationale, elle s'engage solennellement à combattre la misère et à régler les problèmes du logement. Les relations sont symboliquement argumentées et des programmes d'investissement sont lancés. Cette assimilation d'une revendication nationale à une jacquerie ou à un mécontentement social ébaïti à une double mystification : il n'existe pas de conscience nationale algérienne et les promesses d'amélioration du niveau de vie des populations doivent suffire à ramener l'ordre et la paix.

(Suite page 2)

SOMMAIRE

- La Nation algérienne devient l'O.N.U. Page 4 et 5
- L'Algérie face aux tentatives françaises. Page 2
- Les exploits de l'A.L.N. Page 7
- La vérité sur les Délégations Spéciales Page 3
- Reflexions d'un Universitaire anglais sur l'A.L.N. Page 6

EDITORIAL

LA CONFERENCE A TROIS

Al cours de sa reunion a Tunis le C.O.E. a defini de nouveaux les objectifs du Front de Liberation Nationale et la ligne politique qu'il doit suivre pour arracher l'indépendance de l'Algérie...

PARALLELEMENT à cette réaffirmation du principe du préalable, le C.O.E. a pris une importante initiative diplomatique...

LE C.O.E. ne pouvait choisir moment plus opportun pour la proposer. D'une part, le problème algérien est inscrit pour la troisième fois à l'ordre du jour des Nations Unies...

L'IDEE d'une Conférence à Trois est en marche. En octobre 1956 la Conférence de la Paix de Tunis a été torpillée par un Gouvernement français pris soudain de panique...

Environnés de méthodes tortueuses d'un colonialisme qui refuse de désarmer, les responsables de l'Afrique du Nord redoublent de vigilance en cette période délicate d'activités diplomatiques...

EL MOUDJAHID.

LA REVOLUTION PAR LE PEUPLE ET POUR LE PEUPLE

EL MOUDJAHID

Organe Central du Front de Liberation Nationale Algérienne

Numéro 12 - 15 Novembre 1957 - IIIème JOUR DE LA REVOLUTION ALGERIENNE - Prix : 30 Fr.

ENCORE UNE FOIS POURQUOI LE PREALABLE

La dernière déclaration du C.O.E. a provoqué dans le monde des réactions diverses. Certains de nos amis n'ont pas caché leur déception devant notre réaffirmation du préalable de l'indépendance, indispensable à toute négociation.

NOS amis, qu'étonnent ce qu'on appelle déjà notre éducation et notre surdité aux conseils de sagesse, estiment que l'heure est venue pour le FLN d'inaugurer une nouvelle politique, d'assombrir sa position, bref d'abandonner ce préalable.

Pourquoi maintenant nous le préalable? Ayant affirmé depuis trois ans qu'une négociation officielle ne saurait avoir lieu sans cette condition, le FLN craignait-il de donner l'impression de reculer, de perdre la face? Le FLN est-il esclave d'un mot, s'est-il laissé enfermer dans une formule et des lors doit-on faire pression sur lui pour l'aider à se libérer de lui-même? Ou plutôt le FLN, croyant exprimer le vœu profond du peuple algérien, veut-il, en exposant cette déclaration officielle spectaculaire, effacer 130 ans d'indignité nationale que les forces françaises nous ont imposées? S'agit-il lui de réflexes d'envie-propre, de conduites d'orgueil, de chauvinisme exagéré? Le FLN ne maintient intactes ses conditions à la négociation entend-il amener la France, par la déclaration d'indépendance, à reconnaître la défaite de ses armées, l'invalidité des tortures et des exactions? Doit-on voir dans cette apparente intransigence du FLN une volonté d'humilier la France, de l'obliger à reconnaître l'échec de toutes ses tentatives, la vanité de tous ses efforts? Cette déclaration correspondrait-elle à l'aveu par la France d'une défaite militaire et diplomatique?

Ces questions, qui prennent souvent le ton accusateur, créent une atmosphère d'amical désapprobation et font entendre que le FLN entend la voix de la raison.

DANS ses conditions il nous paraît nécessaire d'expliquer pourquoi nous maintenons le préalable d'une déclaration par la France de sa décision de reconnaître l'indépendance algérienne.

Qu'est-ce que négocier? Pourquoi négocier? Pourquoi négocier, c'est fondamentalement...

ment entreprendre des discussions, organiser la rencontre des divers représentants des parties en présence afin de parvenir à un accord. On ne négocie pas à n'importe quel moment, ni avec n'importe qui. Une négociation entre le Gouvernement français et les représentants algériens en 1953 est une hypothèse absurde. Aucune modification de la situation ne permettait pareille chose. En Algérie, en 1953, aux yeux de l'opinion internationale, la France était seule avec elle-même. Depuis le 1er novembre 1954, c'est-à-dire depuis trois ans, la France a...

de dominateur à dominé, de maître à esclave nous revêtu en Algérie: c'est décider, dans un même acte, de briser un cercle vicieux et d'inaugurer le règne de la liberté et de l'existence nationale, du respect réciproque.

JUSQU'A présent aucun gouvernement français n'est allé au peuple français pour lui dire ces vérités. Jamais depuis trois ans les responsables...



Le peuple algérien poursuivra la lutte jusqu'à l'indépendance

lourds devant elle, en Algérie, une force grandissante et ni les déclarations officielles de ses représentants ni les menaces de sa presse n'ont pu cacher l'ampleur des combats, la violence des engagements, l'étendue des tortures infligées aux civils algériens, la répression atroce qu'ont connue de 1 million d'hommes exerces sur le peuple algérien.

français n'ont, dans leurs déclarations officielles, ni souligné la nécessité de repenser la structure même des rapports entre l'Algérie et la France, mais chaque fois nous avons assisté à un renforcement des thèses colonialistes à une intensification de la répression. Jamais la fiction de l'AL-

(SUITE EN PAGE 8)

Une Révolution démocratique

Le 1er novembre 1954 le peuple algérien a pris la décision irrévocable de changer son destin, de tourner la page la plus sombre et la plus tragique de son histoire et de s'engager dans la voie d'un monde nouveau, débarrassé de l'oppression et de l'obscurantisme.

Cette date ne marque pas qu'une transition, qu'un simple passage d'une phase historique à une autre. Elle est le point de départ d'une vie nouvelle, d'une Histoire nouvelle, de l'Histoire de l'Algérie bouleversée de fond en comble et renouvelée sur des bases entièrement neuves.

Cette seconde naissance est conditionnée par une lutte sans merci...

ci contre toutes les forces de régression et de décadence. Elle exige la destruction du régime colonial et, à travers lui et dans une manière inséparable, la liquidation de toutes les chaînes du passé, de tous les germes de déliquescence et de servitude qui ont miné la société algérienne depuis des siècles.

DEPUIS 1830, le peuple algérien n'a cessé de lutter contre l'occupant colonial dont il ne s'est jamais résigné à reconnaître le pouvoir et la main-mise sur le pays.

En 1957, la reconquête du territoire national et la restitution de la souveraineté entre les mains...

du peuple n'impliquent pas un retour à l'1830, ne signifient pas que l'Algérie doit se retrouver dans la situation qui était la sienne il y a un siècle.

Si la restauration de la souveraineté nationale créée en Algérie une situation identique à celle qui existait avant 1830, c'est-à-dire lorsque le pays consistait en un Etat indépendant, cela n'est vrai que sur le plan intemporel du Droit.

Dans la réalité, la situation n'est plus la même. Les conditions objectives n'ont pas cessé de se transformer durant 125 ans et continuent à se transformer sous nos yeux.

(SUITE EN PAGE 2)

Lire en page

- DEUX :
* Actualité et points de repère.
QUATRE :
* Un rescapé des camps de torture révèle.
CINQ :
* Ben M'Elidj et les aveux du Colonel Bugard.
* A propos d'un plaidoyer.
SIX :
* La Conférence Syndicale de Tanger.
* Un front nord-africain uni.
SEPT :
* Attentats en France et syndicalisme.
HUIT :
* Les activités de l'ALN.
NEUF :
* L'offensive générale du 29 octobre : menace verbale ?
DIX :
* Les illusions sahariennes de la France et de ses ayants-droit.
* Après les révélations de Sandor Gsovinecz.
ONZE :
* Le drame algérien devant les Nations Unies.

LA RÉVOLUTION PAR LE PEUPLE ET POUR LE PEUPLE

1.141^{ème}
jour
de la
Révolution
Algérienne

EL MOUDJAHID

Organe Central du Front de Libération Nationale Algérienne

Numéro 14
15 Décembre
1957
Prix :
30 francs

LA SOLUTION DU PROBLEME ALGERIEN A-T-ELLE ETE TROUVEE A L'O. N. U. ?

EDITORIAL L'O.N.U. et ses responsabilités

A PRES une semaine de débats, l'Assemblée Générale des Nations Unies a adopté à l'unanimité (la France et l'Afrique du Sud n'ont pas participé au vote) une résolution dans laquelle, prenant note de l'offre des bons offices tuniso-marocains, elle exprime le vœu qu'une solution conforme aux principes de la Charte soit trouvée.

Ainsi, pour la deuxième fois, l'O.N.U. a nettement admis le caractère international du conflit franco-algérien, et ce, malgré la prétention française de le caractériser comme étant de son ressort exclusif.

L'effet de la France est plus sensible quand on sait que ses fidèles amis et complices ont vainement tenté de faire prendre en considération la loi-cadre votée récemment par le Parlement français.

Par contre, les Nations Unies prennent acte de l'offre des bons offices qui, ne l'oublions pas, entre dans un cadre bien précis : « La conciliation de la souveraineté du Peuple Algérien ».

La France, dont les thèses et les prétentions sont écartées, subit un important échec à la fois moral et politique.

C EPENDANT, l'O.N.U. n'a pas complètement rempli sa mission. Une fois de plus, elle s'est contentée d'affirmer des principes, refusant ou hésitant à assumer ses responsabilités. Elle n'a pas agissé, comme elle se devait de le faire, la politique colonialiste et barbare de la France.

Une telle carence de l'O.N.U. est lourde de conséquences pour l'existence même de cet organe.

EL MOUDJAHID.

SUITE EN PAGE 4

A PRES deux semaines de débats sans grande nouveauté, consacrés à l'Algérie, les Nations Unies ont voté une motion qui a recueilli, à la toute dernière minute, l'unanimité. La France, quant à elle, a soutenu avec une puérile obstination l'incompétence de l'organisme international en deux groupes :

— celui des pays pro-atlantiques inspiré par les Etats-Unis, l'Angleterre et la Belgique et ouvertement mené par l'Italie et l'Espagne bruyamment reconciliées au chevet de la France « sœur Latine » et « fille aînée de l'Eglise ».

— celui des pays afro-asiatiques animé par la Tunisie et le Maroc dont les chefs de délégations, MM. Mongi Slim et Laraki, ont joué au cours des débats un rôle déterminant.

malgré, cette dernière motion soulignait que « la situation s'était aggravée, entraînant de nombreuses pertes de vies humaines ». Elle invitait en outre les parties à « négocier sur la base du droit des peuples à disposer d'eux-mêmes ».

Malgré sa modération voulue — le



L'A. L. N. est notre meilleur atout pour remporter la victoire politique.

dans le même temps où elle acceptait de comparaître devant lui pour s'expliquer. Bien entendu, l'Assemblée Générale est passée outre à une objection qui est devenue aux yeux de l'opinion internationale une simple clause de style.

Cependant, il n'est pas inutile de rappeler brièvement les conditions dans lesquelles cette motion « d'unanimité » a été adoptée.

S ELON une tradition maintenant bien établie, la commission de politique générale, au moment de prendre position, s'est di-

mêmes est inscrite dans le préambule de la Constitution française —, ce

SUITE EN PAGE 4

LIRE EN PAGE :

- DEUX
- * Actualités et points de repère.
- CINQ
- * L'O.T.A.N. et le colonialisme français.
- * Pour tenter de sauver son « Empire colonial » la France sacrifie sa propre indépendance.
- SIX
- * Un rescapé des camps de torture revêtu.
- * Les Algériens en France : plus que jamais engagés dans la lutte.
- SEPT
- * Les intellectuels et les démocrates français devant la Révolution algérienne.
- * Le procès de Ben Sadok : un monde qui s'éveille.
- HUIT
- * Les exploits de l'Armée de Libération Nationale.
- * Image de notre combat quotidien.
- NEUF
- * Le démantèlement de l'appareil administratif français en Algérie.
- * Les réfugiés hongrois continuent à désorienter la Lét'ra Etrangère.
- DIX
- * Reflets de la presse allemande.
- ONZE
- * Ferhat Hached : une grande figure nord-africaine.
- * En marge du Bureau International du Travail.

La conscience révolutionnaire algérienne

L A lutte que le peuple algérien poursuit avec autant d'enthousiasme que d'acharnement acquiert la signification véritable non pas seulement par rapport au colonialisme français, dont elle doit entraîner la fin, mais plus profondément encore par rapport à l'histoire de l'Algérie dans son ensemble qu'elle est appelée à transformer et à reconstruire sur des bases nouvelles.

Le processus de libération nationale en Algérie est trop profond pour ne pas prendre le caractère d'un processus révolutionnaire qui donne à la lutte anti-colonialiste une vigueur accrue et ouvre les perspectives d'un changement substantiel susceptible de bouleverser le destin du peuple.

Les stratèges éprouvés de la politique coloniale ne voulaient voir dans l'insurrection du 1er novembre qu'une des multiples convulsions locales sans lendemain qui secouent périodiquement le peuple, qu'un accident banal survenu dans leur machinerie oppressive qui n'aurait ainsi aucune raison de ne pas continuer à tourner.

Les progrès de la lutte ne tardent pas à révéler qu'il s'agit d'une irruption révolutionnaire qui devait trouver son expression objective dans une révolution organisée et en rapide développement.

Ce qui impose à la France une révision radicale de ses conceptions algériennes, bouleverse ses projets à court et à long terme,

défait d'une manière fulgurante les illusions accumulées. Tandis que les ultra-colonialistes, frappés de stupeur, se voient forcés de louer désespérément leur va-tout, les promoteurs du colonialisme délaissé se trouvent désarçonnés, comme pris en défaut devant un problème qu'ils sont incapables de dominer, sa dimension débordant leurs conceptions traditionnelles.

★

L ES Français se trouvent en Algérie face à une de ces lames de fond qui ne surgissent qu'une ou deux fois dans la vie d'un peuple et dont l'action irrépressible entraîne l'apparition de facteurs favorables à un élan

SUITE EN PAGE 3

LA RÉVOLUTION PAR LE PEUPLE ET POUR LE PEUPLE

1.172^{ème}
jour
de la
Révolution
Algérienne

EL MOUDJAHID

Organe Central du Front de Libération Nationale Algérienne

Numéro 16

15 Janvier
1958

Prix :
30 francs

LIRE EN PAGE

DEUX

- Actualité et points de repère.

TROIS

- Les dollars et les marks au secours du colonialisme français en Algérie.
- Note de protestation du C.C.E.

QUATRE

- Aux Antilles, naissance d'une nation ?

CINQ

- Trois ans après Bandoeng.
- Les aveux de M. Gaillard.

SIX et SEPT

- Ce que j'ai vu dans les maquis algériens (reportage d'un journaliste italien).

HUIT

- Les « exploits » de l'Armée de Libération Nationale.

NEUF

- Une délégation de l'U.G. T.A. revient d'Europe.

DIX

- La jeunesse française et la « maladie algérienne »

ONZE

- Après la réponse de « France-Observateur »
- Réponse d'un « Hors-la-loi ».

DOUZE

- Ils cherchent l'aventure et trouvent une guerre sans merci.



LES TEMPS DE « L'AMAN » SONT REVOLUS.

UNE ARMÉE RÉVOLUTIONNAIRE MODERNE POURSUIVRA SA MISSION JUSQU'À L'INDÉPENDANCE.

EDITORIAL

OPERATION "OPTIMISME"

DEPUIS quelques semaines l'heure est à l'optimisme dans les sphères dirigeantes françaises. Un optimisme effréné, ostentatoire, agressif. M. Lacoste donne le ton à cette campagne bien menée. Tandis que les colonialistes les plus discrédités redressent la tête et réclament avec une assurance imperturbable la reddition de notre Armée de Libération, certains militaires, pourtant convaincus de longue date de l'inefficacité de la politique de force, baissent l'échine, se retranchent dans un silence prudent, donnent l'impression de céder à l'optimisme officiel et, dans une certaine mesure, de le partager.

Le gouvernement français se félicite des « progrès de la pacification ». Il axe sa propa-

gande sur « le calme » des centres urbains et tire vanité de l'exécution combien précieuse et laborieuse de quelques citernes de pétrole saharien.

Pendant toute retenue, le gouvernement français répand l'espoir d'un essouffement du F.L.N. et annonce l'écrasement tout proche de la Révolution. Les bons officiers tuniso-marocains ne le touchent plus que d'une manière fort médiocre et il les repousse maintenant avec une froideur et un dédain non dissimulés. La loi-cadre recevra très bientôt son application en Algérie où la domination française serait renforcée de la guerre actuelle.

Il y a un an, après le surin accordé de justesse à la 11^e session de l'ONU, le gouvernement français livrait Alger aux tor-

tionnaires et bourreaux de Massou et cherchait avec acharnement à porter un coup décisif à la Révolution. Au lendemain de la 12^e session et du deuxième succès enlevé au prix des engagements les plus formels à mettre fin à la guerre, nous assistons au même processus.

Ni la paix, ni la négociation ne retiennent sérieusement l'attention des dirigeants français. L'écrasement du F.L.N. reste leur unique préoccupation.

Celle-ci ne serait pas cependant affichée aujourd'hui avec tant d'ostentation et de cynisme, si une autre préoccupation ne venait s'y ajouter : convaincre plus que jamais l'allié européen et surtout américain que la France joue gagnante en Algérie en dépit de sa mau-

ger les capitaux à s'investir au Sahara et d'arracher l'aide financière qui doit ramener un budget épuisé.

L'optimisme est une opération qui peut rapporter, à condition de le faire partager à l'intérieur par son opinion et à l'extérieur par ses créanciers.

Mais la guerre d'Algérie est une entreprise trop grave et trop périlleuse pour s'appuyer indéfiniment sur une politique du bluff. L'heure arrivera inévitablement où en France et en dehors de la France, l'on s'apercevra que les déferlements de l'optimisme actuel, loin d'être l'expression d'une bonne santé, ne furent que le signe de la fièvre qui mortali dans un organisme en perdition.

EL MOUDJAHID.

LA RÉVOLUTION PAR LE PEUPLE ET POUR LE PEUPLE

1.203^{ème}
jour
de la
Révolution
Algérienne

EL MOUDJAHID

Numéro 18

15 Février
1958

Prix :
30 francs

Organe Central du Front de Libération Nationale Algérienne

EDITORIAL

Les responsabilités de l'Occident

La guerre qui se déroule en Algérie menace la paix du monde. Nous n'avons jamais cessé de répéter cette vérité à l'intention de l'ONU. Au lendemain de l'agression française de Sakiet Sidi Yousef, notre délégué à New-York a été chargé de la rappeler au Conseil de Sécurité.

Ceux qui dans le monde, après 3 ans de guerre, doutaient encore de la gravité de la situation en Algérie, ou croyaient obstinément à la bonne volonté de la France, espèrent selon eux de trouver une solution raisonnable au problème algérien, n'ont aucune excuse aujourd'hui de garder le silence et de demeurer impassibles devant les graves événements qui se succèdent au Maghreb.

La gravité de la situation en Algérie, nul ne peut plus l'ignorer. Un village rase, un amoncellement de cadavres, des enfants, des femmes et des vieillards assassinés, Sakiet Sidi Yousef donne un aperçu suffisamment net de la « pacification ».

La bonne volonté française, là encore, il est prouvé qu'on a eu tort de trop y compter. La France vient de montrer qu'elle est loin d'accepter une solution pacifique et qu'elle est complètement soude aux recommandations de l'ONU; plus, elle a affirmé sa volonté de poursuivre le massacre et même de l'étendre aux pays voisins.

Circonstance aggravante, elle ne craint plus d'afficher un mépris ostentatoire à l'endroit de la morale internationale; la réaction du parlement français approuvant l'odieuse crime de Sakiet donne la mesure de cette déchéance.

EL MOUDJAHID.
SUITE EN PAGE 5

LE SANG MAGHREBIN NE COULERA PAS EN VAIN

Il y a un peu plus d'un an, à l'annonce de l'interception de l'avion où avaient pris place les représentants du F.L.N. à la conférence maghrébine de Tunis, on

aérienne composée de 25 avions a déversé sur le village de Sakiet Sidi Yousef une gerbe de bombes, de rockets et de balles de mitrailleuses, tuant près de 100 civils, en bles-

siens et les Tunisiennes prenant prétexte de leur indépendance. Cette précarité prend sa racine d'abord dans le conflit franco-algérien,



«...Le F.L.N. est prêt à engager toutes ses forces aux côtés des troupes tunisiennes pour la sauvegarde de l'indépendance de la Tunisie...» (Message du C.C.E. au Président Bourguiba)

pouvait voir dans les rues d'Alger ou de Paris des Français s'embrassant de joie et d'enthousiasme.

Le 3 février 1958, à la veille de la venue à Tunis de Sa Majesté Mohammed V, invité par le Président Bourguiba afin de faire le point de la question algérienne, une flot-

sait plus de 200 et détruisant la presque totalité du village.

Les différentes incursions des forces françaises sur le territoire tunisien à l'occasion desquelles des dizaines de Tunisiens trouverent la mort avaient soulevé l'indignation du peuple. A chacune de ces incursions les Tun-

ensuite dans l'implantation des forces militaires françaises sur le territoire national. Plusieurs fois, le Président Bourguiba avait demandé au gouvernement français l'ouverture de négociations en vue de l'évacuation de ses troupes, chaque fois les responsables français provoquaient des incidents, créaient une tension et différaient la discussion générale sur le départ de l'armée française. Avec Sakiet Sidi Yousef le peuple tunisien s'est convaincu que non seulement les Français entendent le « pain » de sa solidarité avec le peuple algérien mais encore espèrent prendre prétexte de cette solidarité pour reconquérir la Tunisie, prouvant ainsi une fois pour toutes, que le Maghreb est un et qu'il doit être dominé par l'impérialisme français.

SUITE EN PAGE 6

VERS LA LIBERATION TOTALE DE L'AFRIQUE DU NORD

La mission historique de la Révolution algérienne est de détruire le colonialisme dans ses fondements mêmes, de détruire complètement le bastion de sa résistance en Afrique du Nord, en lui enlevant en Algérie, tout point d'appui qui servirait ses desseins d'hégémonie et d'asservissement dans le Maghreb.

En développement continu, la Révolution algérienne met de plus en plus en évidence le caractère nord-africain de la guerre impérialiste. Par sa vitalité et sa progression à pas de géant, elle provoque la démoratization de l'impérialisme, fait éclater les ultimes contradictions de sa politique en Afrique du Nord, bouleverser ses plans et sa stratégie.

L'agression française de Sakiet Sidi Yousef est, à cet égard, significative. Elle ne constitue pas un incident de frontière sans lendemain, ouvrant une crise passa-

gère. Evénement prévisible, elle s'insère dans la dialectique de la situation créée en Afrique du Nord par l'impérialisme français qui prétend maintenir sa domination dans les trois pays maghrébins, en menant ici une guerre colonialiste et là une politique « souple » faite de séduction et de chantage.

Venant au moment où la guerre en Algérie atteint son paroxysme, l'agression de Sakiet a une signification historique dans la mesure où elle marque un tournant décisif dans le processus de libération nord-africaine et inaugure une nouvelle phase de lutte dont l'issue immédiate est l'indépendance de l'Algérie et la libération totale de l'Afrique du Nord.

★
AYANT perdu ses positions en Asie, l'impérialisme français veut les maintenir et les renforcer en Afrique du

Nord. A cet effet, il s'y emploie avec l'obstination du désespoir faisant feu de tout bois, érigeant en institution permanente les méthodes coloniales qui ont prévalu au XIXème siècle et qui sont la honte de l'Occident moderne.

Devant l'ampleur et la profondeur des mouvements nationaux en Afrique du Nord, il dut, après avoir épuisé toutes les ressources de la ruse et de la violence, battre une première fois en retraite. C'est ainsi que la Tunisie et le Maroc ont pu reconquérir leur indépendance. Mais ce n'était là qu'un repli stratégique qui ne supposait nullement que l'impérialisme français était prêt à se retirer d'Afrique du Nord. Cette région du monde est trop vitale pour lui, ses richesses sont trop importantes, et l'impérialisme français, décadent et condamné, espère en s'y maintenant, trouver

SUITE EN PAGE 3

LIRE EN PAGE :

- DEUX :
- * Actualités et points de repère.
- QUATRE :
- * Les U.S.A. devant le problème algérien.
- CINQ :
- * La politique internationale des blocs et la guerre d'Algérie.
- SIX :
- * Après le bombardement de Sakiet Sidi Yousef : Réprobation universelle.
- SEPT :
- * L'agression française contre la Tunisie : le village marty.
- HUIT :
- * Le peuple algérien en guerre pour son indépendance.
- DIX :
- * Je me suis évadé du camp de Djorf.
- ONZE :
- * La France et les prisonniers algériens.

LA RÉVOLUTION PAR LE PEUPLE ET POUR LE PEUPLE

1.305^{ème}
jour
de la
Révolution
Algérienne

EL MOUDJAHID

Organe Central du Front de Libération Nationale Algérienne

Numéro 24
29 Mai
1958
Prix :
30 francs

ABBANE RAMDANE EST MORT AU CHAMP D'HONNEUR



Le Front de Libération Nationale a la douleur d'annoncer la mort du frère Abbane Ramdane, décédé sur le sol national des suites de graves blessures reçues au cours d'un accrochage entre une Compagnie de l'Armée de Libération Nationale chargée de sa protection et un groupe motorisé de l'Armée française.

C'est en décembre 1957 que le frère Abbane Ramdane s'était chargé d'une mission importante et urgente de contrôle à l'intérieur du pays. Il réussissait à franchir avec beaucoup de difficultés les barrages de l'ennemi pour parvenir aux

lieux qu'il s'était assignés. Sa mission se déroulait lentement et sûrement. Avec cette conscience et cette minutie que nos djounouds ont eu si souvent l'occasion d'apprécier, Abbane poursuivait sa tâche journalièrement. Contactant inlassablement l'Armée et les combattants politiques, il parcourait les zones dans tous les sens, entouré de l'affection et de l'admiration de tous ses frères. Une compagnie de djounouds était spécialement chargée de sa protection et rien ne laissait prévoir l'accident brutal qui devait l'arracher à la ferveur de l'Algérie combattante.

Malheureusement, dans la première

quinzaine d'avril, un violent accrochage entre nos troupes et celles de l'ennemi devait mettre la compagnie de protection de notre frère Abbane dans l'obligation de participer à l'engagement. Au cours du combat qui dura plusieurs heures, Abbane fut blessé. Tout laissait espérer que ses blessures étaient sans gravité. Entouré de soins vigilants, nous espérons que la constitution robuste de Abbane finirait par l'emporter. Pendant des semaines nous sommes restés sans nouvelles, persuadés cependant qu'il triompherait une fois encore de l'adversité. Hélas ! une grave hémorragie devait lui être fatale.

C'est la triste nouvelle qui vient de nous parvenir.

La belle et noble figure de Abbane Ramdane, son courage et sa volonté ont marqué les phases essentielles de la lutte du peuple algérien.

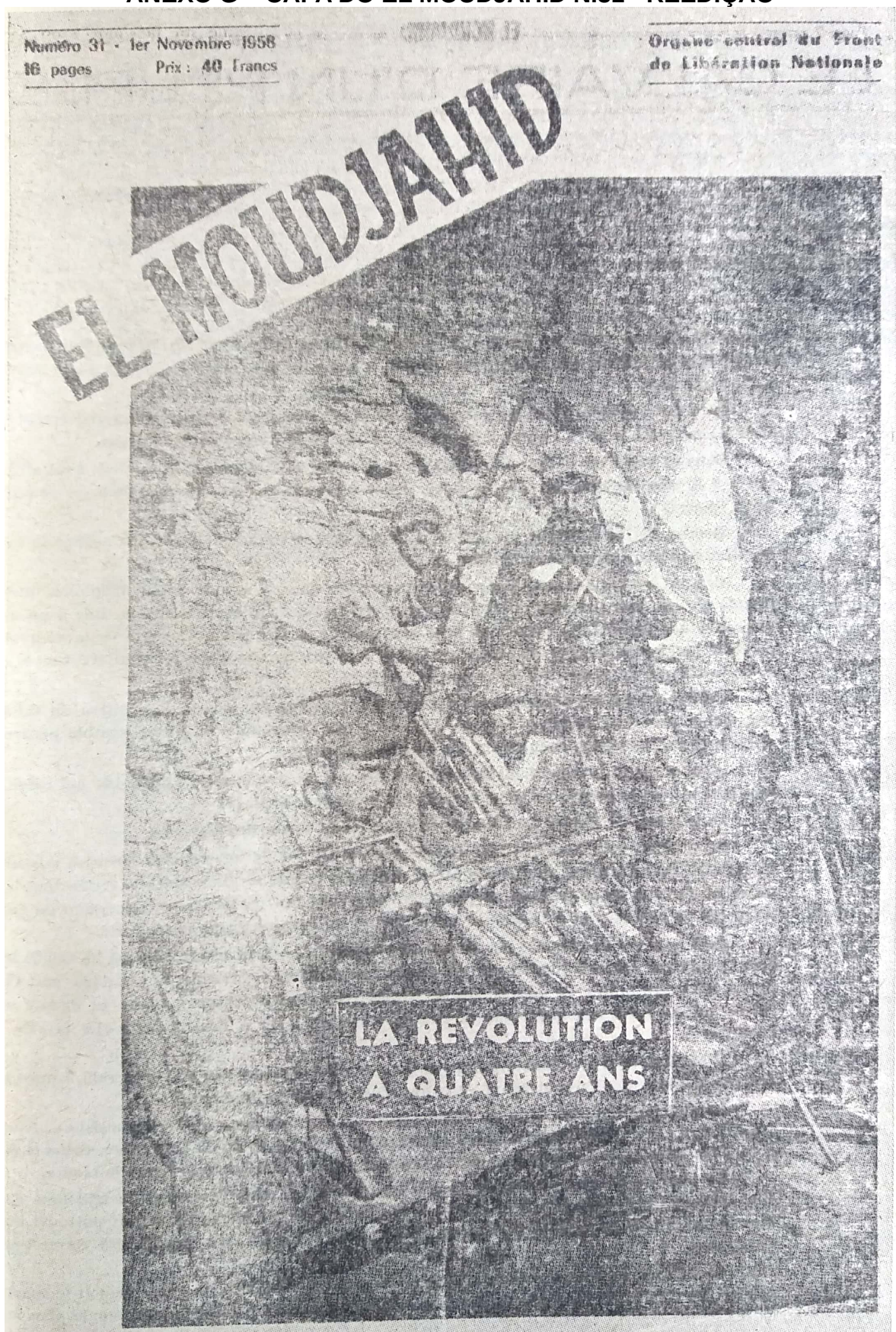
Né en 1919, ancien élève du collège de Bida, doué d'une solide culture, il était, dès 1946, membre du M.T.L.D. Il se distinguait rapidement par ses qualités d'organisateur, devenait membre du comité central et chef de la wilaya de l'Est (à l'époque du Nord-Constantinois). Impliqué dans le « complot » dit du Constantinois, il était arrêté et condamné à six ans de prison, fin 1950. Son comportement courageux au cours de sa longue détention devait entraîner pour lui des déplacements continus. Commençaient alors un long périple dans les prisons centrales de France et d'Algérie.

Libéré en février 1953, il entra immédiatement au Front de Libération Nationale dont il devenait rapidement un membre dirigeant. A ce titre, il participait à l'organisation du congrès de la Soummam (août 1956). Désigné comme membre du Comité de Coordination et d'exécution, il s'installait à Alger. Avec les autres frères, il menait « la bataille d'Alger », de décembre 1956 à mars 1957. Echappant de justesse au général Massu, il quittait l'Algérie pour participer à la Conférence du Caire en août 1957.

Le Front de Libération Nationale perd un de ses meilleurs organisateurs et l'Algérie combattante un de ses enfants les plus valeureux.

Nous pleurons un frère de combat dont le souvenir saura nous guider.

ANEXO G - CAPA DO EL MOUDJAHID N.31 - REEDIÇÃO



ANEXO H - CAPA DO EL MOUDJAHID N.78 - REEDIÇÃO

